
THE TROUBLE
WITH MISTLETOE

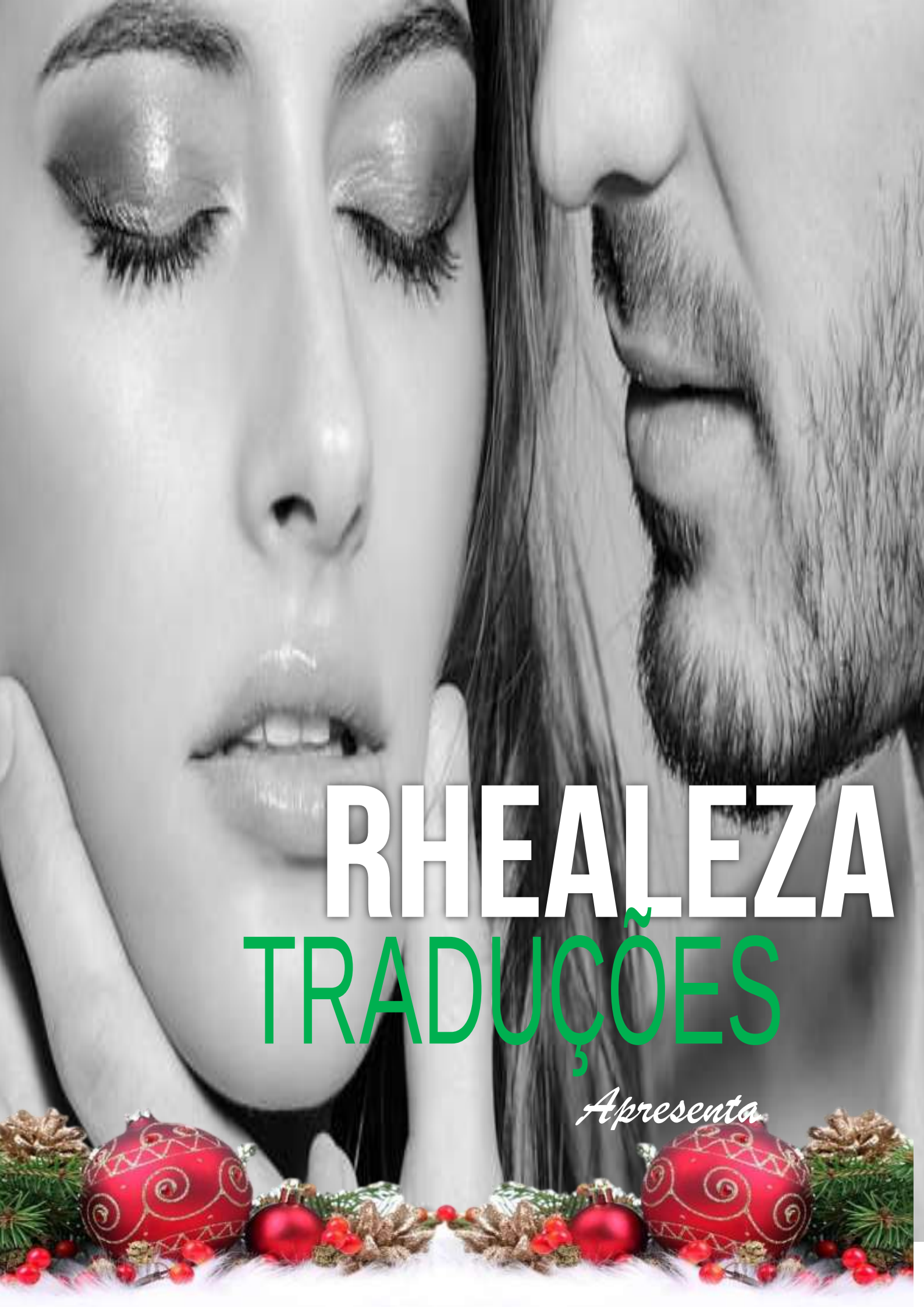


A tradução desta obra foi efetuada pelo Grupo Rhealeza Traduções {GRT}, de forma a levar ao leitor, acesso parcial à obra, incentivando-o à aquisição da obra literária. O grupo RHEALEZA tem como objetivo a tradução e disponibilização parcial de livros sem previsão de publicação no Brasil, sem portanto, qualquer obtenção de lucro, direto ou indireto.

No intuito de preservar os direitos autorais de autores e editoras, o grupo, sem aviso prévio e quando julgar necessário, poderá cancelar o acesso e retirar o link de download dos livros.

O leitor e usuário fica ciente de que o download da presente obra destina-se tão somente ao uso pessoal e privado dos membros do grupo e que jamais deverá ser compartilhado em quaisquer rede social (Facebook, grupos, blogs, sites} ou ainda, quaisquer outros de domínio público, bem como abster-se de tornar público ou noticiar o trabalho de tradução do grupo, sem a prévia e expressa autorização do mesmo.

O leitor e usuário, ao disponibilizar a obra, também responderá pela correta e lícita utilização da mesma, eximindo o grupo Rhealeza de qualquer parceria, coautoria, ou coparticipação em eventual delito cometido por aquele que, por ato ou omissão, tentar ou concretamente utilizar da presente obra literária para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do Código Penal Brasileiro e Lei nº 9610/1998.



RHEALEZA

TRADUÇÕES

Apresenta

THE TROUBLE WITH Mistletoe

Série Heartbreaker Bay#2

Jill Shavis

SINOPSE

É hora de dar a ele - e ao amor – uma outra chance?

Willa Davis está brigando com os cachorros quando Keane Winters entra em seu Pet Shop, desesperado para deixar a grande Felina-Dos-Infernos de sua tia-avó nas mãos capazes de outra pessoa. Mas, apesar de ter certeza de que nunca viu a linda de morrer, dona do Pet Shop, ela definitivamente parece estar brava com ele...

A última coisa que Willa quer fazer é ajudar um cara que nem se lembra dela. Ainda assim, ela não pode negar que Keane mudou desde o ensino médio, mas ela pode confiar nele para não partir seu coração novamente? Talvez tudo que lhe resta é jogar uma moeda na fonte dos desejos, fazer um pedido de Natal e deixar o visco fazer o seu trabalho...









STAFF

Tradução: Thais, David, Lilith e Hera

Revisão Inicial: Hera

Revisão Final: Cris, Diana

Formatação: Cibele

Disponibilização: Cibele

Grupo Rhealeza Traduções

.

Capítulo 1

#OProblemaComOVisco

O sol quase não havia aparecido e Willa Davis já estava afundada até os cotovelos em filhotes e cocô, um dia típico para ela. Como dona da South Bark Mutt Shop, passava a maior parte do tempo esfregando, adulando, enfeitando, levantando e adulando mais ainda. Ela não estava longe de subornar.

O que significava que ela mantinha petiscos de cachorros nos bolsos, tornando-a irresistível para toda e qualquer criatura de quatro patas, dentro do alcance do faro. É uma pena, contudo, que um deleite ainda não tenha sido inventado para torná-la irresistível para as criaturas masculinas de duas pernas também. Agora, *isso* seria útil.

Mas, novamente, ela mesma se colocou em uma-pausa-com-os-homens para que não precisasse de tal coisa.

—Wuff!

Isso veio de um dos cachorros que ela estava dando banho. O pequenino balançou para perto e lambeu seu queixo.

—Isso não vai me amansar. —Ela disse, mas totalmente incapaz de resistir a esse rostinho, ela o beijou no topo de seu lindo focinho.

Um dos clientes regulares de seu banho e tosa trouxera seus filhotes de cachorrinhos golden retriever de oito semanas de idade.

Seis deles.

Uma hora antes da abertura da loja às nove da manhã, mas seu cliente



havia entrado em pânico porque os filhotes haviam se enrolado em cocô de cavalo. Só Deus sabia onde eles encontraram cavalos no distrito Cow Hollow de San Francisco, talvez o cavalo de um policial tivesse deixado uma pilha indigna na rua, mas eles eram uma bagunça.

E agora Willa também era.

Dois cachorros, até três, eram manejáveis, mas seis por si só beirava a insanidade. —Tudo bem, escutem. —Ela disse aos filhotes se contorcendo, ofegando felizes, na grande banheira e tentando escalar. —Todos se sentem.

O um e o dois sentaram. O três pulou em cima dos dois e sacudiu seu corpinho gordinho, molhando Willa no processo.

Enquanto isso, o quatro, o cinco e o seis fizeram uma pausa, as patas tremiam, as orelhas caíam sobre seus olhos, as caudas balançavam descontroladamente enquanto caíam, escalando um ao outro para sair da banheira.

—Rory? —Gritou Willa. —Poderia aproveitar outro par de mãos aqui. —Ou três...

Nenhuma resposta. Ou a sua funcionária de vinte e três anos de idade estava com seus fones de ouvido no volume para me-deixe-surda-por favor ou ela estava no Instagram e não queria perder seu lugar. —Rory!

A menina finalmente colocou a cabeça no canto, o telefone na mão, a tela acesa.

Sim. Instagram.

—Puta merda. —Rory disse, os olhos arregalados. —Literalmente.

Willa olhou para si mesma. Sim, o avental e as roupas estavam salpicadas de espuma, água e algumas outras manchas questionáveis que podiam ou não estar relacionadas ao cocô do cavalo. Ela apostaria que seu cabelo loiro moranguinho tinha se rebelado, parecendo com uma explosão em uma fábrica de travesseiros. Bom que ela não fez a maquiagem antes da chamada de emergência

mais cedo, pelo menos não tinha rímel escorrendo pelo rosto. —Socorro.

Rory se aproximou cuidadosamente, não desejando ficar molhada ou suja. Separando, elas tiraram todos os cachorros da banheira, secaram e os devolveram ao cercado de filhotes em vinte minutos. Do um ao cinco caíram no sono instantâneo que apenas os bebês e os muito bêbados conseguem, mas o seis permaneceu teimosamente acordado, escalando seus irmãos determinado a voltar para os braços de Willa.

Rindo, ela pegou o rapaz. Suas perninhas se moviam no ar, a cauda balançando mais rápido do que a velocidade da luz, levando todo seu traseiro a balançar com ela.

—Sem sono, hein? —Perguntou Willa.

Ele se esticou para ela, claramente querendo lamber seu rosto.

—Oh, não, não vai. Eu sei onde essa língua estava. —Colocando-o sob o braço, ela o levou para a frente de sua loja, colocando-o em outo cercado para filhotes com alguns brinquedos, e com vista para o tráfego da rua. —Agora sente-se aí e fique bonito e traga alguns clientes, pode ser?

Repleto de alegria, o cachorrinho se lançou em um brinquedo e ficou ocupado enquanto Willa passava por sua rotina de abertura, ligando as luzes. A loja ganhou vida, principalmente graças à quantidade insana de decorações natalinas que ela colocou na semana anterior, incluindo a árvore de dois metros no canto da frente, iluminada como se a vida dependesse disso.

—É apenas primeiro de dezembro e parece que o Natal vomitou aqui. —Disse Rory da entrada.

Willa olhou em volta para a sua loja dos sonhos, a verdade, era que finalmente estava operando no azul. Bem, na maioria das vezes. —Mas de uma maneira elegante, não é?

Rory observou as centenas de quilômetros de luzes amarradas e mais ramos de azevinho do que o pólo norte deveria ter. —Um... certo.

Willa ignorou o sarcasmo duvidoso. Um, Rory não cresceu em uma casa estável. E dois, nem ela. Para ambas, o Natal sempre foi um luxo que uma kitnet, sempre esteve fora do alcance delas. Cada uma delas lidou com isso de maneira diferente. Rory não precisava da pompa e das circunstâncias dos feriados.

Willa precisava, desesperadamente. Então, sim, ela tinha vinte e sete anos e ainda curtia os feriados.

—Oh meu deus! —Disse Rory, olhando para a sua mais nova decoração na caixa registradora. —Isso é uma prateleira de tiaras de pênis?

—Não! —Willa riu. —São tiaras de chifres de rena para cães.

Rory olhou para ela.

Willa fez uma careta. —Ok, então talvez eu tenha ficado um pouco louca.

—Um pouco?

—Hahaha. —Disse Willa, pegando uma tiara de chifres de rena. Não parecia um pênis para ela, mas, novamente, fazia um certo tempo que tinha visto algum de perto. —Estes vão vender como bolinhos, marque minhas palavras.

—Oh meu deus, não coloque! —Rory disse com horror quando Willa fez exatamente isso.

—Chama-se marketing. —Willa ergueu os olhos para pegar os chifres acima de sua cabeça. —Merda.

Rory sorriu e apontou para o jarro de palavrões que Willa tinha arranjado para manter todos na linha. Principalmente ela, na verdade. Elas usavam o dinheiro para seus muffins e café.

Willa depositou um dólar nela. —Acho que os chifres se parecem um pouco com pênis. —Admitiu. —Ou é penises? Qual é o plural de pênis?

—Pene? —Rory perguntou e ambas gargalharam.

Willa se conteve. —Claramente, eu preciso muito de um café da Tina.

—Eu irei. —Disse Rory. —Eu a vi atravessando o pátio no início da madrugada com uma sandália plataforma enorme, o cabelo amarrado no topo da cabeça, fazendo com que ela parecesse ter dois metros de altura.

Tina costumava ser Tim e todos nos cincos andares, do Pacific Pier Building, que já gostavam de Tim, simplesmente *amaram* a Tina. Tina Arrasa.

—Qual o seu pedido? —Perguntou Rory.

Os cafés da Tina tinham temas e Willa sabia exatamente o que precisava para o dia. —O "é muito cedo para as merdas da vida". —Ela tirou mais dinheiro do bolso e desta vez um punhado de petiscos de filhote também saiu, caindo por todo o chão.

—E pensar, que você não consegue namorar. —Disse Rory secamente.

—Não é que não consigo um namorado. —Corrigiu Willa. —Não quero um namorado. Eu escolho os homens errados, algo que não é só eu...

Rory suspirou com a verdade daquela afirmação e então se mexeu quando o estômago de Willa resmungou como um trovão.

—Ok, então pegue um muffin também. —Tina faz os melhores muffins do planeta. —Pegue dois. Ou melhor ainda, três. Não, espere. —Seu jeans tinha sido difícil de abotoar naquela manhã. —Merda, três muffins seriam as calorias de meu dia inteiro. Pegue um. —Disse com firmeza. —Um muffin para mim e o de mirtilo, então ele conta como uma porção de frutas.

—Certo. —Disse Rory. —Um café, um muffin de mirtilo e uma camisa de força junto.

—Hahaha. Agora, saia daqui antes que eu mude meu pedido novamente.

South Bark tinha duas portas, uma para a rua, a outra para o pátio do prédio com seus belos calçadões e a histórica fonte antiga que Willa nunca poderia resistir a lançar uma moeda e desejar o verdadeiro amor quando passava.

Rory saiu pela porta do pátio.

—Ei. —Disse Willa. —Se sobrar troco, jogue uma moeda na fonte para mim?

—Então você está em uma pausa com os homens auto-imposto, mas ainda quer desejar o amor verdadeiro?

—Sim por favor.

Rory balança a cabeça. —É a sua moeda de dez centavos. —Ela não acreditava em desejos ou desperdiçar centavos, mas cumpriu obedientemente.

Quando ela se foi, o sorriso de Willa desapareceu. Cada um de seus três funcionários a tempo parcial eram jovens e todos tinham uma coisa em comum.

A vida os mordeu e cuspiu em uma idade jovem, deixando-os sozinhos lá fora, no mundo grande e mal.

Como Willa tinha sido uma dessas garotas perdidas, ela os recolheu. Ela lhes deu emprego e conselhos que eles apenas ouviam as vezes.

Mas ela descobriu que cinquenta por cento era melhor do que zero por cento.

Sua mais recente contratação era Lyndie, 19 anos, que ainda era um pouco selvagem, mas elas estavam trabalhando nisso. Então, havia Cara, que percorreu um longo caminho. Rory tinha estado com Willa a mais tempo. A menina tinha uma pose forte, mas ainda lutava. A prova positiva era uma mancha na mandíbula, onde seu ex-namorado a tinha derrubado perto da porta.

Só de pensar fazia Willa apertar os punhos. Às vezes, à noite sonhava com o que gostaria de fazer com esse cara. No topo da lista estava cortando o pau e as bolas com uma faca cega, mas tinha aversão à prisão.

Rory merecia o melhor. Dura feito prego pelo lado de fora, ela era uma maria mole por dentro, e faria qualquer coisa por Willa. Era doce, mas também uma grande responsabilidade porque Rory procurava o normal em Willa.

Uma perspectiva assustadora até nos melhores dias.

Ela verificou o seis e o cachorrinho finalmente tinha adormecido profundamente de costas, os pés espalhados para mostrar ao mundo seus mais prezados pertences.

Assim como um homem.

Em seguida, ela verificou os irmãos dele. Também adormecidos. Sentindo-se como a mãe dos sextuplos, ela voltou para a parte da frente e abriu seu laptop, planejando inventariar as novas caixas de suprimentos que recebeu no final da tarde anterior.

Ela acabou de se curvar para os quatro sacos diferentes de comida para pássaros de onze quilos cada, ela ainda não podia acreditar quantas pessoas em São Francisco tinham pássaros, quando alguém bateu na porta de vidro da frente.

Droga. Era apenas oito e quinze, mas não era bom afastar um cliente. Endireitando-se, ela passou as mãos no avental e olhou para cima.

Um cara estava do outro lado, com a boca numa linha fina, expressão marcada, alto, sombrio e cheio de atitude. Ele também era uma coisa maravilhosa e pensativo e espera aí. Havia algo familiar nele, o suficiente para que seus pés a empurrassem para fora por pura curiosidade. Quando chegou perto da porta, ela congelou, seu coração quase parando.

—Keane Winters. —Ela murmurou, curvando os lábios como se tivesse acabado de comer algo azedo. Ela odiava algo azedo. Mas ela estava olhando para o único homem no planeta que poderia fazê-la se sentir tão abalada por ter decidido abandonar os homens.

De fato, se ela só tivesse desistido mais cedo, digo, no dia da dança de Sadie Hawkins em seu primeiro ano de ensino médio quando ele ficou ao seu lado, ela teria se livrado de uma grande dor de cabeça.

Do outro lado da porta, Keane empurrou os óculos de sol espelhados para o topo da cabeça, revelando os olhos de chocolate escuro que ela sabia que poderiam derreter quando ele se divertia ou flertava ou que se tornariam gelo quando ele não estava tão bem.

Eles estavam como gelo agora.

Pegando seu olhar, ele ergueu um transportador de gato. Um transportador cor de rosa brilhante.

Ele tinha um gato.

Seu ser inteiro queria derreter com esse conhecimento porque isso significava que em algum nível, pelo menos, ele tinha que ser um bom cara, não é?

Felizmente, seu cérebro clicou, lembrando-se de tudo, de cada detalhe daquela longa noite. Como teve que pedir emprestado um vestido para a dança de uma garota de sua classe que alegremente a tiranizava, como teve que pedir à mãe adotiva que a deixasse ir, como teve que roubar um miojo da despensa trancada e comê-lo a seco no banheiro para que ela não tivesse que comprar o seu jantar e o dele, como era costume para a dança.

—Estamos fechados. —Ela disse através da porta de vidro ainda trancada.

Nenhuma palavra escapou de seus lábios. Ele simplesmente levantou o portador de gato um pouco mais, como se fosse um presente de Deus.

E ele tinha sido. Pelo menos na escola secundária.

Desejando ter tomado café antes de lidar com isso, ela respirou fundo e se aproximou, irritada com os seus olhos porque eles se recusavam a deixar os deles enquanto ela destrancava e então abria a porta. Apenas outro cliente, ela disse a si mesma. Um que arruinou sua vida como se fosse nada e sem uma desculpa... — Bom dia. —Ela disse, determinada a ser educada.

Nem uma única faísca de reconhecimento cruzou seu rosto e ela achou algo ainda mais irritante do que este homem estar na sua porta.

O fato de que ela tinha sido tão esquecível que ele nem se lembrava dela.

—Estou fechada até as nove. —Ela disse com sua voz mais agradável, embora um pouco de vá se foder poderia estar implícita.

—Eu tenho que estar no trabalho às nove. —Ele disse. —Eu quero hospedar um gato por um dia.

Keane sempre foi grande e intimidante. Foi o que o fez um atleta tão eficaz. Ele governava o campo de futebol, a quadra de basquete e o campo de beisebol. O triatleta perfeito, o pacote completo.

Todas as garotas de toda a escola, e também uma boa parte das professoras, passaram uma quantidade de tempo indecente olhando esse pacote.

Mas já que Willa abandonou os homens, ela já desistiu há muito tempo de pensar naquele tempo, inevitavelmente os piores anos de sua vida. Enquanto Keane fora romper recordes e ganhar corações, ela estava se afogando sob as pressões da escola e do trabalho, sem mencionar a sobrevivência básica.

Ela percebeu que não era culpa dele que suas memórias daquela época fossem horríveis. Nem era culpa dele que só de olhar para ele trazia tudo isso de volta para ela. Mas as emoções não eram lógicas. —Me desculpe. —Ela disse. —Mas estou lotada hoje.

—Eu pagarei o dobro.

Ele tinha uma voz como de uísque fino. Não que ela tenha bebido um bom uísque. Mesmo as coisas baratas eram um deleite. E talvez fosse apenas a imaginação, mas ela estava tendo dificuldade em superar o fato de que ele era o mesmo e ainda assim havia mudado. Ele ainda era alto, é claro e sexy como o inferno, maldito seja. Ombros largos, quadris estreitos, bíceps esticando a camisa enquanto segurava o transportador do gato.

Ele usava jeans desgastado e rasgado em suas longas pernas e botas de trabalho arranhadas. Sua única concessão para o inverno de São Francisco era uma camiseta de mangas compridas que aumentava todos os músculos e um convite com o ME MORDA em grandes letras em seu peito.

Ela não iria mentir para si mesma, ela queria. *Muito.*

Ele ficou parado irradiando poder e energia crua, não que ela estivesse notando. Nem ligando para a sua expressão que dizia que talvez ele estivesse

tendo um dia ruim.

Ele poderia se juntar ao seu maldito clube.

E com esse pensamento, ela mentalmente se bateu na testa. Não! Não haveria junção ao clube. Ela estabeleceu fronteiras para si mesma. Ela era a Suíça. Neutra. Sem importar ou exportar nada, incluindo olhares sexy e ardentes, partes quentes do corpo, nada.

Ponto.

Especialmente não com Keane Winters, muito obrigado. E de qualquer forma, ela não hospedava animais para o público em geral. Sim, às vezes ela hospedava como favores especiais para os clientes, um serviço que ela chamava de "babá de gatos" porque sua capacidade aqui era pequena demais para a hospedagem oficial. Se e quando concordava em ficar de "babá" durante a noite como um favor, significava levar seus pensionistas para casa, então ela era extremamente seletiva.

E os homens bonitos que antes eram meninos terrivelmente importantes que abandonavam garotas dolorosamente tímidas depois de ela ter convocado cada grama de sua coragem para pedir-lhe uma dança não correspondiam aos critérios. —Eu não hospedo. —Ela começou, apenas para ser interrompida por um uivo profano do interior do transportador de gato rosa.

Era automático para ela tentar pegar, e Keane soltou-o com o que parecia ser um alívio.

Voltando as costas para ele, Willa carregou o portador para o balcão, incrivelmente consciente de que Keane a seguiu em sua loja, movendo-se com uma graça usualmente comum para um cara tão grande.

O gato estava continuamente uivando agora, então ela rapidamente abriu o transportador, esperando que o animal dentro estivesse morrendo dado o nível de infelicidade que tinha exibido.

O uivo destruidor de ouvidos imediatamente parou e um enorme gato Siamês piscou os olhos azuis vívidos para ela. Tinha um pelo pálido e cremoso

com um tom mais escuro no rosto que combinava com suas orelhas, pernas e patas pretas.

—Bem, você é linda. —Disse Willa suavemente e colocou as mãos na caixa.

O gato imediatamente permitiu ser levado, pressionando seu rosto na garganta de Willa para um abraço.

—Ohh. —Willa disse gentilmente. —Está tudo bem agora, eu tenho você. Você odeia aquele transportador, não é?

—Quem no inferno ama. —Keane disse, com as mãos nos quadris agora enquanto olhava para o gato. —Você está brincando comigo?

—O que?

Ele franziu o cenho. —Minha tia-avó está doente e precisa de ajuda. Ela deixou a gata comigo na noite passada.

Bem, merda. Isso foi uma coisa realmente boa que ele fez, cuidar do gato para sua tia doente.

—No minuto que Sally saiu. —Keane prosseguiu. —Essa coisa ficou maluca.

Willa olhou para o gato, que a olhava fixamente, quieto, sereno, positivamente angelical. —O que ela fez?

Keane bufou. —O que ela *não* fez seria a melhor pergunta. Ela se escondeu debaixo da minha cama e rasgou meu colchão. Então derrubou tudo dos meus balcões, derrubou coisas no chão, destruiu meu laptop e meu tablet e telefone de uma só vez. E então ela... —Ele parou e pareceu trincar seus dentes traseiros.

—O que?

—Fez cocô nos meus tênis de corrida favoritos.

Willa fez o melhor para não rir alto e dizer “boa garota”. Demorou um

minuto. —Talvez ela só esteja chateada por estar longe de casa e sente falta de sua tia. Os gatos são criaturas com hábito. Eles não gostam de mudar. —Ela falou com Keane sem tirar o olhar da gata, não querendo olhar para os olhos escuros e hipnotizantes que não a reconheceram, porque se ela olhasse, ela poderia ser tentada a escolher uma das tiaras exibidas em seu balcão e bater na cabeça com ela.

—Como é o nome dela? —Perguntou.

—Petúnia, mas vou com Pita. Curto como um pé no saco.

Willa acariciou as costas da gata e Petúnia se pressionou na mão por mais. Um ronronar baixo e longo encheu o ambiente e os olhos de Petúnia se encheram de prazer.

Keane soltou um suspiro enquanto Willa continuava a acariciá-la. —Incrível. —Ele disse. —Você usa alguma erva de gato como perfume, não é?

Willa levantou uma sobrancelha. —É a única razão pela qual você acha que ela gostaria de mim?

—Sim.

Ok então. Willa abriu a boca para acabar com este joguinho e dizer-lhe que não faria isso, mas então olhou para os profundos olhos azuis de Petúnia e sentiu seu coração bater mais. *Porcaria.* —Tudo bem. —Ela se ouviu dizer. —Se você pode fornecer provas de vacinas contra a raiva e FVRCP, eu só a levarei para hoje.

—Obrigado. —Ele disse com um sentimento tão genuíno, que ela olhou para ele.

Um erro.

Seus olhos escuros se aqueceram com a cor do chocolate escuro derretido. —Uma pergunta.

—O quê? —Perguntou cautelosamente.

—Você sempre usa tiaras para maiores de idade?

Suas mãos voaram para sua cabeça. Ela tinha esquecido completamente que ela usava a tiara do pênis. —Você está se referindo aos meus chifres de rena?

—Chifres de Rena. —Ele repetiu.

—Isso mesmo.

—O que quer que você diga. —Ele estava sorrindo agora, e claro, o filho da mãe tinha um sorriso sexy pra caramba. E, incrivelmente, suas partes boas despertaram e tomaram conhecimento. Claramente, seu corpo não pegou o memorando sobre: nada de homem. Especialmente *esse* homem.

—Meu nome é Keane, aliás. —Disse. —Keane Winters.

Ele fez uma pausa, esperando claramente que ela lhe dissesse seu nome em troca, mas agora ela tinha um dilema. Se ela lhe dissesse quem era e ele de repente a reconhecesse, ele também lembraria exatamente como ela foi uma pateta. E se ele *não* a reconhecesse, isso significava que ela era ainda mais esquecível do que pensava e que teria que bater com a tiara de pênis nele depois de tudo.

—E você é... —Ele perguntou, com a voz cheia de diversão pela pausa dela.

Bem, inferno. Agora ou nunca, ela supôs. —Willa Davis. —Ela disse e prendeu a respiração.

Não houve nenhuma mudança em sua expressão. Era esquecível então, e ela trincou os dentes de trás por um minuto.

—Agradeço você por fazer isso por mim, Willa. —Ele disse.

Ela teve que conscientemente soltar os dentes para falar. —Não estou fazendo isso por você. Estou fazendo isso por Petúnia. —Ela disse, querendo ser clara. —E você precisará voltar aqui para buscá-la antes de fechar.

—Combinado.

—Eu tenho algumas perguntas para você. —Ela disse. —Como um contato de emergência, a informação da sua carteira de motorista e, Deus lhe perdoe, ela iria para o inferno se perguntasse isso, mas não podia evitar, queria atiçar a memória dele. —Onde você fez o ensino médio.

Ele arqueou uma sobrancelha. —Ensino médio?

—Sim, você nunca sabe o que vai ser importante.

Ele pareceu divertido. —Enquanto eu não tiver que usar uma tiara de pênis, você pode ter qualquer informação que precisar.

Cinco minutos extremamente longos depois, ele preencheu o formulário exigido e forneceu as informações necessárias depois de uma rápida chamada para sua tia e tudo, aparentemente sem fazer a memória voltar. Então, com um último olhar divertido para as tiaras de rena que parecia pênis, ele saiu pela porta.

Willa ainda estava olhando para ele quando Rory chegou ao lado dela, tomando um café com prazer e entregou o de Willa.

—Estamos olhando para a bunda dele? —Rory queria saber.

Sim, e para o aborrecimento eterno de Willa, era o melhor traseiro que ela já havia visto. Quão injusto era isso? O mínimo que ele poderia ter feito era ter ganho algum peso. —Absolutamente não.

—Bem, estamos perdendo, porque uau.

Willa olhou para ela. —Ele é muito velho para você.

—Ele tem trinta anos. Por que. —Ela disse quando Willa arqueou a sobrancelha. —Você tem a cópia de sua carteira de motorista aqui no balcão. Eu fiz a matemática, isso não é um crime. E de qualquer maneira, você está certa, ele é velho. Realmente velho.

—Você percebe que tenho só alguns anos a menos que ele.

—Você também é velha. —Rory disse e cutucou seu ombro no de Willa.

O equivalente a um abraço grande, gordo e mole.

—E para o registro. —A menina continuou. —Eu estava olhando a bunda dele para você.

—Há. —Willa disse. —Nem o próprio diabo vai conseguir me arrastar para um encontro com ele, mesmo ele sendo gostoso pra caramba. Desisti dos homens, lembra? Isso é o que sou agora, uma mulher que não precisa de um homem.

—Você é uma mulher teimosa e obstinada que tem muito amor para dar, mas atualmente está imitando uma galinha medrosa. Mas ei, se você quer que o seu passado ruim controle o seu mundo e viver como uma freira, continue assim como você é.

—Nossa. —Willa disse secamente. —Obrigada.

—Por nada. Mas me reservo o direito de questionar seu QI. Ouvi que se perde pontos de QI quando se envelhece. —Ela sorriu docemente. —Talvez você devesse começar a tomar esse Centrum Silver ou algo assim. Quer que eu vá comprar alguns?

Willa jogou a tiara de pênis nela, mas Rory, sendo jovem, abaixou a tempo.

Capítulo 2

#AbraABocaParaaComida

Duas manhãs mais tarde, o alarme de Willa disparou à meia noite e trinta e ela ficou ali por um minuto à deriva, sonhando... pensando. Quando Keane voltou para pegar Petúnia na outra noite, ela estava com um cliente, então não teve que lidar com ele.

Mas ela se certificou de olhar.

E isso a incomodou. Como ela poderia gostar tanto de olhar para ele? Talvez porque ele fosse tão intrinsecamente masculino e viril que ele poderia ser facilmente capa da revista Macho Alfa, se ela existisse.

A questão era, ela não devia se importar como ele parecia, ou quão sexy era sua voz de tom baixo, ou que ele estava cuidando da gata de sua tia, apesar de não gostar da tal gata.

Porque oi, lembra abandonada na dança...

—Ahh. —Ela disse para seu quarto e rolou, segurando a cabeça sob o travesseiro.

Ela estava muito ocupada para algum cara. Qualquer cara. Ela tinha trabalho e o trabalho era suficiente. Ela adorava ter a segurança de uma conta bancária, foi o tempo que ela não tinha nada dela e só ela mesma em quem confiar.

Ela estava orgulhosa de onde ela tinha chegado. Orgulhosa por poder ajudar as crianças que estavam na mesma situação em que já havia estado.

Quando seu alarme disparou, ela se remexeu e gemeu, mas enrolou-se mais na cama, piscando com força para o relógio.

Quatro da manhã.

Ela odiava quatro horas da manhã como regra geral, mas hoje era um dia diferente. Ela precisava ir no mercado de flores e comprar algumas para um evento que ela tinha naquela noite e também para a próxima sessão de fotos para animais de estimação da loja Santa Extravaganza, um evento anual onde os clientes podiam tirar a foto de seu animal de estimação com o papai Noel. Rendia um bom dinheiro para ela, e metade dos lucros ia para os abrigos de animais de San Francisco.

Ela arrastou uma Rory mal-humorada com ela, onde compraram as coisas para o evento noturno, e para o ensaio fotográfico comprou uma folhagem adicional para enfeitar.

—O que é tudo isso? —Perguntou Rory.

—Mais para a decoração de Natal.

Rory balançou a cabeça. —Você teve um problema sério.

—Diga-me algo que eu não sei.

Elas voltaram para a loja às seis e meia e foram trabalhar. Sentada de pernas cruzadas no balcão de sua loja com um bloco de esboço, Willa traçou o evento da noite, um casamento no qual ela havia sido contratada como consultora, designer e intérprete.

Para dois Poodles gigantes.

Às sete horas, seus amigos Pru, Elle e Haley apareceram com café da manhã, como faziam várias vezes por semana, já que todos viviam ou trabalhavam no prédio. Atualmente eles estavam dizimando uma cesta de muffins da Tina antes de irem trabalhar. Haley ainda não estava com seu jaleco de laboratório para o estágio de seu curso de optometrista no andar de cima e tinha um fofo óculos vermelho brilhante empoleirado em seu nariz. Pru se vestia como um capitão para o trabalho em um barco de passeio do Cais 39. Elle era a gerente do escritório no prédio e usava um vestido azul cobalto e com sandálias de salto alto preta e branca que desafiavam a gravidade.

Willa também olhou para si mesma. Jeans e uma camisa, apesar de ser inverno. Ela mantinha sua loja quentinha para os animais e os braços descobertos quando ela estava banhando ou preparando os bichinhos.

A discussão atual era sobre os homens e seus prós e contras. Pru tinha um. Ela estava noiva de Finn, o cara que dirigia o pub irlandês e um cara muito bom, além de ser um dos amigos mais próximos de Willa. Tão desnecessário dizer, Pru foi firmemente para o lado profissional. —Olhe. —Ela disse em sua defesa de amor. —Diga que você realmente precisa de algum orgasmo transcendental, você sabe? Se você está apaixonada por alguém, isso vai vim para você e não espere nada em troca porque ele sabe que você faria o mesmo por ele. O amor é paciente, o amor é gentil. —Ela sorriu. —O amor significa sexo oral sem a pressão para corresponder.

—O amor é manter as baterias no seu vibrador. —Elle disse a ela e todos riram, balançando a cabeça. Todos tinham uma longa lista no lado contra para os homens. Bem, exceto Haley, que namorava mulheres, quando estava inclinada a namorar.

Embora Willa tenha que admitir, ela gostou da ideia do orgasmo transcendental...

—Sim, e sobre as aranhas? —Perguntou Pru. —Um homem vai pegar as aranhas.

Houve um silêncio, já que o resto delas contemplava esse benefício inesperado em ter um homem.

—Eu aprendi a capturar e realocar com segurança. —Haley disse finalmente. —Para Leeza.

A última namorada de Haley tinha sido uma grave defensora da natureza. E uma traidora em série, como se viu no final.

—Eu apenas uso a longa mangueira do meu aspirador de pó. —Elle disse, parecendo presunçosa. —Sem manhã estranha, depois da conversa necessária.

—Isso hoje é sobre Willa, então não me faça começar com você. —Pru

disse. —Você e Archer causam incêndios elétricos quando passam um pelo outro. Lembre-me de voltar para isso.

Elle deu de ombros. —Você já ouviu falar que os opostos se atraem? —Ela perguntou. —Bem, eu e Archer, somos um caso clássico de opostos *distraídos.* Como se nós não gostássemos um do outro.

Todos riram, mas pararam quando Elle deu um olhar glacial.

Ok, então todos sabiam que ela tinha uma coisa secreta por Archer, exceto a própria Elle aparentemente.

Bem, e Archer...

Willa estava agradecida por não ser mais o centro das atenções dele, embora desejasse que eles voltassem para a fascinante rotina matinal de discussão após discussão, porque ela não havia mais tido muitas manhãs divertidas. Ela tendia a complicar suas escolhas ruins em homens, insistindo demais em vez de fugir. Talvez fosse ela a errada. Talvez fosse aí que ela errava. Talvez da próxima vez que ela fosse burra o bastante para dar uma chance a um cara, seria estritamente para uma coisa. E então ela daria o fora rapidinho.

—Diga-me a verdade. —Disse Pru. —Quando para mim parece poético falar sobre o meu relacionamento com Finn, em uma escala de zero até aquele amigo que acabou de ter um bebê e quer mostrar suas fotos por horas, eu estou chateando muito?

Willa encontrou os olhares divertidos de Elle e Haley e cada uma murmurou uma variação de “não tão ruim”.

Pru suspirou. —Merda. Eu sou totalmente uma nova mãe com fotos bonitas.

—Ei, perceber isso já é meio caminho. —Elle ofereceu e como uma mestra manipuladora de conversa, olhou para Willa. —Conte-nos mais sobre esse cara com a gata.

—Eu posso dizer que ele é gostoso. —Disse Rory enquanto caminhava

carregando um saco com comida de hamster. —Do tipo bem gostoso. E também Willa lembra dele do ensino médio. Ele a abandonou em alguma dança, mas ele não se lembra disso nem dela.

—Bem, que grosseiro. —Disse Haley, instantaneamente em defesa de Willa, que apreciou.

—Eu não acho que ele estava sendo grosseiro. —Disse Rory. —Willa estava banhando os cachorros e parecia um desastre de trem, honestamente, toda coberta de espuma e cocô de cachorro também. Até vocês não a teriam reconhecido.

—Eu estava como sempre estou. —Disse Willa em sua própria defesa. —E essa parte sobre o ensino médio era confidencial.

—Opa, lamento. —Disse Rory, não parecendo lamentar. —Estarei na parte de trás, preparando Thor.

Thor era o cachorro de Pru, que tinha uma inclinação para rolar em coisas que não devia, quanto mais desagradável, melhor. Pru soprou um beijo agradecido para Rory e virou-se para Willa. —Então, de volta ao cara gostoso. Mais informações, por favor.

Willa suspirou. —O que há para dizer? Nós fomos para a escola juntos e ele nunca me notou naquela época, então, eu deveria ter sabido.

—Você o conhecia bem? —Ela perguntou, com os olhos afiados. Ela era a lógica do grupo, capaz de navegar através de qualquer besteira com facilidade.

—Obviamente, não tão bem. —Willa disse, apertando seu bloco de esboço.

—Humm. —Elle disse.

—Eu não tenho tempo para decifrar esse humm. —Willa avisou.

—Você se lembra quando Archer e Spence ameaçaram castrar seu ex?

Spence e Archer eram os últimos membros de sua pequena gangue de

amigos. Spence era um gênio de TI. Archer um ex-policial. Os dois juntos tinham algumas habilidades sérias. E sim, eles vieram quando Willa precisou deles. —Isso foi diferente. —Ela disse. Ethan tinha sido um idiota, sem dúvida. —Keane nunca foi um ex, idiota ou outra coisa, porque nunca seremos nada. Agora, se acabamos de dissecar a minha vida, tenho muito o que fazer antes do casamento desta noite.

Ela ficou acordada até tarde trabalhando nos smokings que seu cliente queria que os Poodles usassem. Sim, smokings. E sim ela fazia a piada que o South Bark Mutt Stop fazia mais dinheiro em tiaras estranhas, casamentos e fantasias do que em cuidados reais ou suprimentos, mas isso não significava que ela não levava à sério os desejos de seus clientes.

E ei, quem sabia, talvez, se alguma vez ela tivesse seus próprios animais de estimação, além dos que ela cuidava às vezes, e se ela tivesse mais dinheiro do que soubesse o que fazer, ela também poderia querer um casamento para seus cachorros. Embora ela duvidasse sinceramente. Em seu mundo, o amor sempre era passageiro e temporário, do tipo oposto do que toda a pompa e circunstância de um casamento transmitia.

Ainda assim, brincava em acreditar no amor duradouro como uma possibilidade, pelo menos para os outros, Willa deixou cair o falso smoking do poodle gigante em frente à sua cabeça e olhou no espelho. —O que acham?

—Muito fofo. —Disse Pru. —Agora pule e faça tudo o que os cães fazem para se certificar de que ela aguenta.

Willa pulou como se ela fosse uma cachorrinha em um show, com as mãos na frente dela, os pulsos dobrados enquanto pulava para testar a resistência do smoking. As meninas ainda riam quando alguém bateu na porta da frente.

Mais uma vez, dez minutos antes das nove e no meio da dança, Willa ficou parada, experimentando uma onda de déjà vu. A cara de todas confirmou o que ela precisava saber. Ainda assim, ela virou lentamente para a porta esperando estar errada.

Não.

Não estava errada.

Keane Winters estava de pé na porta, observando-a.

—Perfeito. —Ela disse, sua dignidade em farrapos. —Quanto você acha que ele viu?

—Tudo. —Disse Elle.

—Você deveria atender a porta. —Disse Pru. —Ele parece tão gostoso quanto Rory disse, mas ele também parece apressado.

—Eu não vou abrir a porta. —Willa sussurrou, arrancando a parte da frente do smoking. —Não até vocês saírem. Vão pela porta dos fundos e se apressem!

Ninguém se apressou. Na verdade, ninguém, se mexeu.

Keane bateu pela segunda vez e, quando Willa virou para encará-lo novamente, ele se virou, a uma linda imagem da impaciência.

—Bem, honestamente. —Disse Pru. —Os homens aprendem esse olhar quando nascem ou o quê?

—Sim. —Disse Elle pensativa. —Eles aprendem. Willa, querida, não se atreva a correr. Leve o seu tempo e certifique-se de tirar esse pânico do seu rosto e sorrir quando for lá. Não lhe fará nenhum bem ele saber que está te atingindo.

—Viu. —Disse Willa a Haley e Pru. —Pelo menos uma de vocês não é influenciada pelos olhos escuros, conhecedores e o sorriso mais sombrio e um par de calças sexy.

—Tudo bem, eu não disse isso. —Disse Elle. —Mas eu sou mais curiosa do que influenciada. Vá para a porta, Wills. Vamos ver do que ele é feito.

—Ele acabou de me ver dançando como um poodle. —Ela disse.

—Exatamente, e você não o assustou. Ele deve ser feito de aço.

Willa suspirou e foi até a porta.

Novamente, Keane segurava o transportador de gato cor de rosa, que deveria fazê-lo parecer ridículo. Em vez disso, de alguma forma aumentava os níveis de testosterona. Seus olhos afiados sobre ela, mas se acalmaram de uma maneira que a derrubou enquanto ela se movia em direção a ele. Ela parou com a porta de vidro entre eles, as mãos nos quadris, esperando parecer irritada, mesmo que não fosse exatamente assim que se sentia.

O olhar dele baixou do rosto para correr sobre seu corpo, o que lhe deu outra onda de calor indesejável. Merda. Agora ela estava irritada e excitada, isso não era uma boa combinação.

Seus lábios curvaram ao ler a frase em seu avental: *Caro Papai Noel, eu posso explicar.*

Respirando profundamente, ela abriu a porta. —Você tem Petúnia novamente. Espero que a sua tia-avó Sally não esteja ainda doente.

Ele pareceu surpreso por ela ter lembrado do nome da tia, ou que se importasse. —Eu não sei. —Ele disse meio bruscamente. —Ela me deixou uma mensagem dizendo que eu estava no comando pelo resto da semana, mas nesses dois dias Pita alegremente destruiu meu local de trabalho. Estou aqui implorando a sua piedade. Você pode ajudar?

Uau. Ele deveria estar realmente desesperado, pois realmente estava perguntando e não exigindo. Mas já que Petúnia era uma querida, ela sabia que faria isso.

—Eu até vou te dizer onde fiz o ensino médio. —Ele disse, acrescentando um sorriso chocantemente encantador.

Uau. Ele não perdeu o tato quando se tratava disso. —Não é necessário. —Ela disse, dolorosamente consciente de sua platéia.

A atenção de Keane de repente mudou, foi para acima de sua cabeça. Ela seguiu sua linha de visão e encontrou um raminho de visco pendurado no batente da porta. *Visco? Que diabos?* Ela olhou para trás e você sabe quando é pego no flagra, Rory e Cara se moveram rapidamente parecendo *muito ocupadas*. —Quando o visco veio parar aqui? —Perguntou a elas. —E porquê?

—MDPAC. —Cara disse por trás do balcão.

—Medo de perder a chance. —Rory traduziu. —Ela estava esperando que um cara bonito entrasse e o visco lhe daria uma desculpa.

Willa estreitou os olhos e suas duas empregadas escaparam novamente.

—Interessante. —Disse Keane, parecendo divertido.

—Eu não vou te beijar.

Seus lábios curvaram. —Se você cuidar de Pita hoje, *eu* que vou te beijar.

—Não é necessário. —Ela disse, satisfeita que ninguém pudesse ver seu coração quase saindo do peito. —Vou ficar com Petúnia. Nenhum beijo exigido ou desejado.

Mentirosa, mentirosa...

Keane entrou. E porque ela não recuou o suficiente, eles quase se tocaram. Seu cabelo estava um pouco úmido, não pode deixar de notar, como se talvez ele tivesse acabado de tomar banho. Ele cheirava a sabonete sexy, do tipo incrível. Ele usava um jeans desbotado com um rasgo em uma coxa e outra camiseta de mangas compridas com SF Construtores escrito no peito, Então a suposição de que ele estava no ramo da construção parecia correta.

Ele também estava coberto de pelos de gato.

Logo atrás dele entrou uma cliente regular, Janie Sharp que tinha trinta e poucos anos, tinha cinco filhos com menos de dez anos, trabalhava como professora e estava constantemente atrasada, exausta e desesperada.

Hoje, seus três filhos mais jovens corriam ao redor dela a toda velocidade, gritando enquanto se perseguiam e Janie segurava um aquário, tentando evitar derramar enquanto era empurrada continuamente. —Eu sei. —Ela gritou para Willa. —Estou adiantada. Mas vou me matar se você não me ajudar nesta manhã.

Esta era uma frase comum de Janie. —Contanto que você não deixe seus filhos. —Disse Willa. Também uma frase comum. Ao som estranho que Keane

deu, ela olhou para ele. —Ela só está brincando sobre se matar. —Ela disse. —Mas eu não estou brincando sobre os filhos.

Janie assentiu. —Eles são umas pestes.

—Nomes? —Perguntou Keane.

Janie piscou para ele como se estivesse vendo-o pela primeira vez. Seus olhos vidraram e ela pode ter babado um pouquinho. —Dustin, Tanner e Lizzie. —Ela disse fracamente.

Keane estalou os dedos e as crianças pararam de correr em torno de Janie. Pararam de fazer barulho. Pararam de respirar.

Keane apontou para o primeiro. —Dustin ou Tanner?

—Tanner. —Disse o menino e empurrou o polegar na boca.

Keane olhou para os outros dois e ambos começaram a falar de uma só vez. Ele ergueu o dedo e apontou para a menina.

—Eu sou um anjo. —Ela disse sem fôlego. —Meu pai diz isso.

—Você sabia que os anjos procuram as pessoas com quem eles se preocupam? —Perguntou Keane. —Eles estão no comando.

A menina deu um olhar malicioso em seu rosto. —Então eu vou ser responsável por Tan e Dust?

—Você *procura* por eles. —Ele virou o olhar para os dois meninos. —E, por sua vez, vocês procuram por ela. Nada deve acontecer com ela no turno de vocês, nunca. Vocês entenderam?

Os dois meninos balançaram a cabeça para cima e para baixo.

Janie olhou para as três crianças silenciosas e respeitosas com um enorme choque. —Um milagre de Natal chegou mais cedo. —Ela sussurrou com admiração e encontrou o olhar de Keane. —Você é babá?

Keane apenas sorriu e por um momento atordoou todos no local. Ele

sorriu. Um que trouxe à mente beijos quentes, longos e profundos.

E mais.

Muito mais... —Não. —Disse Willa e pegou o aquário de Janie. —Você não vai deixar seus filhos com um completo desconhecido.

—Você conseguiu a parte perfeita. —Janie murmurou e soltou. —Ok, então, nós vamos para Napa essa noite. Posso deixar o Fric e o Frac?

—Sim, e você sabe que vou cuidar muito bem deles. —Prometeu Willa e deu um abraço a Janie. —Descanse um pouco.

Quando Janie se foi, Keane deu uma careta. —Peixe? Você hospeda peixe?

—Fico de babá. —Ela corrigiu, os olhos estreitando. —Você está me julgando?

Ele balançou sua cabeça. —Eu apenas te trouxe a gata do inferno. Não estou em posição de julgar.

Ela deu uma risada áspera e o olhar dele foi para a sua boca, o que lhe deu outro aviso rápido.

—Obrigado. —Ele disse. —Por cuidar de Pita hoje. Significa muito.

Por trás do balcão veio um baixo “Ohh” e, em seguida, um “shh!” que lhe fez dar para as suas amigas um olhar “bravo”.

Keane girou para olhar também, mas assim que ele fez isso, Elle, Pru e Haley de repente abaixaram suas cabeças e focaram em seus celulares.

Rory veio carregando outro saco de comida e se aproximou de Willa e Keane. —Legal. —Ela disse. —Estou feliz em ver que você recuperou os sentidos e desistiu do decreto de: chega de homens.

Willa estreitou os olhos.

—Ah é... —Rory disse, batendo em sua própria testa. —Mantenha isso para você, Rory. Quase esqueci.

Keane deu um olhar divertido para Willa. —Decreto de: chega de homens?

—Esqueça. —Ela colocou o aquário no balcão e pegou Petúnia. —Você já sabe como funciona, certo?

—Você quer dizer onde eu pago o dobro por ser um burro e você finge não gostar de mim? —Ele deu um sorriso letal. —Sim, os mesmos termos.

—Eu quis dizer estar aqui antes de fechar. —Ela suspirou. —E eu não vou cobrar o dobro.

Seu sorriso se transformou em um riso. —Viu? Você *gosta* de mim.

E então ele se foi.

Willa voltou-se para suas amigas e funcionárias, todas olhando ele ir.

—Essa é uma bunda realmente bonita. —Disse Pru.

—Concordo. —Disse Haley. —E eu nem gosto de homens.

Willa deu de ombros. —Eu não notei. Eu não gosto dele.

Todas riram.

—Corrigindo. —Disse Elle, ainda sorrindo. —Mas você é muito teimosa e obstinada para ver motivo na maior parte dos dias e não acho que este seja um desses...

Sim, sim... Ela estreitou os olhos porque ainda estavam rindo, acreditando claramente que ela estava se enganando completamente em dizer que não gostava de Keane.

E a pior parte era que ela também sabia disso.

Capítulo 3

#AhQueBesteira

Keane Winters estava acostumado a dias loucos e longos. Hoje em particular, porém, graças aos subempreiteiros não fizeram o que tinham que fazer e o clima estava louco com uma tempestade maluca que a toda hora derrubava a eletricidade. E não vamos esquecer o gasto de tempo e dinheiro para substituir seu celular e laptop graças a gata da sua tia. Pelo menos, ela *parecia* um gato, mas Keane tinha certeza de que ela realmente era o anticristo.

Seu celular tocou e ele desafivelou o cinto de ferramentas para puxá-lo do bolso. Um dos caras tinha enviado um link do jornal Chronicle de San Francisco.

Keane Winters, alguém para ser notado em San Francisco, é um desenvolvedor imobiliário em ascensão que se criou por si próprio...

Ele supunha que a parte do criado por si próprio era verdade. Atualmente, bem no meio do lançamento de três propriedades na área de North Bay, ele estava exigindo tanto de sua equipe principal que eles estavam começando a atrasar. Todos precisavam de uma pausa, mas isso não aconteceria em breve.

A Winters é especializada na compra de projetos em ruínas em áreas privilegiadas e transformá-los em propriedades imperdíveis. Ele não faz uso do sentimentalismo, vendendo implacavelmente todos quando termina.

Também é verdade. Financeiramente, não é rentável manter os projetos. Houve um tempo não há muito tempo atrás, quando ele tinha que vender cada um imediatamente após a conclusão ou acabaria falido. E sim, talvez ele tenha tido sorte no primeiro negócio, mas não houve muita sorte desde então. Ele corria riscos e ele sabia como pagar. Como resultado, ficou bem ao enterrar o sentimentalismo, não apenas com as propriedades que desenvolvia, mas também na sua vida pessoal.

E, na medida em que a vida pessoal seguia, ele passava em frente do South Bark depois de pegar seu café todas as manhãs há meses e nunca lhe ocorreu verificar a loja. Ele não tinha tido um cachorro desde o Blue, que morreu um ano antes dele sair de casa, e com certeza não estava com pressa para se sentir devastado assim novamente pela perda.

Ou nunca.

Mas então, sua tia-avó Sally tinha deixado Pita e então ele conheceu a dona sexy do South Bark. Keane não fazia ideia de por que Willa parecia irritada pela mera visão dele, mas ele sentia qualquer coisa, *menos* irritação com a visão dela. Ele pensou que talvez fossem seus olhos, os olhos verdes mais brilhantes que ele já viu, sem mencionar o seu temperamento, que parecia combinar com o cabelo loiro puxando mais para o tom de ruivo do que loiro.

Ele atravessou o último andar de seu projeto favorito dos três atuais, Vallejo Street. Os outros dois, North Beach e Mission Street, eram decisões de negócios puramente estratégicas e iriam para o mercado assim que ele terminasse.

Compre barato, reforme com inteligência, venda caro. Aquele tinha sido seu modus operandi, sempre.

Mas a casa da rua Vallejo... ele havia pego a casa estilo Vitoriana de 1940 por muito dinheiro há cinco anos com um impulso que ele não lembrava de ter ocorrido. Mas ele olhou para a velha casa negligenciada e tinha visto o potencial nos três andares, cinco mil metros quadrados, independentemente do fato de que estava praticamente caindo aos pedaços.

Desde então, ele teve que mergulhar em outros projetos com rapidez e teve dificuldade em recuperar o dinheiro perdido, e só trabalhava na casa da Vallejo Street quando o tempo permitia.

Foi por isso que demorou tanto tempo para terminar, ou quase terminar de qualquer maneira. Durante o ano passado, o andar inferior serviu como seu escritório. Ele também morava lá. Tudo isso teria que mudar quando ele a colocasse no mercado, algo que precisava fazer, pois a venda lhe daria o capital

para novos projetos.

Ele caminhou até uma das janelas que iam do chão ao teto e olhou para fora. A luz do dia quase no fim. A cidade estava ganhando vida com as luzes, atrás de uma vista da ponte Golden Gate e da baía além disso.

—Cara. —Mason disse, ele era a sua mão direita, parado na entrada. —Precisamos trazer os caras aqui esta semana para ajudar a consertar o loft já que você e seu pequeno medo de altura não podem. Você está me ouvindo?

—Claro. —Keane disse olhando para a janela. Ele podia ver o Pacific Pier Building e imaginava Willa em sua loja vestindo um dos seus aventais engraçados, cuidando de tudo com o mesmo encanto.

Alguém bufou. Sass. Sua administradora também entrou, e ninguém cortava o papo furado mais rápido do que Sass.

—Ele não está me ouvindo. —Reclamou Mason.

—Nenhuma palavra. —Sass concordou.

O celular de Keane emitiu um alarme. —Tenho que ir. —Ele disse. —Tenho dez minutos para pegar Pita antes que o South Bark feche.

—Eu poderia buscá-la para você. —Sass ofereceu. —O quê? —Ela perguntou quando a boca de Mason se abriu. —Eu ofereço coisas agradáveis o tempo todo.

—Você nunca se oferece para fazer coisas legais. —Disse Mason.

—*O tempo todo.*

—Sim? Diga uma vez. —Mason desafiou.

—Bem, eu queria bater na sua cabeça o dia todo. —Disse ela. —E eu resisti. Viu? Eu acho que isso foi excepcionalmente agradável.

Keane partiu enquanto ainda estavam discutindo. Levaria menos de cinco minutos para caminhar até o South Bark, mas Pita não apreciaria o frio na caminhada de volta, então ele dirigiu. O estacionamento era a piada habitual, de

modo que quando ele conseguiu um lugar, já tinha passado vinte minutos.

Ele atravessou o pátio, aproveitando um momento para admirar a linda arquitetura do antigo local, o tijolo cobreado e as vigas de ferro expostas, as grandes janelas, o paralelepípedo sob seus pés e a enorme peça central da fonte, onde os idiotas da cidade jogavam uma moeda e desejavam o amor.

Tudo tinha sido decorado para as festas de fim de ano com guirlandas de folhas entrelaçadas com luzes brancas cintilantes em cada porta e janela, para não mencionar uma árvore de Natal enorme na entrada da rua.

Mas não foi o que o parou. Não, essa honra foi da preparação do casamento. Ou, pelo menos, ele assumiu que era um casamento pelo grande volume de flores e luzes brancas, as velas no pilar de marfim no meio de arranjos de flor de laranjeira pontilhadas com ramos de azevinho ao longo da borda de um arco bem torto...

Ele parou de repente.

—Merda!

A mulher que gritou isso tinha o cabelo loiro mas puxado para o ruivo.

Willa agachou-se sobre os pedaços caídos do arco tentando... só Deus sabia o que.

—Merda. Merda, merda, merda. —Ela murmurava enquanto sacudia a parafusadeira na mão. —Por que você está fazendo isto comigo?

—Não é problema da parafusadeira. —Disse ele, aproximando-se dela. —É um erro no operador.

Ela bufou em resposta e, ainda agachada, perdeu o equilíbrio e caiu de bunda. Segurando o pescoço, ela olhou para ele. —O que você está fazendo me seguindo assim?

Ele esticou uma mão para ela e puxou-a para seus pés. E depois sorriu porque estava vestindo outro avental engraçado que dizia o TOC... Transtorno de Natal obsessivo.

Com uma risadinha pela verdade absoluta dessa afirmação, ele tirou a parafusadeira dela.

—Está quebrada. —Ela disse.

Ele inspecionou e balançou a cabeça. —Não, você só está sem pregos. —Ele se agachou, alcançando a caixa perto de seus pés para recarregar.

Como ela ainda estava olhando para ele, ele voltou sua atenção para o que ela estava fazendo. —Você percebe que este arco só vai ter três pés de altura, certo?

—É perfeito.

—Em que universo é perfeito? —Perguntou ele.

—No universo canino. É um casamento de cães.

Isso o fez congelar por um segundo antes de sentir um sorriso surgir em seu rosto.

Ela piscou. —Hã.

—O quê? —Ele tinha chocolate nos dentes da barra de chocolate que devorou no caminho até aqui, a única comida que conseguiu nas últimas quatro horas?

—Você sorriu. —Disse ela, quase uma acusação.

—Você me viu sorrir.

—Na verdade, não desde... —Ela parou e tirou a parafusadeira dele. —Deixa para lá. E obrigado.

—Realmente haverá um casamento com cães? Aqui, no pátio? —Perguntou.

—Em menos de uma hora, desde que eu ajeite tudo. Eu sou a organizadora do casamento. —Ela pausou como se estivesse esperando por alguma coisa, alguma reação dele, mas ele conseguiu manter sua expressão.

—Você não vai rir? —Perguntou ela. —Porque você se parece com o tipo de cara que riria da ideia de dois cães se casando.

—Escute. —Ele disse sendo completamente honesto. —Eu sou o cara que precisava de uma babá, porque estava aterrorizado por uma gata de quatro quilos, então não jogo pedras aqui. Falando nisso, onde está a pequena terrorista?

—Ela está na minha loja, segura e com muita comida e água, dormindo no lugar mais quente de lá: entre Macaroni e Luna.

Ele deve ter parecido sem entender porque ela disse: —Os outros dois animais de estimação que estou cuidando hoje. Bem, tecnicamente, Cara, uma das minhas funcionárias, está cuidando no momento.

—Espero que você não seja apegada a esses outros animais de estimação. —Disse ele. —Porque Pita os rasgará de um lado ao outro.

Willa simplesmente riu e puxou o celular de um dos bolsos do avental, alguns petiscos de cães também caíram em cascata, na calçada debaixo de seus pés.

Com uma exclamação, ela se agachou para pegá-los ao mesmo tempo que Keane, batendo a parte inferior do queixo dele em cima de sua cabeça.

Desta vez, ambos caíram de bunda.

—Aii! —Ela disse, segurando a cabeça. —Eu sinto muito, você está bem?

Ele piscou pelas estrelas em sua visão. —Sobrevivi ao pior. —Ele assegurou, e estendeu a mão para esfregar suavemente o topo da cabeça. Seu cabelo era macio, sedoso e cheirava bem demais. —E você?

—Oh, minha cabeça é dura como pedra, apenas pergunte a quem me conhece. —Ela brincou.

Seus olhares se encontraram e ele percebeu que suas pernas estavam emaranhadas e ficou impressionado com a proximidade e com o impulso primitivo que teve de puxá-la para o seu colo.

Claramente não estavam na mesma página, pois ela pegou o celular e voltou a examinar suas fotos. —Há! —Exclamou triunfante. —Aqui. —Ela se inclinou para mostrar a tela do celular, o braço colidindo com o dele. Quando ele se curvou mais perto, seu cabelo roçou contra o queixo, e um fio grudou teimosamente em sua barba rala.

—Vê? —Ela perguntou.

Ele piscou o deslumbramento que ela lançou e percebeu que ela mostrava uma foto da parte da frente de sua loja. E, assim como ela havia dito, lá, em frente a um manto repleto de falso azevinho, deitada entre um enorme pitbull e um pequenino... leitão. Entrelaçados.

Entre eles, havia uma bola branca de aparência familiar com o rosto preto de seus pesadelos. E o rosto desse pesadelo pressionado com confiança no pitbull. Durante um longo tempo, Keane apenas olhou para isso. —Photoshop, não? —Ele finalmente perguntou. —Apenas para foder comigo?

Ela riu, e ele se viu sorrindo apenas pelo som disso. Mas logo que ele riu, a diversão dela desapareceu, quase como se tivesse se lembrado de que não gostava dele. Ficando de pé, ela se virou. —Bem, finalmente.

—O que?

—Archer e Spence estão aqui.

—Os cachorros?

—Não, dois dos meus melhores amigos.

—Eu conheci suas amigas. —Ele disse. —Foram elas que observaram a nossa conversa essa manhã como se fôssemos uma maratona da Netflix, não é?

—Eu tenho muitos melhores amigos. —Ela disse. —Archer e Spence estão cuidando da segurança do casamento esta noite. —O celular no quadril tocou. Ela olhou para a tela e praguejou.

—A anticristo cometeu um assassinato, não é? —Ele adivinhou.

—Não, claro que não! Eu tenho uma emergência com o bolo.

—Bem, não posso competir com isso. Vá em frente. —Ele disse. —Eu vou construir o arco para os cães.

Ela hesitou. —Tem que ser perfeito.

Keane tinha construído casas do zero e ela estava questionando sua habilidade de montar um arco. Para cães. —Emergência do bolo. —Ele lembrou.

—Merda. OK... —Ela olhou para ele bem séria. —Você precisa de alguma ajuda?

Ele fez uma careta. —Eu tenho certeza de que posso lidar com isso.

Parecendo arrasada, ela suspirou. —Tudo bem, se você tem certeza. E... obrigada.

Ele mal acenou para a Sra. Duvidosa que logo se foi embora, ele ficou vendo ela correr. Sim, seu olhar se fixou na bundinha dela naquele jeans justo, e com umas botas de arrasar. Ele ainda estava olhando, o pescoço esticado para pegar a última visão dela quando voltou para o trabalho e... quase sendo espremido entre dois caras, de pé, ombro a ombro, olhando para ele. Os dois que Willa havia apontado como Archer e Spence.

Ninguém falou.

—Então... vocês estão aqui como convidados da noiva ou do noivo? —Perguntou Keane.

Ninguém piscou.

—É uma piada. —Disse Keane. —Porque o noivo e a noiva são cães. Vê, é engraçado.

Ninguém sorriu.

—Público difícil. —Ele murmurou.

—Estamos aqui por Willa. —Disse um deles. O maior, o cheio de atitude,

que parecia ter visto o lado mais escuro do mundo e talvez ainda vivesse lá. O outro cara estava mais magro, mas em forma, seus olhos avaliando Keane com interesse cuidadoso.

—*Oi.* —Esta foi a própria Willa, gritando do outro lado da fonte do pátio. —Comportem-se! —Ela apontou para seus dois amigos. —Especialmente vocês dois.

Spence e Archer deram sorrisos para ela e adicionaram acenos alegres. Então, no momento em que ela se afastou, eles voltaram a olhar fixamente para Keane.

—Tudo bem, conversador. —Disse ele. —Eu vou construir o gazebo para os cães agora. Você pode ficar parado ou me dar uma mão.

O cara maior falou. —O último cara com quem ela saiu ferrou com a cabeça dela. —Seu tom era baixo, seu olhar direto e fixo.

O outro cara, claramente o mais tranquilo dos dois, assentiu. —Eles nunca encontraram o corpo, não é?

O outro homem balançou lentamente a cabeça.

Tudo bem então. —É bom saber. —Disse Keane com calma, mas de repente ele sentia qualquer coisa, exceto calma. Ele não gostou do pensamento de alguém sacanear com Willa. Ainda preso nisso, virou as costas para os guarda-costas dela e começou a trabalhar. Quando se endireitou para levantar o arco, de repente havia quatro mãos extras, ambos os caras emprestavam sua força à causa.

Ainda sem falar.

Depois disso, eles aparentemente eram o trio recrutado para ser o comitê oficial da organização das cadeiras. Cento e cinquenta cadeiras para ser exato.

Para um casamento de cães.

Os três estavam quentes e suados, mesmo com o frio ar de dezembro sobre eles.

—Pelo menos é mais fácil do que daquela vez que ela nos fez ajudá-la a fazer um casamento em South Beach, lembra-se, Arch? —Perguntou o homem mais magro, dando a Keane sua primeira pista sobre a qual era Archer e qual era Spence.

Archer apenas grunhiu enquanto alinhava a última fila, seu olhar para à beira do pátio, onde Elle estava em um vestido vermelho trabalhando tanto no celular quanto num iPad.

Spence seguiu o olhar de seu amigo. —Como ela nunca fica suja ou suada?

Archer balançou a cabeça. —A sujeira e o suor não se apegam a Elle; ela não é humana.

Spence riu. —Então, ela ainda está brava com você.

—Ela está sempre brava comigo.

—Você já descobriu o porquê?

Archer não respondeu.

Willa entregou três garrafas de água. —Noite fria. —Disse ela.

Keane, que ainda estava recebendo os olhares gelados ocasionais de Spence e Archer, bufou.

Willa percebeu isso e depois olhou para eles, um de cada vez. —O que está acontecendo?

Ninguém disse uma palavra.

Ela estendeu a mão e agarrou Spence pela orelha. Ele estremeceu virilmente em vez de gritar. —Que diabos, Wills.

—Qual é a vibração estranha? O que está acontecendo?

Spence cuidadosamente tirou os dedos de sua orelha. —Por que você não torceu a orelha de Archer?

—Porque Archer provavelmente está com duas armas e uma faca. —Disse ela.

Keane olhou para o cara. A linguagem corporal de Archer não mudou. Ele parecia enganosamente casual, seu olhar forte e alerta. Das forças armadas ou policial, ele pensou.

Willa colocou as mãos nos quadris.

Archer não caiu, mas Spence sim. —Nós estávamos apenas nos certificando de que este serve após o Ethan. —Ele interrompeu o olhar no rosto de Willa.

Keane tinha duas irmãs mais velhas. Elas o ignoravam a menos que ele se colocasse na linha de fogo. Durante esses momentos, os olhares delas eram de derrubar e prometia retribuição que poderia ou não incluir mutilação e torturas. A morte era um presente.

Willa abaixou o olhar.

—*Este aqui*? —Repetiu Willa. —Meu Deus.

Spence abriu a boca, mas Willa sacudiu a cabeça e apontou para ele.

—Não. —Disse ela. —Você sabe o que? Isso é tudo culpa minha.

—Não, não é. —Disse Archer com firmeza. —Ethan era um babaca esquisito...

—Eu quis dizer que é minha culpa ser amiga de vocês dois! —E então, sem um olhar, ela bateu um dedo no rosto de Keane, quase acertando um olho. —Ele não é um encontro. —Disse ela. —Ele não será um encontro no futuro. E ele, com certeza, não foi um encontro no passado.

Keane abriu a boca, mas depois voltou a fechá-la. Esta era a segunda vez que ela se referia a um passado entre eles. Ele estava tão ocupado mentalmente revivendo a conversa que quase perdeu Spence e Archer saindo. Ele não perdeu o olhar simpático de Spence quando este saiu.

—Ouça. —Disse Willa quando estavam apenas os dois. —Estou grata pela sua ajuda, muito grata, mas...

—Como você sabe que não serei um encontro no futuro? —Bem, diabos, ele não tinha percebido que isso o incomodou tanto.

Willa pareceu tão espantada. —Eu só sei. —Ela finalmente disse. —Eu... — Ela parou quando um garotinho com cerca de quatro anos puxou o seu avental. Ela sorriu imediatamente, um sorriso quente e doce que deslumbrou Keane mais do que deveria, enquanto se agachava para ficar da altura da criança.

—Oi, Keller. —Ela endireitou a jaqueta de seu mini smoking. —Você está bonito esta noite.

—Meus pais dizem que estão prontos.

—Perfeito, porque nós também.

Keller inclinou a cabeça para olhar para Keane. —Você está usando sapatos engraçados para um casamento.

—Eles são botas de trabalho. —Disse Keane. —E falando de calçados, os seus estão trocados.

Keller olhou para os sapatos e coçou a cabeça antes de virar a cabeça novamente. —Mas eu não tenho outros pés. —Ele finalmente disse.

Justo, Keane pensou, mas Willa ajudou o garoto a sentar e arrumar os sapatos. Então ela voltou a ser uma adorável tirana, mandando todos fazerem o que ela queria. Ninguém se queixou. Na verdade, todos ficaram felizes em seguir seus comandos.

Ele poderia usá-la no seu trabalho.

Dez minutos depois, o casamento aconteceu, com certidão de casamento que cada cão colocou uma impressão de pata e com uma gravação de vídeo feita pela Rory. Aparentemente, havia um registro também porque uma pilha de presentes com o logo da South Bark estava em uma mesa.

—Eu acabei com essas coleiras deslumbrantes. —Willa dizia para alguém, consultando um iPad após a cerimônia. —Mas ficarei feliz em fazer outro pedido.

Sim, Keane estava começando a ver um outro lado de Willa e suas habilidades empresariais. E ele tinha que admitir, ele gostava desse lado dela. Ela era inteligente pra caramba, mas cercada por toda essa pelúcia, ela quase o enganava.

Depois, quando a multidão diminuiu e depois se dissipou completamente, ele ficou preso e a ajudou com a arrumação.

—Isso não é necessário. —Disse ela.

—Porque eu não sou um presente ou um futuro?

Ela deu uma longa olhada e depois se virou para lutar com o arco.

Ao aproximar-se para ajudar, ele esticou a mão para adicionar sua força para separar os dois pedaços do arco. As costas dela colada na frente dele, ela parou, e ele também, porque um raio de eletricidade passou bem entre eles.

—O que foi isso? —Ela sussurrou, não movendo um único centímetro.

Ele pensou sobre isso e tinha uma resposta pronta. —Magnetismo animal.

Ela descongelou com isso, escapou de seus braços para encará-lo. —Ah não. Não, não, não. Essa é uma coisa que absolutamente nós *não* temos.

Ele riu um pouco porque, aparentemente, não tinha pensado nisso. Não muito bom para o seu ego. —Você realmente vai me dizer que não sentiu?

Ela analisou por um momento. —Estou lhe dizendo que não *quero* sentir isso. —Ela finalmente disse.

Bem-vinda ao meu clube, ele pensou.

Capítulo 4

#FatosApenasFicamNoCaminho

Os dias que se seguiram ao casamento passaram como um borrão para Willa, enquanto ela mergulhava na proximidade do feriado. Não que ela se importasse, pois, a loja como sempre preenchia todos os vazios dentro dela, aqueles que sua infância difícil tinha deixado.

Sim, ela estava completamente cheia.

Mas então ela viu Keane Winters e algo aconteceu, algo estranho e inquietante. Ele fez com que ela percebesse que não tinha preenchido todos os seus vazios, que havia pelo menos um ainda dentro dela.

Com um gemido, ela se levantou para encarar o seu dia. Seu apartamento também ficava no Pacific Pier Building, quatro andares acima de sua loja. O lugar era pequeno, mas aconchegante. A sala e a cozinha eram realmente um só cômodo, dividido por um pequeno bar. Na parede, entre a sala de estar e o corredor pequeno, que levava a seu quarto, havia uma pequena porta que se abria para um mini elevador de carga[1], um retrocesso para os dias em que este edifício era um complexo central familiar com um rancho muito grande. Isso por volta dos anos de 1800, quando ainda havia vacas de verdade no distrito Cow Hollow[2] de São Francisco.

A porta do mini elevador estava trancada agora, mas às vezes presentes misteriosos acabavam lá para ela, como biscoitos ou muffins. E então, houve uma época em que Archer teve um exercício de treinamento para seus homens sob a aparência de uma caça ao tesouro, e um dos itens necessários era encontrar o Finn, que acabou preso no elevador de carga enquanto procuravam por ele.

---

1 

2 O nome do distrito é buraco de vaca.

Essa era a ideia de Archer para diversão.

Em qualquer caso, não havia nada lá agora, não importa o quanto ela desejasse alguns muffins, então ela tomou banho e vestiu-se. O uniforme de trabalho de hoje consistia em seu jeans favorito, que só tinha um buraco no joelho e outra camisa leve. Ela completou com uma outra camisa fácil de remover para cuidar de seus clientes.

Ela não se surpreendeu quando começou a trabalhar e uma batida soou na porta da loja dez minutos antes da abertura. Tampouco ficou surpresa com o salto traidor que seu pulso deu. Fazia duas semanas que Keane apareceu naquela primeira manhã. Desde então, não havia nenhum ritmo ou razão para os dias em que ele apareceria. Às vezes, ele vinha por alguns dias seguidos e depois nada por mais alguns dias. Sempre que ela perguntava por sua tia, ele ficava com um olhar solene no rosto, mas balançava a cabeça. —*Ainda sem melhoras.* —Ele sempre dizia.

Willa odiava admitir que ela ficava com o ouvido atento todas as manhãs, imaginando se ela o veria. Odiava ainda mais que ela sempre colocava rímel e um batom apenas no caso. Quando sua batida ecoava na loja, ela se forçava a ficar calma.

—Você vai querer um olhar para isso. —Disse Elle à direita de Willa. Ela estava encostada ao balcão da frente tomando seu chá quente. O tipo que ela pediria na Inglaterra porque era uma esnobe completa.

—Não, eu não. —Disse Willa. Ela não precisava olhar porque sabia o que ela veria, alguma versão do cara musculoso gostoso com essas camisetas que se esticavam sobre seus ombros largos, enfatizando uma grande quantidade de músculos, aparentemente, ganho de forma antiquada: por trabalho manual. Seu cabelo estaria bagunçado, como se ele não tivesse se preocupado muito. E por que ele deveria? Quando você se parecia assim, você nem precisava da porcaria de um espelho.

—Ele parece bem de roupas. —Disse Elle com apreciação. —Eu vou dar-lhe isso. Deixe-o entrar, Willa.

—Eu acabei de servir meu leite. —Ela reclamou.

—Sim, e estou totalmente te julgando com base na sua escolha de cereal simples, você é estranha. —O olhar de Elle não tinha deixado a porta da frente. —Mas santa gostosura, Batman, realmente, você vai querer ver isso.

—Por quê?

—Ele está de terno, é por isso. Meus olhos não sabem o que fazer.

Willa se virou tão rápido que deu uma sacudida.

Os olhos afiados de Keane examinavam a loja. Quando pararam nela, ela sentiu isso por todo o caminho dos dedos dos pés as raízes do cabelo e alguns pontos muito especiais no meio. Cada. Segundo. —Droga.

—Eu te disse. —Disse Elle. —Pensei que você tinha dito que ele era um carpinteiro ou algo do tipo.

—Ele se listou como autônomo no formulário quando deixou Petúnia no primeiro dia. —Ela murmurou, incapaz de afastar o olhar dele que parecia um presente de Deus.

Se o presente de Deus chegasse carregando um transportador cor-de-rosa.

—Não consigo decidir qual é o melhor look para ele. —Disse Elle. —Gostoso de terno, ou gostoso de Levi's.

—Pode ser um empate. —Admitiu Willa.

—Então você *gosta* dele. —Disse Elle triunfante.

—Não, mas não estou morta. Quero dizer, olhe para ele.

—Acredite em mim. —Disse Elle. —Estou olhando. Então, você realmente vai ficar aí e me dizer que ainda não é mexida por ele?

—Olá, você perdeu a parte em que ele não só me não me notou, como ele também não se lembra de nada? —Perguntou Willa.

—E você está perdendo a parte em que isso aconteceu há muito tempo? —Ela perguntou. —Porque ele entrou totalmente e ajudou você nesse casamento. É possível que você esteja sendo super dramática?

—Eu não estou sendo super dramática, nunca fui super dramática! —Willa parou de falar quando percebeu que ela estava sacudindo os braços, com a colher no ar e tudo mais. —Bem. São os meus cabelos vermelhos. Você não pode lutar contra a genética.

—Aham. —A expressão de Elle se suavizou. —Querida, eu sei que o seu passado não foi exatamente fácil, mas acho que você o misturou no meio daquela mina emocional. E antes de me dizer que não é da minha conta, você deve saber que estou apenas dizendo isso porque eu entendo, eu realmente entendo.

Willa suspirou porque sabia que sim. Ela teve uma infância ainda mais difícil do que a de Willa, e ela odiava isso pelas duas. —Ficar assim de frente para ele durante esse momento particular na minha vida foi... memoravelmente traumático. —Disse ela. —Então, sim, sem dúvida estou projetando. Mas você se lembra da tortura que era o ensino médio, não é? Ou talvez não, talvez você fosse popular como Keane era. Eu, por outro lado... —Ela balançou a cabeça. —Eu era invisível. —Admitiu —E isso realmente bagunçou a minha auto-estima.

O sorriso de Elle desapareceu. —OK. Então continuamos com raiva dele.

O coração de Willa apertou. —Obrigada. —Ela disse e se moveu em direção à porta.

A manhã de Keane tinha começado na madrugada e já havia sido longa, envolvendo uma briga com um engenheiro, adular um cliente que não conseguia decidir-se nem para salvar sua própria vida e um encontro muito longo com o decorador de interiores da North Beach, que gostava de se ouvir falar. Agora, enquanto ele estava de pé na porta trancada do South Bark, ele lembrou que tinha vinte minutos para voltar para outra reunião.

Willa levou seu tempo para abrir, e quando abriu, ela o encarou como se nunca o tivesse visto.

—Keane? —Ela perguntou, sussurrou realmente, como se não tivesse

certeza.

—Sim. —Quem diabos mais?

—Apenas checando. —Seu olhar deslizou sobre ele lentamente. —Eu pensei que talvez você tivesse um gêmeo ou algo assim.

—Sim, e a gata odeia os dois.

Ela riu. Isso foi inesperado, para dizer o mínimo, e ele a encarou. Seus olhos verdes brilhantes estavam iluminados, seu sorriso mais do que um pouco contagioso. Ele não tinha tempo para conversar, mas quando se tratava dessa mulher, ele não conseguiu evitar. —Não estou brincando. —Disse ele.

—Eu sei. —Disse ela. —É por isso que é tão engraçado. —Seu jeans estava desgastado e desbotado e se encaixava no seu pequeno corpo curvilíneo, como um velho amigo amado. Ele amou sua camiseta, que lia Safada e Legal em seus seios e tinha pequenas tiras e era justa o suficiente para revelar que ela estava molhada e com frio.

O cabelo ruivo estava em camadas selvagens, alguns fios em volta de seus olhos, e ela sabia exatamente por que ele estava lá, mas ela se virou, querendo que ele perguntasse. Isso deveria ter irritado-o bastante, mas em vez disso ele estava divertido. —Diga-me que você tem tempo para Pita hoje. —Ele disse, com seu papo habitual, disposto a implorar se precisasse. Ontem Pita usou um conjunto muito caro de pincéis como seu arranhador de garra pessoal uma hora antes de uma reunião em que ele precisava desses pincéis.

—Você mudou seu uniforme de trabalho. —Disse ela em vez de responder. —Você está de terno.

—Um mal necessário hoje.

—Você parece... diferente.

Dividido entre a satisfação de que ela estava notando sua aparência e um incômodo inesperado que ela o julgara por suas roupas, ele não respondeu imediatamente. Ser julgado não era exatamente uma coisa nova para ele. Ele

tinha sido julgado por seus pais quando criança por não ser apenas estudioso. Ele tinha sido julgado na escola por não ser apenas um atleta ou um estudioso, mas em algum lugar no meio disso e como resultado, ele trabalhou duro para se encaixar em algum lugar e estava orgulhoso de sua capacidade. —Você me julga pelas minhas roupas?

—Não mesmo. —Ela disse em um tom que ele já tinha ouvido antes, o mesmo tom que novamente sugeria que ele deveria saber do que diabos ela estava falando.

—Tudo bem. —Disse ele. —Eu desisto. Eu quero uma explicação.

Ela olhou por cima de seu ombro para Elle, que deu de ombros. —Dê-lhe o inferno, querida. —Ela disse e pulou do balcão, saindo pela porta do lado do pátio.

Keane não perdeu tempo para isso. —O que eu estou perdendo? —Perguntou ele, determinado a descobrir por que por duas vezes ela se referia a um passado. E de repente, um pensamento estranho e desconfortável veio até ele. —Nos conhecemos ou algo assim?

—Por quê? —Ela perguntou, os olhos de repente afiados. —Você se lembra de mim de algum lugar?

—Não.

Willa olhou para ele por um longo segundo e depois sacudiu a cabeça. —Não, não nos conhecemos. Em absoluto. E para ser clara. —Ela acrescentou, esses olhos brilhantes se estreitaram agora. —Eu gostava mais de você como carpinteiro. —Com isso, ela tirou Pita dele e se afastou.

Às seis e dois daquela noite, Keane jogou sua caminhonete no estacionamento e correu pela chuva torrencial do outro lado da rua até o South Bark.

A porta da frente estava trancada, as luzes apagadas, exceto as inúmeras luzes de Natal pelo interior da loja, fazendo com que parecesse o Polo Norte no horário de Natal.

Com esteroides.

E crack.

O letreiro estava virado para fechado, mas havia um pedaço de papel nele que dizia:

A menos que você seja uma pessoa extremamente rude que está atrasada para pegar seu precioso pacote de amor, use a porta dos fundos.

Vixi, ele pensou secamente, a quem ela poderia estar se referindo...? Ele atravessou o pátio e entrou na porta dos fundos do South Bark para encontrar Willa até os cotovelos em espuma, dando banho num enorme Doberman.

—Quem é um bom garoto. —Willa estava dizendo para o cachorro com uma voz leve e boba que fazia o cachorro ofegar feliz. —Isso mesmo. —Ela falou docemente. —Você é, não é? Você é um bom menino?

—Bem, eu não gosto de me gabar. —Disse Keane, apoiando-se no batente da porta. —Mas eu tenho meus momentos.

Ela se virou para encará-lo. —Eu não ouvi você entrar. —Ela olhou para ele. —Você se trocou.

Ele olhou para o jeans e a camisa de manga comprida. —Acabei trabalhando em alguns problemas elétricos durante uma boa parte do dia até a tempestade chegar. —Disse ele. —Eu não queria me eletrocutar acidentalmente usando um terno e facilitar as coisas para o coveiro.

Ela não sorriu. —Você estava trabalhando com eletricidade nessas condições?

—O trabalho nem sempre espera pelo tempo apropriado. E não tenho preocupações, não me eletrocuto acidentalmente há anos.

Ela não respondeu, mas drenou a banheira e envolveu Carl numa enorme toalha. Ela colocou sua liga em um suporte. —Dê-me um segundo. —Ela disse

para Keane e desapareceu no corredor.

Ela não foi longe porque ele a ouviu dizer: —Preciso de um favor, você pode terminar com Carl para mim?

—Depende. —A voz de Rory. —O dono dele está aqui?

—Max? —Perguntou Willa. —Não, ele está com Archer em um emprego, mas logo estará aqui para pegar Carl, que só precisa ser seco e penteado. Por quê? Existe um problema com Max?

—Não. —Rory disse rapidamente. Muito rápido. —Tudo bem. —Ela disse em um suspiro. —Não consigo parar de pensar nele.

—E não consigo parar de pensar em queijo grelhado. —Disse Willa.

Rory riu. —Isso seria muito mais fácil. —Ela fez uma pausa. —Ele me convidou de novo.

—Entendo. —Disse Willa, sua voz mais suave agora. —Querida, ele é um dos bons. Archer não o teria em sua equipe de outra forma.

—Meu radar ainda está quebrado.

—Bem, eu entendo isso. —Disse Willa de forma taxativa e depois as duas voltaram para a sala.

Rory enrolou as mangas. —Eu cuido disso. —Ela sorriu para Carl. —E você é um encontro muito melhor do que a maratona de American Horror Story que eu estava planejando. —Ela beijou o cachorro bem entre as orelhas enormes e pontudas.

Carl lambeu o rosto do queixo até a testa, fazendo com que a menina risse.

Willa gesticulou para Keane segui-la pelo corredor para o que parecia ser o escritório dela.

Pita estava esparramada sobre uma mesa de madeira, as quatro pernas balançando no ar, como se estivesse morta e dura por dias.

Keane ficou parado em choque.

Não Willa. Ela riu e se moveu para a mesa para acariciar a barriga de Pita.

A gata bocejou largamente e se esticou, esfregando o rosto contra o pulso de Willa, e uma sensação ridícula de alívio veio para Keane.

Ele não precisava chamar Sally e dizer-lhe que Pita estava morta. Pelo menos não esta noite.

—Papai veio buscá-la. —Disse Willa, acariciando a gata.

—Engraçadinha. —Disse Keane e notou o aquário vazio ao lado de Pita. —Você estava como babá de peixe novamente?

—Estive. —Ela disse e soltou um suspiro lento e triste. —Eu deixei Petúnia correr por aí porque ela é tão doce e os clientes a amam, mas eu virei minha cabeça por alguns minutos para ajudar Rory com alguns preparativos e... —Ela engoliu em seco. —Eu acho que Petúnia estava com fome.

O coração dele parou. —Jesus. Você está brincando comigo?

—Sim.

Ele piscou para ela. —O que?

—Sim, estou brincando com você.

Ele apenas olhou para ela. —Isso foi malvado.

—Não chegue atrasado novamente. —Disse ela, mas caramba se o sorriso presunçoso dela não estava iluminando seu árduo dia como nada mais. Como ela conseguia fazer isso, irritá-lo tanto, era uma incógnita. —Desculpe, eu estava atrasado, vou pagar taxa extra.

Willa balançou a cabeça. —Foram apenas alguns minutos e você estava trabalhando com eletricidade. Eu não queria que você se precipitasse e acabasse eletrocutado.

—Ahh. —Disse ele. —Mais provas de que você se preocupa comigo.

—Eu me importo com o pagamento.

Ele riu. —Devidamente anotado. —Ele sabia que deveria pegar Pita e sair. Ele estava morrendo de fome, ele ainda tinha que lidar com uns papéis, e certamente também tinha coisas para fazer, mas ele não deu um passo para sair.

Eles ainda estavam se olhando quando uma mulher colocou a cabeça na porta do escritório. Keane a reconheceu como Kylie, uma das carpinteiras que dirigia a Reclaimed Woods, uma loja do outro lado do pátio que criava lindos móveis caseiros. Ele havia comprado várias coisas dela no ano passado. Ele sorriu a saudando quando percebeu que ela tinha uma cabeça de cão muito pequena olhando para fora do bolso no peito de sua jaqueta jeans.

—Ei, Keane. —Ela disse e Willa parecia surpresa por se conhecerem. —Ele é um cliente. —Disse Kylie. —Um dos bons. Escute... —Ela continuou com pressa, sua mão segurando a cabeça do cachorrinho protetoramente. —Estou cuidando desse carinha aqui para um amigo.

—Adorável. —Disse Willa, aproximando-se para tocar. —Raça?

—Difícil de dizer, ele tem apenas três semanas de idade. Ele ainda está se alimentando com mamadeira, mas estou pensando que é um Chihuahua.

Não era o que Keane pensava, não com as patas que eram quase maiores do que suas orelhas.

—Está muito frio para ele, eu acho. —Disse Kylie. —Ele se sacode o tempo todo. Eu estou preocupada que ele vá sacudir até os dentes saírem da cabeça dele. Todos os dois.

—Eu tenho algo perfeito. —Willa puxou o que parecia uma pilha de pequenos suéteres de boneca de uma gaveta da mesa.

—Você é uma salva vidas. —Disse Kylie, pegando um dos quatro trajes de papai Noel. —Me cobre por isso. —Ela se virou para Keane. —Quando você tiver uma chance, pare. Acabei de terminar o conjunto de móveis de madeira recuperados que você me viu trabalhando, o que... há uns seis meses atrás?

—Eu vou.

Ela deu um sorriso, deu um beijo para Willa pelos suéteres, e depois desapareceu.

Willa olhou para ela quando abriu seu laptop e digitou a senha. —Eu vi o olhar em seu rosto quando você viu as roupinhas de cão. Eu faço mais dinheiro com roupinhas de cães, colares deslumbrantes, tiaras e casamentos para cães do que com qualquer outra coisa.

—Você ganha dinheiro de qualquer maneira, Willa. É uma coisa boa.

Ela fez uma pausa e olhou para ele por um longo segundo, como se estivesse testando sua autenticidade.

—Quando vi você em ação naquele casamento. —Ele disse. —Fiquei impressionado. Pessoas e animais são importantes para você e você dirige um negócio realmente inteligente.

—Os animais me cercam. —Disse Willa calmamente. —Mas sim, fiz minha lição de casa antes de abrir este lugar para garantir que pudesse ganhar a vida com isso. E isso é melhor do que os meus sonhos mais loucos.

—Você deve se orgulhar de si mesma e do que você construiu aqui.

Ela parou, parecendo um pouco assustada, como se ninguém nunca tivesse falado isso para ela antes. E então ela mudou abruptamente o assunto, como se tivesse percebido que ela estava sendo legal. —Alguma notícia sobre sua tia?

Ele balançou a cabeça. —Eu não tenho certeza. —Era uma coisa difícil de admitir, porque ele era um cara que se orgulhava de sempre ter as respostas, ou pelo menos ser capaz de obtê-las. Mas a verdade era que, mas quando se tratava de sua família, ele nunca sabia muito.

Ele também não tinha pensado até Sally ter aparecido na sua porta há pouco mais de duas semanas agora, apoiando-se em uma bengala com uma mão, e na outra segurando o transportador cor de rosa de Pita. Ele pegou a gata

porque ela parecia tão frágil e preocupada, e ele queria aliviar algum estresse dela.

Ele nunca esperou *ainda* estar com a gata.

Willa pegou Pita da mesa e a maldita gata acariciou-se diretamente no pescoço dela. E pela primeira vez em sua vida, Keane ficou com ciúmes de um gato. —Sério, qual seu segredo com ela? Você usa atum como perfume?

Willa riu, um som musical suave e acariciou a gata de volta. —Digamos que eu fale o idioma dela.

—Sim? Que língua é essa?

—Algo que um homem como você não entenderia. —Ela beijou o rosto de Pita e gentilmente a persuadiu para o transportador. —O idioma da solidão.

Keane sentiu algo mudar no peito e apertar. —Você poderia se surpreender.

Ela olhou para ele por um tempo e, de repente, ficou muito ocupada, fechando o transportador, olhando para qualquer lugar além dele, que percebeu que ela estava envergonhada. Ele deslizou a mão sobre a dela, acalmando seus movimentos. —Janta comigo.

Ela piscou surpresa.

Sim, ele estava surpreso também.

—Me desculpe. —Ela disse hesitante. —Eu não deveria ter... sinceramente, não estava procurando por um encontro.

—Eu sei. —Disse ele. —Mas estou aqui porque quero continuar conversando com você, só que o meu estômago está grunhindo e exigindo sustento. Vamos, Willa. Nós dois estamos fora do trabalho e nenhum de nós está usando alianças de casamento. Vamos comer.

Ela olhou para ele. —Assim desse jeito?

—Assim desse jeito.

—Não parece uma ideia inteligente. —Disse ela.

—Por que não?

Ela hesitou e ele queria perguntar-lhe sobre o que Archer e Spence haviam dito naquela noite, sobre o fato de o ex dela ser um idiota completo, mas isso não era da conta dele. Isso não significava que ele não queria caçar o cara e ensinar-lhe uma lição.

Ou duas.

—Muitas razões. —Ela finalmente disse.

—Diga uma.

Ela abriu a boca e depois a fechou. —Eu realmente não posso oferecer uma única razão.

—Porque não há uma. —Disse ele. —Olha, se eu fosse Elle, você ia jantar comigo então?

—Claro. Ela é minha amiga.

—E Spence? Ou Archer? Se eu fosse um deles, você iria comigo?

—Novamente. —Disse ela, os olhos se estreitando. —Sim.

—Mas eu não.

—Não.

Ele pegou o transportador de gato de suas mãos e colocou-o em sua mesa. Então ele se aproximou, de modo que estavam cara a cara e mergulhou um pouco mais para olhar diretamente em seus olhos.

Ela respirou fundo. E essa também não foi sua única reação. Suas pupilas se dilataram e seus mamilos se esforçaram contra o material fino daquela linda camiseta com alças.

Ela estava muito ocupada distraindo-o com sua língua afiada e

inteligência, então ele quase perdeu isso. Mas essa atração insana que ele tinha por ela? *Ela também sentia isso*. —Diga-me o que fazer aqui. —Ele disse calmamente. —Eu sei que você está com fome. Posso ouvir o seu estômago grunhindo mais alto do que o meu.

Ela bateu as mãos sobre a barriga, seus dedos primeiros se toparam com seus abdominais, que saltou com o seu toque.

—Merda. —Ela disse, seus olhos arregalados presos no dele, o pulso na base da garganta ficando louco. —É uma fera barulhenta.

—Então deixe-me alimentá-lo. —Disse ele.

—Talvez eu não goste de você.

—Talvez?

—Ainda não decidi. —Admitiu.

Nenhum se afastando do desafio, ele sorriu. —Então você vai me avisar. Está pronta?

Quando ela ainda hesitou, ele roçou suavemente a almofada do polegar sobre o ponto do pulso em sua garganta. —Eu te deixo nervosa, Willa?

Ela levantou o queixo. —Claro que não. —Ela disse, a boca tão perto da sua que ele não podia deixar de encará-la, preso a necessidade de cobri-la com a dele.

—Especialmente. —Ela acrescentou suavemente com uma leve malícia naquelas profundezas verdes. —Já que eu poderia acertá-lo nas joias da família agora, se eu precisasse.

—Eu aprecio sua moderação. —Disse ele. —Podemos ir comer agora?

—Eu acho.

Ele riu. —Não me aborreça com todo esse entusiasmo.

—Simplesmente não... interprete alguma coisa a mais sobre isso. —Disse

ela.

Ele olhou nos olhos dela e sim, viu uma atração definitiva por ele. Atração relutante.

Ele aceitaria isso.

Ele pegou o transportador em uma mão e agarrou a dela com a outra.

—Com medo que eu mude de ideia? —Perguntou, parecendo divertida.

—Mais medo que você leve a cabo essa ameaça as joias da minha família.

Sua risada assustada o aqueceu até os dedos dos pés. *Que os jogos comecem*, ele pensou. Mesmo que ele não tivesse ideia de que jogo era esse.

Capítulo 3

#OPrimeiroCorteÉOMaisProfundo

Willa não tinha ideia do que pensava que estava fazendo concordando em sair com Keane para jantar, mas, aparentemente, seus pés sabiam porque a levaram de volta a sala de banho para contar a Rory.

A menina estava com as pernas cruzadas no chão na frente de Carl, escovando-o. Sentada de frente para ela, a cabeça de Carl era mais alta que a de Rory, mas ele ainda parecia feliz, sorrindo.

Carl gostava da atenção, era isso.

—Eu vou sair. —Disse Willa.

—Obrigado pela notícia.

—Eu vou com Keane.

Rory congelou. Apenas seus olhos viraram para Willa. —O inferno está congelado?

Willa suspirou. Dado que todos os seus sentimentos atuais por Keane estavam misturados com seus sentimentos passados por ele, dificilmente poderia explicá-lo a outra pessoa. —É apenas um jantar.

—Aham. —Rory murmurou, acariciando um Carl extático. —Lembre-se que foi você quem disse que nem o próprio diabo poderia arrastar seu cadáver frio e morto para um encontro com Keane, mesmo que ele fosse gostoso pra caramba.

—Shh! —Willa olhou rapidamente para trás, mas felizmente Keane não a seguiu. —Tudo é muito... complicado.

—Complicado. —Repetiu Rory, divertida. —Talvez devêssemos conversar

sobre como a sementinha do homem entra na mulher, assim como você sempre tenta comigo quando eu me envolvo com as pessoas erradas.

—Engraçadinha. —Disse Willa. O fato era que ambas se sentiam atraídas pelos homens errados, *ainda*.

Mas Rory estava em uma sequência, marcando os pontos em seus dedos. —Um: não durma com ele no primeiro encontro, por mais que ele beije bem.

—Oh meu Deus, mantenha sua voz baixa! —Willa olhou para trás novamente. —Eu não vou dormir com ele no primeiro encontro. — Mesmo que o tom baixo e sexy de sua voz fizesse coisas muito interessantes e muito perturbadoras para o seu corpo. Não, ela não iria por aquela estrada porque essa estrada levava a sua queda toda vez. Era apenas um jantar, era isso. Era a única maneira de garantir sua segurança emocional. Não mais se apaixonando rapidamente por um rapaz. Não. Não vai acontecer.

Rory não terminou de recitar as notas. —Dois: um ambiente público, não tire os olhos da sua bebida e não tome mais do que uma.

Qualquer humor nessa inversão de papéis desapareceu rapidamente quando a conversa deu uma volta que ela não esperava, mas que deveria dar. Nenhuma delas jamais esqueceria a noite em que Rory se tornara parte da vida de Willa.

Rory tinha estado no sistema de acolhimento por dez anos, quando ela completou 18 anos e foi solta no mundo grande e mau, sozinha.

E Willa conhecia bem esse sentimento. Parecia que estava sendo jogada fora.

Rory conheceu um cara em um bar que parecia divertido e carismático. De alguma forma, ela não notou suas características predadoras.

Willa caminhava pela Marina Green uma noite, quando encontrou Rory no parque, doente como cão pela droga que tinha sido despejada em sua bebida. Willa a levou para o hospital, ajudou-a a se recuperar dos eventos que ela nem conseguia lembrar direito, deu-lhe um emprego e basicamente a intimou a voltar

à vida.

Willa sabia que Rory sentia que lhe devia por tudo isso, mas ela não devia. Ela também sabia que Rory faria absolutamente qualquer coisa por ela, o que ela levava muito a sério. Ela tinha. Porque uma vez ela também foi aquela garota perdida.

Rory a observava, seus olhos revelando sua preocupação.

—Eu vou ficar bem. —Disse Willa. —Mesmo.

Só então veio uma única batida na porta dos fundos. Max estava lá em uma calça cargo, camisa de trabalho e equipamento de serviço completo, parecendo muito malvado, claramente vindo de um trabalho com Archer. —Oi. —Ele disse, os olhos seguindo diretamente para Rory. —Como vai?

Como aparentemente Rory havia engolido sua língua, Willa sorriu para ele. —Ótimo. Rory está acabando com Carl. —Ela olhou para Rory. —Tranque para mim?

Ainda silenciosa, muito diferente do normal... Rory assentiu.

Willa pensou que talvez estivesse faltando um pedaço do quebra-cabeça aqui, mas não podia perguntar a Rory com Max ali de pé tão alto e bonito, seus olhos também guardavam segredos. Willa deu a Carl um beijo na cabeça e depois o mesmo em Rory, fazendo a menina rir.

—Vai logo. —Disse Rory, parecendo envergonhada.

—Fique bem. —Disse Willa a ela.

—Eu vou me certificar disso. —Max disse a Willa parecendo sério.

Sim. Definitivamente faltava uma peça do quebra-cabeça. —Obrigada.

Ele assentiu e cinco minutos depois, ela e Keane saíram para a caminhonete. Ele colocou o transportador de gato com cuidado no banco de trás, como se fosse uma bomba, mas a fez sorrir quando hesitou e então trancou um cinto de segurança ao redor.

Quando ele a pegou olhando, ele deu de ombros. —Ela é apenas perigosa o suficiente para se afastar do assento e morrer e depois voltar para me assombrar, então estou tomando todas as precauções necessárias. —Ele abriu a porta do passageiro para ela, mas a pegou antes que ela pudesse deslizar para dentro. —Você está com frio.

Na verdade, estava congelando. —Eu esqueci minha jaqueta esta manhã ... não, não me dê a sua. —Ela disse quando ele fez menção de tirar a dele.

Então, em vez disso, ele abriu os braços e a envolveu o máximo possível. Peito com peito, coxa com coxa... e tudo no meio se esmagando, bem aconchegante.

Exceto que não parecia aconchegante.

Parecia... sexy como o inferno.

Teria assumido mais controle se ela tivesse mantido as mãos para si mesma. Ela as envolveu ao redor dele, deixando seus dedos rastrear os músculos esculpidos nas costas dele.

Ao seu toque, seu olhar se encontrou com o dela, escuro e aquecido. *Ai caramba*. Ela estava com problemas aqui, e se forçou para se afastar e se sentar.

Um minuto depois, ele circundou a frente da caminhonete e deslizou atrás do volante. Ele virou para olhar para Pita como se fosse uma cascavel pronta para o bote.

Willa riu e Keane virou toda aquela atenção sobre ela. —O que?

—Estou imaginando Petúnia voltando dos mortos para assombrá-lo.

Com um leve sorriso, inclinou-se para perto dela e deslizou os dedos ao longo da sua mandíbula. —Você acha isso engraçado?

—Eu faria o mesmo.

Sua boca se curvou. —Vingativa, hein?

—Absolutamente.

Seus dedos ainda em sua mandíbula, ele deixou seu polegar deslizar ligeiramente sobre o lábio inferior, fazendo ansiar por um toque.

Seu toque.

Não, faça isso com a boca. Ela queria a sua boca na dele e isso não era o que mais lhe irritava. —Isso não vai rolar. —Disse ela em voz alta, porque certamente falar isso faria ser verdade.

—O que não? —Ele perguntou. —Jantar comigo apesar de você dizer que nem o próprio diabo poderia arrastar seu cadáver frio e morto em um encontro comigo, mesmo que eu fosse... como você colocou isso? Gostoso pra caramba?

—Eu não disse isso! —Ela sentiu seu rosto avermelhar. Ela estava fazendo o seu melhor para desesperadamente deixar de lado seu ressentimento em relação ao passado, mas podia admitir que estava rapidamente perdendo a batalha aqui, para a curiosidade.

E a luxúria.

—Se você vai escutar escondido. —Ela disse com toda a dignidade que podia, o que não era muito. —Pelo menos, fique fiel aos fatos.

Ele apenas riu, um som sexy que despertou todos os seus pontos felizes, maldito seja. E ele também sabia disso. Ela se afundou um pouco mais no banco, cruzou os braços sobre o peito e olhou pela janela. —Divirta-se com tudo o que quiser, eu aguento firme.

Ele não parecia preocupado.

O que, por sua vez, a preocupou.

Eles pararam na rua Vallejo, no topo da colina alinhada com belas casas vitorianas antigas. Aqui, as casas eram grandes, lindas e caras. Aquela na frente deles tinha um andaime em torno dela, o que não tirava a beleza do lugar.

—Espere aqui. —Disse Keane e alcançou atrás dele para pegar o transportador da gata. —Eu vou levar a anticristo para dentro antes de irmos, então ela não precisa ficar na caminhonete durante o jantar.

—Você vive aqui?

—É um dos meus projetos de renovação. É também o meu escritório e onde eu temporariamente descanso minha cabeça à noite.

—É linda. —Ela suspirou, incapaz de tirar os olhos dela. —Uma das casas mais lindas que já vi.

Ele sorriu. —Obrigado, mas você deveria ter visto quando eu cheguei há alguns anos atrás. Você não teria dado uma segunda olhada. —Ele começou a sair da caminhonete, mas então hesitou. —Você ainda estará aqui quando eu voltar, não é?

Ela queria ver dentro daquela maravilhosa casa. —Você poderia me levar com você para garantir isso.

—Eu confio em você. —Disse ele.

Ela não caiu nisso nem por um segundo. O que ela entendeu era que ele não queria que ela entrasse. —Você deixa pratos na pia? —Perguntou ela. —Roupa por todo o chão? Ou talvez você tenha alguém lá esperando por você... —Ela estava apenas brincando, mas não gostou de pensar que poderia ser verdade.

—Você quer dizer uma mulher?

Bem, quando ele dizia assim, parecia idiota. —Não importa. —Disse ela. —Faça o que você tem que fazer.

Ele esperou um segundo e depois colocou o transportador de novo e se inclinou para perto dela. Com uma mão no encosto para a cabeça e outra no assento ao lado do quadril, ele a enjaulou, seu rosto a um centímetro do dela.

Sorridente.

Presunçoso. Ele era uma tentação personificada e sabia disso. E, ele cheirava tão bem. Ela não tinha ideia de como ele conseguia trabalhar o dia inteiro fazendo o que ele fazia e ainda cheirar assim. Ela fechou os olhos, ficando imóvel em vez de fazer o que queria, que era enfiar seu rosto no pescoço dele e inalar como se ela fosse uma trombadinha com uma garrafa de cola.

—Você quer subir, Willa? —Ele perguntou, com a voz que era puro sexo.

O que ela queria era colocar as mãos no peito dele agora que ela sabia que era tão duro quanto parecia. Em vez disso, agarrou cada um dos lados do assento até as juntas ficarem brancas. —Claro que não.

—Eu acho que você quer. Eu acho que você quer outra coisa também.

—O que eu quero. —Ela disse tão friamente quanto podia. —É o jantar prometido.

—Mentirosa. —Ele respondeu suavemente.

—Bem, isso é bem grosseiro, chamar seu encontro de mentirosa.

—Então *é* um encontro. —Seu tom era muito masculino e presunçoso. Isso deveria ter lhe irritado, mas, em vez disso, fez algo quente e erótico para o seu interior.

Claramente sabendo disso, ele sorriu para ela e então arrastou os dentes sobre o lábio inferior enquanto a contemplava.

Ahhh. Ela queria fazer isso. E ela queria fazer mais também. Ela o desejava tanto, que de repente, não conseguia lembrar por que não deveria. Ela tentou acessar seus pensamentos sobre o assunto, mas seu cérebro congelou. O que certamente foi a razão pela qual ela soltou o aperto em seu assento, deslizou seus dedos nos cabelos dele e... roçou a boca na dele.

Ele não se moveu, nem um só músculo, mas quando ela recuou, seus olhos escureceram como a noite, preenchendo-a com a sua intensidade.

—Não entenda mal. —Ela sussurrou.

—Que mal há quando uma linda mulher te beija?

—Humm...

Ele riu baixo, como se ela o encantasse, e então ele refletiu o que tinha feito. Ele deslizou as mãos pela garganta dela e para o seu cabelo, intensificando o prazer que já causava estragos em seu corpo, de modo que o desejo atravessou

seu peito direto até seu estômago e, em seguida, muito mais abaixo.

—Humm...

Seus lábios curvaram. —Você já disse isso.

Ela riu nervosamente, se sentindo com dezesseis anos novamente e boba, mas, sério, se sua voz diminuísse mais um pouquinho, ela ficaria embaraçada aqui. Era tão profunda e rouca que ela podia *sentir s*uas palavras. —Eu...

Ele esperou que ela falasse, mas honestamente, ela não tinha nada a dizer. Nenhum único pensamento em sua cabeça.

Ele sorriu, um sorriso perverso e impertinente, e a mão em seu cabelo lentamente puxou a cabeça para trás. E então ele abaixou a boca perfeita para a dela em um beijo devastadoramente lento e sem pressa, selando seus lábios contra os dela enquanto um poderoso braço enrolava em torno de seu quadril para mantê-la no lugar.

Poderosas ondas de calor surgiram dentro dela que deu um gemido indefeso, levando-o a apertar sua força sobre ela e aprofundar a conexão com um ângulo melhor e com muito mais língua.

Ela começou isso, ela estava no comando, mas não estava mais nem remotamente controlada. Por um segundo, ela deixou seus dedos vagarem, provocando um gemido do fundo da garganta dele, um som incrivelmente erótico. Então ela se afastou e olhou para ele.

—Não tenho ideia do que fiz para merecer isso. —Ele murmurou, acariciando um dedo ao longo da sua pele de seda. —Mas vou deixar Pita agora antes que isso vá longe demais.

Seus olhares se seguraram e ela podia ver o humor brilhando no dele, enrugando nos cantinhos. Certo, pensou. Boa. Um deles ainda podia pensar.

—Ok? —Ele perguntou, que foi quando ela percebeu que agarrava sua camisa, segurando-o para ela.

—Claro. —Ela se obrigou a afrouxar o aperto, suavizando as rugas que ela

deixara, e novamente ela podia sentir seu abdômen tensionado através do algodão. Muito tensionado.

Ela queria lambê-lo como um pirulito.

Mas ele não queria que isso fosse longe demais. Não com ela. Ela precisava lembrar disso. Talvez ela devesse escrever para não esquecer. Ela estava balançando a cabeça para si mesma quando ele falou seu nome e depois esperou até que ela o olhasse.

—Não que eu não queira ir muito longe. —Ele disse, seu olhar revelando calor e a força bruta que ela estava se acostumando a ver nessas profundidades escuras quando ele olhou para ela. —Mas não na minha caminhonete, Willa. Não com você. —Ele saiu do carro e esperou enquanto ela fazia o mesmo. Então pegou o transportador com Petúnia e com a outra mão, agarrou a dela.

—Tudo bem. —Disse ela rapidamente. —Eu posso esperar aqui.

—Não dê para trás agora. —Disse ele, parecendo divertido. —Você pode saciar sua curiosidade e verificar que eu não tenho dois compromissos hoje á noite.

Ela tentou se livrar de seu controle, mas ele a manteve, e ela riu um pouco para si mesma, que idiota gostoso, enquanto ele a cutucava para entrar na frente dele.

Ela imediatamente esqueceu por que estava brava. O andar principal era rico em detalhes arquitetônicos vitorianos: lindas guarnições, uma escada artesanal com grades ornamentos de madeira. Luminárias encantadoras pendiam lindamente na entrada e na sala de estar, homenageando o estilo do período da casa.

—Uau. —Ela murmurou, ocupando o espaço surpreendentemente aberto, que ainda estava protegido da reforma com lonas nos corredores e nos pisos de madeira. Ela podia ver a cozinha aberta e a lareira, assim como o loft ainda inacabado acima e à esquerda. A sala de jantar e sala de estar estavam sendo claramente usadas como um escritório.

O que ela não viu foi uma única decoração de Natal. —Você disse que você mora aqui? —Perguntou ela.

—Temporariamente.

—Não há decorações de natal.

—Não. —Ele inclinou-se para abaixar o transportador e abri-lo. Elevando-se em toda a sua altura, ele olhou para a coisa, as mãos nos quadris como se estivesse preparado para a guerra. —Eu tenho três projetos agora. Este é um deles.

Ela olhou em volta maravilhada. —Como você começou a fazer isso?

—O resumo disso é que eu implorei, emprestei e roubei o dinheiro para a primeira propriedade decaída e depois chutei um traseiro para não perder tudo no negócio.

—Decaída? —Perguntou.

—Nesse primeiro caso, uma execução hipotecária. Eu dei uma maquiada e rapidamente vendi recuperando um pequeno lucro, ênfase no pequeno. —Ele deu um sorriso rápido. —Eu melhorei com o passar do tempo.

—Alguém teve que sair de sua casa? —Perguntou ela. —E você ganhou com isso?

—Eles escolheram sair. —Ele disse pragmaticamente. —O banco queria o dinheiro de volta. Eu comi macarrão e queijo durante um ano inteiro para que funcionasse.

Certo, ela entendeu isso. Porque como ele tinha dito a ela, você ganha dinheiro, como quer que você ganhe dinheiro. Ela observou os detalhes lindos e incríveis de seu trabalho e ficou maravilhada com seu talento. —É incrível.

—Você não teria dito isso se tivesse visto anteriormente. —Disse ele. —Era uma completa destruição. Eu tenho esse lugar a mais tempo. É o trabalho mais difícil que qualquer outro projeto. Eu realmente preciso colocar no mercado, já deveria ter feito isso.

Ela estava espantada. —Como você pode se livrar desse lugar? Você colocou seu coração e alma nisso.

—Vale muito dinheiro. —Ele disse, não dando muito mais informação, embora houvesse algo em sua linguagem corporal, nos seus ombros largos talvez, que lhe dizia que não estava recebendo toda a história.

—O lucro entrará para o meu próximo projeto. —Disse ele.

E ainda assim ele não tinha vendido. Possivelmente significava muito para ele, e ela certamente poderia ver o porquê. —Talvez você esteja ligado a isso. —Disse ela.

Ele sacudiu a cabeça com surpresa. —Não me apego.

Ela olhou para ele. —Nunca?

—Não há lugar para isso no meu mundo.

—Ahh. —Ela disse, pensando em todos os seus atributos. Seus amigos, que também eram sua família. Rory, Cara e todos os outros que contratou. —Eu me apego a tudo e a todos. —Ela admitiu.

—Não brinca.

Isso a surpreendeu. —O que isso significa?

Ele olhou para ela e riu suavemente. —Eu vi você em ação, Willa. Parece que, assim que você faz um amigo, você os mantém até o fim dos tempos. A mesma coisa com os animais. Tenho certeza de que você nunca encontrou uma criatura de duas ou quatro pernas pela qual você não se apaixone. Você coleciona corações e almas, como a maioria das mulheres colecionam sapatos.

—Ei. Eu coleciono muitos sapatos. —E de qualquer forma, ele estava parcialmente certo. Talvez ela tenha coletado corações e almas, mas não as manteve. Ser filha adotiva lhe ensinou muito bem. Você só empresta as pessoas e os animais, que você ama. Você não pode mantê-los.

Mesmo quando você quer.

—Eu realmente amo este lugar. —Ela murmurou, dando uma volta lenta. —É tão calorosa e acolhedora. Se essa casa fosse minha, eu nunca a deixaria

—Essa é a coisa, não é minha casa, na verdade.

—Onde é sua casa então? —Ela perguntou.

Ele fez uma pausa. —Ainda não encontrei uma. —Ele olhou em volta como se estivesse vendo pela primeira vez. —Se estivesse pronta, gostaria que fosse um lugar como este, mas agora é onde eu durmo e trabalho. Eu tenho um pouco de trabalho para finalizar agora, antes que eu possa colocá-la no mercado.

Ela o observou enquanto falava. Ele se virou para olhar para o transportador, mas isso não foi o que chamou sua atenção.

Não, era que ele não estava caindo no que ele estava tentando fazê-la cair. Se ele realmente tinha acabado com a propriedade ou não, ela não fazia ideia, mas tinha a sensação de que ele não estava *pronto* para acabar.

Talvez... talvez ele pudesse se apegar às coisas. Coisas como esta casa. E... ela.

Desta vez, o pensamento fora de lugar soou todos os alarmes internos. Ela teve que trabalhar para manter seu rosto vazio sem mostrar seu pânico. Isso não aconteceria. Ela não permitiria. Não aqui, não com ele, porque sabia por experiência que, uma vez que o pitbull que era o seu coração, mordesse algo, precisaria um milagre para deixar ir.

Capítulo 6

#MeAcerteComOSeuMelhorTiro

Enquanto Willa permanecia parada pensando sobre seus sentimentos indesejados por Keane, o mundo continuava girando, completamente inconsciente de sua infeliz epifania.

Era o seu maior desejo que Keane continuasse inconsciente, o que significava que ela tinha que ter cuidado porque ele não era o tipo de cara que deixava escapar algo.

Ou nada.

Felizmente, Petúnia escolheu esse momento para sair de seu transportador, nariz para o ar, a cauda balançando de um lado para o outro, toda a atitude da rainha.

Até que ela viu Willa. Então, imediatamente, soltou um suspiro feliz e trotou, sua barriga gordinha balançando de um lado para o outro enquanto se enrolava nas pernas de Willa, ronronando.

—Ingrata. —Disse Keane suavemente.

Willa relaxou um pouco. Ok, eles estavam seguindo em frente. Isso era bom. Isso era ótimo, e ela soltou um longo suspiro que manteve em sua garganta com as próximas palavras de Keane.

—Qual é o problema?

—Nada.

Sua expressão era duvidosa. —É alguma coisa. Algo está diferente. É a casa de alguma forma, ou o beijo?

Oh, pelo amor de Deus. A maioria dos homens são tão distraídos. Por que

ela tinha que beijar justo aquele que não era?

Não, eles definitivamente não precisavam falar sobre isso.

Petúnia, claramente cansada de seres humanos, se afastou e Willa a observou ir, melancólica. Por que ela não era um gato? Por que ela não tinha ficado na caminhonete?

—Willa.

—Humm... espere um segundo, meu celular está tocando. —Ela puxou-o do bolso como se tivesse recebido uma mensagem de texto importante. Ela criou uma nova mensagem e digitou rapidamente.

Dela:

Alskjfa; oiw; af; o3ij; asjfe

Ela recebeu uma resposta imediata.

ChefeDeTodasAsCoisas:

Você está me enviando uma mensagem sem sentido, então você está ocupada na frente de alguém com quem não quer falar de novo? Quem é dessa vez, aquele cara da UPS com gengivite?

Willa começou a dar uma resposta, mas Keane apareceu atrás dela, *bem* atrás dela, e mesmo que ele não estivesse tocando nela, ela podia sentir seu calor, a força em seu corpo grande, e ela sentiu uma adrenalina tão forte que seus joelhos balançaram.

Seu celular soou com outra mensagem de texto recebida e, supondo que fosse Elle a provocando, ela ignorou. Mas atrás dela Keane envolveu seus dedos em torno de seu pulso e trouxe a tela para que pudesse ler.

Não era Elle.

ExnamoradobabacaNÃOatenda:

Saudades.

—Eu especialmente gostei do seu nome de contato para ele. —Disse Keane. —O infame Ethan?

Willa assentiu devagar porque realmente ficou atônita ao ouvir o cara depois de tudo que aconteceu. Ethan tinha começado tão normal, mas lentamente se transformou em um homem possessivo, ciumento e irritado. Aconteceu gradualmente o que, no início, ela pensou que estava exagerando. Ela lembrou-se de que ele tinha sido bom com ela, e como uma boa pessoa, ela dobrou seus esforços para fazê-lo ver que ele não tinha nada com que se preocupar.

Erro clássico.

Quando ele explodiu no pub uma noite por ela dançar com Finn e tentou fisicamente levá-la para fora do lugar, ela tomou uma posição. Na verdade, ela jogou uma bebida em seu rosto e ele gritou como um bebê.

Foi quando ele foi expulso do pub por Archer.

E então, Willa o expulsou da vida dela.

No dia seguinte, ela encontrou sua caixa registradora da loja esvaziada dos trezentos dólares e uma pilha de seus cartões de presente desaparecidos.

Durante muito tempo, ela se culpou e então bancou a louca e tentou se desculpar. Mas essa dor desapareceu, substituída por uma maturidade duramente conquistada. Ela não era mais a mesma mulher que daria a um perfeito estranho a outra face para apanhar. No entanto, ela adorava a gata de um perfeito estranho, e nesse pensamento, ela resmungou.

—É engraçado? —Perguntou Keane.

—Não engraçado tipo hahha. Mais como... —Ela imitou uma arma com seu primeiro dedo e o polegar, trazendo-os até a têmpora dela. —Exploda meu cérebro.

Keane não parecia divertido. —Este é o esquisitão, não é?

Como ele parecia muito mais tenso, ela sorriu para mostrar que não estava incomodada com essa explosão de seu passado. Inferno, ela estava se acostumando com isso. —Me dê um segundo?

Ele assentiu, mas não foi embora. Okaaay. Então ela formulou sua mensagem de resposta com um público:

A pessoa que você está tentando alcançar enviou essa mensagem para a polícia, que ainda está tentando localizá-lo. Por favor, envie seu novo endereço e local de emprego para facilitar para eles, mas saiba que não é necessário, pois isso foi um crime grave e eles rastrearão você pela triangulação da torre de sua operadora de telefonia celular.

Ela sentiu Keane, como uma grande e forte presença às suas costas. —Exatamente o que esse cara fez com você?

Nada que ela quisesse falar agora. Ou nunca. —Nada mais do que o nome de contato que dei a ele.

—Eu gostei especialmente da coisa da operadora de celular. —Disse Keane.

Ela riu um pouco. —Eu realmente não sei se isso é verdade. Eu vi uma vez no Criminal Minds e ficou comigo.

—Legal. —Sua voz era quente e aprovava. —Agora envie o texto para os policiais como você disse.

Ela fez uma careta. —Na verdade, eu estava brincando sobre essa parte. Mas prometi a Archer, que o deixaria cuidar pessoalmente se Ethan me contatasse novamente. Archer era um policial e não perdeu nenhuma das suas habilidades. —Ela esticou o pescoço e encontrou o olhar de Keane. —Eu acho que ele realmente está ansioso por isso.

—Bom. Encaminhe a mensagem.

—Agora?

—Agora.

Está bem então. Ela encaminhou a mensagem para Archer. —Sente-se melhor? —Ela perguntou enquanto o celular tocava com a resposta imediata de Archer:

Tratando disso. Não se preocupe.

—Sim. —Disse Keane. —Eu me sinto melhor.

Eles saíram da casa, com Willa dando uma última olhada para trás enquanto caminhavam para a caminhonete. Parecia um pouco bobo, mas era o que ela tinha feito.

Keane dirigiu para o Embarcadero. Ele tinha uma visão que eclipsava qualquer outro lugar da cidade, pelo menos na opinião de Willa. Eles caminharam pela água e pararam para contemplar a baía.

—Achei que comeríamos aqui. —Disse Keane para o Waterfront Restaurant atrás deles.

Ela hesitou. —Quando você disse "vamos comer alguma coisa", pensei que nós teríamos um hambúrguer ou um taco. —Disse ela. —Eu não acho que estou vestida para isso.

Ele deixou seu olhar atravessá-la, analisando seu suéter e calças jeans justa. Ela precisaria perder uns quatro quilos antes que pudesse chegar em qualquer lugar, perto de magra.

—Eu gosto do que você está vestindo. —Disse ele. —Você está linda.

Isso realmente a deixou sem palavras.

—E de qualquer maneira, estou com muita fome para um lanche rápido.

Ela olhou para ele. —Isso tem um duplo sentido?

—Na verdade, pode ter um triplo sentido.

Ela riu e olhou para a fachada do restaurante. Ela tinha passado pela frente o suficiente, sempre babando com a excelente vista e o menu, mas nunca tinha realmente entrado.

No fim, a comida era fantástica.

E a companhia também, droga.

Enquanto eles comiam, observaram a lua cair acima da água. Uma brisa salgada vinha do pátio exterior, misturando-se com o ar quente saindo dos aquecedores ao lado de cada mesa de jantar.

Foi inesperadamente... romântico. Tanto que teve que continuar lembrando seus hormônios para tomar uma pílula gelada, e não quer dizer que eles a ouvissem. Ela estava muito atraída por Keane para o seu próprio bem. Ele era inteligente, engraçado, sexy... em algum momento, ela surgiu com a brilhante ideia de se concentrar no que ela não gostava. —Por que não há decorações de natal em sua casa? —Ela perguntou.

—Porque você comprou todas as decorações da cidade.

Ok, então ela teve que rir disso. —Elle acha que minha loja parece que um bebê vomitou o Natal e o Ano Novo em tudo.

Ele sorriu e ela pensou *bingo*, algo mais que ela não gostava sobre ele, ele não apreciava sua necessidade obsessiva de celebrar os feriados, estilo exagerado.

—Poderia ter sido pior. —Disse ele. —Eu não vi o Papai Noel representado em qualquer parte em sua loja.

—Ele chegará em breve. —Ela admitiu. —Estou fazendo um Papai Noel no Extravaganza. Os clientes trazem seus animais de estimação para serem enfeitados e então podem entrar em um estande fotográfico com o Papai Noel.

—Legal. Eu adoro o seu espírito empreendedor. —Ele sorriu. —Então você fica louca por todos os feriados ou apenas o Natal?

Porque a questão era genuína e não parecia haver qualquer zombaria em seu olhar sombrio, ela respondeu com mais honestidade do que pretendia. —Sim, todos os feriados. É um resquício desde quando eu era criança e nem sempre podia comemorá-los.

O sorriso dele desapareceu quando olhou para ela e, de repente, desenvolveu um fascínio pelo último gole de vinho.

—Os seus pais não gostavam dos feriados? —Perguntou.

Ela deu de ombros. —Meu pai se matou enquanto caçava com seus amigos quando eu tinha dois anos. Minha mãe era jovem quando me teve, muito jovem. Ela é... não realmente talhada para ser mãe.

Um eufemismo. Ela melhorou ao longo dos anos, o suficiente para ligar e dar uma checada de vez em quando.

E pedir dinheiro.

Keane passou a mão sobre a dela e apertou suavemente os dedos. —Estou feliz que você cuida dos feriados então. O mesmo tempo, o Pai Tempo[3], vem no ano novo?

—Não. —Ela disse com uma risada e depois confessou o resto. —Mas o Cupido vem no Dia dos Namorados.

Ele olhou para ela e depois explodiu numa risada, um som que ela estava se tornando viciada. Droga. Ela rapidamente vasculhou seu cérebro para encontrar mais coisas que não gostava nele. Como ele não parecer disposto a se apegar a Petúnia, e não incapaz, o que seria diferente. Além disso, ele claramente não apreciava plenamente suas habilidades de decoração. E então havia o fato de que ele beijava como sexo em pessoa, Não, espere. Isso era uma vantagem não uma desvantagem.



[3] não muito comum na nossa cultura.

—E você? —Perguntou ela. —Qual é a sua opinião sobre os feriados?

—Eu não tenho um motivo tão bom quanto você para ir de um jeito ou de outro. —Disse ele. —Eu fui uma surpresa infeliz no final da vida para dois professores universitários que já haviam criado duas filhas. Eles estavam realmente focados em seus trabalhos. Os feriados ficavam no caminho desse trabalho.

Bem, isso soou solitário. E triste. —Então você também não conseguiu celebrar muito? —Ela perguntou, de repente se sentindo... pequena. De volta à escola, julgou-o por ser um atleta, quando talvez o esporte tivesse sido tudo o que ele tinha tido.

E se esse pensamento não abrisse uma grande caixa de Pandora...

—Não, há muita celebração na casa dos Winters. —Disse ele. —E você não queria minha pena, Willa, então não se atreva a sentir. Eu não conhecia nada diferente. Não me incomodou.

—Mas... —Ela engoliu o resto dessa frase porque ele estava certo. Ele tratou seu orgulho com respeito e ela precisava fazer o mesmo. —Vocês todos mantêm contato?

—Não tanto quanto deveríamos. —O arrependimento franziu suas características. —Eu quase nem sabia que tinha uma tia-avó Sally até que ela apareceu na minha porta há pouco mais de duas semanas.

Willa passou alguns anos procurando por sua família há muito perdida, sem sucesso. Ela foi atraída por essa espiada na vida de Keane. —Mesmo?

—Sim. Ela é a irmã da minha avó. —Disse ele. —E aparentemente houve uma disputa grande há cinquenta anos envolvendo as duas apaixonadas pelo mesmo homem.

—Uau. Quem acabou ficando com o cara?

—Minha avó. —Disse ele. —E então acho que ela pegou sua irmã flertando com ele e acusou Sally de tentar roubá-lo bem debaixo de seu nariz. Isso

dividiu a família.

—Isso é horrível.

—Tenho certeza de que, mesmo sem o escândalo, teríamos todos nos separados. —Disse ele. —Não somos muito de emoção, nós os Winters. Nós gostamos de manter tudo fechado e nós somos bons nisso.

Ela balançou a cabeça porque, embora soubesse que ele acreditava nisso, ela o viu exibir emoção, muita. Frustração e exaustão quando ele trouxe sua Petúnia na primeira vez. Raiva, embora tivesse feito o seu melhor para escondê-la, quando viu a mensagem de texto de Ethan.

E então houve a explosão de paixão e calor quando ele a beijou.

Sim, ele sentia muito. Ele simplesmente não gostava.

E isso ela podia entender. Ela não gostava quando as emoções ganhavam dela também. A diferença entre ele e ela era que ele poderia fechá-las e se afastar.

Ela não era assim.

Depois do jantar, eles caminharam um pouco mais, terminando dentro do mercado colorido no Ferry Building. Ela comprou uma torrada de pão fresco e Keane pegou o que parecia um whisky caro. Quando ela começou a entrar em pânico que a noite estava parecendo muito como um encontro real, ela fingiu ficar chocada com a hora e sugeriu que tinha que ir para casa.

Keane não deu nenhuma indicação de ter ficado irritado ou desapontado, apenas pegou sua mão e a levou de volta para a caminhonete. Quando ele dirigiu o quarteirão até o seu prédio, fazendo-a perceber que ele estava procurando por um lugar para estacionar, ela sacou.

Um, sua barba rala a fazia doer fisicamente com a vontade de sentir isso roçar a sua pele.

Dois, ele tinha uma garrafa de bebida alcoólica.

Três, ele estava claramente planejando levá-la até o apartamento dela.

Tudo somou a uma verdade incômoda, se ele apenas olhasse para a sua boca daquela maneira quieta, masculina e atenta, provavelmente ela pularia nele.

—Não se preocupe em encontrar um lugar. —Ela disse rapidamente, alcançando a maçaneta da porta enquanto ele desacelerava, seu olhar em um carro à frente que estava se preparando para se retirar. —Eu posso descer aqui. —Ela sorriu para ele e esperava que os seus olhos não estivessem revelando seu pânico. —Muitoobrigadapelojantar. —Ela disse rapidamente e pulou.

—Willa. Espera...

Mas não, ela não podia. Ela precisava dar o fora dessa caminhonete antes de fazer algo incrivelmente estúpido. Então foi para o pátio do prédio sem olhar para trás.

Era como uma segunda natureza parar na fonte e procurar nos bolsos. Petiscos para cães. Suas chaves. E sim, um centavo, que ela jogou na água para fazer seu desejo habitual.

O velho Eddie, o sem-teto que morava no beco, levantou a cabeça. Ele estava sentado na sua caixa entre duas lixeiras[4], seu lugar favorito, porque de lá ele podia ver o pátio e a rua. Ele sempre era cortante e sorridente, mas esta noite seu sorriso estava desprovido de sua potência usual.

—Algum de seus desejos se tornou realidade? —Perguntou.

—Ainda não. Você está bem?

Ele deu de ombro. —A espera do meu espírito natalino.

Muitas pessoas no prédio se revezavam para se certificar de que Eddie tinha tudo o que precisava, mas principalmente Spence, ela e Elle no comando. Eles tentaram levá-lo a um abrigo várias vezes, mas ele preferia o seu beco. Ela

---

4 

olhou para cima e pôde ver por que ele ainda não achou seu espírito natalino: estava escuro e úmido. —Trouxe o jantar. —Ela disse e entregou-lhe a sacola do restaurante. —Linguine de lagosta. Ruim para a nossa dieta, mas totalmente incrível.

—Obrigado, garotinha. Qual é a pressa? Encontro ruim?

—Pior. —Disse ela. —*Ótimo* encontro.

Agarrando as sobras, ele assentiu com a cabeça como se entendesse bem demais. —Obrigado pelo jantar. Acho que vou andar para o bairro Presidio primeiro. Todos os da parte das casas vitorianas estão decorados com guirlandas e luzes, e alguns deles têm cestas de chocolate.

—Se cuida. —Ela disse e o observou ir, seus próprios problemas se dissolvendo quando sua mente buscava encontrar uma maneira de ajudar Eddie a encontrar seu espírito.

E então isso veio para ela.

Mudando de direção, ela correu para sua loja. Rapidamente entrando, tirou uma série de luzes que ela colocou ao longo de seu caixa. Ela pegou uma extensão e sua pistola de grampo também. Menos de três minutos depois, ela estava no beco de Eddie, grampeando a corda de luzes acima de seu cantinho, entre as duas lixeiras.

Dando um passo para trás, ela olhou seu trabalho. As luzes iluminavam o beco com cores brilhantes, aquecendo a área e dando um pouco de ânimo também. Assentindo com satisfação, ela partiu.

Quando ela saiu do elevador no quarto andar, cinco minutos depois, ela estava tremendo de frio e tão profundamente imersa em seus próprios pensamentos que a sombra alta de um homem ali a assustou bastante.

—Droga, Keane. —Ela ofegou, com a mão em seu coração. —Você me assustou.

—Você realmente acabou de decorar o beco para o sem-teto que vive lá?

—Ele perguntou.

—Talvez. E o nome dele é Eddie.

Os olhos de Keane estavam quentes o bastante para aquecê-la. Então ele sorriu.

—Você está rindo de mim? —Ela perguntou.

—Eu nunca riria de uma mulher que decora becos escuros e carrega uma pistola de grampos na virilha.

Ela olhou para a ferramenta em sua mão e revirou os olhos. —O beco parecia solitário.

—Você quer dizer que Eddie parecia solitário e que você queria fazer algo por ele.

Isso também.

Ele inclinou o rosto dela para cima que achou os olhos dele muito mais sérios agora. —Você é maravilhosa. —Disse ele. —Você sabe disso?

Ela se contorceu um pouco com o elogio inesperado, mas ele não lhe deu espaço. —Se eu fizer uma pergunta séria, Willa, você me dará uma resposta honesta?

Ela hesitou. —Talvez. —Talvez não...

—Por que você não quer gostar de mim?

Ela piscou. —O que?

—Você me ouviu. Estou deixando escapar algo, algo grande, eu acho. Chega de jogos Willa, conte-me. Você desistiu do direito de manter segredo depois que você me beijou.

—Você me beijou também. —Ela sussurrou.

—Sim, e vou te beijar novamente logo que você terminar de falar.

—Não, na verdade, você não vai. —Ela respirou fundo, segurou-o por um minuto e, então, soltou um longo silêncio. —Tudo bem, eu vou te dizer a verdade. —Disse ela, cansada demais de guardar isso. —Mas lembre-se, você que perguntou.

Ele assentiu.

—Nós fomos ao ensino médio juntos por um ano. —Assim que isso escapou, o resto saiu muito rápido, como se isso pudesse ajudar a aliviar a experiência humilhante. —Você era o atleta popular e eu era... uma ninguém. Você me convidou para a minha primeira e última dança. —Só de dizer isso em voz alta, ela ficava louca novamente. —E, em seguida, para adicionar insulto à injúria, você nem se lembra.

Ele apenas olhou para ela. —Diga isso para mim mais uma vez. Mais devagar. E em inglês.

—Não. —Disse ela, virando-se para a porta da frente. —Não vou dizer novamente. Foi difícil o suficiente reviver e até mesmo dizer isso uma vez mais.

Ele a pegou e, com suavidade, puxou-a de volta e pressionou-a contra a parede do corredor. As mãos ainda em seus braços, ele se inclinou, segurando-a lá. —Por que não lembro de você?

—Porque você é um idiota? —Ela perguntou docemente, empurrando ineficazmente seu peito. —Se afaste.

—Em um minuto. —Ele não iria se distrair. —Você não estava em nenhuma das minhas aulas.

—Não. Eu era uma caloura quando você era sênior. Havia um baile de Sadie Hawkins e você era o único cara em toda a escola com quem eu queria ir. Eu era nova lá, então não tinha amigos para me darem um toque. Eu peguei você saindo de uma de suas práticas de futebol e pensei... bem, não importa o que eu pensei. Você estava com pressa, o que não percebi até eu te parar. —Ela apertou os olhos, quando lembrou a humilhação. —Eu falei muito rápido também. Muito rápido. Você precisou me pedir para repetir a pergunta. Duas vezes.

Ele soltou um suspiro, fechou os olhos e deixou cair a testa contra a dela. —Diga-me que eu fui legal sobre isso. Diga-me que não fui um idiota completo de dezoito anos.

—Você não tem que pedir isso para mim. —Ela disse e deu-lhe outro empurrão. —Porque eu era tão esquecível que você nem se lembra de mim.

—Sim, então eu fui um idiota completo de dezoito anos. —Ele murmurou. —Merda. —Ele aumentou sua força quando ela tentou se libertar. —Ouça-me, Willa, porque quero deixar algo perfeitamente claro aqui. —Ele abriu os olhos e a manteve prisioneira. —Você é a pessoa mais inesquecível que já conheci.

Ela soltou um leve suspiro involuntário porque por mais que fossem patéticas, as palavras pareciam como um bálsamo em sua alma crua. —Não...

—Diga-me o que eu disse a você naquele dia.

—Você disse “parece legal”. Ela deixou cair a testa no peito dele. —E eu praticamente flutuei para casa. Eu não tinha um vestido. Ou sapatos. Ou dinheiro para entrar no baile. Eu tive que implorar, emprestar e roubar, mas consegui juntar o suficiente para que eu fosse digna de um encontro com Keane Winters.

Um som áspero de arrependimento escapou dele. —Eu tive uns problemas com as meninas naquela época. —Disse ele. —Eu não sabia como dizer não.

—E soam os violinos.

Ele fez uma careta. —Eu sei. Mas havia esses grupos de loucas pelos esportistas e...

—Oh, meu Deus. —Ela cobriu seus ouvidos. —Pare de falar! Eu não quero saber nada disso.

—Estou apenas dizendo que elas costumavam ficar por lá perto da prática e então pulavam em nós quando saíamos do vestiário. Se você estava lá, provavelmente pensei que você era uma delas.

Com vontade de admitir que isso realmente poderia ser verdade, ela deu

de ombros, mas conseguiu se conter para não parecer louca. —Você deveria ter sabido, bastava um olhar para mim para ver que eu não era uma maldita fã.

—Você acha. Mas os caras de dezoito anos são idiotas. —Ele parecia realmente arrependido. —Diga-me o resto.

—Nada mais para contar. Você não apareceu. E você nunca mais me olhou de novo.

—Willa...

—Fim da história. —Disse ela. —Ambos, antes e agora. —Ela se abaixou para passar debaixo de seus braços e procurou suas chaves, praticamente se jogando dentro de seu apartamento. Ela fechou a porta mais forte do que era necessário e não sabia se estava desapontada ou aliviada quando ele nem tentou segui-la.

Capítulo 7

#CaídaENãoConsigoLevantar

Keane acordou com uma forte pressão no peito que parecia como um ataque cardíaco, sem dúvida, o resultado de arruinar seu cérebro durante toda a noite, tentando lembrar de Willa no ensino médio.

Para o seu desgosto, ele ainda não podia.

Ele tinha dito a ela a verdade absoluta quando disse que muitas garotas tinham esperado os jogadores após as práticas. Ele ignorou a maioria delas e quando elas se recusavam a ser ignoradas, ele dava um sorriso e se dirigia para o estacionamento, em vez de ferir os sentimentos de alguém.

Então matou-o que ele machucou Willa.

Mas a verdade era que ele não tinha pensado muito sobre como aquelas garotas haviam tomado seus comentários ridículos e estúpidos para ajudá-lo a escapar. Não tinha sido até que ele chegou à faculdade que ele perdeu um pouco de sua timidez em torno das mulheres.

Tudo bem, toda a timidez.

Ele conheceu sua primeira namorada de verdade, Julie Carmen, no seu primeiro ano e eles ficaram sérios, alimentados pela fome pura e mental da luxúria de dezoito anos de idade.

No final desse primeiro ano, ele não estava mais pensando com a cabeça, pelo menos não com a de cima de seus ombros. Pela primeira vez em sua vida, ele tinha alguém tão dentro dele que queria passar cada momento acordada com ele, e ele correspondia isso. Ele queria se casar com ela, ridículo como isso parece agora. Ele se disse para ir devagar, se segurar, mas ele não tinha nenhuma experiência real com isso e acabou se aterrando no futebol, cachorro-quente e

cerveja.

Realmente foi devagar.

Julie tinha sido legal sobre isso e ele tinha estado... feliz, verdadeiramente feliz pela primeira vez em sua vida. Isso durou duas semanas até que ela o abandonou, dizendo que só tinha estado nessa para se divertir e porque ele tinha um corpo bonito, e ela estava arrependida, mas ele queria muito mais com ela do que poderia dar.

Ele não reverteu sua timidez em torno das mulheres. Em vez disso, ele aceitou que não era bom ou feito para longo prazo, um fato que facilitou se resguardar, pois ele não tinha vontade de dar o seu coração novamente.

Além dos casos de uma noite... ele continuou assim por alguns bons anos. Até agora, na verdade. Willa era diferente de qualquer mulher que ele já conheceu. Ela era apaixonada, inteligente, sexy... e ela o fazia rir.

E seu sorriso podia iluminar todo o dia.

Ele não estava realmente certo com o que fazer com isso, mas sabia que queria fazer algo.

O peso em seu peito ficou maior. Sim, provavelmente um ataque cardíaco. Bem, ei, ele quase chegou aos trinta e essa foi uma boa corrida.

Sem arrependimentos.

Bem, talvez um, que ele não beijaria Willa novamente ou veria aquele olhar suave e aturdido em seu rosto depois que ele a beijasse, aquele que dizia que ela o queria tanto quanto ele a queria.

A pressão em seu peito mudou, ficando ainda mais pesada agora. Ele abriu os olhos e quase teve um derrame em vez de um ataque cardíaco.

Pita estava sentada em seu peito, a cabeça inclinada para a dele, nariz com nariz, olhando para ele.

—Miauuu. —Ela disse em um tom sugerindo não só que ela estava

morrendo de fome, mas que ele estava em perigo de ter seu rosto comido se ele não se levantasse e a alimentasse.

Recordando a advertência de Willa de que ele não tentou se conectar com a maldita coisa, ele ergueu uma mão e acariciou-a na cabeça.

Os olhos de Pita se estreitaram.

—Certo, você é uma gata, não um cão. —Ele acariciou uma mão pelas costas e ela levantou ao seu toque, seus olhos meio fechados no que ele esperava fosse prazer.

—Você gosta disso? —Ele murmurou, pensando no *meio termo!* Então ele fez isso de novo, acariciou-a nas costas por uma segunda vez.

Um estrondo veio da garganta de Pita, áspero e desigual, como um motor que ligou pela primeira vez em uma década.

—Uau. —Disse ele. —Isso é um ronrono de verdade? É melhor ter cuidado, você pode começar a gostar de mim.

Em seu terceiro golpe nas costas, ela o mordeu. Forte. Não foi o suficiente para rasgar a pele, mas ela afundou os dentes um pouco e segurou, seus olhos se estreitaram para fendas.

—Ainda não somos amigos. —Ele gritou. —Anotado. Agora, desce. —Quando ela não desceu, ele se sentou e desalojou-a, e com um miado irritado, ela saltou para o final da cama, virando as costas para ele e levantando a perna traseira, indo trabalhar para limpar sua senhora.

Ele olhou para a mão dele. Sem sangue, bom sinal. Ele deslizou para fora da cama e...

Pisou em algo nojento e ainda quente. Cocô de gato. Ele pulou e praguejou para o nada por um tempo e depois conseguiu limpar sem se mexer.

Um pouco.

Ele encontrou a pequena anticristo sentada no alto do andar do loft

inacabado, espreitando a borda para onde ele estava na cozinha.

—Você está brincando comigo? —Ele perguntou.

—Miauu.

Merda, ela estava presa. Havia uma escada contra a parede porque Mason estava trabalhando lá na semana passada. Keane, odiava alturas, evitava ir para lá e não tinha absolutamente nenhuma ideia de como ela conseguiu escalar a escada de construção para começo de conversa.

Soltando um suspiro, ele subiu a meio caminho e estendeu os braços. —Venha, então.

Pita ergueu uma pata e começou a lavar o rosto.

Ele baixou a cabeça e riu. O que mais ele poderia fazer? Claramente, a gata não dava a mínima que ele tivesse medo de altura. E sim, era um medo ridículo para um construtor ter, mas isso não mudava nada.

Ele olhou para baixo, oh merda, ele odiava isso, e assegurou-se que era apenas dois metros e meio. Então ele continuou. —Gata. —Ele disse no topo e se esticou até ela.

Ela saltou, mas não para ele. Em vez disso, ela bateu na escada por cima do ombro, passando por ele como se fosse a fada sininho com asas.

Do topo, Keane olhou para baixo e começou a suar. Mordendo os dentes de trás, ele desceu e encontrou Pita olhando com desdém para a tigela de comida, que ainda estava cheia desde ontem à noite.

Isso chamou sua atenção. —Você não comeu? Desde quando você não come?

Ela balançou a cauda e deu um “miau” que ele traduziu para *essa merda é para gatos e eu sou uma abelha rainha, lembra?*

Ele olhou mais de perto e percebeu que ela parecia um pouco mais magra, pelo menos para o que ela era, o que lhe preocupava de uma maneira que sua

atitude não tinha. Ele havia chamado Sally três vezes esta semana, mas não tinha recebido um retorno. E se Pita morresse antes de Sally vir buscá-la? Como ele explicaria isso?

Preocupado, ele foi caçar em seus armários reconhecidamente não bem estocados e encontrou uma lata de atum. Ponto. —Os gatos adoram o atum. —Disse ele a Pita. —Willa diz isso.

Pita apenas olhou para ele com censura em seus profundos olhos azuis.

Encontrar um abridor de lata levou um tempo, fazendo com que ele percebesse algo um pouco surpreendente. Ele morava aqui há seis meses e, no entanto, era de longe, sua propriedade favorita que ele já possuíra... ele nunca mais se mudou. Sim, ele tinha todas as suas coisas aqui, mas isso não era muito. Ele se mudou frequentemente ao longo dos anos, de uma propriedade para a outra, enquanto ele as consertava e revendia, então ele ficou bom em se mudar.

Talvez muito bom.

Assim que ele tocou em um abridor de lata, ele acenou triunfalmente para Pita, que parecia claramente nem um pouco impressionada. Ele abriu a lata e jogou-a em outra tigela e colocou-a na frente dela.

Ela congelou e depois cheirou com cautela como um autêntico provador de comida.

—É atum albacore. —Disse ele. —Coisa boa.

Ela deu mais um cheiro rápido e depois virou e se afastou.

Ele olhou para ela. —Sério? Você lambe seu próprio rabo, mas torce o nariz para a porcaria do atum?

Ele ainda estava olhando para ela com descrença quando o celular tocou. —Keane Winters. —Ele falou, sem ler a tela. —Gato à venda.

Houve uma longa pausa.

—Alô? —Ele disse.

—Você está vendendo *minha gata*? —Veio uma voz de mulher mais suave e ligeiramente abalada.

Merda. Sua tia-avó Sally. —Desculpe, piada ruim. —Ele disse e fez uma careta, empurrando a mão livre pelos cabelos. —E estou contente de te ouvir. Eu tenho te ligado...

—Eu sei. —Sua voz parecia um pouco fraca. —Estou aqui na frente, posso entrar?

—Sim, é claro. —Ela estava brincando? Ela estava aqui para pegar Pita e, para isso, ele até colocaria o tapete vermelho. —Você não precisa ligar primeiro...

—Eu não queria interromper nenhuma... reunião que você pudesse ter. Com as mulheres.

Ele reprimiu uma risada enquanto se movia pela casa em direção à frente. Por que as pessoas pensavam que ele tinha uma fila de mulheres todas as noites? —Vou me certificar de manter todas as mulheres presas no quarto enquanto você estiver aqui. —Disse ele.

Ela ofegou no celular.

—Estou brincando, tia Sally. É só eu. —Não que ele não se importasse de ter Willa espalhada na sua cama agora mesmo...

Ele abriu a porta. Sally estava empacotada em um casaco grosso, chapéu, lenço, luvas e botas, e uma vez que ela tinha menos de um metro e cinquenta de altura, ela parecia um hobbit. O chapéu balançou, ela caminhou na frente dele para o vestíbulo e depois parou abruptamente, de costas para ele enquanto estudava sua casa.

—É linda. —Disse ela suavemente. —Você fez um belo trabalho. Nunca entendi o desprezo de seus pais pelo que você faz com suas mãos.

Deixando-o atordoado, ela chamou a gata. —Petúnia, querida, venha para mamãe.

Pita correu, os olhos brilhantes, um ronronar feliz escapando dela, o

mesmo som que ela usava com Willa também.

A velha e a gata deram um longo abraço e, então, sua tia finalmente endireitou-se lentamente, ainda de costas para ele.

Havia um estranho silêncio que ele não tinha ideia de como abordar. Era seguro dizer que ele não conhecia bem seus próprios pais. Sim, eles o criaram. Um pouco. Mas a verdade era que ele tinha sido um garoto com pais ausentes que passara a maior parte do tempo em eventos esportivos, com amigos ou em jogos. Quando ele completou dezoito anos e se mudou, houve uma explosão de alívio esmagador em seus pais. Eles haviam sido estranhos virtuais uns com os outros já que nunca se conheceram melhor.

Ele conhecia sua tia ainda menos. —Como você está se sentindo? —Ele perguntou.

Ela ficou em silêncio por um longo momento. —Você já se arrependeu de nossa família? —Ela perguntou em vez de responder. —Quão pouco nos incomodamos um com o outro?

Uma coisa que os Winters não faziam era discutir sentimentos. Nunca. Na verdade, eles os enterravam profundamente e fingiam que não existia. Então ele olhou para a sua coluna rígida, uma sensação desconfortante em seu intestino.

Ela suspirou. —Certo. Escute, sinto muito por isso, Keane.

Ah Merda. —Me diga o que está errado.

Ela ficou onde estava, mas percebeu que seus ombros estavam um pouco abatidos quando abriu sua grande bolsa de mão. Com isso, ela tirou uma bolsa de plástico cheia com os inconfundíveis brinquedos de gato. —Para Petúnia. —Disse ela.

—Mas...

—E eu também tenho seu cobertor especial. Ela vai precisar disso para as sestas.

—Tia Sally. —Suavemente ele a virou para encará-lo. —O que está

acontecendo?

—Eu não posso levá-la de volta ainda. —Seus olhos azuis claros ficaram suspeitosamente aguados. —Eu preciso que você a mantenha um pouco mais. Você acha que pode fazer isso sem vendê-la?

—Eu estava brincando. —Na maior parte. Quanto à questão de poder lidar com Pita... ele lidou com tanta merda em sua vida teoricamente, que ele poderia lidar com uma pequena gata.

E então havia o bônus incorporado, ele teria um motivo para que Willa o deixasse voltar para sua loja, e sim, ele tinha certeza de que ele precisava lhe dar um motivo. —Fale comigo.

—Não é nada para você se preocupar. —Ela estendeu a mão para bater na cabeça dele como se ele fosse criança, mas sendo muito mais baixa do que ele, ela teve que se contentar com uma pancada estranha no antebraço. —Eu tenho alguma comida de gato sendo entregue. —Disse ela. —Petúnia precisa de rotina.

—E o que você precisa?

Ela inalou uma respiração instável. —Eu preciso fazer essa transição tão fácil quanto possível para ela.

Keane pegou sua mão pequena e frágil em sua muito maior. —Feito. Mas agora você, tia Sally. O que posso fazer por você?

Houve outra longa pausa e, em seguida, um fungado suspeito, e no meio do caminho, seu coração congelou em pleno terror.

—Eu não conheci você quando criança. —Disse ela calmamente. —E essa é a minha culpa. Nem me incomodei com você quando você cresceu, não até que eu precisasse de você. E essa também é minha vergonha. —Ela apertou seus dedos. —Você é um bom homem, Keane Winters, e você merecia o melhor de mim. De todos nós. Não tenho o direito de pedir isso a você, mas por favor. *Por favor* cuide da minha bebê.

E então ela se foi.

Ele virou-se e olhou para a gata, que olhou para trás. —Eu acho que estamos presos um com o outro agora.

Os olhos dela disseram que ela não estava impressionada. E então ela se virou e, com a cauda para o alto, se afastou.

—Chega de cocô no meu quarto, você me ouve? —Ele a chamou.

E merda, agora ele estava conversando com uma gata. Balançando a cabeça, ele enfiou os pés em seus tênis de corrida, seus novos tênis de corrida já que Pita tornou em lixo os seus amados, perfeitamente moldados, duas semanas antes, e foi atingir o concreto.

Ele não tinha uma rota definida. A corrida era para limpar seu cérebro, e ele deixava seus pés levá-lo aonde eles queriam ir. Às vezes, era ao longo do Embarcadero, ou através do Forte Mason. Ou o Presidio, ou para a Lyon Street.

Hoje foi para Cow Hollow.

Ele queria conversar com Archer, queria ter certeza de que ele estava fazendo algo sobre Ethan contatando Willa. Tudo que Keane sabia de Archer era que o cara claramente cuidava dos seus e ele considerava Willa como uma dos seus. Ele viu isso de primeira no casamento do cachorro.

Keane não esperava que Archer estivesse no trabalho tão cedo. Ele assumiu que teria que deixar uma mensagem. Mas quando chegou ao Pacific Pier Building e subiu as escadas para os escritórios de Archer no segundo andar, Archer estava de pé na sala da frente com Elle, os dois olhando para a tela do iPad juntos. Havia outros dois homens, um mais jovem com um Doberman ao seu lado, o outro vestido como se tivesse acabado de voltar de uma missão, cheio de armas. Ele estava falando quando Keane entrou, apontando para o iPad como se estivesse explicando algo.

Archer ergueu a cabeça, os olhos intensos e duros. O que ele estava olhando tinha lhe irritado. Claramente, não era um bom momento, mas Keane não se importava. —Sobre essa mensagem que Willa recebeu ontem à noite de seu ex babaca. —Disse ele.

Archer trocou um longo olhar com os outros homens. —Já foi cuidado. —Ele finalmente disse.

—Já foi cuidado como? —Ele queria saber. —Ela não deveria ter que lidar com ele. Eu quero ter certeza de que ela não vai precisar.

—Ela não vai. —Disse Archer severamente. —Ele não entrará em contato com ela novamente.

Keane esperou uma explicação melhor, mas, aparentemente, Archer não sentia a necessidade de se explicar.

Elle balançou a cabeça para Archer e virou-se para Keane. —Bom dia, por sinal. E este é Joe. —Ela disse sobre o cara todo armado. —Ele é o segundo no comando de Archer. E Max. —Disse ela sobre o cara mais novo. —E este belo garoto de quatro patas. —Ela bateu na cabeça do cachorro enorme. —É Carl. E o que Archer queria dizer é que ele e Max pegaram Ethan. E porque ele tinha um mandado para prisão por ter sido áspero com outras mulheres e roubado algumas delas também, eles colocaram sua bunda afeminada na prisão.

A mandíbula de Keane estava tão apertada que mal podia falar. —Quando?

—Cerca de uma hora depois que ela me enviou a mensagem na noite passada. —Disse Archer.

Elle sorriu um pouco com força, mas seus olhos eram gentis. —Como você sabe, Willa é incrivelmente especial para todos nós. Nós cuidamos dela. —Ela fez uma pausa. —E é bom saber que você também. Não é, Archer?

Archer olhou para ela. Ela deu-lhe um olhar, levando-o a soltar um suspiro. —Sim. —Ele disse e então seus olhos se endureceram novamente. —Não foda isso. Não a machuque.

—Ok, então. —Disse ela alegremente. —Movam-se. Bem-vindo ao grupo, Keane. Você é um de nós agora, certo, Archer?

—Enquanto ele não foder tudo. —Repetiu Archer.

Keane segurou o olhar do cara e deu um leve aceno de cabeça. Ele não foderia tudo. Ele não podia.

Porque ele já tinha fodido tudo.

De volta à calçada, ele ficou vendo o amanhecer, uma camada grossa de névoa lançando tudo em tons azuis e cinzas. As luzes estavam ligadas dentro da loja de Willa, embora o sinal na porta mostrasse o fechado.

Ele podia ver pelas janelas, ver o movimento além da série brilhante de luzes de natal e ramos de azevinho. Willa estava lá.

Nos braços de outro homem.

Capítulo 8

#Pré-Natal

Willa tinha dormido bastante. Ela queria culpar a quantidade de comida que ela devorou no jantar ontem à noite com Keane, mas até mesmo ela, uma mulher que sabia o valor de ignorar um problema de vez em quando, não podia se enganar.

Não tinha sido o jantar. Tinha sido Keane: o seu sorriso, os seus olhos.

O beijo dele...

Tinha sido também a certeza sombria que ele não poderia, ou não queria, ficar mais apegado à ela do que ele era a qualquer outra coisa em sua vida. Nem a sua família, trabalho, Petúnia...

E certamente não a ela.

Ela saiu da cama e tomou um banho e já que ela estava atrasada para o café, pulou a maquiagem. Sem necessidade de arriscar cutucar um olho com um rímel quando ela só tinha um seguro de saúde catastrófico.

Ela desceu correndo os quatro lances de escadas e chamou isso de exercício, entrando em sua loja com três minutos de sobra antes de uma cliente antiga aparecer. Carrie tinha reserva permanente uma vez por semana para ser babá de Luna, sua nova porquinha, e Macaroni, seu vulgo “bebê”, um doce Pit Bull de vinte e nove quilos.

Macaroni tem treze anos e tem artrite, sem dentes, controle de intestino questionável e displasia de quadril, mas ele era puro de coração. Tanto que Carrie não tinha sido capaz de colocá-lo para descansar como sua família havia gentilmente sugerido.

Macaroni amava Willa e o sentimento era mútuo. Ele dava muito trabalho,

mas era absolutamente o ponto alto de sua semana.

Exceto que Carrie não apareceu. Imaginando que ela estava atrasada, Willa começou a trabalhar na criação da extravagante barraca de fotos de Papai Noel para o próximo fim de semana. Ela perdeu a noção do tempo até Spence aparecer com dois cafés à mão parecendo estranhamente sério.

Spence era o cérebro da gangue deles. Quieto, mas nem remotamente tímido, ele tinha sido recrutado para uma organizacão do governo ainda na faculdade, onde se formou em engenharia mecânica aos dezoito anos. Ele nunca disse muito sobre esse trabalho, mas ele odiava. Alguns anos mais tarde ele e alguns de seus colegas de trabalho tinham ido trabalhar por conta própria. No ano passado venderam a criação deles e encontraram a mina de ouro. Willa não tinha ideia se ele tinha recebido um centavo ou um milhão de dólares; ele nunca falou sobre isso.

Desde então ele não encontrou outra coisa. Todos sabiam que ele estava infeliz e odiavam isso por ele, mas se Spence não queria falar, Spence não falava. Ele estava se mantendo ocupado com uma variedade de coisas e uma delas era que ele aparecia em sua loja várias vezes por semana para caminhar com os animais para ela, o que ela amava. Nada como um nerd sexy para ajudar a aumentar o negócio.

Na verdade, ele era mais próximo de Carrie e seus animais de estimação do que Willa, já que Carrie estava namorando um dos ex-sócios de Spence. —Entre. —Willa chamou-o. —Macaroni não está aqui ainda.

—Eu sei. —Spence se aproximou, largando os dois cafés, e buscou sua mão. —Querida, o Macaroni faleceu esta manhã.

Willa sentiu seu coração parar, simplesmente parar. —Oh não. —Ela suspirou e pressionou uma mão no peito, isso não aliviou a dor. —Como?

—Dormindo. Nenhuma dor. —Ele disse suavemente e puxou-a assim que ela explodiu em lágrimas.

Alguns minutos mais tarde, grata por não ter se incomodado com o rímel, ela exalou um suspiro trêmulo, ainda dentro da segurança dos braços de Spence.

Droga, chorar era exaustivo. Ela precisava se recompor e ligar para Carrie para ver como ela poderia ajudar. Ela precisava trabalhar. Ela precisava fazer muitas coisas. Foi quando o olhar dela caiu na janela e no homem de pé na esquina, com os olhos fixos nela.

Keane.

No próximo segundo, a porta da loja abriu e lá estava ele, enorme, parecendo um pouco tenso, com uma carranca, seus olhos sobre os braços de Spence ainda em torno dela.

—O que há de errado? —Perguntou ele.

—O cão de um cliente faleceu esta manhã. —Spence disse. —Willa e Macaroni eram muito apegados.

Foi imaginação dela ou ele relaxou um pouco?

—Oh, inferno. —Disse ele, com a voz mais genuína agora. —Isso é uma droga.

—Sim. —Spence afagou o cabelo de Willa. —Isso é.

Willa pegou alguns lenços da caixa em seu balcão e se enxugou, ciente que Keane a observava. Ele tinha ficado desconcertado por encontrá-la nos braços de Spence, mas se recuperou rápido, isso era um ponto a seu favor, ela tinha que admitir. Ele também estava correndo. Ele estava com um short de basquete preto, com short de compressão por baixo, e uma camisa de manga comprida anti-transpirante que se agarrava a seus ombros largos e peito, revelando cada músculo nele.

E haviam muitos.

Seu boné de beisebol preto virado para trás e óculos de sol de aviador cobria os olhos. Ele enfiou os óculos no topo de sua cabeça sobre o boné de beisebol, revelando seus olhos escuros cheios de preocupação.

Ela se sentiu um pouco tonta só de olhar para ele, um fato que atribuiu à falta de café da manhã e do peso da dor.

—Sinto muito. —Disse baixinho e ela pensou que talvez ele não estivesse apenas falando de Macaroni. —O que posso fazer?

Ela não estava preparada para o calor que a invadiu. Desprevenida e despreparada para lidar. Durante semanas, os alarmes internos saíam toda vez que ela se aproximava demais dele, avisando-a, batendo-a com a memória de levar um bolo dele, e o pior golpe... ele não se lembrar dela.

Mas agora que ela contou a ele sobre isso e ouviu sua reação e explicação, algo aconteceu para deixá-la zangada. Era como se alguém tivesse estendido a mão e baixado o volume. Muito baixo.

Desligado, na verdade.

Ou talvez tenha sido o beijo. Era incrivelmente difícil manter o ressentimento por alguém quando você tinha a sua língua goela abaixo. Além disso, seu beijou era como mágica.

Spence apontou para o café no balcão. —Certifique-se que ela esteja cafeínada antes de tentar conversar. —Ele avisou Keane e depois beijou Willa na bochecha. —Estou te deixando em boas mãos. —Ele disse a ela.

Ela olhou para seus olhos gentis. —Como você sabe? —Ela realmente esperava que ele tivesse algum conselho sábio aqui. Ela precisava, muito.

O sorriso de Spence saiu torto e só um pouco triste. —Porque você sabe tão bem quanto eu, que as pessoas mudam.

Ele estava se referindo a si mesmo. Ele tinha mudado muito, ele teve, a fim de sobreviver. Ou talvez ele tenha querido dizer o resto deles. Elle, Haley e Finn, até mesmo o mais fechado, Archer, todos eles tiveram grandes mudanças em suas vidas, coisas que irrevogavelmente os afetou.

Mas na verdade, ela pensou que talvez ele quisesse dizer dela mesmo, porque ambos sabiam o quanto ela cresceu desde que abriu o South Bark. Através de seu trabalho e do amor de seus amigos, ela tinha encontrado uma direção. Que tinha lhe dado confiança e ancorando-a de uma forma como nunca tinha antes.

Spence manteve seu olhar por um minuto, silenciosamente lembrando-lhe que ela não era mais aquela menina invisível que ela tinha sido no ensino médio, ela sabia mais do que ninguém, que as coisas nem sempre eram o que pareciam, que as pessoas nem sempre eram o que pareciam, e... alguns mereciam uma segunda chance.

Ciente de que Keane estava absorvendo esta conversa, tanto a falada e a não falada, ela suspirou e acenou com a cabeça.

—Você sabe onde me encontrar se precisar de mim. —Disse Spence. Ele acenou para Keane e depois se foi.

Willa percebeu que estava olhando cegamente para as costas dele, quando o copo de café foi acenado na frente de seu nariz. Ela agarrou-se a ele como se fosse o último ar na sala.

—Jesus, seus dedos estão gelados. —Disse Keane e embrulhou suas mãos muito mais quentes em torno da dela no copo, envolvendo em seu calor.

Ela podia sentir a aspereza dos calos em suas mãos e gostou disso. Ele era real, muito real. Ela tomou um gole do café, e depois outro e então finalmente, apenas engoliu, sentindo a cafeína em seu sistema com um suspiro suave e aliviado.

—Melhor? —Keane perguntou, abaixando um pouco para olhar em seus olhos. —Sim. —Disse ele, um pouco de diversão em seu olhar quando respondeu a sua própria pergunta. —Aí está você. Ainda falta uma hora para abrir, não é?

Ela olhou para o relógio. —Não, mas...

Ele tirou o avental dela. —Amo isso, a propósito. —Ele disse, sorrindo para as palavras impressas "*Eu não tenho que ser boa, eu sou BONITA*" —E isso é verdade. —Disse ele, agarrando seu casaco do gancho da porta e envolvendo-a nele. Ele foi mais longe a ponto de fechá-lo para ela e puxar seu capuz sobre sua cabeça, afastando os fios soltos de cabelo para longe de seu rosto.

A sensação de seus dedos em sua testa e mandíbula, tão áspero e caloso como suas palmas tinham sido, deveria ter parecido intrusivo.

Só que foi justamente o oposto. —Keane...

—Shh. —Disse ele e pegou sua mão. —Eu sei que eu não te dei absolutamente nenhuma razão para confiar em mim, mas vou te pedir de qualquer maneira.

Sim, ela não era muito boa com confiança.

Ele deve ter visto isso em seu olhar, porque riu suavemente, não ofendido. —Te ouvindo alto e claro, mas vamos tentar isso. —Disse ele. —Que tal você esquecer o idiota que eu era no colegial por um minuto, aquele que diria ou faria qualquer coisa para sair da prática sem ter que falar com ninguém, ok? Saia com o cara que eu sou hoje, parado aqui na sua frente. Você pode confiar nesse cara?

Desta vez ela hesitou, aparentemente tendo compaixão, e aproveitando-se disso Keane disse. —Quase lá. —E puxou-a porta afora.

Capítulo 9

#SemSopaParaVocê

Willa não podia acreditar que estava fazendo isso, mas aparentemente seus pés tinham vida própria.

—Tranque. —Keane disse a ela e esperou enquanto ela fazia exatamente isso. Então ele pegou a mão dela de novo como se ela fosse fugir.

E ela iria. —Eu não quero falar sobre isso. —Disse ela.

Ele riu bruscamente. —Isso o quê?

—Qualquer um dos isso. Todos os isso. —Sentindo-se como uma megera, ela suspirou e virou-se para enfrentá-lo. —Mas como aquele isso em particular, aquele em que você me levantou...

Ele abriu a boca para dizer alguma coisa e ela colocou os dedos sobre ela. —Vou seguir a partir disso. —Disse ela suavemente. —Eu não sou de guardar rancor, nunca fui e nunca serei, então é bobagem me aborrecer por algo que você honestamente nem sequer se lembra...

Envolvendo os dedos em torno de seu pulso, ele beijou as pontas antes de afastá-los de sua boca. —Ou intencional. —Disse ele. —Porque, Willa, eu posso te jurar, que eu *nunca* quis machucá-la.

Olhando em seus olhos, ela acenou lentamente. —Eu sei.

Ele segurou seu olhar e acenou com a cabeça, e então a acompanhou pelo pátio do prédio, onde ele a levou para o Café da Tina.

A barista morena de 1,80 m estava servindo e piscou para Willa. —Faz um tempo desde que você esteve aqui com um homem, querida. Não gostei do

último, mas eu certamente gosto deste. —Ela deu a Keane um grande sorriso. —E bom dia para você também, docinho. Não te vi muito esta semana. Como vai a renovação da rua Vallejo?

—Quase pronta. —Disse Keane.

Tina deu uma risada profunda. —Você tem dito isso há meses. Talvez você tenha se apegado.

Keane apenas sorriu. —Como estão os muffins esta manhã?

—Do outro mundo, não duvide disso nem por um segundo.

Keane sorriu para ela. —Vou levar meia dúzia dos melhores.

Dois minutos depois, Willa e Keane estavam lá fora. A manhã ainda estava cinza, mas seu caminho era iluminado pelos cordões de luzes brancas cintilantes, lançando relevos em preto e branco nas calçadas.

Ela assistiu Keane se aproximar das duas árvores de Natal, uma em frente ao pub do O´Riley, a outra em frente ao Madeiras Recicladas, ambas decoradas com simples bolas vermelhas e douradas. O único som em torno deles era o gotejamento macio da água da fonte e de alguns grilos apaixonados que lamentavam a falta do calor do alvorecer.

—A lenda diz que se você fizer um desejo sincero de coração, o verdadeiro amor vai encontrá-lo. —Disse ela.

Ele encontrou seu olhar. —A lenda também afirma que se você colocar o seu dente no travesseiro a fada do dente vai deixar dinheiro para você.

Ela abrandou, como sempre a fonte chamando-a para fazer um desejo. Keane também desacelerou, olhando para ela com uma pergunta.

Ela procurou nos bolsos por uns trocados, mas só podia achar um petisco para cães. —Droga. —Culpa da jarra de palavrões, todos os seus trocados sempre acabavam lá.

—O quê?

—Eu queria fazer um desejo. —Disse ela.

Um leve sorriso cruzou o rosto dele. —Você quer fazer um desejo? Você vive aqui por quanto tempo e nunca tinha feito um?

—Oh, eu tenho feito. —Ela fez uma pausa. —Eu gosto de fazer.

Isso lhe rendeu uma sobrancelha franzida. —Quantas vezes você desejou?

Ela mordeu o lábio inferior.

—Mais de uma vez?

Bem, droga. Como eles tinham chegado a este assunto? —Humm...

—Mais de... cinco?

—Caramba, olha esse tempo? —Ela perguntou e tentou ir, mas ele a pegou e a trouxe de volta, seu sorriso agora bem grande.

—Tá bom. —Disse ela. —Se você quer saber, eu jogo uma moeda a cada vez que passo perto.

Ele perdeu a batalha contra seu riso e ela olhou para ele. Sério, ele tinha a melhor risada. —Isso funcionou para Pru, você tem que saber. —Ela disse. —Ela desejou que o verdadeiro amor encontrasse Finn, e então ele se apaixonou por ela.

E Willa esteve desejando desde então, mesmo sabendo o quanto era ridículo e bobo.

—Então... você está desejando o verdadeiro amor para quem exatamente? —Perguntou ele.

Ela olhou para ele com desânimo. Como ela não pensou nisso? —Para mim. —Ela admitiu, batendo em seus bolsos, porque certamente ela tinha um centavo. —Mas pretendo corrigir isso agora. Eu vou desejar o amor para outra pessoa.

—Para quem? —Ele perguntou com cautela.

Ela estreitou os olhos para o medo dele. —Para você. Tem algum trocado?

Ele riu. —Absolutamente não. —Então ele puxou um centavo de seu bolso e segurou-o. —Mas que tal isto. Vou desejar para você. —E com isso, ele jogou a moeda na água.

Plop.

—Aí. —Disse ele. —Feito. Espero que funcione para você. —Ele parecia bastante certo de que iria e igualmente certo que não seria com ele.

O que era bom saber. Exceto que também não era tão bom. —Então você nunca fez um desejo pelo amor verdadeiro antes? —Perguntou ela.

Ele riu. —Não. Esse foi o primeiro.

—Porque... você não acredita em amor verdadeiro?

Para o seu crédito, ele não desviou o assunto ou tentou correr da resposta. Parecendo entender o quanto significava para ela, ele deu de ombros. —Para algumas pessoas, sim.

Ela acenou com a cabeça, mesmo quando sentiu uma pequena pontada de decepção passar por ela. Que bobagem era essa? Não era como se o amor tivesse funcionado para ela também. Mas ela sabia qual era o verdadeiro problema. Era que Keane tinha sido claro sobre não querer ou precisar de algo sério em sua vida e ainda assim aqui estava ela, finalmente se sentindo pronta para isso.

—E você? —Perguntou ele.

Ela olhou para a água porque era muito mais fácil falar com a fonte do que manter o olhar honesto de Keane. —Eu vi pedaços dele aqui e ali. Eu sei que o amor está lá fora.

Os olhos dele ficaram solenes, intensos, quando a virou para enfrentá-lo. —Mas? —Ele perguntou baixinho. —Estou sentindo um grande "*mas*" aqui.

—Mas às vezes eu não tenho certeza se ele está lá fora para mim.

Seu olhar procurou o dela. —Isso parece muito cansado para alguém que quer que todos acreditem na magia dos feriados.

—O Natal tem uma conotação feliz que traz alegria e calor. Vem todos os anos, faça chuva ou faça sol. Você pode contar com isso.

—Mas não o amor. —Ele terminou para ela. Sua mão subiu e ele escovou um fio de cabelo de sua testa, seus dedos permaneceram. —Eu não acho que é sempre assim, Willa. Para algumas pessoas, o amor é real e duradouro. Para sempre.

—Para algumas pessoas. —Ela repetiu. —Mas não para você? Se você acredita no amor, por que não acredita nele para si mesmo?

Ele balançou a cabeça. —Eu não sinto as coisas profundamente. Eu nunca senti.

Ela olhou para ele, consternada. —Você não acredita realmente nisso.

—Eu acredito.

—Mas... eu vi você com Petúnia.

Ele riu. —Exatamente. Você me viu largá-la com você. Estou disposto a pagar uma babá de gato ao invés de lidar com ela.

—Quando você está no trabalho, sim. —Disse ela. —Mas você nunca me pediu para hospedá-la durante a noite quando você estava em casa.

—Você hospeda a noite? —Ele perguntou com esperança.

Ela riu e bateu levemente no peito dele. —Você sabe o que quero dizer. Você está frustrado com ela e ainda assim gasta dinheiro e tempo para ter certeza que ela seja bem cuidada quando você está ocupado.

—Porque ela é a gata da minha tia. —Ele salientou.

—O que é ainda mais uma prova. Você não é próximo da sua tia, mas você cuida da gata para ela, sem questionar ou hesitar.

—Oh, houve hesitação. —Disse ele. —Baldes e baldes de hesitação.

—Você me comprou muffins. —Disse ela suavemente, implacável. —Você queria me animar porque eu estava chateada.

—Não, isso foi uma tentativa masculina de ter certeza de que você não chorasse de novo. Em geral, nós vamos fazer praticamente qualquer coisa para conseguir que uma mulher pare de chorar.

—Então o que estamos fazendo aqui, se você não quer, ou não pode sentir coisas, se você não quiser nunca encontrar A Única. O que você quer de mim?

Ele deu um sorriso perverso que fez seu corpo estremecer esperançosamente, mas ela bufou. —Certo. —Disse ela. —Magnetismo animal.

—Só porque eu não pretendo encontrar A Única, não significa que não estou interessado em uma por agora.

Ela revirou os olhos. —Que seja. Mas eu ainda acho que você não está se dando crédito suficiente e não pode mudar minha opinião sobre isso.

—Que surpresa. —Ele murmurou, mas seus olhos estavam divertidos. Então essa diversão desapareceu. —Olhando de fora, eu tive uma educação muito tradicional comparado a você. Dois pais, duas irmãs mais velhas, todos professores universitários de ciência, suas vidas firmemente executadas, tudo planejadamente e colocado em uma pequena caixa compartimentada. —Seu sorriso era seco. —Mas depois veio eu. Eu não cabia na caixa. Eu era selvagem, barulhento e destruidor. Eu era difícil com toda a família e geralmente era deixado com uma babá. Por conta própria. —Disse ele com um aceno de cabeça. —Não é porque eu não me apego, é mais como se eu não fosse fácil de se apegar.

O coração de Willa deu um aperto forte. Ele tinha aprendido muito jovem que mesmo as pessoas que deveriam amar você incondicionalmente, nem sempre amavam, algo que ela sabia muito bem. Só que ela compensava indo na direção oposta e amando tudo e todos. —Você não teve muito afeto. —Disse ela suavemente. —Você não demonstra muita emoção. É por isso que você acha que não sabe como sentir ou dar.

—Eu não acho que seja isso. —Disse ele. —Eu sei.

De volta ao colegial, ela não tinha conhecimento de nada disso. Ela simplesmente definiu sua mira em convidá-lo para o baile, sabendo apenas que ele era um atleta sério e também um aluno igualmente sério, e que as crianças e professores se aglomeravam ao redor dele.

Ele tinha um sorriso fácil e uma confiança natural que o fez parecer impenetrável na época. Agora, olhando para trás, ela podia ver que ele tinha usado o seu carisma como um escudo pessoal e ela não olhou para além dele.

O que a fez tão culpada como todos os outros na vida dele.

Ele acenou com a cabeça para ela se sentar no banco de pedra que ela pessoalmente forrou com ramos de azevinho e pequenos sinos semanas atrás. Era cedo o suficiente para que poucas pessoas viessem para o pátio. Havia um corredor ocasional ou um passeador de cães, mas eles tinham o lugar só para eles. Com o nevoeiro baixo, parecia que estavam sozinhos.

Era incrivelmente íntimo.

Eles comeram os muffins em um silêncio social por mais tempo que ela poderia suportar, mas o silêncio nunca tinha sido seu ponto forte. Eventualmente, sua curiosidade obteve o melhor dela. —Quando Tina disse que talvez você tenha se apegado a sua casa, por que você disse que não era provável?

—Eu te disse. —Ele deu de ombros. —Eu sempre vendo quando termino.

—Porque você não se apega.

—Isso.

—Mas nós decidimos que isso não é inteiramente verdade. —Ela apontou.

—Não, *você* decidiu.

Ela suspirou irritada.

Ele não lhe pediu para traduzir o suspiro. Claramente não era necessário. Em vez disso, virou a cabeça e encontrou seu olhar. —Você diz mais com o

silêncio do que qualquer mulher que eu já conheci. Desembucha, Willa, antes que se engasgue.

Era o que ela queria... —É o seu lar.

—Não será um lar até que alguém viva nela.

—Você está vivendo nela!

Ele sorriu para seu tom exasperado e passou um dedo por seu nariz. —Eu te irrito.

—De tantas, tantas, tantas maneiras. —Ela disse com uma risada. —Sério, você não tem ideia.

—Eu tenho alguma.

—É mesmo? —Perguntou ela. —Porque acho que o aborrecimento é uma daquelas emoções confusas que você não se incomoda.

Seus olhos escureceram. —Eu me incomodo com algumas emoções.

—Mesmo? Quais?

Ele calmamente pegou o Muffin meio comido da sua mão e deixou cair de volta no saco.

—Eu queria isso. —Disse ela.

—E eu quero isso. —Ele se movia mais rápido do que ela imaginava para alguém tão grande como ele pudesse se mover. Antes que ela pudesse puxar outra lufada de ar, ele puxou-a duramente contra ele, suas mãos agarraram seu cabelo, sua boca buscando a dela.

O beijo começou gentil, mas rapidamente ficou sério e não tão gentil. Seus lábios se separaram dela, suas línguas se tocando, e ela ouviu seu gemido. Sua boca quente deixou a dela e seguiu até a sua mandíbula, sua garganta, onde ele plantou beijos de boca aberta que fizeram ela estremecer por mais. Se ela não estivesse sentada, os joelhos não a teriam mantido, porque ele beijou para longe seu aborrecimento, seu bom senso, qualquer habilidade de pensar, tudo.

Exceto sua habilidade de sentir.

E Oh Deus, o que ela sentiu. Ela mal conseguia se segurar, ela estava tão tonta com a fome rasgando através dela, mas então ele se afastou e olhou para ela, seu cabelo bagunçado pelos dedos dele, os olhos de chocolate estavam ferozes e quentes, sua respiração não mais estável do que a dela.

Ela pressionou as palmas das mãos no peito dele para tentar se firmar, mas ainda sentia como se estivesse flutuando no ar. —O quê...? —Foi tudo o que ela foi capaz de fazer. Claramente, a química deles tinha explodido suas células cerebrais. Ela balançou a cabeça para clarear. —Ok, eu me corrijo. Há algumas emoções que você sente excepcionalmente bem. Como a luxúria. —Ela fez uma pausa. Ele tinha sido sincero com ela, e brutalmente honesto para começar. Não iam ser Os Únicos um do outro, mas podiam ter isto. Ele era um jogo.

E apesar de tudo, ela também era. —Por que você parou?

Ele olhou para ela por um longo tempo, no início surpreso e, em seguida, com um sorriso lento. Ele sabia que a tinha persuadido para o lado negro. —Estamos no meio do pátio. —Disse ele.

—Nós não temos que estar. —Ela não podia acreditar que disse isso, mas, bem, ela quis dizer isso. Ela ainda estava pressionada contra seu corpo grande, duro, ênfase no *duro,* e tudo o que ela conseguia pensar, era em como ele pareceria sem as barreiras das roupas.

Mas Keane não estava fazendo um movimento para levá-la de volta para sua casa.

Ou a dela.

Em vez disso, ele colocou as mãos em seus ombros, mantendo-a longe dele. Envergonhada, ela começou a se levantar, mas ele a impediu. —Não. —Ela disse. —Eu entendo. Você está... sentindo coisas e você não gosta. Não por sua casa, não por Petúnia, e certamente não por mim.

Ela arfou com surpresa quando ele puxou-a de volta, direto para seu colo desta vez. Uma de suas mãos grandes espalmando sua bunda para segurá-la

contra uma protuberância inconfundível de uma ereção dura feito rocha.

—Veja, você está sentindo *algo*. —Disse ela sem fôlego. —Então *por que* não estamos correndo para uma das nossas casas?

—Porque pelo tempo que vou levar para chegar com você lá, você vai ter mudado de ideia. —Disse ele. —Você teve uma manhã difícil. Eu não quero que isso seja uma decisão impulsionada pelo momento ou eu forçando você por causa do calor louco entre nós. E depois há o fator de trabalho. Nós dois estamos em cima da hora em poucos minutos e, Willa... —Ele segurou seu olhar. —Quando nós estivermos lá, nós vamos precisar de mais do que alguns minutos.

Naquele tom baixo e áspero, ela ficou úmida.

—Então. —Disse ele firmemente. —Vamos ficar aqui a apreciar a manhã e a companhia um do outro.

—Mas... —Ela baixou a voz para um mero sussurro. —Poderíamos estar fazendo isso pelados.

Ele gemeu e baixou a cabeça no ombro dela quando parte de sua anatomia pareceu inchar mais abaixo dela. —Não é bom provocar.

Quem estava provocando?

Lendo sua mente, ele riu baixinho em sua garganta e isso era sexy como o inferno. —Fale. —Ele disse. —Nós vamos falar até que nós dois tenhamos que ir para o trabalho.

Ela deu um suspiro e seu olhar se prendeu na árvore de Natal mais próxima. —Você teve árvores de Natal enquanto crescia?

—Sim. Meus pais sempre organizaram a festa de natal para todo o seu departamento e as decorações tinham que ser perfeitas. O que significava que eu poderia olhar, mas não tocar.

Ela virou a cabeça e encontrou o seu olhar. —Por que estou tendo a sensação de que você nem sempre fez o que lhe foi dito?

Ele riu de novo e ela sentiu como se tivesse ganho na loteria. —Eu nunca fiz o que me foi dito. —Disse ele. —Um ano eu desci sorrateiramente no meio da noite e tentei escalar a árvore.

—O que aconteceu?

—Ela caiu em cima de mim. Quebrou todos os ornamentos e eu cortei o meu queixo. —Ele esfregou o maxilar, sorrindo arrependido. —Eu era um total meliante. Meus pais me disseram que eu ia ganhar carvão no Natal naquele ano.

—Você ganhou?

—Não, eu ganhei um bilhete só de ida para o rancho do meu tio no Texas, durante toda as férias de inverno, onde limpei bosta de cavalo por três longas semanas.

Ela olhou para sua expressão, que era calma e serena. Em oposição direta à ereção cutucando sua bunda. —Você não parece particularmente marcado por essa experiência. —Disse ela.

—Meu tio adorava construir coisas. Ele tinha todas essas ferramentas incríveis e equipamentos. —Ele se inclinou para trás, um braço apoiado na parte de trás do banco, seus dedos brincando com as extremidades de seu cabelo. Ela nem tinha certeza se ele estava ciente disso.

—Foi a primeira vez que eu vi algo assim. —Disse ele. —A primeira vez que vi alguém trabalhar com as mãos. Ele tinha um celeiro inteiro cheio de ferramentas antigas. —Ele sorriu. —Ele me deu uma, um nível antigo[5]. Ainda o tenho. Algum dia vou colecionar outros para juntar com ele. Eu definitivamente fui mordido pelo bicho carpinteiro naquele inverno. Olhando para trás, é realmente uma das minhas melhores memórias de infância. —Ele cutucou o ombro dela com o dele. —Agora você. Diga-me algo de um de seus Natais passados.

Ela procurou em seu cérebro por uma memória feliz para combinar com a

---

5 

dele. —Minha mãe uma vez me deu um colar quando eu era pequena. —Disse ela. —Tinha um pingente com a letra W gravada em ouro, com todos esses pequenos strass delineando o W. Eu adorei. —Ela sorriu. —Eu usei-o para ir para a escola e uma garota má chamada Britney disse que era falso e de uma máquina de chiclete. Ela puxou e quebrou.

—Eu espero que você a tenha socado no nariz. —Disse Keane.

Ela mordeu o lábio inferior. —Eu pisei no pé dela e a fiz chorar, mesmo ela estando certa. O colar era falso. Ele deixou o meu pescoço verde.

Ele sorriu e ela sentiu a respiração em sua garganta enquanto ela via a luz da manhã resplandecer em seu sorriso bonito. —Essa é minha garota. —Disse ele.

Ela riu um pouco, encontrando humor na memória agridoce pela primeira vez.

Quando seu café e muffins acabaram, ele levantou-se e puxou-a com ele. O celular dela estava desligado e o dele também.

—A vida real está chamando. —Disse ele relutantemente.

Certo. Ela tinha um negócio para abrir e ele tinha Deus sabia o que para construir hoje, e ambos tinham pessoas dependendo deles para fazer seus trabalhos. —Obrigada pelos muffins. —Disse ela e começou a andar.

Ele a pegou.

—Ainda temos assuntos pendentes. —Disse ele naquela voz sexy com o sorriso que a deixava boba.

—Isso não é novidade.

Ele apertou a sua mão quando ela tentou se soltar. —Não te agradeci por confiar em mim o suficiente para me contar sobre o ensino médio.

—Eu não levaria isso tão longe para contar que confio em você. —Disse ela. —Eu ainda não assinei na linha pontilhada para o programa de confiar em você.

—Uma mulher sábia. —Ele deu um aperto significativo nos dedos quando ele a puxou e plantou um suave, mas extremamente quente beijo em sua boca. —Mas eu poderia surpreendê-la.

Ela o viu ir embora e depois afundou no banco tão forte que os pequenos sinos balançaram para todos os lados tocando tão alto quanto seus nervos.

—Isso foi interessante.

Willa olhou para Elle. Ela estava usando uma calça preta muito apertada, saltos “me foda” e um blazer vermelho poderoso, junto com uma camiseta branca de renda, todos os quais enfatizavam suas curvas e valentia.

—Você está incrível. —Disse Willa. —Como você anda nesses sapatos sem se matar?

—Não mude de assunto. Eu fui tomar um café e vi vocês dois pressionados um contra o outro como se houvesse algum tipo de incidente com supercola.

Bem, droga. —Você tem certeza? —Willa perguntou. —Porque tinha muita neblina esta manhã e...

Elle apontou para ela. —Você sabe quem pode cair nessa? Ninguém. Porque aquele foi um beijo quente. Quer dizer, eu sei, o homem é a personificação do sexo. Mas você continua tentando nos dizer que não gosta dele assim, por isso pode imaginar a minha surpresa em encontrá-los aqui tentando trocar as amígdalas.

Oh, Deus. Tinha *sido* muito quente, incrivelmente. Na verdade, ela ainda podia sentir os músculos duros, ondulando em sua camisa, a batida lenta e tranquilizante de seu coração na palma de sua mão. A maneira como ele acelerou quando sua boca tinha coberto a dela.

—Não que alguém acredite que você não gosta dele, a propósito. —Disse Elle. —Quando ele apareceu no escritório de Archer esta manhã, parecendo todo suado e nervoso, precisando chutar a bunda de Ethan, eu...

—Espere, o quê? —Willa perguntou, sentando ereta. —Keane foi ao escritório de Archer?

Elle arqueou as sobrancelhas. —Ele não te disse.

—Pareço como se ele tivesse dito?

—Não. —Elle murmurou pensativamente, tocando uma unha perfeitamente feita no queixo. —O que realmente o deixa ainda mais quente agora.

—Por guardar segredos?

—Por se importar tanto com sua segurança. Isso, ou ele já sabe o quanto você é teimosa e obstinada.

Willa balançou a cabeça. Ela não podia ir por aí agora. —Alguém mais viu o beijo?

Só então, Rory enfiou a cabeça pela porta dos fundos do South Bark. —Ok, não que eu esteja julgando ou qualquer coisa... —Ela gritou. —Mas você vai ficar por aí o dia todo beijando caras gostosos que você finge não gostar, ou nós vamos fazer algum trabalho?

—Eu acho que é seguro dizer que mais alguém viu. —Elle disse secamente.

CAPÍTULO 10

#TudoIssoEMaisUmSacoDeBatatasFritas

Keane voltou para Vallejo Street para o que deveria ter sido um banho quente, mas decidiu que um frio seria melhor devido às circunstâncias. Ele tinha quase certeza que um cara não poderia morrer da necessidade de ficar enterrado até as bolas dentro de uma certa ruivinha, de olhos verdes de fada, mas ele pensou que o banho gelado poderia ajudar.

Não ajudou.

Depois, ele não apareceu nem no North Beach ou no projeto da Mission District, ambos precisavam de sua atenção. Nem foi para a sua mesa para se desenterrar da papelada. Em vez disso, ficou ocupado no trabalho da casa da Vallejo Street: o acabamento, o assoalho, o material para as janelas e portas... os últimos retoques do que tinha que ser feito antes que o lugar pudesse ser colocado no mercado.

No início, Pita observou-o desconfiada da porta aberta. Então de forma lenta e deliberadamente seguiu para a área do banheiro que tinha umas aparas de madeira. Quando chegou muito perto da plaina mecânica[6] dele, ele parou. — Para trás, gata. Nada para ver aqui.

Em vez disso, ela sentou-se e olhou para ele, sua cauda se contorcendo.

—Fique á vontade. —Quando ele olhou para cima uma hora depois, ela tinha se enrolado no chão de madeira da soleira e tinha adormecido. Ele ouviu o som dos saltos de Sass descendo o corredor e olhou para cima quando ela apareceu.

—Más notícias. —Ela disse.

---

6 

—Nós não conseguimos as licenças para o projeto da Mission?

—Pior. —Ela disse.

—Realmente o Papai Noel não existe?

Ela não riu. Não bufou. Não o repreendeu por ser um idiota insensível. Merda. —O que é? —Ele perguntou. —Apenas me diga.

—É a sua tia-avó Sally. —Ela disse baixinho. —O médico da administração do condomínio ligou aqui porque você está listado como seu parente mais próximo.

Isto era novidade para ele. —O que há de errado?

—Aparentemente ela precisa ir para uma casa de repouso.

—Por que, o que há de errado com ela? —As respostas a esta pergunta o bombardearam. Insuficiência cardíaca. Câncer...

—Artrite reumatoide. —Sass disse. —Está atacada e ela não pode andar por aí como costumava, ou cuidar de um apartamento ou dela mesma sem ajuda. Eles têm um lugar em vista, é a que ela quer, mas há um problema.

—Você está me matando, Sass. —Ele disse, pressionando um polegar e um dedo em suas órbitas oculares.

—Ela não tem o dinheiro, Keane. Ela precisa de 5 mil adiantados para o primeiro mês.

—Diga-lhes que eles terão hoje. —Ele disse.

—Você sabe quantos zeros são, certo? E o seguro dela não vai sair até três meses, então...

—Diga-lhes que eles vão ter o que precisam, Sass.

—OK. —A voz dela era mais macia agora, mais suave. —Eu percebo que você é todo alfa e viril e não vai querer ouvir isso, mas tenho que dizer de qualquer maneira, isso é incrivelmente generoso...

—Há mais alguma coisa?

—Na verdade, sim. —Disse ela. —E para você esta vai ser a pior parte, então encolha sua barriga, vista sua calcinha de menina grande, e qualquer outra coisa que tenha que fazer para enfrentar a música.

—Eu juro por Deus, Sass, apenas me diga tudo isso ou...

—Ela não pode ter um animal de estimação neste lugar. —Ela disse rapidamente. —Nem mesmo um peixinho dourado.

Keane virou-se e olhou para Pita, ainda dormindo calmamente, quase docemente, naquela sombra do sol. Ele poderia ter se enternecido pela vista se não fosse pela caixa de pregos que ela tinha puxado, que jazia ao seu redor.

—Keane?

Merda. Ele deu um suspiro, deixou cair o cinto de ferramentas, e se dirigiu para a porta. —Mande-me o endereço do lugar.

—Só se me prometer que não vai lá com armas em punho para desovar aquela doce gata neles. Você vai fazer que Sally seja expulsa antes mesmo dela entrar lá.

Não que ele não amaria despejar o Anticristo em alguém, em qualquer um, mas até mesmo ele não era um bastardo tão grande. —Apenas me dê a maldita informação, incluindo o número de telefone deles.

—Por que você não me deixa lidar com a transferência. —Ela começou, soando preocupada. —Vou arranjar alguém para ajudá-la a fazer as malas e...

—Quero ver o lugar e verificar, ok? Ela não tem outro familiar que se importa.

Ela olhou para ele, com os olhos suspeitosamente brilhante, e Keane ficou imóvel. —O que você está fazendo?

Ela inclinou a cabeça para cima e olhou para o teto, piscando rapidamente. —Nada. —Mas ela fungou e acenou uma mão na frente de seu

rosto.

Oh, Jesus. —Você está... chorando?

—Bem, é tudo culpa sua! —Ela explodiu. —Você está sendo doce e eu estou naquela fase do mês!

Ele não estava preparado para isto. —Primeiro de tudo, eu não estou nem perto de ser doce. E segundo, eu comprei coisas para isso, está no banheiro do Hall.

—Viu? —Ela soluçou e jogou as mãos. —*Doce*.

Ele tentou ligar para o celular da tia, mas ela não atendeu. Ele foi até a instalação e verificou. Era um lugar agradável, limpo, surpreendentemente alegre. Depois, ele foi para a casa da tia e encontrou-a estressada com os arranjos, então ele ajudou a fazer as malas e a levou para a casa de repouso.

Ele se sentiu muito mal por deixá-la ali, mas ela parecia aliviada e claramente queria que ele a deixasse em paz, então ele voltou a trabalhar.

No final do dia seu corpo estava exigindo comida, então ele foi para o pub de O´Riley buscando suas famosas asinhas de frango.

E talvez também avistar Willa.

O pub era metade bar, metade restaurante. As paredes eram de madeira escura que dava uma sensação do velho mundo para o lugar. As lanternas de bronze penduradas nas vigas, e os velhos rodapés complementavam o visual, que mostrava o encanto antigo. E muito parecido com o resto do edifício, havia decoração de natal em todos os lugares. Ramos de azevinho, pisca-pisca cintilante, enfeites e uma árvore de Natal enorme bem no meio do lugar.

Ele se perguntou se Finn tinha deixado Willa solta por aqui. Parecia que sim. A música soava. Uma parede era toda de janelas que abriam para o pátio. A vista da rua vinha através de um rack sanfonado de portas de madeira e vidro revelando um bom vislumbre do Fort Mason Park e da Marina Green descendo a colina, e da ponte Golden Gate por trás disso.

Mas ele não prestou atenção a nada disso. Em vez disso, seu olhar foi direto para o fim do bar, onde os irmãos O´Riley e sua gangue muito unida, normalmente eram encontrados.

Willa estava no meio de Elle, Pru, Haley, Finn, Archer e Spence. Quando ele se aproximou, ele pode ouvi-los discutindo sobre três topos de árvores de natal, no bar bem na frente deles.

—É a minha vez de decidir e eu acho que o primeiro é o melhor. —Disse Haley, sua atenção sobre o que parecia ter um anjo intricado no tecido. —No ano passado foi a vez de Spence, e eu sou depois do Spence.

—Não, no ano passado foi o Finn. —Disse Spence, apontando para uma estrela de cerâmica. —E eu sou depois do Finn.

—Mas tem que ser o cão. —Disse Willa, acariciando um São Bernardo de pelúcia com um azevinho em volta do pescoço. —Ele é um cão de salvamento. —Ela avistou Keane e deu um sorriso rápido e genuíno. —Oi. —Ela disse. —O que você está fazendo aqui?

Aparentemente olhando para você, ele pensou, seu dia de repente não parecendo tão ruim.

—Vamos ter lançamento de dardos. —Disse Archer, de volta para o tema à mão. —Três equipes de dois. Haley, Spence e Willa vão escolher um de nós para a equipe deles. Melhor equipe ganha a escolha do topo da árvore para seu capitão. Levem seus traseiros para os fundos.

Quando Archer dá uma ordem às pessoas, elas obedecem. Todos se levantaram e foram para a sala dos fundos onde os dardos seriam jogados.

Elle estava bem atrás de Archer até que ele colocou uma mão para detê-la.

Elle colocou as mãos nos quadris. —O que nós conversamos sobre o uso de suas palavras? —Perguntou a ele.

—Você não vai jogar. —Disse Archer.

Elle olhou em volta dela como se não pudesse acreditar que ele tinha dito uma coisa dessas. —E desde quando você manda em mim?

Archer apontou para seus saltos impossivelmente altos. Eles eram pretos e enormes e revelavam seu esmalte azul-céu e um anel prateado no dedo do pé. —Ninguém joga dardos de salto alto. —Disse ele.

—Salto alto? —Ela riu. —Querido, isto aqui é um Gucci.

—Eu não me importo se são chinelos, a segurança vem antes da beleza. Você precisa tirá-lo para jogar, porque não vou arriscar seus dedos do pé, mesmo se você estiver disposta a isso.

—Deixe-me ser clara. —Disse ela. —Não tiro os saltos.

—Então você não joga.

—Tudo bem. —Elle enfiou um dedo na cara dele. —Espero que sua equipe tenha a bunda chutada.

Archer parecia inalterado. —Isso nunca vai acontecer.

—Você está com menos um jogador agora. —Disse Elle.

Archer virou-se para Keane. —Você joga?

Sim, ele jogava. Ele tinha sido um campeão em seus dias de rastejar em bares, mas ele deu um leve encolher de ombros. —Um pouco.

Willa parou na frente de Keane, olhos estreitos. —Um pouco ou muito? —Ela exigiu. —Eu preciso de você ou do Finn?

—Eiii. —Disse Finn. —Eu tô aqui.

Keane não desviou o olhar de Willa. —Você me quer. —Disse ele com voz dura.

Ela corou até as raízes, e ele sorriu para ela.

—Eu derrotei todos vocês na semana passada. —Finn resmungou. —Até

mesmo Archer.

Havia mesas de bilhar e dois alvos de dardos na sala dos fundos. Todos alinharam em frente aos alvos. Archer e Haley, Spence e Finn, e... ele e Willa.

Haley era boa, e nenhuma surpresa, Archer era ótimo.

Spence e Finn estavam fora dos padrões.

—*Vêem*? —Finn disse para a sala.

Willa... foi uma droga. Não havia outra palavra para isso.

—Droga. —Ela reclamou quando seu dardo caiu do tabuleiro.

—Eu pego para você. —Disse Keane e acertou no centro do alvo.

Willa levantou um punho triunfante no ar. —Sim! —Ela se jogou em Keane e quando ele a pegou, ela deu-lhe um beijo estalado bem na boca. Sorrindo, ela recuou. —O São Bernardo está no topo!

—Não vai ter como conviver com ela agora. —Disse Finn. —Todos sabem disso, não é?

Archer olhou para Keane. —Você pode apontar, você é duro sob pressão, e melhor ainda, você sabe mentir. Diga-me que sabe atirar e você está contratado, *merda*. —Ele murmurou, sua atenção indo para a pista de dança. Elle estava lá fora, seus saltos ainda firmemente em seus pés, dançando com um cara que Keane nunca tinha visto antes. Dança sacana.

Archer se moveu em direção a eles e os separou. Elle pareceu chateada, mas permitiu. Faíscas voaram entre eles e Keane virou-se para Willa. —Isso é algo novo?

—Aqueles dois? —Willa riu. —Eles brigam assim sempre que estão juntos.

—Sim, não é isso que quero dizer.

Ela parecia confusa e ele sorriu. —Deixa para lá. —Disse ele. —Eu vou explicar quando você for mais velha.

Ela olhou Archer e Elle novamente. —Ambos insistem que não há nada acontecendo.

Ele não acreditou, mas não era da conta dele.

Willa inspirou profundamente. —Está ficando tarde. Eu deveria ir.

—Dance comigo primeiro.

Ela riu.

—Estou falando sério.

Os olhos dela se alargaram e ela enviou um olhar assustado para a pista de dança. —Se você acha que eu sou ruim no dardo, você deve me ver na pista de dança. Eu sou uma dançarina muito ruim.

—Eu também.

Ela revirou os olhos. —Como se eu fosse acreditar que você é ruim em alguma coisa.

Ele deu um sorriso. —Como você vai saber sem ao menos me dar uma chance?

—Isso é uma coisa que eu realmente não deveria fazer.

—Covarde? —Ele perguntou suavemente.

Ela estreitou os olhos. —Nunca. —E então pisou na pista de dança.

Ele a alcançou assim que a música mudou, para uma lenta. Deslizando um braço em torno de sua cintura, ele puxou-a para perto, colocando aquela mecha rebelde de cabelo atrás de sua orelha.

Ela estremeceu.

—Frio? —Ele perguntou, correndo a mão livre pelo seu braço, incitando-a a escorregar a dela em torno de seu pescoço.

—Não. —Sua respiração quente roçou a mandíbula dele quando ela o

encarou. —Estou começando a pensar que você é um pouco como aquela barra de chocolate que guardo na minha geladeira para emergências.

—Irresistível?

—Ruim para mim.

Ele riu e deixou a música soar entre eles, apreciando a sensação de seu corpo quente e macio contra o dele, a forma como ela o segurava apertado, uma mão na nuca, a outra na parte de baixo de suas costas, agarrando sua camisa. Ele podia sentir seu coração batendo contra o dele, mas não foi até que ela tremeu que ele inclinou a cabeça dela para cima.

Ela balançou a cabeça para sua pergunta não feita. —Ok, talvez você também seja um *pouco* irresistível. —Ela murmurou. —É só que você é sempre tão...

—O quê?

—Tudo.

Ele virou a palma para cima e entrelaçou seus dedos, trazendo suas mãos unidas à sua boca enquanto eles balançavam em sincronia com a música, os passos dela inseguros e muito rápidos. Ele combinou o passo dela com o seu, desacelerando, olhando em seus olhos.

—Você está com medo. —Ele percebeu, não falando mais sobre a dança.

—Aterrorizada. —Ela confessou. Ela não estava falando sobre dançar também. —Está nessa também, não é?

—Não há nada a temer aqui, Willa.

—Porque nós somos apenas dois adultos que estão muito atraídos um pelo outro, e nós dois sabemos o placar. Nada de se apaixonar. Só uma boa diversão à moda antiga. —Seus olhos enormes piscaram para o dele. —Não é?

—É. —Ele murmurou contra os lábios. —Mas você esqueceu algo.

—O que?

—Você me faz rir, e eu gosto disso. Então, sim para a diversão, mas, Willa, nada que eu sinto por você é a moda antiga. —Ele abaixou as pontas dos dedos levemente pelas suas costas até que parou na cintura baixa de seus jeans, acariciando a pele nua entre a bainha de sua blusa e o jeans. Outro tremor a consumiu e ele puxou-a ainda mais para perto dele, seus corpos formando uma linha reta do peito ao dedo do pé.

Fechando os olhos, ela suspirou suavemente e inclinou o rosto até o dele. Quando ele baixou a boca para a dela, ela separou os lábios ansiosamente. Ele engoliu seu gemido suave, balançando-a em sintonia com a música enquanto eles se beijavam. —Você sabe como dançar. —Ela acusou suavemente.

Suas mãos viajaram até sua coluna. —Eu sei outras coisas também. Como o quanto eu quero tocá-la.

Ela riu nervosamente. —Keane...

—Shh. —Ele sussurrou em seu cabelo. —Mais tarde.

Tanto a porta da rua e as portas para o pátio do pub estavam fechadas contra o ar do inverno, mas cada vez que alguém entrava ou saía, uma brisa entrava, roçando a pele aquecida.

Quando a canção terminou, Keane trouxe o rosto de Willa para encontrar o seu, esfregando o polegar sobre o lábio inferior. —Obrigado por me mostrar como dançar.

Ela afundou os dentes na almofada de seu polegar duro o suficiente para beliscar, fazendo-o rir.

Ela era tão perigosa quanto Pita.

O ar em torno deles crepitava, da mesma maneira que tinha crepitado em torno de Archer e Elle mais cedo, o calor entre eles pulsava e refletia no pub lotado. Mas ao contrário de Archer e Elle, Keane sabia exatamente o que era.

—Eu realmente tenho que ir. —Disse Willa.

—Eu vou te acompanhar.

—Isso é... —Seu olhar caiu para a boca dele. —Provavelmente uma má ideia.

Ele teve que sorrir. —Não há dúvida. —Se ela queria que ele insistisse sobre o assunto, ela ficaria desapontada. Não era seu estilo insistir. Quando eles dormirem juntos, e Deus, ele realmente esperava que acontecesse, seria porque ela queria e estava pronta, e não porque ele a convenceu. Então ele pegou a mão dela e foi para o pátio.

Havia realmente um *bocado* de Natal acontecendo aqui. A fonte enevoada suavemente pelo frio da noite, iluminada de vermelho e verde das luzes.

O velho Eddie estava aqui, mexendo na fogueira. Ele puxou um raminho de azevinho de seu bolso e jogou-o para Willa.

Em troca, ela entregou-lhe as sobras. —Asinhas. —Disse ela. —Com molho extra.

—Obrigado, querida. Adoro as minhas luzes. Significou muito você fazer isso por mim.

—Qualquer coisa. —Disse Willa.

E Keane sabia que ela falava sério. Fazia parte do que a tornava especial e diferente de qualquer um que ele conhecia. Ela realmente daria a um estranho a roupa do corpo.

Na escadaria, Keane encontrou seu olhar. —Você tem planos para esse visco?

Ela sorriu, mas esperou até que estivesse no topo das escadas, virando de costas para andar em direção ao seu apartamento quando ela deu-lhe um sorriso. —Algumas coisas um homem deve descobrir por si mesmo.

Ele a pegou na porta e a empurrou contra ela. Ele não tinha ideia se eles empurrariam seus limites ou o quê, mas ele queria que ela pensasse nele depois que ele fosse embora. Para cumprir esse objetivo, ele agarrou seu pulso, o que ainda estava segurando o raminho de visco, e levantou-o lentamente na parede,

até que estava acima de sua cabeça, entre ambos.

Então ele baixou a cabeça e esfregou a boca na dela. E então, para torturar a ambos, fez novamente.

Gemendo, ela deixou cair o azevinho e puxou a mão livre para segurar a frente da camisa dele com os dois punhos. Ela ainda estava segurando firme quando ele levantou a cabeça.

—É o maldito visco. —Ela sussurrou.

Ele deixou escapar uma risadinha. —Querida, não é o visco.

CAPÍTULO 11

#CoelhinhoBobo

Willa deixou cair a cabeça no peito de Keane e bateu nele algumas vezes, esperando que isso fosse limpar seus pensamentos. Em vez disso, já que o peito dele era duro como concreto, ela se deu uma mini concussão. —O que vou fazer com você? —Perguntou ela.

—Eu tenho algumas sugestões.

Ela levantou a cabeça e pegou a diversão em seu olhar escuro. E algo mais, algo que roubou seu fôlego e fez tudo, menos afastar seu olhar. —Keane. —Ela sussurrou e se aproximou mais.

As mãos dele foram para seus quadris e ele baixou a cabeça lentamente. Um suspiro trêmulo saiu dela que fechou os olhos quando seus lábios caíram sobre os dela. Soltando o visco, ela envolveu os braços em volta de seu pescoço, os fios de seda de seu cabelo escorregando através de seus dedos.

Com um som áspero que veio do fundo de seu peito, ele puxou-a mais perto, suas mãos agarrando seu cabelo para mudar o ângulo do beijo, tornando-o mais profundo. Com um puxão, ele revelou sua garganta e arrastou sua boca para raspar os dentes pela pele dela.

Ela engasgou com o prazer e a necessidade e, provavelmente, teria deslizado para o chão em uma pilha desossada se a coxa musculosa dele não estivesse empurrada entre as dela, tanto segurando-a e criando um calor em seu interior que a fez esquecer por que ela não estava pronta para ele.

O corpo dela não podia estar *mais* pronto.

Mas então ele acalmou seu toque e enfiou seu rosto na curva do pescoço dela. Doce. Delicado. E com o que soou como uma risada baixa, ele recuou para trás.

Ela lutou para abrir os olhos. —Uau. —Ela sussurrou.

Com uma risada suave que a excitou ainda mais, ele depositou um último beijo em sua têmpora. —Tranque a porta, Willa. Sonhe comigo.

E ela sabia que sonharia.

Keane acordou no domingo com um barulho que soou como se um bando de pássaros tivesse entrado em seu quarto e estavam batendo suas asas contra a janela tentando sair.

Sentando ereto na cama, ele virou a cabeça para a janela, esperando ver um banho de sangue.

Em vez disso, viu suas cortinas todas desalinhadas com uma protuberância suspeita do tamanho de um gato por trás delas. Em seguida, um rosto preto e ardentes olhos azuis espiaram entre duas grades. E depois quatro patas.

—Miau.

—Então você está presa. —Disse ele.

—Miau.

Sacudindo a cabeça, ele se levantou e tentou tirá-la das cortinas. Ela não estava conseguindo. Na verdade, ela estava louca.

—Isso seria muito mais fácil se você parasse de sibilar e cuspir em mim. —Disse ele.

As orelhas dela foram para trás e ela tentou mordê-lo.

—Faça isso de novo e eu vou deixá-la aqui. —Ele avisou.

Ela mudou para um rosnado baixo e contínuo. Quando ele finalmente a soltou, ela se afastou, de cabeça erguida, cauda alternando para trás e para frente, irritada até o fundo do seu ser.

Sacudindo a cabeça, ele virou-se para as cortinas.

Destruídas.

Ele procurou seu celular e chamou Sass. Ela não atendeu, então deixou uma mensagem. —Eu sei que é domingo, mas se você estiver por perto, eu poderia precisar de alguma ajuda. Me ligue de volta.

Ele desligou e encontrou Pita ainda parecendo irritada. Ela teria voltado, provavelmente para lembrá-lo que ela estava a ponto de morrer de fome. —Ela não vai me ligar de volta. —Disse ele.

Ele tentou Mason a seguir. Também foi para a caixa postal. Merda. Ele alimentou a herege e foi para o chuveiro. Ele estava na metade do caminho quando sentiu que estava sendo observado. Ele abriu os olhos depois de enxaguar o xampu e encontrou Pita sentada do lado de fora do chuveiro, olhando para baixo dele.

Não era sempre que ele se sentia vulnerável, mas ele teve vontade de se cobrir. —Algum problema? —Perguntou para ela.

Ela deu uma piscada lenta como uma coruja. —Miau.

Ela não parecia zangada. Na verdade, ela parecia... solitária. Parecendo provar seu ponto, ela deu um passo para o chuveiro e entrou.

—Cuidado. —Ele avisou. —Você não vai gostar.

E, na verdade, quando a água atingiu o centro de seu rosto, ela piscou os olhos e olhou para ele, quando ela recuou para a zona de segurança. Levantando uma pata, ela começou a secar meticulosamente seu rosto da água do mal que tinha ousado aterrissar nela.

—Eu te avisei. —Disse ele e piscou.

Eu te avisei.

Tinha sido um refrão comum dos seus pais sempre que ele fazia algo que eles consideravam estúpido. E, evidentemente, ele fazia um monte de estupidez. Como quando ele quebrou a perna no segundo ano da faculdade e perdeu a bolsa de futebol.

—A inteligência nunca falha. —Disse o pai dele. —A ciência nunca falha com você. Ser professor é um trabalho que não falhará. Eu te disse que precisava de um plano alternativo.

—Puta merda. —Keane murmurou, balançando a cabeça. —Acabei de falar igual ao meu pai.

Pita espirrou, mas soou como um bufo zombeteiro.

Um pouco traumatizado, Keane se vestiu e depois ficou lá em seu saguão, olhando para Pita, que o seguiu até a porta. —Eu tenho que ir para o trabalho em North Beach para verificar o progresso de ontem. —Disse ele. —Espere aqui e não destrua nada.

Ela deu-lhe um piscar de olhos, lento como uma coruja.

—Merda. —Ela destruiria alguma coisa mesmo. Talvez várias coisas. —Ouça... —Ele agachou para olhá-la nos olhos. —Eu não posso levá-la para a creche de gatos hoje; está fechado. E Sass e Mason estão me ignorando porque é domingo.

Ela só ficava olhando para ele. Sem piscar.

—Merda. —Disse ele novamente e apontou para o transportador. —Sua única outra opção é vir comigo, mas isso é uma má ideia.

Antes de terminar a frase, Pita tinha entrado em seu transportador sem barulho ou um único silvo.

Chocado, ele fechou a caixa rosa brilhante e encontrou os olhos azuis através da grade. —Olha, eu sei que você está infeliz com tudo isso, mas estamos presos um ao outro por enquanto.

Ela fez mais daquela coisa sem piscar.

—Sobre isso. —Disse ele. —Eu prometo fazer o melhor que posso, e em troca você promete parar de fazer cocô em meus sapatos.

Pita virou-lhe as costas.

—Tudo bem, então. Boa conversa. —Ele levou-a porta a fora e para a caminhonete, levando-a para North Beach. Quando ele estacionou na rua em frente a um café duas portas abaixo de seu edifício, um grupo de mulheres ficou na calçada conversando umas com as outras.

—... Basta esperar até que você morda seus pães de canela quente...

—... Não poderia ter encontrado um lugar melhor para fazer o seu trigésimo aniversário de menina festeira...

—... Oh meu deus, não se virem, mas há um cara lindo ali atrás e ele está carregando seu gato em um transportador cor de rosa brilhante, *eu disse para não se virar!*

Mas todas se viraram. Seis delas, sorrindo para ele.

Acenando para elas, desencadeando uma avalanche de acenos e mais sorrisos enquanto caminhava para seu prédio.

—Agora esses são os pães que eu queria afundar meus dentes. —Uma delas murmurou.

Keane resistiu a correr pelas escadas. Entrando na casa, ele fez uma parada abrupta, chocado quando Mason e Sass se sobressaltaram, parecendo amarrotados e culpados.

Todos eles se olharam embaraçados e, em seguida, Mason ficou muito ocupado com sua pistola de prego enquanto Sass começou a mexer em seu iPad como se ele estivesse em chamas.

—Mas que merda. —Disse Keane.

Mason acidentalmente derrubou um prego no chão.

Sass colocou as mãos nos quadris e ficou na defensiva. —Ei, o que fazemos nas suas costas é problema *nosso.*

—Verdade. —Disse Keane.

—E nós nunca deixaremos isso afetar o trabalho. —Disse ela. —Nunca.

—OK. —Disse ele.

—Eu não deixaria. —Sass acrescentou, mais suave agora. —Eu amo este trabalho.

—Sass. —Disse Keane com uma risadinha. —Eu não me importo com o que vocês dois fazem nas suas horas de folga, contanto que eu não tenha que ver. O que eu quis dizer com que merda é... O que diabos vocês dois estão fazendo aqui trabalhando, mas não atendendo seus celulares?

—Você disse na semana passada, toda ajuda possível até que terminemos. —Disse Mason, aparentemente encontrando sua voz. —Todo pessoal no campo.

—Sim, mas eu te liguei. —Disse Keane com o que ele achava ser uma notável paciência. —Para os dois. Ninguém respondeu.

—Porque você queria uma babá para a gata. —Disse Sass. —E por mais que eu ame este trabalho, cuidar da gata malvada não está na minha área de trabalho.

—Ou na minha. —Disse Mason.

Keane olhou para eles. —Você não sabia que era isso o que eu queria.

Sass moveu seu olhar sugestivamente para o transportador da gata que ele ainda estava carregando. —Você não contrata pessoas idiotas.

Ele suspirou e colocou o transportador no chão.

—O que você está fazendo? —Mason perguntou, com os olhos arregalados de horror. —Não deixe *isso* sair.

—*Isso* é ela.

—*Isso* vai me atacar. —Disse Mason.

Sass revirou os olhos. —Mas acha que a gata é o mal encarnado.

—*Isso* é. —Disse Mason.

—Ela se esfregou contra suas pernas. —Disse Sass. —Ele está convencido de que a gata está tentando estabelecer que ela é a dominante no relacionamento deles.

—Ela me deixou *meio* pedaço de um rato. —Disse Mason.

—Ela notou sua falta de habilidades de caça e incapacidade de se alimentar. —Disse Sass. —Ela está tentando te mostrar como caçar. É um elogio.

—*Meio* pedaço de um rato. —Repetiu Mason.

Keane balançou a cabeça e abriu o transportador. —Ninguém deixe nenhuma porta aberta. —Disse. Então ele pegou uma tigela de água e comida para Pita, e finalmente fez sua inspeção.

Então ele deixou a Mason uma lista de coisas que queria prontas e ele e Pita voltaram para a Vallejo Street, onde ele amarrou seu cinto de ferramentas. A parte favorita de qualquer um dos trabalhos que ele assumia sempre foi a parte com madeira. A carpintaria tinha sido o seu primeiro amor e ainda era a coisa que mais o realizava. Neste trabalho, tinha ido realmente a moda antiga no sentido tradicional do Vitoriano, trazendo de volta o revestimento original de piso de tábua de carvalho e acabamento de madeira requintado, que era no que estava trabalhando hoje. Lixar e envernizar. O acabamento seria o próximo.

Uma hora nisso, ele parou para puxar o seu celular vibrando. Era Sally finalmente chamando-o de volta com uma chamada no FaceTime. Ele respondeu e foi recebido por... uma boca enorme. A pele ao redor da boca estava enrugada. Os lábios tinham sido pintados com batom vermelho.

—Alô? —Disse a boca. Keane? Maldito telefone moderno. —Ela murmurou. —Não consigo ouvir nada.

—Tia Sally, eu estou aqui. —Ele disse a ela. —Você está bem instalada?

—*O quê?*

—Você não tem que segurar o telefone na sua boca assim. Você pode apenas falar normalmente.

—Humm? O que é isso? Fale, garoto.

Keane suspirou. —Eu disse que você pode apenas falar normalmente.

—Eu estou falando normalmente. —Ela gritou, ainda segurando o telefone tão perto de seu rosto que só sua boca aparecia. —Estou ligando para falar com Petúnia. Coloque-a na linha.

—Você quer falar com a gata.

—Você tem problemas de audição? Foi o que eu disse. Agora coloque-a na linha para mim.

—Claro. —Keane foi para a cozinha, porque é onde Pita mais andava, perto da tigela de comida. A tigela de comida estava vazia.

Nenhum sinal de Pita.

—Espere um minuto. —Disse ele no telefone e, em seguida, pressionou-o contra sua coxa para bloquear o vídeo e som. —Pita. —Ele chamou. —Pita, venha. —Ele se sentiu ridículo. Os gatos não “vem”. Muito menos o Anticristo. —Gata. —Disse ele. —Petúnia?

Nada ainda. Ele atravessou a casa e ainda estava na sala de jantar. Oh merda, ele pensou, olhando para o buraco no chão. O duto de ar, sem a tela, porque estava com um cavalete com algum acabamento secando depois de ser envernizado.

Ele caiu de joelhos e olhou para baixo do respiradouro aberto, mas não podia ver coisa alguma. —Pita?

Houve um silêncio pesado, em seguida, um farfalhar, seguido por um soar triste —Miau.

O coração dele parou. —Ok, não é engraçado. Traga o seu felpudo rabo peludo de volta aqui. —Ele exigiu, ainda segurando apertado o celular na coxa.

Desta vez, o miau soou mais fraco, como se ela tivesse se movido mais para a ventilação. Ele trouxe o celular de volta. —Ei, tia Sally, tenho outra ligação

que tenho que atender. Eu te ligo de volta, certo?

—Há algo errado? —O lábio vermelho e enrugados perguntou.

—Não se preocupe. —Keane assegurou-lhe e desligou. Ele pegou a tigela de comida da Pita, encheu e depois balançou a tigela acima do respiradouro aberto. —Ouviu isso? —Ele falou no buraco. —É a sua comida. Venha buscá-la.

Nada. Nem mesmo um farfalhar desta vez.

—Cristo. —Keane ficou de pé e caminhou para a sala ao lado, onde ele sabia que levava o sistema de ventilação. Ele arrancou a grade, ligou o app da lanterna de seu telefone e olhou para o buraco. —Pita?

Mais nada.

—Porra, gata. —Ele desligou a lanterna e esfregou sua têmpora. Completamente perdido, ele fez a primeira coisa que veio à mente. Ele ligou para a única pessoa que ele sabia que o gato realmente gostava.

—Alô. —Willa respondeu, soando suave e sonolenta.

—Eu te acordei. Eu sinto muito.

—Keane?

—Sim. —Disse ele. —Eu tenho um problema.

—Ainda? —Ela bocejou. —Você não deveria chamar um médico se essas condições persistirem por mais de quatro horas?

Ele congelou por um momento e depois riu. Beliscando a ponta de seu nariz, ele balançou a cabeça. —Não é esse tipo de problema. —Ele fez uma pausa. —E eu tenho certeza que não há nenhum cara na terra que realmente iria a um médico por isso.

—Mais uma razão para os homens morrerem mais jovens do que as mulheres. Qual é o problema, Keane?

—Pita.

—Você está com ela hoje também?

—Sim. Minha tia teve que ir para uma casa de repouso com ajuda assistencial. Enquanto eu estava trabalhando, Pita desceu pela ventilação e ou se juntou a um complexo de ratos ou ela está apenas gostando de foder comigo como todas as outras mulheres que eu conheço, mas não posso mais vê-la ou ouvi-la.

Silêncio.

—Willa?

—Sua tia teve que ir para uma casa de repouso?

Ele não tinha acabado de dizer isso? —Sim, e...

—E você está guardando a Pita para ela? Indefinidamente?

—Bem, eu estava. —Disse ele. —Agora tenho certeza que eu acidentalmente a matei.

—Vou já para aí.

CAPÍTULO 12

#AondeEstáOBife

Depois da ligação de Keane, Willa saiu da cama pela segunda vez naquela manhã. A primeira tinha sido uma hora atrás com a batida desesperada em sua porta.

Que tinha sido Kylie. —Lembra de Vinnie? —Sua amiga tinha perguntado, puxando o filhote de cachorro minúsculo de seu bolso. —Minha denominada amiga nunca voltou para pegá-lo, você pode acreditar? —Ela beijou o topo da cabeça do filhote, que era maior do que seu corpo. —Acho que ela o abandonou, e eu...

Ai cara. Willa olhou nos olhos calorosos do cachorrinho Vinnie e se sentiu derretida. —Então, qual é o seu plano?

—Eu vou ficar com ele. —Disse Kylie firmemente. —Ele vai ser um presente de Natal para mim mesma. O meu problema é que tenho que ir trabalhar. Existe alguma maneira de você me ajudar hoje?

Que foi como Willa tinha acabado de volta na cama acariciando um filhote de três semanas de idade até que Keane tinha ligado. Agora ela recolheu Vinnie, acariciando o pequenino. —Nós temos uma situação de busca e salvamento, amigo. Você está dentro?

Vinnie bocejou sacudindo todo o seu corpo, o que não foi tão difícil. Fazendo malabarismos com o carinha, Willa correu cuidando da rotina matinal o mais rápido possível. Ela teve que colocar Vinnie para baixo para escovar os dentes, o que acabou por ser um erro, porque quando ela voltou, ela encontrou-o sentado orgulhosamente ao lado do que parecia uma pilha de massinha de modelar fresca. Só que não era apenas fresca como incrivelmente fedida.

Ele estava olhando para ela como se dissesse: *não fui eu, nem fui eu que acabei de mastigar o cadarço dos seus sapatos. Eu não tenho ideia de quem faria*

algo assim, especialmente tendo em conta a situação do cocô; isso seria maldade.

Com um suspiro, ela limpou a bagunça e em seguida, colocou um moletom sobre o seu pijama. Ela agarrou a mamadeira de bebê que Kylie tinha deixado com ela para Vinnie, que ficou muito animado com a visão dela e começou a ofegar alegremente, as perninhas curtas patinaram no ar como se ele pudesse voar em direção da garrafa.

—Num segundo. —Ela prometeu. Ela agarrou sua bolsa e um casaco e correu porta afora, chamando um Uber em seu celular enquanto esperava pelo elevador.

A corrida de carro era um luxo que ela não podia pagar, mas estava chovendo e ela tinha Vinnie, e Keane tinha soado...

Vulnerável.

Ela teria ido só por isso porque... bem, a curiosidade tinha matado o gato e tudo. Mas não era apenas uma curiosidade que a tinha apressado.

Ela se preocupava com Petúnia, e mais do que isso, ela se importava com ele.

—Não é bom. —Ela disse ao filhote quando ele terminou sua mamadeira, colocando-o em sua camisa, debaixo de seu casaco para mantê-lo aquecido. —Não é nada bom.

Enfiando a cabeça para fora do colarinho de sua blusa, Vinnie lambeu o queixo dela. Seus olhos, maiores do que sua cabeça, estavam aquecidos e felizes quando ele olhou para ela em adoração.

—Ok, então é assim que vamos fazer isso. —Disse ela. —Quando chegarmos lá, não vamos, repita, *não* vamos nos apegar ao cara bonito e sexy que vive lá, ok? É inútil se apegar a alguém que não vai se apegar de volta.

—Então por que ir à sua casa tão cedo se você não vai ficar apegada? —O motorista do Uber perguntou. —A sua mãe não te ensinou nada?

—Ei, sem bisbilhotar. —Ela disse. —Ou julgar.

—O quanto você gosta desse cara? —Perguntou ele, seu olhar digitalizando suas roupas pelo seu espelho retrovisor. —Porque talvez você queira se vestir melhor.

Disse o cara com uma camiseta cinza suja e cabelo tão selvagem e louco que tocava o teto de seu carro. —Este é o meu moletom favorito. —Disse ela.

—Mas não é do tipo de moletom para se ter alguma ação. É mais como... moletom para controle de natalidade.

Ela olhou para si mesma quando eles pararam em frente à casa de Keane. Que bom que ela não estava preocupada em transar.

Espere... ela estava? Bem, tarde demais para se preocupar com isso agora.

—Deixe-me uma boa nota? —O motorista perguntou quando ela saiu.

Willa suspirou. —Claro.

Keane mal tinha se contido de derrubar a parede, a *nova* parede, entre a sala de estar e a de jantar para chegar a Pita quando ouviu a batida de Willa.

Ela estava ali, na chuva, o capuz de seu casaco puxado.

—Oi. —Disse ela, claramente recém-saída da cama e parecendo adoravelmente sexy. —Salvamento & Resgate ao seu dispor.

Ele sabia o quanto ela trabalhava duro, e que hoje provavelmente era um dia raro para ela, e mesmo assim ela veio quando ele ligou. Ok, então ela estava lá pela gata e não por ele, mas mesmo assim, ele se sentiu muito impressionado com isso.

Com ela.

Isso não acontecia muitas vezes em seu mundo, dar ajuda livremente assim sem esperar nada em troca, nada para ser jogado na sua cara mais tarde. E isso significava muito.

Ele a puxou para dentro, tirando-a da chuva, que estava escorrendo nela.

—Você está usando um cinto de ferramentas. —Disse ela, olhando para ele.

—Sim. —Ele estava enganado ou ela estava com os olhos arregalados. —Por quê?

Ela umedeceu os lábios e olhou para o cinto de ferramentas um pouco mais. —Por nada.

Ele riu suavemente. —Você gosta do cinto de ferramentas?

Ela corou. —Bem, é um clichê por uma maldita razão. Eles são uma coisa meio... sexy.

—Bom saber. —Disse ele, devolvendo seu sorriso. —E obrigado por ter vindo.

Willa empurrou seu capuz para trás e encontrou seu olhar, seus olhos profundamente inchados do que ele supôs ser de dormir. Seu cabelo sedoso estava mais do que um pouco selvagem, caindo em seus olhos, agarrando-se a sua mandíbula. Ele tirou o casaco dela na esperança de mantê-la seca. Isso a deixou com o moletom que ia até sua coxa e estava escrito *SWAT*, galochas de chuva, o moletom era de manga comprida confortável que se agarrava as suas curvas e lhe dizia que ela não estava usando um sutiã.

A boca dele secou.

Do bolso do capuz uma cabecinha de cachorrinho espreitou. —Au! —Ele grunhiu tão forte que suas orelhas enormes tremeram.

—Vinnie está de volta. —Disse ela sobre o cão de tamanho de sua palma. —Estou de babá. —Ela olhou em volta. —Uau. Este lugar é apenas... uau. Ela rodou em um círculo lento. —Eu queria lhe perguntar, a moldura é carpintaria original?

—Original e restaurada.

—Lindo. —Disse ela, andando, sua voz baixa e reverente. —Sério, se esta fosse a minha casa, eu nunca iria deixá-la.

Desconfortável com o elogio e ainda sentindo o peito inchado de orgulho, ele não disse nada. Mas era a sua casa dos sonhos também.

—E você vai realmente vendê-la? —Perguntou ela, encontrando seu olhar.

Ele deu de ombros. —Esse é o plano. Eu vendo tudo que eu reformo. É a minha renda.

—Certo. —Ela acenou com a cabeça. —Você não se apega às coisas, eu percebi. Então, onde posso colocar Vinnie enquanto procuramos por Petúnia?

Ele inspirou profundamente e levou-a para a cozinha, o couro do seu cinto de ferramentas rangendo enquanto ele se movia, embora ele tivesse certeza que ela não estava achando tão sexy no momento.

Ela colocou Vinnie na pia da lavanderia, forrando-a com um cobertor macio e, em seguida, deixou sua cama especial de cachorro lá: uma caixa de papelão com sua água e alguns brinquedos. —Fique aqui e seja um bom menino. —Disse ela. —E eu vou dar-lhe um agrado.

—Isso se aplica a todos os machos aqui? —Keane perguntou.

Ela deu-lhe uma longa olhada.

Ok, então não. Sacudindo a cabeça para si mesmo por desejar coisas que não eram para ele, se virou e entrou na sala de jantar. —Aqui. —Disse ele, agachando-se na ventilação. —Ela entrou aqui.

Willa olhou o duto de ar. —Onde ele leva?

—Ao escritório. Eu puxei a tampa de ventilação dele também, mas ela não saiu. —Ele não era um cara que entrava em pânico. Nunca. Mas ele sentiu um nó no centro de seu peito e tinha certeza que estava muito perto de entrar em pânico agora.

—As chances são de que ela não pode recuar. —Disse Willa. —Ela é um pouco... robusta. —Ela sussurrou esta última palavra, como se Pita não pudesse não só ouvi-los, mas também entender inglês. —Em que direção a ventilação vai?

Ele apontou para a esquerda. —O quarto ao lado.

Willa se mudou para a parede entre eles e colocou a orelha nela. —Petúnia! —Ela gritou e aguardou, ouvindo.

Veio um miau muito fraco.

—Merda. —Disse Keane. —Isso aí. —Ele levantou e saiu da sala, agarrando o machado de sua grande caixa de ferramentas de trabalho. Ele voltou para onde tinha deixado Willa. —Para trás.

Ela virou-se e olhou para ele, com os olhos arregalados. —O que diabos você vai fazer com isso?

Não era óbvio? —Derrubar a parede.

—Uau. —Disse ela, e desta vez ela definitivamente não ficou impressionada. —Espere um segundo, Paul Bunyan[7]. —Ela voltou para o segundo respiradouro. Ficando de quatro, ela mais uma vez chamou por Pita. —Petúnia? Eu sei que você não pode se virar e voltar, e que você está no escuro e provavelmente muito infeliz com tudo isso, mas você tem que avançar, ok? Você tem que vir para mim ou o grande lobo mau aqui vai soprar e soprar e derrubar este lugar inteiro. E você deve saber, ele vai arrancar alguma moldura bonita e partir meu coração.

—Miau.

—Isso. —Ela comemorou, ainda de quatro, sua bunda arrebitada no ar, seu moletom apertado em suas nádegas. —Venha para mim, querida.

Ele gemeu. —Me matando.

Ainda na posição, na verdade uma de suas posições favoritas, ela esticou seu pescoço e olhou para ele. —Estou tentando salvar sua parede aqui.

—Continue. —Disse ele, sua voz um tom mais baixo do que antes.

[7] Paul Bunyan é um lendário lenhador gigantesco que aparece em alguns relatos tradicionais do folclore dos Estados Unidos.

Ela olhou para sua boca por um momento, engoliu duro, e depois voltou para sua tarefa. —Petúnia?

Nada.

Keane se aproximou e Willa apontou para ele. —Nem pense em tocar naquela parede.

Seu tirano sexy.

—Eu estou falando sério. —Disse ela.

Ele teve que rir. —Detesto dizer isto, Willa, mas você finalmente conheceu alguém tão teimosa e obstinada quanto você. Pita não vai sair de lá, nem mesmo pelo seu doce, por nada porquê...

Porque nada. Houve um farfalhar e, em seguida, o mais triste pedaço de pele imunda, enfiou a cabeça para fora do duto, e Keane quase caiu de joelhos de alívio. —Eu não posso acreditar que ela saiu de lá apenas pelo som de sua voz.

—Eu sou boa, mas não tão boa. —Disse Willa quando Pita arrebatou algo de sua palma e comeu como se estivesse a cinco dias sem comida em vez de uma hora. —É um deleite de peperoni. Sempre funciona. Ahh. —Ela disse para a gata suja. —Pobre bebê. Isso deve ter sido tão traumático para você.

—Extremamente. —Disse Keane, balançando sua sobrancelha. —Você deve me abraçar.

Ela riu e ele se viu sorrindo para ela como um bobo. —Você sempre carrega guloseimas de peperoni em seu bolso?

—Sempre. —Disse ela e sentou-se no chão com Pita, não parecendo incomodada pelo fato de que ela estava agora imunda também. De outro bolso, ela puxou um pente e passou a usá-lo para tirar a maior parte da sujeira e poeira da gata.

—Eu não vou nem perguntar o que mais você carrega aí. —Disse ele, se aproximando, agachando-se ao seu lado para olhar para os olhos da gata meio fechados em êxtase. —Você a colocou em transe.

—A maioria dos gatos ficam um pouco hipnotizados com prazer quando você os penteia. —Disse ela e sorriu. —Na verdade, a maioria das fêmeas.

—Humm? Agora isso é uma coisa sobre o seu gênero que eu não sabia.

—Você acha que é a única coisa? —Ela perguntou com ironia apenas o suficiente em sua voz para fazê-lo olhar mais para ela.

—Você tem algo que quer que eu saiba? —Perguntou ele.

—Absolutamente não. —Mas ela corou um lindo tom de vermelho e ele teve que admitir que estava mais do que um pouco curioso.

Aparentemente, já cheia dos mimos, Pita saiu do colo de Willa.

—Espera aí. —Disse ele para a gata. Ele chamou Sally de volta e apontou a chamada FaceTime para Pita.

Sally começou uma conversa de bebê e a gata parou e olhou sem piscar para a câmera, ouvindo atentamente.

Depois, Sally agradeceu a Keane e desligou. Pita foi andando, cauda e cabeça erguida.

—Foi muito gentil da sua parte. —Disse Willa.

—Esse sou eu, um verdadeiro amor. E de nada, princesa. —Ele gritou para a sombra de Pita. Agarrando a mão de Willa, ele puxou-a de pé.

Suas mãos foram para seu peito, mas em vez de usá-lo para endireitar-se, ela segurou, deslizando as mãos para cima e em torno de seu pescoço, balançando contra ele.

—Essa coisa está acontecendo de novo. —Ela sussurrou.

Sim. Definitivamente estava. —Essa “coisa” gosta de você. —Disse ele. —Muito.

Ela bufou. —Eu não quis dizer isso. Embora... —Ela se pressionou nele um pouco mais, contorcendo seus quadris não tão sutilmente contra sua ereção. —

Eu definitivamente reparei.

—Difícil não reparar.

Ela bufou novamente, mas curioso demais, ele teve que perguntar. —Então o que você quis dizer?

Ela mordeu o lábio inferior e ficou muito ocupada olhando para sua camisa. Ele deslizou uma mão nas suas costas e em seu cabelo, puxando até que ela olhasse para ele.

Seu olhar fixo na boca dele.

—Eu quis dizer aquela coisa, onde quero fazer coisas com você. —Disse ela.

Ele sorriu. —Não vejo o problema, querida.

Ela balançou a cabeça e foi se afastando. —Eu não posso ficar. Grande dia. É o Santa Extravaganza na loja.

—Eu pensei que você não trabalhava hoje.

—Eu não. Os meus empregados cuidam deste evento para mim; eles sempre fazem. Vou só me preparar e me certificar de que tudo está bem.

Ele a segurou e quando ela tencionou, ele muito gentilmente puxou-a de volta, dando-lhe muito espaço para escapar se ela realmente quisesse. —Então eu te assusto.

—Não. —Ela balançou a cabeça. —As únicas coisas que tenho medo são de coisas rastejantes e assustadoras e Papai Noel. É por isso que tenho minhas meninas lidando com o Santa Extravaganza para mim.

Ele fez uma pausa. —Ok, nós vamos voltar para isso. —Disse ele. —Mas primeiro, se você não tem medo de mim, por que nós... “não estamos prontos” de novo?

Ela deu um leve sorriso que mantinha mais do que alguns segredos. —Talvez eu esteja apenas sendo... cautelosa.

Mulher inteligente, ele tinha que admitir. —E o medo de Papai Noel?

—Como vamos confiar em um homem adulto que quer crianças sentadas em seu colo e que sussurrem seus segredos mais profundos? —Ela brincou.

—Mas você ama o Natal.

—Natal, sim. Papai Noel, nem tanto.

—Então, por que o Santa Extravaganza então? —Perguntou ele.

Ela se encolheu como se desconfortável com este assunto. —É uma grande máquina de dinheiro e eu dou metade dos lucros para a Sociedade Protetora dos Animais. Eles precisam do dinheiro. —Ela foi até a porta, recolhendo Vinnie na saída. Ela deu ao menor cão do planeta um beijo em seu rosto que fez Keane sentir inveja e saiu pela porta.

Capítulo 13

#FiqueCalmoEFiqueFeliz

No final do dia, Keane encontrou Pita cochilando... no travesseiro. Ele começou a removê-la, mas ela relaxou, tornando-se 200 quilos mais pesada, e ele suspirou porque ambos sabiam que discutir com ela era uma perda de tempo. E em qualquer caso, ela teve um dia difícil e ele entendia sobre dias difíceis. —Eu vou sair um pouco. —Ele disse a ela. —E enquanto eu estiver fora, você não vai destruir nada, certo?

Ela bocejou, levantou-se, pisou em seu travesseiro com suas duas patas dianteiras como se estivesse amassando pãezinhos, e depois deitou novamente e fechou os olhos.

—Comporte-se. —Disse ele firmemente.

Ela encontrou seu olhar, a própria serenidade em pessoa, e ele tinha certeza que tinha acabado de fazer um acordo com o diabo.

Pensando *foda-se*, ele foi em direção ao O´Riley'. Claro, havia 50 lugares para ele conseguir o jantar entre a sua casa e o pub, talvez até mais de 50, mas nunca houve qualquer dúvida de onde ele iria acabar depois do trabalho.

Ele queria ver Willa.

Desde o início ele sabia que estava fascinado por ela, mas ele não tinha percebido que se tornaria muito mais do que uma atração física.

Ele ainda tinha absolutamente zero ideia de como processar tudo isso.

Não estava mais chovendo, mas o ar estava gelado. Enfiando as mãos em seus bolsos da jaqueta, ele baixou a cabeça contra o vento. Entrando no prédio através do pátio, ele parou na fonte quando o velho Eddie saiu do beco.

Eddie tinha pelo menos 80 anos, e isso sendo amável, algo que o tempo

não tinha sido com ele. Ele tinha o cabelo branco arrepiado como os homens selvagens de Bornéu, apesar do ar frio, usava bermuda de surf e um moletom da banda Grateful Dead que parecia que ele usava desde os anos setenta.

—Então você está com Willa agora. —Disse o cara. —Certo?

Keane deu-lhe um olhar mais atento. —Não sei no que isso te diz respeito.

O cara se moveu. —Boa resposta, cara. E eu gosto que você não negue. Nossa Willa, ela teve uma vida difícil. Mas ela se ergueu pelo próprio esforço e fez algo de si mesma, então ela merece apenas o melhor. Você é o melhor?

—Difícil como?

Eddie simplesmente sorriu e afagou-o no braço. —Sim. Você vai ser. —E então se virou e foi embora.

—Difícil como? —Keane perguntou de novo.

Mas Eddie tinha desaparecido.

Keane soltou uma respiração longa e lenta. Como ele sabia muito bem, o passado é o passado, mas ainda assim lhe matou pensar em Willa como uma garota jovem e por conta própria.

Na fonte, uma mulher estava vasculhando seus bolsos por algo. Ela tinha vinte e poucos anos e parecia angustiada enquanto girava ao redor, os olhos estreitos.

Ele percebeu que era Haley, a amiga oftalmologista de Willa.

—Perdeu alguma coisa? —Perguntou ele.

—Não. Bem, sim. —Ela corrigiu. —Eu queria fazer um desejo bobo sobre essa lenda boba, mas não consigo encontrar nenhuma moeda boba... —Ela sentou-se na borda e puxou o sapato, sacudindo-o. Quando nada saiu, ela suspirou. —Droga. Eu sempre tenho no mínimo um centavo lá dentro.

Ele puxou vinte e cinco centavos do bolso. —Aqui.

—Oh, não, eu não poderia...

—Pegue. —Disse ele, colocando-o em sua mão. —Para o seu desejo "bobo" sobre a lenda "boba".

Ela riu. —Você está fazendo graça mas é realmente bobo. E ainda assim aqui estou... —Ela jogou as mãos. —É só que ele funcionou para Pru e parece ter funcionado para Willa. —Ela deu-lhe um longo olhar para fazê-lo perceber que ela falava sobre ele.

Ele balançou a cabeça. —Nós não somos...

—Oh não. —Ela apontou para ele. —Não arruíne minha esperança! Quero dizer, a de Willa. Ela se anula para cuidar de todos, os jovens que ela emprega, os animais, seus amigos. —Ela sorriu um pouco. —Bem, eu não tenho que lhe dizer; você sabe em primeira mão.

Ele absolutamente sabia. Willa tinha tomado conta de Pita para ele quando ela não tinha nenhuma razão para gostar dele. Ela o aceitava como amigo quando não tinha certeza de que ele merecia.

—Ela merece amor. —Disse Haley. —Ela dá 100 por cento para todos e tudo menos para ela mesma, então todos nós sabíamos que seria algo grande quando ela se apaixonasse. Alguém que realmente a derrubasse. —Ela sorriu. —Você deu o grande tombo de qualquer maneira.

—Eu não tenho certeza se é o que você pensa. —Disse ele baixinho.

—Sim, bem, nada nunca é. —Ela voltou para a água. —Se me der licença.

—Claro. —Disse ele e deixou-a com a sua privacidade.

O pub estava lotado. Luzes brilhavam acima de todas as risadas, vozes e um Papai Noel que parecia muito com um rapper que estava saindo do alto-falantes escondidos.

E por falar em Papai Noel, ele estava sentado no bar bem tranquilo, tomando um gole de alguma coisa.

Keane foi para a extrema direita do bar, onde Willa sentava com Elle, Spence e Archer. Havia uma fileira de copos vazios e um jarro de gemada na frente deles. Elle e Spence estavam profundamente em discussão sobre a rotina de treino de Spence.

—Você tem que comer saudável mais de uma vez para entrar em forma. —Ele disse a Elle.

—Cruel e Injusto. —Ela respondeu e cutucou um dedo em Archer, que estava empurrando algumas batatas fritas em sua boca. —Então explique para ele.

Archer virou seu olhar em direção a Elle e deu uma mordida enorme. —O quê?

Elle fez um barulho de nojo. —Você come como se estivesse com medo de ser sua última refeição e ainda assim nunca ganha um grama de gordura.

Archer deu um sorriso lento. —Genética, querida. Eu nasci desse jeito.

Elle revirou os olhos tão forte que Keane ficou surpreso que eles não caíram de sua cabeça. Passando por todos eles, ele foi em direção a Willa. Não mais de moletom, ela usava uma saia preta, collants, botas, e um suéter de Natal vermelho mais brilhante que ele já viu. Seu olhar estava colado ao Papai Noel no meio do bar e Keane poderia jurar que ela estava se contorcendo. Ele manobrou propositadamente para bloquear sua visão do cara. —Olá.

—Olá. —Seu sorriso não tocou seus olhos. —Volto logo. —Disse ela e, escorregando de seu banquinho, foi para a parte de trás.

Keane olhou para Elle, que também estava assistindo Willa sair, seus olhos solenes e preocupados. —Eu sei que ela não é uma fã de Papai Noel. —Disse ele. —Mas o que eu estou perdendo?

—Muito. —Disse Elle, mas não o iluminou com nada mais.

E ele sabia que ela não iria. Elle poderia manter segredos de estado seguros. Ele olhou para Spence, que parecia simpático, mas balançou a cabeça.

Archer poderia muito bem ter sido uma parede de tijolos, então Keane virou-se para Haley, que tinha acabado de entrar, aparentemente, tendo feito o seu desejo.

Ela fez uma careta.

—Diga-me. —Disse ele.

—A mãe dela namorou um Papai Noel bêbado que a perseguiu pela casa querendo que ela se sentasse em seu colo. Naquela época, eles achavam engraçado um homem adulto aterrorizar uma garotinha.

—E agora eles chamam de um delito grave, porra. —Disse Keane severamente.

Elle e Archer se viraram para olhar para ele com uma nova avaliação e aprovação em seus olhares. Mas eles ainda não estavam falando.

E ele entendeu. Bons amigos se apoiavam infalivelmente. Ele estava agradecido por Willa ter isso. Depois de como a infância dela tinha sido, ela precisava disso.

Mas ele queria entrar em seu círculo íntimo e ele queria tanto isso que era chocante. Ele foi para o bar. —Ei. —Disse ele, batendo no ombro do Papai Noel.

Papai Noel virou-se para enfrentá-lo cuidadosamente lento pois estava muito embriagado. —Que é?

—Há bebidas grátis na segunda rua para os papais Noel. —Disse Keane.

Os olhos do cara brilharam. —Sério? —Ele ficou de pé, balançando um pouco. —Obrigado, cara.

Quando papai Noel foi para a porta, Keane seguiu o caminho que Willa tinha tomado. O corredor dava na cozinha. Havia algumas outras portas também. Escritórios, ele presumiu. A porta do banheiro estava fechada, então ele esperou lá, encostado na parede e contemplando o silêncio absoluto do outro lado da porta. Depois que mais alguns minutos passaram, ele se afastou da parede e bateu. —Willa.

Nada.

Não foi a primeira vez hoje que uma das fêmeas em sua vida se recusou a falar com ele, mas algo não parecia certo. —Eu vou entrar. —Ele avisou e abriu a porta.

O banheiro tinha duas baias, uma pia, e estava agradavelmente limpo.

E vazio.

A janela estava aberta, o ar frio correndo para dentro.

Ela saiu pela janela.

Ele atravessou o banheiro e enfiou a cabeça e os ombros para fora, vendo o canto do pátio e da escada de incêndio a poucos metros de distância. Esticando o pescoço, ele olhou para cima e viu um vislumbre rápido de um pezinho desaparecendo sobre a borda do telhado.

Cinco andares acima.

—Merda. —Disse ele, sua visão vacilando. —Por que sempre tem que ser algo tão alto? —Murmurando um pouco mais, ele se empurrou pela janela, batendo os ombros contra o revestimento quando se apertou completamente. Apertado sendo a palavra simples.

Além disso, ele não tinha pensado no problema do desembarque de cabeça, então houve um momento embaraçoso, quando ele quase deu um mergulho de cara antes que conseguisse se endireitar.

Ele olhou para a maldita escada de incêndio e então a sacudiu. Ele segurou e expirou. —Você perdeu a cabeça. —Ele disse a si mesmo quando começou a subir.

Ele passou o segundo andar e começou a suar. Ele estava tremendo quando contou cada andar para si mesmo para manter sua sanidade. —Três. —Ele prendeu a respiração e continuou. —Quatro.

Finalmente, alcançou o telhado, e cometeu o erro de olhar para baixo. —

Merda. Cinco. Merda. —Ele teve que se forçar a subir sobre a borda, e tombar graciosamente no telhado.

CAPÍTULO 14

#HoHoHo

Willa virou a cabeça ao som de um corpo batendo no telhado, de olhos arregalados com à visão de Keane caído de costas como se os ossos em suas pernas tivessem acabado de se dissolver.

—Keane? —Ela perguntou em descrença.

Ele não se moveu, apenas deitou lá com os olhos fechados, respirando de forma irregular. —Sim?

Ela estava sentada aqui sozinha contemplando sua vida e observando os vislumbres ocasionais da Lua através das frestas de nuvens raiando através do céu negro da meia-noite. O luar faz coisas estranhas para o mundo, sugando a cor de modo que tudo parecia como nada mais do que uma teia de sombras fundidas em prata. Talvez ela tenha batido a cabeça quando saiu pela janela do banheiro.

Pânico estúpido.

Mas, novamente, ela raramente pensava claramente enquanto agia com tensão. E parecia que no momento, ela não era a única.

Keane finalmente falou novamente. —Que diabos?

—O que, que diabos?

—O que diabos estamos fazendo no maldito telhado?

—Eu venho aqui quando quero ficar sozinha. —Disse ela, ênfase em *sozinha*. Mas então ela notou o brilho da transpiração em seu rosto, a maneira como seu peito estava subindo e descendo como se ele tivesse acabado de correr uma maratona. —Você tem medo de altura?

—Não. —Disse ele, ainda não movendo um centímetro.

—Não? —Seu olhar estava grudado em seus lábios, aqueles que ela queria nos dela novamente agora que estava pensando sobre isso.

—Não, não tenho medo de altura. —Ele fez uma pausa. —Tenho pavor.

Isto lhe arrancou uma gargalhada. Seus próprios problemas momentaneamente esquecidos, ela se inclinou sobre seu corpo grande, longo e duro, com o qual ela sonhava toda noite. Todas as noites. —E você ainda veio até aqui para me salvar?

—No momento, eu sou o único que precisa ser salvo. Tenho certeza que vou morrer por falta de oxigênio.

Ainda debruçada sobre ele, ela baixou-se até que ela estivesse perto-mas-não-muito, tocando-o da cabeça aos pés. —Não se preocupe, eu sei os primeiros socorros.

Ele mantinha os olhos fechados, mas a boca curvou. —Você está me provocando. E eu faria você pagar por isso, mas não posso, porque é sério, estou *morrendo* aqui.

Keane ouviu-a rir dele quando ela beijou um canto de sua boca.

—Foca em mim. —Ela sussurrou. —Quando se enfrenta seus piores medos, tudo que você precisa é algo mais para se concentrar. —Então ela beijou o outro lado de sua boca.

Ele gostava de onde isto ia dar. —Como uma distração. —Disse ele.

—Exatamente.

Ele abriu os olhos. —Eu gosto do som disso. —Disse ele, sabendo que a lógica era bem estranha, mas incapaz de se concentrar com todos os tipos de cenários sacanas e perversos de como eles poderiam “distrair” um ao outro, correndo em sua mente. —Talvez eu já tenha morrido e ido para o céu.

Ela levantou a cabeça com um sorriso. —Você acha que este é o céu?

—Você está me tocando e me beijando. —Disse ele. —Então, sim. Eu acho

que este é o céu.

Ele sentiu o roçar do cabelo dela em seu rosto e, em seguida, seus dentes afundando em seu lóbulo da orelha, fazendo-o gemer. O dilema: deixá-la continuar, ou detê-la antes que eles levassem isso onde ela não tinha a intenção de ir...? Antes que ele pudesse decidir, sua boca quente, sexy voltou para a sua e suas mãos escorregaram em sua camisa, pousando em seu abdômen, os dedos se espalhando por toda parte.

—Você é duro. —Ela sussurrou contra os lábios dele. —Em todos os lugares.

História verídica.

Seus dedos subiram, subiram e subiram provocando seus mamilos por um tempo antes de descer, e ele parou de respirar.

Ela mudou e, em seguida, acelerando seu coração, montou-o.

—Willa. —Disse ele, mas ela estava beijando em sua garganta e ele estava tendo problemas para levar ar em seus pulmões. Fechando suas mãos em seu cabelo, ele puxou o rosto para cima para que ele pudesse olhar em seus olhos. —Willa...

—Esse é o meu nome. —Ela concordou e mordeu o lábio inferior, puxando um pouco, com isso ele estupidamente balançou seus quadris contra o dela.

Jesus. Sentou-se e envolveu seus quadris, aumentando o seu aperto para mantê-la imóvel. —O que estamos fazendo?

—Oh, desculpe, eu pensei que você soubesse. —Ela pegou suas mãos perfeitas e as trouxe até seus seios. —Mais alguma pergunta?

Ela enchia suas palmas perfeitamente, seus mamilos pressionando através das camadas de roupa. Sim. Ele estava definitivamente no céu.

—Estou pronta agora. —Ela disse suavemente.

Ela tinha toda a sua atenção e ele procurou seu olhar. Pela primeira vez,

ele podia ver sua expressão claramente e estava cheia de calor, necessidade e raiva contida.

Ela estava parecendo derramar essa raiva, sobre ele. E ele estava bem com isso. Mais do que isso. Ela precisava dele e Deus sabia que ele precisava dela. —Venha aqui. —Disse ele, trazendo-a ainda mais para perto, suas mãos assumindo, apertando seus seios, seus polegares raspando sobre seus mamilos quando ela deixou sua cabeça cair para trás, um gemido escapando dela.

—Mais. —Ela exigiu.

—Estamos do lado de fora, Willa, no telhado. Qualquer um poderia subir...

—Não. —Disse ela contra sua boca. —Aquela escada de incêndio tem quase cem anos de idade. Ninguém vai usar essa coisa velha, só eu e a turma, e estão todos no pub.

Sua vida piscou diante de seus olhos novamente. —Você quer dizer que eu poderia ter morrido naquela coisa? É isso que você está me dizendo?

—Você está no céu, lembra-se? —Suas mãos estavam nos botões da camisa dele, abrindo-os um de cada vez.

E ele estava rapidamente perdendo a capacidade de pensar racionalmente. —E se alguém usar o acesso para as escadas por dentro? —Perguntou ele.

Ela empurrou o jeans e a cueca boxer de seu caminho e envolveu os dedos em torno dele, então seus olhos se cruzaram com luxúria.

—Essas escadas são barulhentas demais. —Ela murmurou. —Vamos ouvir qualquer um que venha aqui com um quilômetro de distância. —Ela inclinou a cabeça para ver o que ela estava fazendo com ele.

Ele olhou também e com à visão de suas mãos nele, o fez gemer, não reconhecendo sua própria voz gutural quando falou. —Willa, tem certeza...

—Oh, eu tenho certeza. —A voz dela era macia e rouca, soando mais ofegante agora também. —Mas se você está preocupado, você pode trabalhar

mais rápido.

Ele deixou escapar uma risada baixa, que foi a primeira vez, que ria com a sua parte favorita do corpo nas mãos de uma mulher. —Rápido não é o meu estilo.

—Provavelmente deve ser esta noite. —Ela deu um suspiro ofegante quando ele retirou seu suéter vermelho brilhante deslizando-o de seus ombros, deixando-o em seus cotovelos, fixando os braços ao seu lado. Enquanto ela se preocupava em libertar-se, ele felizmente percebeu que ela usava apenas um sutiã meia-taça, um sexy, rendado e de dar água na boca. Ele puxou as taças para baixo, e não querendo que ela se esfriasse, apalpou um peito nu, enquanto chupava o outro.

Um gemido irregular escapou e ela agarrou a cabeça dele, segurando-o a ela como se estivesse com medo que ele pudesse tentar escapar.

Sem chance. —Quanto você bebeu esta noite? —Perguntou ele.

Ela pensou nisso por um minuto. —O suficiente para saber que quero isso, mas não muito para não querer matá-lo pela manhã.

Ele olhou para trás, mas quem ele estava enganando, isso funcionava totalmente para ele. Deslizando as mãos para cima em sua saia, ele espalmou sua bunda. —Você está usando muitas roupas.

Ela riu sem fôlego quando seus dedos desceram pelo seu collant e calcinha, onde ele a encontrou quente e molhada, muito molhada. Ele passou um momento glorioso provocando ofegante gemidos dela enquanto seus quadris oscilavam contra seu toque e suas unhas cavavam em seus bíceps. —Você gosta disso.

Ela gemeu algo inaudível, mas ele pegou a essência.

Mais.

Com um braço em volta de suas costas, sua boca ocupada com seus seios, seus dedos acariciaram-na no ritmo que ela queria. Usando seu corpo como

impulso, ele se levantou e engoliu seus gritos quando ela gozou para ele, seu corpo estremecendo em seus braços.

Roçando os lábios sobre a sua testa suada, ele segurou-a, acariciando-a até que ela finalmente levantou a cabeça. —Não exatamente como eu vi a minha noite terminando. —Disse ela, ainda um pouco ofegante quando caiu contra ele.

—Não sei quem poderia ter previsto um orgasmo no telhado.

—Eu quis dizer você. —Ela colocou um dedo no peito. —Eu não vi *você* chegando.

—Isso é porque eu não cheguei[8].

Ela riu, e amando o som, ele puxou-a pela nuca e beijou-a. —Idem. —Disse ele contra a boca dela. Ele também não a tinha visto chegar, não até ela bater na cabeça dele, nocauteando-o com seu vibrante, sexy e adorável jeito de ser.

Ela deu um sorriso para ele, quente e cheio de problemas, que ele realmente esperava fizesse bem para ele.

Ela começou a trabalhar, lutando com uma de suas botas. Quando ela retirou uma perna de seus collants, ele emprestou as mãos para a causa. Então ela embrulhou os dedos em torno dele e estava guiando-o para casa quando ele mal conseguiu detê-la.

—Camisinha. —Ele conseguiu dizer.

Ela ainda estava de olhos bem abertos. —Oh meu Deus, não posso acreditar que quase esqueci. —Ela sussurrou e apoiou as mãos em sua camisa, nariz a nariz com ele. —Diga-me que você foi um escoteiro, que você está preparado, que você tem uma maldita camisinha.

A coisa era, ele não esperava precisar de uma e ele ainda não estava exatamente cem por cento certo que deveria mesmo fazer isso agora. Ele encontrou seu olhar. —Eu não fui um escoteiro.

[8] Trocadilho com a palavra coming que é chegar mas também sinônimo de gozar em inglês. Infelizmente perdido na tradução.

Ela gemeu e baixou a cabeça no peito dele.

—Mas...

Ela empurrou a cabeça para cima, com o rosto esperançoso. —Sim?

Sentado no telhado com ela montando seu colo, ele de alguma forma conseguiu puxar sua carteira do bolso de trás, pensando por favor ter sido inteligente o suficiente para deixar uma camisinha lá dentro...

—Sim! —Ela explodiu quando ele achou uma.

Rindo, ele abriu a coisa e começou a rolá-la para baixo em seu comprimento, mas ela empurrou as mãos para longe.

—Eu faço. —Disse ela. —Eu quero fazer...

Quando ela o pegou meio que coberto, ele voltou a suar e tremer como se fosse um garoto de dezessete anos sem nenhum controle. —Eu tenho isso. —Disse ele, colocando as mãos sobre a dela para terminar o trabalho.

—Porque estamos com pressa?

—Porque estou prestes a me perder em suas mãos.

Ela bufou, mas o riso pareceu virar o mais sexy gemidinho quando ele a puxou mais perto para que o interior de suas coxas prendesse o lado de fora das suas pernas.

—Você vai me deixar dirigir? —Ela brincou.

—Este telhado é muito áspero para você ficar deitada de costas. —Disse ele, deixando a bunda dela nua. —De joelhos, Willa. —E então, antes que ela pudesse se mover, ele a levantou, pedindo-lhe para afundar lentamente sobre ele.

Ambos suspiraram, bocas fechadas uma na outra, beijando profundamente e molhado, mãos agarrando o que podiam alcançar, movendo-se lentamente no início, então mais rápido e mais forte, até que Keane se perdeu completamente. Enrolando o punho em seu cabelo, ele forçou a cabeça para trás,

chupando a garganta exposta, marcando-a.

Ela gozou primeiro, cavando suas unhas nele, a combinação de prazer e dor enviando-o para saltar no vazio junto com ela.

CAPÍTULO 13

#MePegueQueridoUmaVezMais

Levou um tempo muito longo antes de Willa conseguir recuperar seu fôlego e seu mundo parar de girar sem controle. Ou começou a girar novamente. Ela não conseguia descobrir. Em ambos os casos, ela estava completamente atordoada quando percebeu algo chocante.

Várias coisas, na verdade.

Primeiro, ela estava sentada em Keane, embrulhada em seus braços quentes, fortes, braços que ainda tremiam com os abalos sísmicos após um sexo realmente maravilhoso.

Muito, *muito* maravilhoso.

E segundo ela se sentia viva e... segura, duas coisas que ela nunca sentiu ao mesmo tempo em toda a sua vida.

E como isso invocava algumas emoções preocupantes, todas as quais tentaram invadir a sua momentânea névoa feliz, ela empurrou-as todas para trás e levantou a cabeça.

Os olhos escuros de Keane estavam nela, intensos e estáveis. Deus, ela adorou isso. Seu eixo estava mexido e ela estava em perigo de perder o controle, mas ele a tinha. E só de olhar para ele, ela se acalmou. —Então, isso foi... algo.

Sua risada baixa reverberou de seu peito para o dela. Ela sorriu. —Foi uma distração suficientemente boa para você?

Seu sorriso de resposta foi lento, preguiçoso e incrivelmente sexy. —Se eu disser não, você vai tentar me distrair de novo?

—Talvez.

—Eu pensei que tinha visto e feito de tudo. —Disse ele. —Mas esta foi uma primeira vez para mim.

Ela soltou uma risada baixa e tentou ajeitar a sua roupa. —Eu posso trazer o melhor ou o pior em qualquer um.

—Do que você chamaria isso?

Ela nem sequer precisava pensar. —O melhor. —Ela estava falhando em se recompor. Keane assumiu enquanto ela se sentava em seu colo como uma boneca de pano mole. Já que ela não conseguia resistir a sua boca deliciosa, ela se inclinou, por apenas mais um momento, ela disse a si mesma, beijando-o uma última vez. Mas antes que ela pudesse quebrar o beijo e levantar-se, ele passou seus braços em torno dela firmemente e assumiu o controle, beijando-a longa, profunda e duramente até que ela estava numa bagunça ofegante e carente.

Quando ele lentamente puxou para trás, ela deixou escapar um gemido infeliz de protesto e sua boca perseguiu a dele.

Isso o fez soltar uma risadinha. O olhar aquecido em seus olhos lhe fez lembrar das coisas que queria. Coisas que ela nunca quis antes. Coisas que ela deixou de lado porque sabia que não poderia. De repente, mais confusa do que nunca, confusa com a noite, com a temporada de festas, com a sua maldita vida, com tudo, ela rastejou para longe dele e voltou para sua pose original, sentada, abraçando os joelhos perto de seu peito.

Ele parecia feliz em manter o silêncio também, lá no escuro só com a lua.

—Eu poderia comer algumas pipocas. —Ele finalmente disse.

Ela riu um pouco e encontrou seu olhar. —Isso foi algum magnetismo animal.

—Sim. —Ele concordou, colocando uma mecha de seu cabelo atrás de sua orelha. —Foi. —Ele pressionou um único beijo suave em seu maxilar. Sua respiração estava quente contra a pele dela, enviando um arrepio, e ela se viu inclinando para ele, mais perto dessa aura calma que sempre o rodeava. —Então. Você chutou o Papai Noel para fora do bar por mim.

—Como você sabia?

Ela sorriu ironicamente e retirou o celular de seu bolso. —Chegou uma mensagem de Elle antes de você chegar aqui. —Virando a cabeça, ela encontrou seu olhar. —Você é um bom cara, você sabe disso?

—Só não diga isso por aí. —Ele pegou a mão dela e levou-a até sua boca roçando os lábios sobre os dedos. —Eu não sou realmente muito bom em falar. —Disse ele baixinho. —Mas você é.

Ela bufou. —Diga-me algo que todos já não sabem.

—Exatamente o que eu esperava que você dissesse. Fale comigo, Willa. Conte-me sobre a coisa com o Papai Noel.

Bem, ela tinha caído direitinho nessa. Ela tentou puxar sua mão da dele, mas ele segurou, fazendo o mesmo com seu olhar. —Olha. —Disse ela. —Só porque nós... fizemos isso. —Ela disse com um movimento vago de sua mão para o telhado atrás deles. —Não significa que temos de ter uma conversa fiada.

—O que quero falar não tem nada a ver com *isso.* —Ele deu-lhe um leve sorriso. —Também conhecido como o sexo mais quente no telhado que eu já tive. Sem mencionar, o *único* sexo no telhado que já tive.

Ela deixou escapar uma risadinha, mas olhou para longe.

Com uma mão na mandíbula, ele trouxe seu rosto de volta para o dele.

—OK. —Disse ela. —Concordo que o sexo no telhado foi muito quente. Mas conforme nosso acordo anterior, nós não temos que fazer isso. Quero dizer, há um eu, e há um você. E às vezes há essa louca, estúpida... —Ela acenou vagamente com a mão de novo. —Coisa. Mas foi uma coisa de uma só vez. E está provavelmente fora de nossos sistemas agora. —Ela encontrou seu olhar com dificuldade. —Então, realmente, você não tem que ficar todo esquisito comigo.

—Talvez eu esteja viciado em ficar esquisito.

Com uma risada, ela baixou a cabeça nos joelhos. —Estou tentando te dar uma saída, Keane. —Diabos, ela estava tentando *se dar* uma saída. O coração dela

precisava disso, tanto.

Porque ela entendeu: ele não se apega. Mas ela com certeza sim, e muito. E ela teria que ter muito cuidado para se proteger.

—Me anime. —Disse Keane. —Finja que estou mal-humorado para conversar.

Não precisa fingir muito...

—Diga-me o que aconteceu esta noite. —Disse ele.

—Bem. —Ela brincou em um último esforço para descontrair esta conversa. —Sobre de onde vêm os bebês...

—Você sabe o que quero saber, espertinha.

Ela suspirou. Sim, ela sabia. Ele queria saber por que, se ela tinha medo do Papai Noel, ela comemorava o Natal como se ela ainda tivesse cinco anos, e ele não aceitaria um não como resposta.

Mas ela raramente se permitia pensar nisso, muito menos falar sobre isso.

Depois de um longo silêncio, ele falou. —Quando eu era pequeno, fui enviado para um internato militar católico por um ano, gerido por freiras e ex-fuzileiros.

Ela olhou para ele. —Você foi? Quantos anos você tinha?

—Cinco. Na verdade, não totalmente cinco. Mas quando eu fiz dez anos, eu estava de volta em casa e no sistema de ensino público. Vamos apenas dizer, que eu não me encaixei na escola particular.

Ela arfou, quase incapaz de entender, mesmo que ela tivesse ido para o sistema de assistência à criança na mesma idade. —Seus pais enviaram uma criança de quatro anos de idade para longe? E então te deixaram lá até que você tivesse dez anos?

Ele deu de ombros. —Eu era um pé no saco. Eu bem que merecia isso.

—A escola punia as crianças? —Ela perguntou horrorizada.

—Só se você fosse um baderneiro. —Ele inclinou o rosto na noite escura, um leve sorriso em seus lábios. —Eu ainda tremo se ver uma freira.

Ela ficou quieta, refletindo sobre a razão pela qual ele compartilhou a história. Ele queria se abrir para que ela fizesse o mesmo. Droga. —Eu não me tremo quando vejo o Papai Noel. —Disse ela.

—Não. —Ele concordou. —Você não se treme. Você tem um ataque completo.

Keane viu como Willa estava inquieta. Ele sabia que ela queria mudar de assunto, e ela queria muito. Mas ele sentiu como se estivessem à beira de algo, algo mais profundo do que sua atração animal. Ele também sabia que este era o ponto onde deveria correr para as colinas, mas ele não queria acabar com isso aqui.

Ela ainda não tinha dito uma palavra e ele se resignou a ser ele o primeiro a falar, isso foi até onde eles chegaram, quando ela finalmente falou.

—Eu fui mandada embora pela primeira vez na mesma idade que você. —Disse ela suavemente.

Ele se virou e encontrou seu olhar. —O que aconteceu?

—Eu entrava e saía do sistema de adoção até os meus quatorze anos. —Ela fez uma pausa. —Minha mãe era alcoólatra. Ela se mantinha firme aqui e ali, mas não por muito tempo. Normalmente ela se apaixonava por um cara, rompiam e ela saia dos trilhos ao mesmo tempo, e depois enlouquecia, e eu acabava voltando ao sistema.

Cristo, como ele odiava isso por ela. —Algum desses caras se vestiu como Papai Noel?

—Apenas o primeiro. —Disse ela com um arrepio. —Depois de alguns encontros, finalmente tomei a coragem e derramei o café no colo dele. E foi isso.

—Diga-me que estava malditamente quente. —Disse ele.

Ela sorriu orgulhosamente. —Sim.

Ele esperava que ela tivesse derretido o pau do cara, mas de qualquer forma ela tinha ficado com uma cicatriz também. Impressionante como ele poderia sentir-se violento por algo que aconteceu com ela há vinte anos, mas era exatamente assim que ele se sentia no momento.

As pessoas a desapontaram. Machucaram. E droga se ele não estivesse a ponto de fazer o mesmo, deixando claro que o que eles compartilharam foi apenas um momento.

Ele nunca se sentiu tão idiota.

Se aproximando, ela apertou sua mão. *Confortando-o,* ele percebeu isso e realmente sentiu sua garganta apertar quando ele segurou seus dedos. —Quantas vezes você entrou no sistema? —Perguntou ele.

—Pelo menos uma vez por ano, até que completei dezoito anos e fui liberada.

Seu estomago revirou pensando em como isso deve ter sido duro para ela. —Não é uma boa maneira de crescer.

Ela deu de ombros. —Eu era boa na porta giratória. Eu ainda sou boa nisso.

—O que você quer dizer?

—Você não se prende. —Disse ela. —E eu não tendo a bloquear. Na minha loja, os clientes vêm e vão. Os animais também. Até os meus empregados. E homens. Os únicos constantes são meus amigos. —Ela se remexeu como se estivesse desconfortável por ter revelado tanto. —Eu deveria ir...

Ele reforçou o seu aperto sobre ela, porque de maneira nenhuma ele se arrastaria de novo pela beira deste edifício. —Eu vou chamar de besteira a parte sobre não bloquear as coisas. —Ele disse suavemente. Oh sim, ela estava em risco de fuga agora; ele podia sentir seu corpo tenso. —Você é inteligente demais, Willa. Você é autossuficiente. Você nunca desiste e a profundidade do seu

coração é infinita. Se você quisesse prender, como você diz, você prenderia.

Ela olhou para longe. —Talvez você esteja me dando muito crédito.

—Eu duvido disso.

Ele não podia sequer imaginar como os seus primeiros anos tinham sido, com seu coração tão grande, doce e tenro. E então o sistema de adoção, que deve ter sido um pesadelo. —Você ainda está em contato com sua mãe? —Perguntou ele.

—Sim. Ela mora no Texas agora, e nós mandamos mensagens de texto uma a outra. Levou um tempo para chegar ao entendimento de que duas vezes por mês é a quantidade certa de tempo para nós, meio caminho entre a falta de conexão e o incomodar uma a outra em nosso sono. —Ela sorriu, mas ele não.

Não podia.

Ela puxou o celular. —Na verdade, na maior parte está tudo bem agora, ou pelo menos muito melhor do que foi no passado de qualquer maneira. Está vendo?

Mãe: *Oi, querida, estou só checando. Você provavelmente deve estar ocupada esta noite?*

—Traduzindo. —Disse Willa. —Ela está sóbria e pescando informações. —Ela tentou pegar o celular de volta, mas ele tinha conseguido um olhar para a sua mensagem de texto de resposta e sorriu.

Ele leu em voz alta, ainda sorrindo.

Willa: *A filha que você está tentando alcançar não confirma nem nega que ela tem planos para esta noite, desde que você está claramente tentando descobrir se ela está saindo com alguém. Isto viola os termos da nossa relação. Se continuar a assediar a sua filha desta forma, ela vai*

começar a sair com garotas outra vez.

Keane parou e olhou para ela, e quando conseguiu falar, sua voz soou baixa e áspera para seus próprios ouvidos. —Outra vez?

Ela se contorceu um pouco e desviou o contato visual. —Foi uma coisa de uma vez só. —Disse ela. —Uma fase. E superei isso rapidinho quando percebi que as garotas são loucas.

—Os caras não são muito melhores. —Disse ele.

—Não brinca.

Ele sorriu quando esfregou o polegar sobre a mandíbula dela, deixando seus dedos afundarem em seu cabelo.

—Keane. —Disse ela suavemente. —Obrigada por esta noite. — Ela se levantou. —Sem amarras, foi surpreendente.

Ele não disse nada. Não podia. Porque de repente ele se sentia inquieto e inseguro, duas coisas que não lhe fazia bem. Não que ele tenha dito algo. Não há razão para revelar suas próprias inseguranças patéticas.

Ela se moveu para a borda do telhado e virou. —Você precisa de ajuda para descer?

—Só sobre o meu cadáver.

Ela riu. E com isso, desapareceu sobre o parapeito.

Keane se moveu para lá e olhou para a beira, e depois teve que sentar-se, enquanto a vida passava diante de seus olhos. —Foda-se. —Levou um momento para se recompor, e então Willa já estava longe.

Perfeito.

Ele se moveu na direção oposta, em direção à porta que levava à escadaria, consolando-se com o fato de que pelo menos não havia ninguém para vê-lo tomando o caminho mais fácil para baixo.

CAPÍTULO 16

#Legendário

Na manhã seguinte Willa estava na parte de trás de sua loja engolindo um sanduíche de café da manhã com Cara e Rory. Era manhã e elas estavam atoladas mesmo antes de abrir.

Embora não muito atolada que ela não pudesse reviver a noite anterior, a forma como a voz de Keane tinha sido um sussurro áspero contra o seu ouvido, o calor em seus olhos quando ele tinha tomado o controle e se movido com conhecimento dentro dela, suas mãos tão protetoras e possessivas em seu corpo.

Quando chegou uma mensagem de texto, ela ficou tentada a ignorá-lo, mas no final sua curiosidade ganhou. Era de Elle.

ChefeDeTodasAsCoisas: *Vou precisar de um relatório detalhado do que aconteceu ontem à noite.*

—Merda. —Ela murmurou, e tanto a Cara quanto Rory apontaram em uníssono para a jarra de palavrões.

Willa puxou um dólar de seu bolso, enfiou-o, e mudou-se para a privacidade duvidosa de seu escritório para olhar fixamente a mensagem de texto de Elle.

Ninguém tinha visto ela e Keane ontem à noite, ela estava certa disso. Mas quando desceu pela escada de incêndio, ela deu de cara com Pru no pátio.

Willa suspirou e colocou seus polegares em um bom uso.

Willa: *Vou ter que matá-la.*

ChefeDeTodasAsCoisas: *Use luvas, mantenha as digitais fora*

da arma do crime.

Willa teve que rir quando respondeu: *Minha parte favorita disso é que você nem questiona quem eu tenho que matar.*

ChefeDeTodasAsCoisas: *Quanto menos eu souber, menos posso dizer durante o interrogatório.*

Mas sério, onde estão os meus detalhes?

Quando Willa ignorou, e de fato apagou, as mensagens de texto, Elle simplesmente ligou.

—Houston, tenho muitos problemas. —Disse Willa miseravelmente.

Elle riu. —Se você acha que ter um cara gostoso querendo você é um problema, precisamos conversar. Estou no trabalho agora e atolada, então quero dizer isso da forma mais amorosa que posso dizer dado aos idiotas que tenho lidado desde a madrugada, Keane fodeu seus miolos no telhado ontem à noite, e se assim for, ele foi extraordinário ou eu tenho que machucá-lo?

Willa deixou cair a cabeça em sua mesa e bateu algumas vezes. Porque aqui estava a coisa sobre Keane. Ele era esperto. Sexy. Incrivelmente bonito e viril. E quando ele olhava para ela, enviava um tremor através de seu corpo em todos os melhores lugares possíveis... todas as vezes.

Estar com ele tão intimamente ontem à noite tinha sido incrível, mas em retrospecto, foi um pouco assustador também porque agora seu coração estava em jogo.

E então houve o fato de que Keane não pretendia estar em jogo.

Pelo menos ela estabeleceu as regras do jogo dizendo em voz alta que tinha sido uma coisa de uma só vez. Isso ajudou.

Ok, isso não tinha ajudado muito, mas ela foi a única a instigar o que aconteceu no telhado, e ela não tinha arrependimentos.

—Bem? —Elle exigiu.

—Foi uma coisa de uma só vez.

—Ótimo. —Disse Elle. —Não tem problema com isso. Mas não foi o que eu te perguntei.

Willa suspirou. —Sim e sim.

Houve um período de silêncio. —Se foi tão bom, por que não haverá um segundo round?

—Ele não é material para segundo round. —Disse Willa e teve que morder sua língua, porque imediatamente queria retomar a declaração. Keane era inteligente, engraçado e sexy, e bem digno de uma segunda rodada. O que significava que ela tinha acabado de mentir para uma de suas amigas mais próximas em todo o mundo.

Mas a verdade era muito difícil de dizer em voz alta. A verdade dói. A verdade era que... ela não tinha certeza de que ela era material para segundo round.

—Querida. —Disse Elle após outro longo período de silêncio. —Deixe-me dizer-lhe algo sobre si mesma que você não sabe. Quando você mente, você fala com a voz reservada para os cães.

—Eu não posso fazer isso. —Droga, sua voz era tão aguda que provavelmente Elle estava certa, só os cães poderiam ouvi-la. Ela limpou a garganta. —Agora não.

—Tudo bem. —Disse Elle agradavelmente. —“Noite das garotas”. Será que amanhã soa bem? Pizza, vinho e uma conversinha sobre acreditar em si mesma, já que você é um dos melhores seres humanos que conheço e amo.

—Você odeia a maioria dos seres humanos. —Disse Willa.

—O que prova o que quero dizer, então. Merda, estou vendo a minha agenda. Não posso amanhã à noite, Archer precisa da minha ajuda em um trabalho.

—Talvez devêssemos ter a noite das meninas para discutir por que você e Archer não estão, em suas próprias palavras, “fodendo os miolos um do outro”. —Disse Willa. —Todo mundo sabe que vai acontecer mais cedo ou mais tarde.

—Bem, então, “todo mundo” deveria tomar conta do próprio rabo. —Disse Elle mal-humorada. —Não vai acontecer. Nunca. Estou cancelando a minha agenda para esta noite. Pizza, vinho e um de coração para coração.

—Estou de dieta.

—Eu também. —Disse Elle. —É uma dieta de *combustível*. Eu como o que for abastecer minha alma, e esta noite vai ser pizza.

Willa abriu a boca para dizer que estava ocupada, mas Elle tinha desligado. —Merda, odeio quando ela dá a última palavra. —Ela murmurou.

Keane estava na metade da sua manhã, deitado no chão de madeira da North Beach House, enquanto lembrava a noite passada repetidamente no seu cérebro. As partes boas, não a parte em que de alguma forma ele deixou Willa colocá-los na categoria de apenas uma noite.

Não, ele empurrou isso de lado. Em vez disso, continuou voltando para quando Willa tinha gozado em cima dele, estremecendo lindamente em seus braços, seu nome em seus lábios. Alguém bateu na porta da frente pela segunda vez. Ele tinha uma equipe com dez hoje, mas ninguém parou de trabalhar.

—Sass. —Ele gritou.

Nada.

—Sass!

Parecendo irritada como o capeta, ela enfiou a cabeça no corredor, apontando um dedo para o telefone colado à sua orelha, lembrando-lhe com um olhar mordaz que ela estava aqui ordenando os cuidados para as janelas.

Ele suspirou, deixou cair o cinto de ferramentas, e se moveu para a porta. Não poderia ser um ajudante; eles teriam apenas entrado. Ele esperava que não fosse um vizinho reclamando do barulho. Ele tentou manter isso baixo, mas

algumas coisas não poderiam ser evitadas.

Como a pistola de pregos que ele usava no piso.

Ele abriu a porta, preparado para se desculpar educadamente e depois continuar fazendo exatamente o que estava fazendo. Em vez disso, ele olhou em choque para sua tia Sally.

Ela tinha as mãos nos quadris. —Eu tive que persegui-lo por toda a cidade. Você tem alguma ideia de quanto eu paguei em táxi?

Ele enfiou a cabeça para fora da porta, olhando para além dela para o táxi. —Eu vou pagar...

—Já está pago. —Ela cheirava a irritação. —Você não atende seu celular. O que é grosseiro, a propósito. Toda a sua geração é grosseira com todo esse Twitter e mensagens ridículas. Sem quaisquer boas maneiras.

Keane puxou seu celular do bolso e viu a chamada perdida. Com uma careta, balançou a cabeça. —Eu estava usando ferramentas elétricas e não podia ouvir...

—Não me dê desculpas, garoto. Ainda tenho uma hora antes de voltar. Onde está Petúnia? Onde está a minha querida menina? Essa coisa tem medo da própria sombra. Todas essas pessoas e a barulheira deve ser aterrorizante para ela.

Se Petúnia fosse uma “coisinha doce” ou “com medo de sua própria sombra”, Keane comeria sua própria merda. Quanto à onde ela estava, bem isso ia ser complicado. Sabendo que hoje seria barulhento demais, ele tinha deixado Pita no South Bark esta manhã.

E tudo bem, ele também estava esperando colocar os olhos e talvez sua boca também em Willa. Sim, ele entendeu sua mensagem ontem à noite alto e clara.

Foi uma coisa de uma só vez.

Ele entendeu. E na verdade, as coisas de uma só vez eram sua

especialidade. Era tudo o que ele fazia hoje em dia. Então a coisa mais inteligente era entrar nessa e concordar com ela.

Mas ele não estava se sentindo tão bem, não que ele queria pensar sobre isso.

E no final, não tinha importância. Willa não estava na loja ainda e ele tinha lidado com Rory, que tinha mantido a boca fechada sobre onde sua chefe poderia estar.

Preocupado que ele pudesse ter algo a ver com a sua ausência, Keane mandou dois SMS e ligou para o celular de Willa, mas não tinha obtido respostas. Ele poderia admitir a sensação desconfortável. Ou ela decidiu que ontem à noite tinha sido um grande erro, ou... bem, ele não conseguia pensar em uma alternativa.

Mas o pensamento do arrependimento dela pelo que tinha sido a melhor noite em sua história recente e antiga não soou bem para ele. Seu grande plano tinha sido se apressar durante o dia e voltar para o South Bark antes de fechar para que ele pudesse ver o que diabos estava acontecendo.

—Então? —A tia Sally exigiu.

Ele se juntou a ela na varanda e fechou a porta atrás dele, trancando o ruído barulhenta lá dentro. Além disso, se ela ia gritar com ele, preferia que não o fizesse na frente da sua equipe e prejudicasse a sua autoridade. —O que você quer dizer que você só tem uma hora antes de voltar? —Perguntou ele. —Você fugiu da casa de repouso? O que está havendo?

—Oh não. —Disse ela, sacudindo um dedo ossudo em seu rosto. —Você primeiro. Onde está o meu bebê?

—Ela não está aqui. Eu sabia que o barulho iria perturbá-la, então eu...

—O que você fez com ela? Oh, meu Deus. —Ela torceu as mãos. —Você fez isso, você a vendeu.

—Não. —Disse ele. —Ela está com uma amiga.

—Ela é delicada, Keane. E eu nem acho que ela sabe que ela é um animal, muito menos uma gata! Eu sei que foi o que seus pais fizeram com você quando você causou um tumulto, te mandar embora, mas não é assim que se lida com as coisas. —Ela parecia muito preocupada, o que o fez se sentir como um cretino de primeira classe.

E um pouco chocado. Isso é exatamente o que ele tinha feito. Ele tinha enviado a gata ao invés de lidar com ela, assim como seus pais sempre fizeram com ele. Jesus. *Ele era como eles?* —Ela está bem. —Ele prometeu. —Minha... amiga adora gatos. —Parecendo tropeçar na palavra *amiga.*

—Sua amiga?

—Sim. —Disse ele e realmente esperava que fosse verdade, que no mínimo ele e Willa ainda fossem amigos, que ele não tivesse estragado isso ontem à noite.

—Onde está essa pessoa? —A tia Sally exigiu. —Leve-me até ela agora mesmo.

Está bem, então. Ele enfiou a cabeça para dentro e ficou cara-a-cara com uma óbvia espiã e, obviamente, também divertida Sass. —Covarde. —Ele sussurrou.

—Você não me paga o suficiente para mentir para velhinhas doces. —Ela sussurrou de volta.

Na verdade, sim, ele lhe pagava o suficiente para mentir para senhoras idosas. Ele pagava o suficiente para gerir um país do terceiro mundo. Mas agora não era uma boa hora para apontar isso. —Eu vou voltar. —Disse ele.

Sass sorriu. —Quer que eu ligue e avise Willa que você mentiu para a sua doce e velha tia-avó e peça-lhe para mentir por você também?

—Não menti. —Disse ele. —Eu meramente omiti alguns fatos.

—Tal como você quis se livrar do gato dela na creche.

—Basta proteger o maldito forte. —Disse ele e fechou a porta em seu

nariz intrometido.

Ele voltou para sua tia e pegou sua mão. —Eu dirijo.

Dez minutos depois, ele estacionou fora do edifício do Pier Pacific, bem em frente à loja de cães South Bark.

Sally olhou para a loja e, em seguida, virou-se lançando adagas para ele. —Se houver um pelinho na cabecinha doce de Petúnia, machucado...

—Morte e desmembramento. —Disse ele. —Eu sei. —Assim como ele também sabia que se alguém tivesse sido machucado, não seria essa gata. Ela podia matar qualquer um a cem metros.

Fazendo uma pausa no seu temido trabalho de contabilidade, Willa parou e olhou cegamente pela janela. Nas últimas semanas havia um padrão de faltar em sua gaveta de dinheiro cerca de 40 dólares.

Ainda mais preocupante, só acontecia quando um de seus funcionários fechava. Ela odiava isso, mas ela estava agora com menos 120 dólares preciosos e ela não podia ignorar por mais tempo.

Rory enfiou a cabeça dela para dentro. —Está tudo bem?

Rory estava com Willa há mais tempo. Willa não queria que o ladrão fosse Rory, mas ela não tinha certeza, então ela disse —Sim.

—OK. —Disse Rory, que claramente não concordava, mas não insistiu. —Eu vou embelezar o Buddy. Você pode ouvir os clientes?

—É claro. —Buddy era um gato de 12 anos que odiava banhos. Mas ele amava ser penteado, então eles tinham um relacionamento de amor/ódio, embora ele gostasse de Rory.

Alguns minutos depois, o sino acima da porta da frente tocou. Willa estava indo para lá quando de trás veio um grito assustado, um rosnado, um ganido e depois um estrondo.

Ela correu para lá e encontrou Rory de quatro olhando suas prateleiras de

armazenamento, e Lyndie de pé no centro da sala torcendo suas mãos.

—O que aconteceu? —Willa perguntou.

—Algo me assustou e ao Buddy. —Rory murmurou isso com um olhar mordaz na direção de Lyndie, e Willa sabia que havia muito mais nesta história.

—Alguma coisa? —Perguntou ela.

—Sim, e então ele me mordeu e eu o soltei. Ele está debaixo das prateleiras encolhido. Venha aqui, amigo. —Rory disse com uma voz melodiosa. —Eu não estou com raiva de você, eu teria me mordido também. Eu não queria assustá-lo.

Willa abaixou de quatro ao lado de Rory e olhou a prateleira para encontrar dois enormes, olhos aterrorizados olhando para ela. —Ah, querido, está tudo bem. Venha para fora agora... ela puxou um petisco de peperoni de seu bolso e balançou-o sedutoramente. —Nós vamos direto para a parte de pentear, ok? Você ama isso.

Buddy, sempre foi incapaz de resistir a comida de qualquer tipo, rastejou para fora da prateleira e muito cautelosamente pegou o petisco.

Willa gentilmente puxou-o para seu corpo e abraçou-o, beijando-o em cima de sua cabeça ossuda. —Seu pobre bebê bobo. —Ela esticou o pescoço e olhou o dedo de Rory, que estava sangrando profusamente. —Quão ruim?

—Estou bem. —Disse ela e dirigiu-se para a pia.

Willa teve que acreditar que pelo menos por agora estava bem, enquanto ela lidava com Lyndie e as suspeitas que reviravam seu próprio intestino. —Quando você chegou aqui?

Lyndie mordeu seu lábio inferior e trocou um olhar com Rory.

Willa deu um suspiro. Ela pensou que já tinham passado por isso. —Lyndie. —Disse ela suavemente. —Eu sei que você dormiu aqui na noite passada. Eu sei que você dorme aqui quando precisa.

—Não. —Disse ela, a negação instantânea na defensiva. —Eu...

—Pare. —Willa disse na mesma voz calma. Sem julgamento. Sem censura. Porque ela, mais do que ninguém, entendia a necessidade de sair de uma situação ruim e ainda não ter lugar seguro para ir. —Quero que se sinta segura aqui. Mas nas noites que você precisar de um lugar para dormir, você só tem que me dizer. Eu tenho um sofá quatro andares acima que é muito melhor do que o chão desta sala de banho. Pergunte a Rory, ela dormiu lá em seu primeiro ano comigo.

Rory acenou com a cabeça. —Ela faz torradas de canela tarde da noite, quando você não consegue dormir e nós assistíamos Netflix.

Lyndie olhou para Willa por um longo tempo e depois engoliu com força. —Você me deixaria dormir em seu apartamento?

—Sim. —Disse Willa. —Mas há algo que não vou deixar você fazer. E isso é roubar da caixa registradora.

Lyndie fechou os olhos. —Eu não roubei nada. —Ela se apoiou a porta. —Você pode chamar a polícia, mas você não pode me manter aqui para esperá-los.

—Eu não vou chamar a polícia. —Disse Willa que se levantou. —Eu preciso que você me escute, Lyndie, e realmente ouça o que estou dizendo, ok? Eu amo ter você como uma empregada, eu amo como você trata os animais, mas ninguém está te segurando contra a sua vontade. Mais do que isso, eu não quero ninguém aqui que não queira estar aqui, e não vou permitir que ninguém se aproveite de mim. Rory, qual é a minha política de roubo? —Ela perguntou sem tirar os olhos de Lyndie.

Rory tinha lavado o dedo e estava embrulhando-o em uma toalha de papel para estancar o sangramento. —Dois ataques e você está fora.

—E por que não são três? —Willa perguntou.

—Porque você nasceu prematura e sem paciência. —Rory recitou.

Willa acenou com a cabeça. —Você entende o que estou dizendo a você?

—Perguntou a Lyndie.

A garota engoliu com força. —Eu tive meu primeiro ataque.

—Você teve seu primeiro ataque. —Willa concordou. Ela era firme nisso, sempre. Os limites importavam com os animais e os limites importavam com as crianças também.

—Sinto muito. —Lyndie sussurrou.

—Obrigada, e eu sei. Mas nós duas merecemos mais, ok?

Lyndie acenou com a cabeça e Willa mudou-se para a estação de preparação com Buddy. —Vocês duas, vão na frente e cuidem dos clientes. Eu cuido do Buddy.

Quando elas se foram, ela murmurou para o gato assustado. —E você, pequena besta adorável. Vamos fazer um pouco de magia juntos.

—E sobre mim, quer fazer alguma magia comigo também? —Perguntou uma voz insuportavelmente familiar, baixa e sexy por trás dela.

Keane, claro, porque quem mais poderia fazer seu coração ir parar na sua garganta e seus mamilos ficarem duros, enquanto tudo dentro dela ficava mole ao mesmo tempo?

CAPÍTULO 17

#LeiaMeusLábios

Keane se divertiu por ter deixado Willa sem palavras.

Pelo menos uma vez.

Mas não havia como contornar o fato de que ela não parecia exatamente feliz em vê-lo. Movendo-se em direção a ela, ele pegou o pente que ela deixou cair e entregou de volta, segurando-o até que ela encontrou seu olhar. —Olá.

—Oi. —Ela disse de volta. No início, parecia um pouco como um veado parado fixamente em frente aos faróis, mas agora ela estava se fechando, bem diante de seus olhos.

—Você está bem? —Perguntou ele.

—Sim, apenas ocupada, então...

—Não tão ocupada! —Rory tinha enfiado a cabeça na porta e estava sorrindo como uma louca. —Lyndie e eu temos tudo sob controle aqui para que vocês dois apenas... —Ela sorriu ingenuamente. —Façam mágica ou algo assim.

E então ela se foi.

—Ela é um cupido. —Willa murmurou. —Eu estava muito ocupada tendo um momento com elas e agora elas estão bancando o cupido.

—Quer falar sobre o momento em que você estava tendo? —Perguntou ele. —Parecia sério.

—Eu cuido disso.

Sempre cuidava. Ela era boa nisso, lidando com o que quer que viesse. —Ok, então vamos falar sobre como até mesmo seus funcionários podem ver o quanto você gosta de mim. —Disse ele.

Ela revirou os olhos, o que o fez rir. Ele se moveu e deixou sua boca roçar a orelha dela. —Está me dizendo que não se divertiu ontem à noite?

Tão perto como ele estava, pode sentir o tremor passar por ela, mas antes que pudesse puxá-la, ela se livrou e olhou para ele. —Pare de usar sua voz sexual. —Disse ela, abraçando-se. —E você sabe que eu me diverti. —Ela hesitou, olhando em volta como se talvez para se certificar de que ninguém poderia ouvi-los. —Duas vezes. —Ela sussurrou.

Ele começou a rir. —Você quer dizer três vezes.

Ela olhou para ele. —Você estava contando? —Ela perguntou com descrença.

—Claro que não. Não precisava. —Ele se inclinou. —E de qualquer forma, ambos sabemos que foram quatro.

Ela apontou para ele. —É isso. É por *isso* que não vamos fazer de novo. Porque você quer falar sobre isso. E eu não.

Ele a pegou quando ela se afastou. —Nós realmente não vamos fazer isso de novo?

—Uma noite. —Disse ela suavemente, segurando seu olhar. —Você concordou. Sem compromisso. Você concordou com isso também.

—Sim. —Ele balançou a cabeça. —Eu poderia ter sido meio que apressado.

Ela sufocou uma risada. —Agora isso é uma coisa que você não foi... —Ela balançou a cabeça quando ele bufou. —Acho que ambos sabemos que estamos melhor como amigos, Keane.

—Amigos. —Ele repetiu, ainda inseguro como se sentia sobre isso.

—Sim. —Disse ela. —Amigos que ficam. —Ela levantou os ombros, como se um pouco envergonhada. —Eu acho que eu não me importaria se você... ficasse.

Ele olhou para ela por um longo tempo, imaginando a novidade, ser amigo de uma mulher que ele queria nua e contorcendo-se abaixo dele. —Eu gosto da parte de ficar.

Ela empurrou-o, mas ele pegou a sua mão e ficou sério. —Eu estou dentro. —Disse ele.

A boca dela curvou. —Como amigos, ou como insinuação sexual?

—Ambos. —Disse ele apenas para ver seu sorriso brilhar novamente.

Quando aconteceu, o peito dele ficou apertado. Isso lhe disse que isto era algo muito mais do que a química ainda escaldante entre eles, mas dado o olhar no rosto dela, ele não tinha que apontar isso. Ela já sabia.

—Então. —Ela disse depois de uma pausa estranha. —O que te traz aqui? Você terminou de trabalhar?

—Não, minha tia-avó quer ver Pita.

Willa processou as palavras de Keane e sentiu sua coluna ficar reta quando correu para a porta.

Keane estava bem logo atrás e ela enviou-lhe um olhar furioso sobre o ombro. —Você deveria ter me dito imediatamente que ela estava aqui!

—Eu te disse assim que você parou de falar sobre magia e ficar.

—Oh meu Deus. —Ela teria que matá-lo. Ele estava a acompanhando, seus ombros largos empurrando os limites de sua camisa de trabalho, o jeans enfatizando suas pernas longas, botas de trabalho gastas nos pés, tudo combinando para fazer seu coração dar um salto duro contra suas costelas.

Ou talvez fosse só *ele* fazendo tudo isso com ela.

Ela deu outra olhadinha e seus olhares permaneceram fixos. Durante esse longo tempo, Willa esqueceu seus problemas com Lyndie, esqueceu a loja... inferno, ela esqueceu seu próprio nome porque as imagens de ontem à noite estavam piscando em sua cabeça novamente. A forma como suas mãos grandes,

ásperas do trabalho tinham parecido sobre ela, o rosnado profundo de sua garganta enquanto ele se movia profundamente dentro dela, tocando algo que ninguém jamais tocou. Ele a tinha levado para fora de si mesma e tinha sido extremamente fácil para ele, como se ele a conhecesse a vida toda.

Então havia a necessidade de conduzir e a fome que ele tinha causado. E preenchido... e ela os colocou na zona de amigos.

Ela era uma tonta, uma tonta, medrosa e vulnerável...

Uma mulher mais velha estava andando pela loja, lentamente, talvez um pouco dolorosamente, seu rosto abatido com ansiedade e preocupação.

—Tia Sally, esta é Willa Davis. —Disse Keane, apresentando-as. —Ela é dona e dirige o South Bark.

—Prazer em conhecê-la. —Disse Willa.

A mulher estreitou os olhos. —Você é a amiga que tem a minha Petúnia?

Ela deu uma olhada na direção de Keane. —Sim. Ela está sã e salva, como sempre quando fica aqui.

—Como sempre?

Oh-oh, Willa pensou, mas antes que pudesse falar, Sally exigiu.

—Quero ela de volta. —A tia de Keane tinha o cabelo branco preso em um coque que sacudiu com indignidade. —Agora.

—Tia Sally. —Disse Keane suavemente, colocando a mão sobre a mulher mais velha. —Pita... ahh, Petúnia realmente está muito feliz aqui, eu juro a você.

—Quem é Pita? —Sally perguntou.

Willa riu, mas quando Keane lhe enviou um olhar doloroso, ela transformou-o em uma tosse.

—Ela não foi destinada para ficar presa o dia todo. —Disse Sally. —Ela odeia ser contida.

—Oh, eu não mantenho os bebês peludos em uma caixa. —Disse Willa. —Eu só fico com um grupo seleto, e eles ficam comigo ou um dos meus empregados o dia todo. Petúnia é um daqueles poucos selecionados. E ela é realmente maravilhosa, a propósito. Tão doce e amorosa.

Desta vez foi Keane a engasgar-se com uma risada e depois tentou tossir.

Willa o ignorou. —Petúnia realmente gosta de estar no alto e ver o mundo de um poleiro seguro.

—Sim. —Disse Sally com grande alívio, perdendo sua tensão. —Ela gosta.

Willa virou-se e gesticulou para o outro lado da loja, onde tinha umas prateleiras embutidas forradas na parede com uma variedade de camas de animais para venda, que ia desde para os São Bernardos, até o tamanho pequeno o suficiente para o menor dos gatinhos.

Petúnia estava na prateleira mais alta na menor das camas, metade do seu corpo sobrepondo-se em ambos os lados, o que não parecia incomodá-la nem um pouco, enquanto dormia firmemente.

—Oh meu deus. —Sally suspirou, relaxando, o rosto tinha amolecido com prazer. —Ela parece... ridícula.

Willa riu. —Ela escolheu o poleiro, e ela está perfeitamente contente. Ela acabou de voltar de uma caminhada.

—Uma caminhada! —Sally exclamou. —Lá fora?

—Na coleira. —Disse Willa. —Um dos meus amigos a levou junto com dois Golden Retrievers esta manhã. Todos eles tiveram um bom momento.

Sally girou para Keane, olhos brilhantes quando alcançou e bateu-lhe no peito. —Você é brilhante.

Keane parecia surpreso. E cauteloso. —Eu sou?

—E eu aqui pensando como era triste você nunca ter se recuperado de perder Blue para arranjar outro animal de estimação. Blue era seu cão de

infância. —Ela disse a Willa antes de olhar para trás para Keane. —Eu pensei que quando sua mãe e seu pai levaram o cão para longe sem falar com você sobre isso primeiro que a perda tinha irrevogavelmente destruído sua capacidade de amar outro animal.

A expressão de Keane ficou em branco. —Eles não o mandaram embora. —Disse ele. —Deixei a porta dos fundos aberta e ele escapou. A culpa foi minha.

Sally balançou a cabeça. —Eu sempre me perguntei que conversa eles te contaram. Keane, você amava aquele cachorro além da razão, você nunca teria deixado a porta dos fundos aberta sabendo que seu quintal não estava cercado.

—Como você sabe disso? —Perguntou ele. —Você não estava por perto.

—Minha irmã e eu compartilhamos uma melhor amiga. E vamos apenas dizer que Betty não me deu as costas como todos os outros. Ela me mantém atualizada.

Keane ainda usava essa expressão em branco, mas havia algo acontecendo atrás de seus olhos agora, que doeu forte no coração de Willa.

Ela tinha caído no papo que talvez ele fosse um cara que não sentia profundamente, que não tinha um chip de sensibilidade. Um cara que não podia se prender. Mas ela estava começando a suspeitar que era o oposto disso, que ele tinha um coração incrível, que tinha acabado de ser ferido. Gravemente.

—Petúnia. —Sally chamou suavemente, sua voz crepitando com a idade. —Querida, venha para a mamãe.

Petúnia imediatamente levantou a cabeça com um pulo surpreso. Ela pulou com graça para o balcão e correu direto para Sally, direto para a mulher de braços abertos.

Sally inclinou a cabeça para baixo, e gata e mulher tiveram um longo momento juntos, os únicos sons eram o ronronar áspero de Petúnia e os murmúrios suaves de Sally. —Eu tenho que ir, Petúnia. —Ela sussurrou suavemente. —Você pode não me ver por um tempo. Seja uma boa menina para o Keane, está bem? Ele é homem, então ele pode não saber muito, mas ele tem

um grande coração, mesmo que ele não saiba disso também.

O coração de Willa apertou forte. Ela virou-se para Keane com preocupação e ele deu-lhe um sorrisinho, alcançando a sua mão. Ela apertou suavemente os dedos.

Seus olhos estavam ternos enquanto deslizavam sobre suas feições. Caloroso e grato, ela percebeu. Porque ela cuidou bem de Petúnia? Ou porque ela foi gentil com a sua tia? Ou talvez tenha sido simplesmente porque ela estava lá.

Sally levantou a cabeça. Seus olhos estavam secos, mas ela estava devastada quando se afastou. —Eu preciso de uma carona de volta agora. —Disse ela e estalou os dedos no ar.

Keane sorriu forçadamente para Willa. —Fui convocado. —Inclinando-se, ele depositou um beijo em sua boca antes de olhar em seus olhos.

O por que ela não tinha ideia. Mas querendo dar conforto que podia, ela se pressionou contra ele e sentiu-o soltar uma respiração baixa, como se talvez ele estivesse relaxando pela primeira vez no dia todo.

Recuando, ele a beijou mais uma vez, e então se foi.

Capítulo 18

#SemChill

Keane era bom em enterrar emoções, muito bom mesmo. Ele também era bom em compartimentar. Mas quando ele conduziu Sally para dentro da casa de repouso onde ela estava e ela o abraçou, sussurrando “Seja melhor do que o resto da família” e depois acariciou a bochecha dele e se afastou, ele teve uma sensação engraçada que não conseguia entender.

Naquela noite, quando ele estava saindo do trabalho para pegar Pita, o arquiteto e engenheiro dele apareceram para uma reunião improvisada sobre trabalho na Mission. Preocupado por fazer Willa trabalhar até tarde, ele rapidamente ligou para o South Bark. Willa estava com um cliente, mas Rory disse a ele para não se preocupar que elas cuidariam de Petúnia pelo tempo que ele precisasse. Alguém a levaria para casa, se fosse necessário.

Aliviado, ele entrou na sua reunião e quando terminou, mais de uma hora depois, percebeu com um golpe no seu estomâgo o que era aquela sensação que sentiu sobre Sally.

Ela estava tentando dizer adeus a ele.

Ele saiu do trabalho e parou para ver sua tia no caminho para o South Bark, apenas para ser informado de que Sally tinha sido levada para o hospital.

Quando ele chegou lá, eles não disseram nada a ele porque ela não tinha informado qualquer contato. Felizmente, Keane conhecia a enfermeira e apesar do fato de terem dormido juntos duas vezes, antes de ele ter recuado quando viu sinos de casamento e cercas de madeira branca nos belos olhos dela, Jenny parecia realmente feliz em vê-lo. Eles trocaram gentilezas e depois ele perguntou sobre Sally.

Ela balançou a cabeça. —Eu não posso dizer nada sobre a condição dela, eu poderia perder meu emprego por isso. Você é gostoso, Keane e excelente na

cama... —Ela sorriu. —*Realmente, realmente* ótimo, mas até mesmo eu tenho meus limites.

Ela, no entanto, deixou que ele se sentasse no quarto de Sally.

Esgotado, ele esticou as pernas e inclinou a cabeça para trás. Ele estava meio adormecido quando a voz irritada da tia dele veio da cama. —Você pagou minha conta na casa de repouso.

E ele pagaria a conta do hospital também, se ela precisasse. —Não se preocupe com isso. —Disse ele.

—Preocupação é o meu trabalho.

—Apenas fique boa.

—Humm. —Disse ela. —Você está preocupado comigo ou preocupado que talvez tenha que ficar preso a Petúnia?

—Ambos.

Ela riu. —Eu talvez tenha que escrever você no meu testamento

Ele deu um sorriso. —Olhe para você sendo tão doce. Eu sabia que você tinha isso no fundo, bem no fundo.

—Apenas não conte a ninguém. —Disse ela. —Eles vão pensar que eu não tenho chill.

Ele piscou. —O que?

—É um termo usado quando você age insuportavelmente sobre algo.

Ele riu. —Eu sei o que isso significa, só estou me perguntando como você sabe.

Sally deu de ombros. —Minha enfermeira continua a dizer isso sobre os médicos. Agora pare de enrolar e explique-me o que diabos você está fazendo aqui. Eu sei que não tinha ninguém para chamar.

Ele balançou sua cabeça. —E por que? —Ele perguntou, aparentemente ainda ferido por isso.

Ela fechou os olhos. —Você deveria estar em casa com sua garota.

Keane esfregou uma mão sobre o rosto. —Willa não é minha.

—Falou o homem que nunca precisou se esforçar por uma mulher em sua vida.

Isso arrancou outra risada dele. Ele olhou para suas mãos apertadas e então ergueu a cabeça. —Eu quero saber o que está acontecendo com você. Eu quero que você me coloque como seu parente próximo e contato e eu também gostaria de ter a sua procuração.

—Já querendo a herança?

—Eu quero ter certeza de que você está sendo bem cuidada. —Disse ele.

Ela olhou para ele, com aqueles olhos ferozes, orgulhosos e teimosos... bem, como ele imaginava que seus próprios olhos eram. Finalmente, ela soltou um suspiro. —Eu vivi mais de três décadas sem nenhuma família.

—Sim e como isso funcionou para você? —Ele perguntou.

Ela bufou e recostou-se, fechando os olhos. —Não importa agora. O que importa é que você vá agora.

—Não vai acontecer.

A boca dela se apertou e seus olhos ficaram bem fechados.

Ele soltou um suspiro. —Tia Sally...

—Estou morrendo. —Disse ela sem rodeios.

Ele parou de respirar. —Não. —Ele se levantou e sentou na cama dela, cobrindo a sua mão com a dele. —Não. —Ele disse novamente.

Ela olhou para ele. —Você pode ficar tão alto quanto uma árvore e ficar

me olhando com essa cara de bunda se quiser. Tenho oitenta e cinco anos de idade. Vai ser a vontade de Deus.

—Quando?

Ela deu de ombros.

—Em breve?

—Só se você continuar me chateando.

Ele soltou uma risadinha e esfregou uma mão sobre o rosto. —Cristo.

—Olha, eu poderia engasgar com o meu xarope amanhã de manhã e morrer sem mais nem menos, nunca se sabe.

—E eu poderia morrer escorregando e caindo em um vomito de gato quente na cama. —Disse ele.

Ela riu. —É esse carinho que sempre me toca. —Ela ficou séria. —Eu só quero você esteja avisado. Já que você parece tão frágil.

—Sim. —Ele disse secamente. —Sou tão frágil como um cristal.

—Eu quero que você me escute. —Ela disse, apertando os dedos dele com uma força surpreendente.

Então ele se inclinou, pensando que ia ela contar a ele algo importante em relação aos desejos dela.

—Se você levar minha gata para um abrigo depois que eu for embora. —Disse ela. —Eu vou assombrá-lo pelo resto de sua vida e então vou segui-lo para o inferno e assombrá-lo por toda a eternidade.

CAPÍTULO 19

#MalfeitoFeito

Keane dirigiu diretamente para o South Bark. Era sete da noite e ele se sentia como um idiota por ter deixado Willa lidar com um dos problemas dele. Ele só podia esperar que Pita fosse...bem, *não* fosse uma PITA: Peste Irritante Tratante e Aborrecida.

A loja estava fechada, bem trancada e as escuras, exceto pelo brilho dos pisca-piscas amarrados na janela da frente. Ele viu como um bom sinal que não havia nenhum recado para ele.

Ele pressionou o rosto contra o vidro, mas ninguém estava dentro. Virando, atravessou o pátio, iluminado por mais pisca-piscas. A água caia na fonte, o som abafado pela música vindo do pub, que estava cada vez mais forte.

Perto do beco, o Velho Eddie estava conversando com duas senhoras de cabelo grisalhos.

—Alguma beleza para as beldades. —Ele disse, entregando a cada uma delas florzinhas unidas por uma fita vermelha.

As senhoras entregaram a ele o dinheiro e sorriram amplamente. —Obrigada pelo... *visco*.

Visco a minha bunda, Keane pensou com um sorriso relutante. Isso era maconha. Ele entrou no pub e seguiu para o final do bar. Rory estava lá, aparentemente em um impasse com Max, que estava com cara de poucos amigos e Carl.

—Não. —Disse ela.

—Olha, você quer uma carona para Tahoe no Natal. —Disse Max. —E eu estou indo para aqueles lados. Por que tomar dois ônibus e um maldito trem

quando eu poderia te levar?

—Talvez eu já tenha as passagens.

—Você tem?

Ela revirou os olhos.

Max ficou de pé, com os braços cruzados no peito.

—Qual é o seu problema? —Ela explodiu

—Você sabe o qual é meu problema. —Disse ele. —É você.

Ela apontou um dedo para ele. —Você sabe qual é o seu, Max? Você é um hipócrita. —E ela se afastou do bar, quase se chocando com Keane.

Ele colocou as mãos nos braços dela para estabilizá-la.

Ela se afastou dele, com uma careta ainda no rosto. —Desculpa.

—Não se preocupe. —Disse ele. —Você está bem?

—Se mais uma pessoa me perguntar isso, vou começar a chutar bundas e anotar nomes.

—Justo o suficiente. —Disse Keane, levantando as mãos para se render. —Eu só estou procurando libertar quem estiver cuidando de Pita.

Um sorrisinho atravessou o rosto dela. —Eu me ofereci para cuidar, mas Willa insistiu. Ela estava aqui com as amigas dela, era a noite das meninas, mas perdi ela de vista.

—Tente o fundo. —Sugeriu Sean de onde ele estava servindo atrás do bar. —Mesa de bilhar.

Archer e Spence estavam jogando bilhar no fundo e discutindo lá.

Parecia que era a noite para isso.

—Está ficando muito frio. Você deve tirá-lo da rua. —Archer estava

falando enquanto batia na bola e ela caia na caçapa do canto.

Spence levantou-se e apontou para as nove bolas. —Canto inferior. —Ele disse e bateu na bola antes de apontar para Archer. —E eu o tirei da maldita rua. Várias vezes. Você já tentou discutir com alguém que literalmente fritou o cérebro em Woodstock?

—Cara, esse cara *ainda* está fritando o cérebro dele. —Disse Archer. —E falando sobre isso, ele pendurou alguns dos trapos dele na entrada do beco e está dizendo a qualquer mulher que anda por lá que é um visco.

—Vocês estão falando sobre Velho Eddie? —Perguntou Keane.

Archer e Spence trocaram um olhar. —Sim. —Disse finalmente Spence. —Estamos tentando encontrar uma maneira de mantê-lo quente e saudável nos meses de inverno. Até agora, tudo o que ele concorda é morar no fodido beco.

Keane assentiu. —Ele está lá fora agora, vendendo um pouco desse "visco" para umas senhoras mais velhas.

Archer apontou um dedo para Spence. —Trate dele esta noite ou eu vou.

—Achei que você tinha desistido de ser policial. —Disse Spence.

Archer estreitou os olhos e o nível de testosterona no local aumentou para fora do normal.

—Isso deveria ser engraçado?

—Um pouco, sim. —Spence virou-se para Keane. —Você joga?

Keane olhou para a mesa de bilhar. —Um pouco.

O mal humor de Archer não vacilou enquanto ele arrumava as bolas.

—Não liga para ele. —Disse Spence. —Ele está de mau-humor porque é um grande perdedor nesta noite. Já estou com cinquenta dólares.

—Você choramingou tanto quando perdeu na semana passada que senti pena de você. —Disse Archer. —Estou deixando você ganhar.

Spence balançou a cabeça. —Mentir para parecer que é o bonzão é muito triste. Especialmente que a noite das meninas já terminou e Elle não está mais aqui para você se mostrar.

Archer bateu o ombro de Spence com força, enquanto se movia pela mesa para jogar.

Spence praticamente saltou pela sala, mas não pareceu nenhum pouco incomodado. Na verdade, ele parecia presunçoso.

Archer deu a ele um olhar bravo. —Você sabe por que quero que Eddie esteja limpo ou que suma. Você bem sabe bem por que, porra.

O sorriso de Spence vacilou. —Tudo bem, sim. Eu sei. —Ele esperou calmamente enquanto Archer disparava novamente, e novamente, cada vez que afundava várias bolas nos cantos. —Eu vou lidar com isso. Eu prometi a Willa a mesma coisa porque não queria que os filhos dela ficassem tentados.

Keane engasgou com a cerveja dele. —Os filhos dela?

Archer ergueu os olhos da mesa de bilhar e sorriu. —Ela não lhe disse?

Spence deu um empurrão em Archer. —Você é um idiota. —Ele se virou para Keane. —Não são os filhos *dela*. Os funcionários dela, aqueles que ela tão cuidadosamente recolheu para salvar, já que não havia ninguém para salvá-la.

Keane se orgulhou de si mesmo por ficar frio, calmo e racional. As emoções não tinham um lugar na vida cotidiana dele, mas desde que ele entrou na loja de Willa pela primeira vez, ele estava tendo emoções. Profundas.

As palavras de Spence evocaram uma imagem na mente dele sobre o que foi para Willa ter deixado o sistema de acolhimento aos dezoito anos sem ninguém para cuidar dela. —Ela tem alguém agora. —Disse Keane, surpreendendo a si mesmo.

Archer disparou novamente e afundou a última das bolas. —Grande perdedor, minha bunda. —Ele apontou para Spencer. —Você me deve cinquenta dólares. E, se você continuar abrindo sua boca sobre Willa, ela vai chutar sua

bunda. —Ele se virou para Keane. —Você quis dizer o que você acabou de dizer? Sobre Willa ter alguém agora?

Keane abriu a boca, mas nada saiu. Até esse momento, ele realmente acreditava que uma política sem compromisso era a melhor coisa para ele. Não, espere. Isso não era exatamente verdade. Ele já estava duvidando da política dele há algum tempo. Desde que Willa abriu o caminho na vida dele.

Ele não tinha ideia do que fazer com essa percepção.

Spence riu calmamente do olhar no rosto de Keane. —Dê-lhe um segundo, cara. Acho que ele está mais chocado do que nós.

Sábias palavras... —Eu tenho que ir. —Disse Keane.

—Bom trabalho. —Archer murmurou para Spence. —Você o assustou.

—Nah, esse cara não pode ser assustado. Ele é tão malditamente teimoso quanto você. E inferno, você ainda não consegue admitir o que sente por Elle, então...

Keane não ouviu o resto porque saiu do pub para a noite fria. Ele alcançou a escada e subiu até o quarto andar, sem parar até estar na frente da porta de Willa.

Com absolutamente nenhuma ideia do que ele estava fazendo.

Ela abriu depois da batida dele usando um minúsculo short de pijama de flanela xadrez que apenas apareceria um pouco sobre um enorme moletom. —Oi. —Ela disse e depois franziu a testa. —O que está errado?

Não querendo dizer sobre a tia dele que estava no hospital ou a epifania sobre a própria Willa, ele balançou a cabeça. —Nada. Ainda é a noite das meninas? Vocês estão numa guerra de travesseiros?

—Não. —Ela riu. —Pru não estava se sentindo bem. Nós encerramos antes de jantarmos.

Keane tinha aprendido a ler o seu humor pelos cabelos dela. Fios mais

selvagem, emoções mais selvagens, mas esta noite o capuz estava cobrindo, caindo sobre a testa dela com as palavras: *Eu juro solenemente que não vou fazer nada de bom*. —Desculpe, você ficou presa com Petúnia. —Disse ele.

—Oh, eu não me importo. —Ela se virou para procurar a gata, ou ele presumiu, e viu as palavras *Malfeito feito* escritas na doce bunda dela, fazendo-o perceber que o moletom e o short eram um conjunto. Empurrando-a para o lado, ele entrou.

A casa dela não o surpreendeu. Ele tinha visto a loja dela e ele tinha uma ideia de que a casa de alguma forma seria a mesma coisa, fofinha e colorida.

—Malfeito feito? —Ele perguntou.

Ela piscou como se ele a tivesse surpreendido. —Você conhece Harry Potter?

—Bem, não pessoalmente. —Ele disse e sorriu. —Mas eu li os livros.

—Você quer dizer que você viu os filmes?

—Não, quero dizer que li os livros.

Ela não parecia feliz com isso. Deixando-o completamente perdido. —E isso faz de mim...?

Ela gemeu e fechou os olhos. —Ruim para mim. Oh, tão ruim para mim!

Sim, ainda perdido. —Posso ser ruim para você durante o jantar? —Ele perguntou. —Porque estou morrendo de fome.

Os olhos dela se abriram e ela olhou para ele.

Ele não tinha ideia do que ela estava pensando. —Você está com fome? —Ele perguntou.

—Estou sempre com fome. Mas está tarde.

—E?

—E... —Ela parecia confusa. —Muitas razões.

—Me diga uma.

—OK... bem, é quase Natal. E época de natal é geralmente para amigos queridos e familiares.

Ele apenas olhou para ela, sem cair em nada disso.

—Keane. —Ela disse suavemente.

Ele ia contar a ela sobre a epifania dele sobre querer mais dela? De jeito nenhum. Um: ele não tinha ideia do que isso era. E dois: supondo que ele pudesse descobrir, ele então tinha que convencê-la a sentir o mesmo. Não era de admirar que ele estivesse enterrado o amor. Essa merda era difícil. —Você me disse que a família é onde quisermos. —Disse ele. —Você me disse que seus amigos são a sua família. Você me disse que somos amigos. Era tudo mentira?

—Não, mas... —Ela olhou para ele suplicantemente. —Estou tentando resistir a você aqui, ok? Estou tentando me dizer que não temos nada em comum, exceto esta química estranha e extremamente irritante que não vai embora, nem mesmo quando nós...

Ele levantou as sobrancelhas, realmente querendo ouvi-la terminar essa frase.

—Ok, quando *eu* pulei em você no telhado. —Ela terminou, com os olhos estreitos, desafiando-o a rir. —Mas então você aparece na minha porta, claramente exausto e todo amassado e parecendo... bem, com fome e isso me faz querer fazer coisas.

—Coisas como...?

—Tirar minha roupa. OK? Você me faz querer tirar minha roupa.

Ele começou a sorrir, mas ela o cutucou de novo. —Não diga. —Ela advertiu. —Não se atreva a me dizer que tirar as roupas está bom para você.

—Mas, Willa, está bom para mim. Você tirando a roupa sempre estará

bom para mim.

Isso rendeu a ele uma revirada de olhos. —Chocada. —Disse ela. —Mas os *amigos* não fazem isso. Eles não fazem, Keane. —Ela disse quando ele abriu a boca. —E eu ficaria bem com isso. Mas então você foi em frente e me disse que leu Harry Potter. —Ela hesitou e o examinou.

—Qual?

—Todos eles.

Ela cobriu o rosto e gemeu miseravelmente. —Todos eles. —Ela murmurou. —Eu sou uma mulher morta. Você acabou de me matar.

—Eu leio muito. —Disse ele, tentando melhorar as chances dele. —Não apenas Harry Potter.

—Só está piorando.... Ela tirou as mãos do rosto. —Por que você está aqui novamente?

—Para pegar Pita.

—Oh sim.

—E para agradecer por olhar ela. —Ele fez uma pausa. —Por uma refeição porque estou morrendo de fome e quero lhe pagar o jantar. Você parece ser a melhor coisa que eu vi durante todo o dia, Willa. Posso dizer-lhe isso sem causar um desentendimento?

Ela o examinou por um longo segundo. —Jantar onde?

Ele murmurou com um sorriso de vitória. —Você escolhe.

—Sushi?

Ele aguentou com firmeza o estremecimento dele. Ele odiava sushi. —Você escolhe. —Disse ele novamente.

—Mas você odeia sushi.

—Como você sabe? —Ele perguntou.

—Porque seus olhos fizeram uma careta. Por que você concordaria com sushi se você odeia?

Ele estava começando a ter dor de cabeça. —Porque quando eu disse você escolhe, eu quis dizer isso. Vamos discutir sobre isso também? E se assim for, pode esperar até eu comer alguma coisa?

—Certo. Que tal tailandês? —Ela perguntou e estudou o rosto dele cuidadosamente.

Ele deu a ela a melhor expressão vazia que tinha. Ele não era louco por tailandês, mas agora ele estava esperto. —Vai ser tailandês. — Disse ele. —Está pronta?

Ela passou as mãos nos quadris. —Você também não gosta de tailandês? O que há de errado com você?

—Muitas, muitas coisas. —Disse ele, perguntando-se quando ela se tornou capaz de poder lê-lo com tanta clareza que ele não conseguia esconder nada dela. —Podemos ir agora?

—Italiano. Indiano. Taco Bell.

Uma risada escapou dele. —Sim.

—Qual?

—Willa, se você não colocar a sua linda bundinha em movimento eu vou levá-la em *todos* eles.

Ela mordeu o lábio inferior e olhou para ele, com os olhos brilhantes.

Não se movendo.

—Querida. —Disse ele. —*O que*?

—Eu quero ir a algum lugar que você queira ir. —Disse ela. —Podemos ir à um da sua escolha?

O que ele queria era ir para a cama dela. Diretamente e fim da história. Ele queria tirar cada peça de roupa dela e se banquetear.

Por uma semana.

Parte disso deve ter aparecido no rosto dele porque ela ficou muito corada. —Pizza. — Disse ela rapidamente. —Pizza funciona para você?

—Obrigado senhor, sim. —Disse ele.

Ela assentiu e então hesitou.

—O que agora? —Ele perguntou.

—Você vai me dizer o que está errado?

—Eu vou ter pizza e cerveja. —*E você*, ele pensou. —O que pode estar errado? Venha. —Ele pegou a mão dela, mas ela se esquivou com uma risadinha.

—Não posso ir assim. —Disse ela. —Eu tenho que me trocar primeiro.

—Eu gosto do que você está vestindo.

Ela olhou para ele como se ele tivesse perdido o juízo.

—OK, bem. —Disse ele. —Coloque calça de moletom e está ótimo.

—Você passou pelo pub?

—Sim. Por quê?

—Porque então as pessoas viram você. Pessoas como Spence e Archer. Talvez Elle também, se ela ainda estiver lá. E confie em mim, eles viram você sair e viram que você não estava saindo e que você subiu as escadas. Eles vão fofocar sobre isso e amanhã eu serei interrogada pelas meninas. Eu deixei você entrar? Você ficou? E o que eu estava vestindo? E eu vou ser condenada, Keane, se eu disser a eles que eu estava usando um moletom.

Ele piscou. Ele não entendia. Na verdade, ele precisava que ela explicasse de novo, mas ele concordou com a cabeça, disposto a aceitar qualquer coisa para conseguir comer. —OK.

—Ok. —Ela desapareceu no quarto dela.

Capítulo 20

#ComUmLadoLouco

Willa correu para o quarto dela e assustou Petúnia, que estava dormindo na cama.

—Desculpe, não se incomode comigo. —Ela disse a gata e tirou suas roupas. Ela puxou um jeans que não era confortável, mas que deixava a bunda dela bonita e um suéter de Natal verde suave que tinha uma rena na frente e batia nas coxas dela.

O que fazia o jeans “bunda-bonita” ser desnecessário.

Ela o descartou e tentou uma legging preta em vez disso.

Agora ela parecia um pouco desleixada.

—Merda. —Ela tirou novamente e começou de novo.

E depois novamente.

Dez minutos depois, ela já tinha tentado tudo em seu armário, que agora estava em uma pilha na cama dela na frente de Petúnia, e começou a entrar em pânico, apenas de calcinha e sutiã

Nada funcionava.

Ela praguejou mais um monte e começou a mexer na pilha que já tinha descartado em sua cama, dizendo a si mesma que era tola por ser tão desligada. Silenciosa e ridícula, esquisita e estúpida-

—Willa. —Gritou Keane, a voz dele estava surpreendentemente perto, como se ele estivesse no corredor vindo em direção ao quarto dela. —O que você está fazendo, costurando uma roupa nova? —A voz dele estava bem na porta dela agora.

Com um gemido, ela agarrou seu grande moletom e segurou-o na frente dela. —Não me apresse!

Ele colocou a cabeça dentro do quarto, com os olhos meio divertidos e meio com frustração masculina. Havia pelo menos um dia de barba na mandíbula dele e isso era tão sexy, maldito seja ele.

Um fato que serviu apenas para irritá-la.

Ele esfregou a barriga dele como se ela estivesse vazia. E caramba, com aqueles músculos rígidos e nenhuma grama de gordura em qualquer lugar nele, ela provavelmente estava oca.

—Estou esperando há horas. —Disse ele, acariciando Petúnia quando ela se aproximou dele para se esfregar.

—Se passaram dez minutos. —Disse Willa.

—Parecem horas. —Keane pressionou o polegar e o indicador nos olhos dele, como se ele estivesse tentando segurá-los no lugar. —Está pronta?

Ela tirou o olhar dos braços levantados dele e da maneira como os bíceps, os ombros largos e os músculos das costas esticavam a camisa dele. —Quase. —Ela disse um pouco grossa.

Nem mesmo perto disso.

Lendo a expressão dela, ele gemeu e depois olhou em volta do quarto dela. —Uma bomba explodiu aqui?

Ela olhou para a bagunça. —Talvez.

—Você tem muitas roupas e... —O olhar dele se fixou e agarrou um sutiã e uma calcinha de renda. —Tal. —Então ele viu a pilha secundária na poltrona de canto. —Puta merda. —Disse ele. —Quantas roupas você experimentou?

—Todas elas. —Disse ela. Talvez tenha gritado um pouco. E depois olhou para ele para ver se ele tinha a coragem de dar um sorriso. —Não tenho nada para vestir.

Ele novamente olhou as enormes pilhas de roupas por todo o lugar. —Okaaaaaay...

Ela suspirou.

Ele olhou para os olhos dela, esfregando a mandíbula. O som dos dedos calejados dele contra a barba animou diretamente as boas partes dela.

E ela não tinha ideia de que ela tinha tantas.

—É apenas pizza. —Disse ele.

—E eu estou aqui lutando para parecer suficientemente gostosa para arruinar você.

Ele sorriu. —Willa, eu fantasio sobre você. Muito. E estou bem quanto a isso. Você deve saber que você e sua sensualidade diária já me arruinaram.

E em troca, ele estava arruinando-a enquanto ela ficava parada e respirando, não que ela estivesse prestes a admitir isso. —Então você está dizendo que eu pareço muito gostosa para você agora. —Disse ela.

O olhar dele deslizou lentamente sobre ela. Ela estava coberta principalmente por um moletom que ela segurava na frente dela, mas, com o brilho do calor no olhar dele, ele tinha uma visão de raio-X. A expressão dele suavizou. —Você parece louca, frustrada e gostosa pra caramba. —Disse ele. —Nunca duvide disso.

Ela sentiu um sorriso relutante em sua boca. —Vire-se.

—Eu já vi tudo aí.

—Só uma vez e estava escuro.

Ele sorriu. —Eu tenho boa visão noturna.

—Você quer comer? —Ela perguntou e ele se virou. Ela colocou de volta o jeans “bunda-bonita” dela e pegou um suéter branco que estava um pouco apertado e dava a ela algumas curvas impressionantes, se ela fosse sincera consigo mesma. —E você normalmente parece também. —Disse ela. —Gostoso

pra caramba.

Ele estava de costas para ela, com as mãos nos quadris. Ele tinha um corpo ótimo e, se ela fosse sincera, ele também tinha a melhor bunda que ela já tinha visto e ela passou alguns segundos admirando a vista. —Normalmente? — Ele perguntou.

—Bem... —Ela examinou o quarto dela, que parecia ser um sobrevivente de um furacão de categoria cinco. —Às vezes você parece muito mais gostoso do que só gostoso. —Ela admitiu. Como agora, com esse jeans esticado sobre a bunda...

Ele se virou para encará-la, olhando a roupa dela de uma maneira que dizia que ele apreciava muito o suéter branco. —Quando? —Ele perguntou.

—Eu não vou te dizer. Vai subir à sua cabeça grande.

—Já subiu. —Ele disse e olhou para si mesmo.

Os olhos dela seguiram os dele, pousando na virilha dele e com o óbvio lá embaixo, ela bufou. —Eu quis dizer sua outra cabeça grande, seu pervertido.

Ele sorriu para ela, encantando-a sem esforço, droga. —Agora você está apenas jogando os elogios a torto e a direito. —Disse ele. —Vamos falar sobre a parte *grande*.

Ela riu. —Você sabe exatamente o quanto você é grande... em toda parte. Você quase não cabe. E por que estamos tendo essa conversa?

—Porque eu gosto de falar sobre sexo. —Disse ele.

—Tá vendo, *pervertido*.

—Bem, você deveria saber... —O sorriso dele a desafiou a se lembrar exatamente como foi entre eles ontem à noite.

Mas eis a questão, ela não precisava desperdiçar as lembranças; eles estavam impressos no cérebro dela. *Inflamável*. Eles foram e eram inflamáveis juntos.

Ele sorriu gentilmente para ela e então foi isso. Ela apontou para a porta. —Fora!

—Tudo bem, tudo bem! —Rindo, ele disse a Petúnia que voltaria para ela e saiu do quarto, o estômago dele grunhiu e o som chegou a ela atravessando o quarto.

—Você realmente não comeu o dia todo? —Perguntou ela.

—Foi um dia louco.

Com pena dele, ela calçou uma bota com um salto para que ela pudesse fingir ser alta e olhou rapidamente no espelho.

Os olhos dela estavam brilhantes e as bochechas vermelhas.

Tudo graças à essa corrida louca, disse ela a si mesma e não absolutamente pelo homem que lhe esperava na sala de estar.

Quanto ao motivo pelo qual o coração dela estava correndo, ela decidiu que era melhor não especular.

—Malfeito feito? —Ele perguntou esperançosamente quando ela saiu, como se ela fosse uma granada viva.

— Malfeito feito. —Ela assegurou e esperava que fosse verdade.

Eles andaram. A noite estava gelada, mas clara. Eles se dirigiram para a Marina. Com as ruas alinhadas com restaurantes, bares, galerias e lojas, havia muitas pessoas caminhando, encontrando o caminho deles para a mistura eclética de lugares familiares com lojas sofisticadas. Em um quarteirão da cidade, você poderia comer qualquer tipo de comida de qualquer lugar do mundo, para não mencionar comprar qualquer coisa que quisesse.

Eles pediram pizza e ela contou-lhe como um cliente entrou na loja mais cedo com um papagaio no ombro. O pássaro olhou para Petúnia e ficou apaixonado instantaneamente. Ele tinha voado até a beira da cama que Petúnia tinha dormido e começou a reproduzir a música dele de amor para ela, mas a gata irritada o golpeou no rosto com a pata.

O papagaio ficou com o coração partido.

Eles falaram sobre o dia dele também. Como Mason tinha grampeado sua própria mão no teto e depois colou com surper cola a parte cortada da mão dele em vez de ir ao médico.

—Oh, meu Deus. —Disse Willa. —E você concordou com isso?

—Mais barato do que uma viagem ao pronto socorro. —Ele disse e riu do horror no rosto dela. —Na verdade, é o que fazemos. Muito. —Ele mostrou-lhe algumas cicatrizes em suas mãos e braços que tinham sido "tratados" pela supercola.

Ela balançou a cabeça. —Os meninos são estranhos.

—Tenho que admitir isso. —Disse ele.

Ela riu e ele também. E as sombras nos olhos dele desapareceram um pouco e ela se sentiu com cerca de 3 metros de altura.

Depois do jantar, eles caminharam um pouco mais. Eles pararam para assistir pela janela de uma loja de doces enquanto uma mulher puxava sua massa através de uma máquina complicada, transformando as linhas vermelhas e brancas em bengalas de doces.

Uma multidão se reuniu e Willa abriu caminho para a frente, praticamente pressionando o nariz na janela com admiração. Sorrindo, ela permaneceu parada hipnotizada quando Keane ficou bem perto atrás dela, dando-lhe um tipo totalmente diferente de anseio.

—Ei, pequena, quer um doce? —Ele sussurrou no ouvido dela.

—Hahaha, mas sim. —Disse ela, sem olhar para longe da janela. —Eu realmente quero.

Ela o sentiu sorrir contra a lateral do rosto dela. —Espere aqui. —Disse ele. —Eu volto já.

Nem dez segundos depois, ela o sentiu se encostar atrás dela de novo e

ela riu. —Isso foi rápido.

—Oh, desculpe. Eu fui empurrado.

Não reconhecendo a voz masculina, o sorriso de Willa congelou. Ela se virou e encarou um cara da idade dela. Mesma altura, ele usava óculos que continuavam escorregando pelo nariz dele e um sorriso estranho.

—Oi. —Disse ele. —Você deveria assistir nas noites que eles fazem bengalas de chocolate. Você já comeu um? Eles são melhores do que qualquer coisa.

—Soa delicioso. —Disse ela, não podendo deixar de pensar *"eu aposto que não é melhor do que sexo com Keane Winters..."*

—Eles farão de chocolate amanhã à noite. —Disse ele. —Eu estarei aqui. —Ele fez uma pausa e olhou para ela com uma esperança que fez com que ela desejasse dar-lhe o petisco de pepperoni no bolso dela e um tapinha na cabeça dele. Ela apenas abriu a boca para dispensá-lo gentilmente quando sentiu uma presença em suas costas. Uma presença alta, máscula, quente e forte com muita testosterona e feromônios que derramavam e, como os mamilos dela ficaram rígidos, ela não precisou girar esta vez.

Keane se aproximou, sem dizer nada, sendo apenas uma presença silenciosa e durona. Elevando o pescoço dela, ela o encontrou dando ao Cara Chocolate de Bengala Doce um olhar de morte que teria feito a maioria das pessoas mijarem nas calças.

O Cara Chocolate de Bengala Doce tomou um pequeno susto, limpou a garganta e olhou novamente para Willa, com uma desculpa nos olhos. —Desculpe. —Disse ele. —Eu não percebi que você estava... num encontro.

—Sem problemas... —Ela começou, mas ele se virou e desapareceu na multidão. Ela virou-se para encarar Keane. —Sério?

—O quê? —Ele perguntou inocentemente.

—Oh não, não me venha com um *o quê* desses. —Disse ela, dizendo a

palavra *o quê* em uma imitação do próprio timbre dele, mas muito mais baixo. —O que diabos foi aquilo?

—Fui pegar doces para você. —Ele segurou a sacola.

—Não, você acabou de me marcar em público.

A boca dele se contraiu.

—Você sim! —Ela disse, jogando as mãos. —Você intimidou totalmente aquele pobre rapaz e tudo o que ele estava fazendo era falar comigo.

Keane cuidou dele. —Você acha que eu estava intimidando?

—O suficiente para fazê-lo ir chorar para a mamãe. —Ela espetou o peitoral sólido dele.

—Você não pode me dominar assim. Eu não gosto nada disso.

Ele sorriu, mas era mais como o sorriso do Lobo Malvado quando suas mãos foram para os quadris dela. E ali mesmo cercado por uma multidão, onde minguem estava prestando a menor atenção deles, ele a puxou para perto dele.

—Eu ainda estou brava. —Disse ela.

—Eu sei. Está tudo bem. —As mãos dele deslizaram pelos braços dela e agarraram seu queixo, quente e forte. —Você apenas me diz quando isso passar. —E então os olhos dele ficaram escuros e aquecidos enquanto ele abaixava a cabeça. —Eu vou esperar... —E então ele a beijou.

O ar à volta deles crepitava e, apesar da noite fria, o calor entre eles pulsava e aumentava. Willa sentiu o estrondo do gemido áspero dele enquanto ele pegava atrás na cabeça dela para segurá-la para ele. E assim, tudo ao redor deles desapareceu para nada além de um murmúrio sombrio em segundo plano. Não havia nada após a sensação dos fortes braços de Keane em torno dela, a batida constante do coração dele batendo contra o ritmo irregular do dela.

De olhos fechados, ela se sentiu derreter contra ele, seus corpos se procuravam como se estivessem juntos há anos. Na verdade, isso a assustou e ela

se agarrou a ele.

Em resposta, ele diminuiu o beijo, acalmando-a até que eles se acalmaram completamente, com a respiração distante, mas compartilhando o mesmo ar. A brisa da noite acariciou o rosto dela junto com os dedos dele e ela abriu os olhos.

O rosto dele estava sombrio, mas ela não estava mais com medo. Sentindo-se quase como se estivesse em um sonho, ela voltou para a ponta dos pés e ergueu as mãos para a nuca, com os fios sedosos do cabelo dele passando em seus dedos enquanto puxava o rosto dele para o dela. —Quando. —Ela murmurou contra a boca dele.

A última coisa que ela viu antes que seus olhos se fechassem novamente foi o sorriso dele.

Ela abriu os lábios para ele ansiosamente, desesperada por outro gosto e sentiu uma onda de calor quando a mão dele pegou seu cabelo. Incapaz de chegar perto o suficiente, ela fez uma pausa, gemendo com a sensação dura dele contra ela.

Quando ele finalmente levantou a cabeça, ela estava respirando como uma mulher que precisava de um orgasmo.

Muito.

Ela fez o melhor para parecer não afetada, mas ele riu dela. *Riu*. E então ele pegou a sua mão e eles voltaram para a casa dela.

Quando saíram do elevador, Keane sentiu Willa apertar sua mão e olhar para ele quando destrancou sua porta. —O quê? —Ele murmurou.

—Você está bem? Você parecia um pouco desligado quando apareceu aqui pela primeira vez e está de novo agora.

Ele era um muro de pedra quando queria ser, ou então ele pensava assim. Mas, aparentemente, não com ela, porque ela colocou uma mão no peito dele. —Diga-me, o que há de errado? —Ela perguntou suavemente.

Já fazia muito tempo que alguém fizera essa pergunta a ele e com

sentimento. Mas ele não faria isso, ele não desabafaria. Nunca. Ela não precisava do ônus da doença da tia dele, nem da estranha sensação de limbo que a vida dele havia se tornado quando se sentava na sua grande casa da Rua Vallejo noite após noite, inventando razões para não vendê-la e seguir em frente, então ele balançou a cabeça.

A mão dela deslizou pelo peito dele, sua palma voltando para pegar na nuca dele, seus dedos se afundando no cabelo dele.

Claramente, ela também sabia o quanto ele adorava quando ela o tocava assim.

—Keane, quando você me pergunta se estou bem, você espera honestidade, certo?

O cérebro dele estava mais do que um pouco agitado pelo toque dela, estava excitado pra caramba e sem o seu poder de fala, mas ele conseguiu dar um aceno com a cabeça.

Ela assentiu de volta, como se quisesse dizer *bom menino*, enquanto os olhos inocentes dela encontravam os dele. E então ela se moveu para matar de vez.

—Então, por que eu esperaria menos de você? —Ela perguntou suavemente. —Me diga o que está errado.

—Você primeiro. —Disse ele.

—Eu? Eu o que?

—Você poderia me falar sobre esta manhã, quando interrompi você e suas funcionárias tendo o que parecia ser uma discussão bastante séria.

—Lyndie ferrou tudo. —Disse ela. —Ela então confessou, fim da história.

—Não é o fim. O que você fez, deixou-a se safar assim, foi realmente generoso. Tão incrível. Em qualquer outro lugar, qualquer outra pessoa, a teria despedido e você sabe disso.

—Todo mundo merece uma segunda chance. —Disse ela. —Agora você.

Deixando escapar uma risadinha, ele pressionou a testa contra a dela, se aproximando dela, de modo que estavam frente a frente, deixando sua mão pegar o rosto dela. Conhecendo-a melhor agora, sabendo a incrível mulher que ela era, ela realmente o surpreendia. Ela superou um passado áspero e sombrio e ainda assim ela era uma luz incrível.

Uma que o atraía.

Nenhum deles recebeu muito amor, mas ela não era frustrada por isso. Em vez disso, ela superou as dificuldades, retribuindo onde e quando podia.

E o que ele havia feito? Ele se bloqueou. Sim, ele também fez uma vida para si mesmo e uma vida malditamente boa, mas ele ainda estava fechado. Era difícil para ele se abrir, mas ele queria tentar, amizade colorida ou não. —Agora eu. —Ele repetiu suavemente.

Ela assentiu. —Agora você. Diga-me o que está errado e o que posso fazer para ajudar.

—O que há de errado é que eu preciso de você. —Ele murmurou, abaixando a cabeça para beijar a parte inferior do queixo dela. —O que você pode fazer para ajudar é me deixar entrar.

Ela estava surpreendentemente sem fôlego com o toque dele. —Você já está dentro. —Ela ofegou.

Ele estava? Testando essa teoria, ele a empurrou para dentro do apartamento dela, fechou a porta da frente com um chute e a empurrou suavemente contra ela.

Ela olhou para ele enquanto ele abaixava a cabeça, não fechando os olhos até o último segundo, mas quando a boca dele cobriu a sua, ela gemeu e envolveu seus braços ao redor dele o suficiente para doer da melhor maneira possível.

Capítulo 21

#PararADiversãoPraque

Willa perdeu-se nas palavras de Keane... *"Eu preciso de você,"* na sensação do corpo duro e aquecido contra o dela, no gosto dele enquanto a beijava do jeito que só ele podia. Ele a deixou dolorida, desejando e queimando. Ela tinha dito a ele que ele estava dentro e ela quis dizer isso.

Gostando ou não, ele estava definitivamente no coração dela. O que ela não tinha certeza era o que isso significava para qualquer um deles. Ela havia dito que não, eles não fariam isso novamente e ela havia dito isso por autopreservação, mas agora, com as mãos dele sobre ela, ela não conseguia lembrar-se do por que exatamente.

—Eu não costumo ser tão fácil. —Disse ela em voz alta, esperando fazê-lo rir e aliviar algumas dessas tensões, porque ela não sabia sobre ele, mas *ela* sentia-se mais esticada do que um arco.

—Willa. —Ele realmente riu, sexy, baixo e grosso, enquanto pressionava seu rosto no cabelo dela. —Querida, você é muitas, muitas coisas. Mas fácil não é uma delas.

Quando ela tentou empurrá-lo para longe, ele aumentou seu aperto e levantou a cabeça para encontrar com um sorriso os olhos irritados dela. Então o sorriso dele desapareceu. Eles se olharam por um segundo, o seu olhar de repente aquecido e inabalável. —Eu sei que você disse que uma noite era tudo o que você queria. —Disse ele. —Mas penso que duas é melhor que uma.

Ela assentiu, feliz por estarem na mesma página. —Dois é sempre melhor do que um, não é?

Soltando um som de acordo muito sexy e masculino, ele a beijou de novo, ambas as mãos dele empolgadas quando deslizaram para pegar o cabelo dela, segurando-a para o beijo dele. Com um puxão, ele foi para a garganta dela,

raspando os dentes ao longo da pele, fazendo-a estremecer e se apertar ainda mais nele, se isso fosse possível. Então suas mãos deslizaram sob a camisa dela. Ela conseguiu colocar a sua na parte traseira do jeans dele e...

—*Miau*.

Sem fôlego, eles se separaram e viraram juntos para encontrar Petúnia com a cabeça baixa, o bumbum levantado no ar e se contorcendo.

—Cuidado. —Disse Keane. —Modo de ataque ativado.

—Petúnia. —Disse Willa suavemente e a gata ergueu a cabeça. Os olhos azuis frios estreitaram em desaprovação.

—Eu não sabia que ela era uma empatadora de beijos. —Disse ela com uma risada.

—E dois minutos a mais ela teria sido uma empatadora de pau... —Ainda rindo, Willa colocou os dedos sobre os lábios de Keane. —Sem palavrões na frente das crianças.

Ele mordeu os dedos dela e o calor a golpeou da cabeça até os dedos dos pés, incendiando alguns pontos especiais ao longo do caminho. —Então. —Ela sussurrou, olhando para a boca dele. —Onde nós estávamos?

Ele deslizou as mãos por seus braços e voltou para o cabelo dela. —Aqui mesmo. —E ele a beijou novamente, lento em uma fusão encantadora de lábios; quente e reconfortante.

Tentador.

O corpo dela se moveu por vontade própria, se aproximando, buscando o seu calor. Com um gemido, ele a puxou para perto, aqueles ombros largos bloqueando a luz, tudo menos ele. Uma das mãos grandes e quentes se acomodou na nuca dela, mantendo-a firme enquanto continuava a beijá-la.

Ela segurou o maxilar forte dele, acariciando a barba de dois dias que ela queria sentir raspar contra o seu corpo. Quando o casaco dela caiu, ela se assustou. Ele desabotoou e empurrou de seus ombros e ela nem sequer notou.

—Shh. —Ele sussurrou, a boca dele na garganta dela. —Eu tenho você.

E ele tinha. Apoiada entre a parede e o seu enorme corpo delicioso, era certo que as pernas dela pareciam bambas.

Porque ele a tinha.

Eles tiveram que romper o beijo por um segundo quando ele ergueu a sua camisa sobre a cabeça e então as suas mãos quentes estavam nos seios nus dela.

Ele desatou o sutiã, deixando que caísse também.

Levantando a cabeça, ele olhou para ela e soltou uma longa e lenta exalação, como se estivesse lutando com o controle. Ele observou como ela se inclinava para o seu toque, implorando sem palavras na boca dele para que ele a achasse irresistível, bonita.

—Eu não posso tirar meus olhos de você. —Ele murmurou, lábios na orelha dela. —Você é tão bonita, Willa.

—*Miau!*

—*Quieta!* —Ambos disseram ao mesmo tempo, segurando o olhar e rindo um para o outro.

—Eu pensei que as crianças que agiam como controle de natalidade. —Disse ele.

Petúnia realmente suspirou e se afastou, pernas rígidas e a cauda se contorcendo.

—Não fique brava. —Disse Keane. —Apenas vá embora.

—Keane.

—Só por uns minutos. —Ele falou depois para a gata. E então levantou Willa em seus braços, os músculos de seus ombros e costas ondulando suavemente sob a camisa. Humm. Apertando a sua boca no queixo dele, ela passou as pernas ao redor da cintura enquanto ele a levava pelo corredor para a cama.

Onde ele a jogou.

Um grito de surpresa escapou dela, mas antes dela soltar mais algum ele estava sobre ela, pressionando-a no colchão, cobrindo o corpo dela com o seu.

—O que eu disse sobre me dominar? —Ela perguntou com uma risada.

Ele ergueu a cabeça, seus olhos tão escuros quanto a noite. —Eu estava esperando que isso não se aplicasse ao sexo. —A boca dele deixou seus lábios, indo em direção a orelha, dando pequenas mordidas de amor enquanto ia até lá. —Porque estou me sentindo um pouco dominante aqui, Willa.

Cada mordida, cada raspagem dos dentes dele parecia derreter seus ossos. —Tudo bem. —Ela ofegou. —Talvez nós possamos revezar.

—Talvez. —Os movimentos dele sobre ela eram sensuais, lentos e surreais, tão eróticos que ela se contorcia por mais. Ele percorreu o caminho do pescoço dela até a clavícula, quem sabia que essa era uma zona erógena? fazendo-a suspirar quando ele chegou no peito dela. A língua dele trabalhou no seu mamilo, provocando e atormentando junto com suas mãos talentosas e conhecidas, e as sensações a levaram até o limite de um penhasco e a deixou pendurada lá. —*Keane.*

—Eu sei. —Ele deslizou mais abaixo no seu corpo, tirando a calça pelo o caminho. Então ele se sentiu em casa entre as pernas dela, espalhando-as por seus ombros largos que pareciam uma montanha.

—Humm. —Disse ela. —Eu...

Ele afastou a calcinha dela para o lado, pressionou um beijo na carne quente e molhada que expôs e ela imediatamente esqueceu o que ela estava prestes a dizer. Ela ouviu um gemido exagerado e ficou chocada ao perceber que era ela. —Tire. —Ela exigiu, empurrando a camisa dele para cima do abdômen rígido dele não querendo ser a única quase nua, mas por também querer ver o corpo lindo dele.

Sem perder o ritmo ou tirar a boca dela, ele alcançou com uma das mãos e puxou a camisa por cima da cabeça. Isso momentaneamente tirou sua boca da

pele aquecida dela, mas quando ele estava livre da camisa, ele voltou a amá-la com a boca.

Ela podia senti-lo agora, todo ele. —Quando você perdeu o resto da sua roupa... Oh meu Deus. —Ela gritou, os olhos se enchendo com luxúria quando ele fez uma combinação com os dentes, a língua e os dedos. —Não pare de fazer isso.

—Nunca. —Ele prometeu enquanto brincava com ela, provocando-a até a borda. Mas, bem quando ela sentiu os dedos começarem a enrolar, ele parou e ela gritou.

Ele deu um sorriso perverso, não preocupado com o fato de que ele estivesse a um milímetro da morte certa por deixá-la pendurada assim. Inclinando-se sobre ela, ele deu a ela um beijo duro e depois enganchou os dedos nos lados de sua calcinha, puxando-as pelas pernas, atirando-as sobre o ombro dele sem tirar os olhos dela.

E no que ele havia exposto.

—Oh, Willa. Cristo. —As mãos grandes dele seguraram as coxas dela abertas. —Você é tão linda. —Movendo-se, ele beijou a boca dela, mas suas mãos ainda a atormentavam, as sensações esticando cada terminação nervosa com um pouco mais de *entusiasmo*, dirigindo-a de volta ao limite que ela realmente nunca saíra. Ela passou os dedos nos bíceps dele.

—Se você parar novamente...

—Não vou. —E fiel à palavra, ele continuou o assalto, o bastardo sexy, beijando lentamente o caminho para baixo, parando no umbigo para dar uma pequena mordida nele, fazendo-a se contorcer.

Rindo suavemente contra ela, ele aumentou seu aperto nos quadris dela, segurando-a para que ele pudesse deixá-la louca. Isso envolvia a boca dele tomando a rota mais longa, onde ele alternadamente arrastava sua língua ao longo da pele aquecida e parava uma vez e outra para dar uma pequena mordida de amor.

—Keane!

Ele ergueu a cabeça, seus olhos escuros, tão sombrios que ela quase se afogou neles. —A última vez fizemos no seu jeito. —Disse ele. —É a minha vez agora. Meu jeito, Willa.

Ela engoliu em seco o calor e intensidade feroz da voz baixa dele. —E o seu jeito é me torturar?

Ele lançou outro sorriso perverso. —Para começar.

Com um gemido ela voltou para a cama, com braços sobre sua cabeça.

—Sim, eu gosto disso. —Disse Keane e estendeu as mãos, acariciando ao longo dos braços dela até os dedos, que enrolou em torno da cabeceira da cama. —Não solte. —Então ele a abraçou, gemendo com o visual e lambendo o centro dela.

Willa ficou um pouco confusa com os detalhes depois disso, mas lhe causou uns gemidos, chamando o nome dele sem parar e as mãos dela pegaram o seu cabelo e depois de um tempo extremamente curto, desmoronou contra ele.

Completamente.

O corpo dele era duro e musculoso e parecia incrível contra o dela que forçou seus olhos a se abrirem para absorver o máximo possível porque isso era absolutamente o que tinha que fazer. Ela não poderia voltar a fazer isso com ele e não desmoronar completamente. Na verdade, ela estava quase convencida de que não poderia resistir *desta* vez.

Apoiado nos antebraços em ambos os lados de sua cabeça, ele olhou para ela. Uma mecha de cabelo caiu sobre a testa dele, seus olhos escuros com calor e concentração, sua boca ainda molhada dela. A visão dele era de tirar o fôlego.

Deus, *ele era mais bonito*, ela pensou aturdida. Simplesmente lindo. Ao aproximar-se, ela traçou o seu lábio inferior com a ponta do dedo e depois puxou-o para perto, para que pudesse sugar o lábio inferior dele em sua boca.

Ele deu um meio gemido, meio rosnado enquanto deslizava a língua em sua boca, deslizando-a ao longo da língua dele.

—Adoro o seu gosto. —Ele disse e empurrou dentro dela.

Ela gritou e se levantou para encontrá-lo, incapaz de descobrir se ele colocou uma camisinha, mas agradecida que um deles estava pensando em algo diferente do prazer deles.

Acima dela, os olhos de Keane se fecharam, a expressão dele era de prazer desinibido.

Ele respirou fundo.

Ele tinha um braço debaixo dos ombros dela para ancorá-la e o outro agarrando a sua bunda como se ele precisasse estar o mais próximo possível. Quando ele começou a se mover, era uma moagem lenta e preguiçosa, como se tivesse todo o tempo no mundo para amá-la.

Mas ele não tinha. Dado o nó na garganta dele, eles estavam com tempo limitado agora, antes do pânico bater. Então ela o empurrou, rolando-o de costas. Para crédito dele, ele foi logo dando um sorriso de lobo.

—Sua vez? —Ele perguntou com voz rouca, sua voz de puro sexo.

Não desperdiçando tempo com palavras, ela balançou os quadris, rápido e duro.

—Sim. —Ele murmurou, enchendo as mãos com seios dela. —Sua vez.

Então ele se tornou o copiloto, alcançando entre eles, tocando-a intimamente, conscientemente, fazendo com que ela explodisse em cima dele.

Enquanto ela ainda estava atordoada, sentiu as mãos dele assumirem, agarrando com mais força suas coxas, fazendo com que ele a preenchesse ainda mais, levando-a a uma experiência fora do corpo. E esta vez, quando ela começou a convulsionar ao redor dele, ele a seguiu ao limite.

No começo da manhã, Willa acordou toda quentinha e confortável, seu rosto espreitou no pescoço de Keane. Ele estava de costas, dormindo profundamente, e ela... bem, ela estava por cima dele.

Petúnia não estava melhor, tendo se arrumado nos pés dele.

Willa colocou um dedo em seus lábios e cuidadosamente se afastou e entrou no banheiro. Ela se olhou no espelho e piscou para a expressão corada e aturdida em seu rosto. Ela estava... sorridente? Droga, ela estava. Ela tentou transformar em uma carranca, mas não conseguiu. Ela literalmente não podia.

Foi quando ela notou a mochila no chão. Keane deve ter trazido isso na noite passada, quando foi na caminhonete dele pegar seu carregador de celular em algum momento por volta da meia-noite.

A mochila estava aberta e ela "acidentalmente", de propósito, deu uma olhada no interior. Roupas extras. Uma escova de dentes. Desodorante.

Na mão dela, o celular tocou quase lhe dando uma morte prematura. —Alô? —Ela sussurrou.

—Oi. —Disse Elle. —Eu...

—*Ele tem um kit para passar a noite!* —Ela sussurrou.

Elle fez uma pausa. —Quem tem um quê?

Willa fechou a porta do banheiro, recostou-se contra ela e deixou-se cair com as pernas fracas, deslizando pela porta até que estivesse sentada no chão. —Keane. —Disse ela. —Ele apareceu aqui ontem à noite para pegar Petúnia e agora estou no banheiro olhando para uma mochila cheia de coisas que...

—Uau. Você não pode ir da noite passada até esta manhã sem mais detalhes do que isso! Qual o problema com você? Eu quero as coisas boas. Você dormiu com ele novamente?

Bem, tecnicamente, havia muito pouco de sono real envolvido tanto no telhado *quanto na* noite passada, que tinha sido uma rodada depois da outra de sexo tórrido, erótico e sensual.

—Você está escondendo algo de mim. —Disse Elle.

—Esqueça! —Willa sussurrou. —Ele tem um kit para passar a noite! —Ok,

tecnicamente a noite passada foi a noite dois, então realmente era um kit para passar a noite.

—Querida, isso só faz dele um homem inteligente.

Willa revirou os olhos com tanta força que quase saíram da cabeça e ela desligou. As coisas estavam bem. Ela estava bem. Ela poderia fazer isso. Casos de uma noite se transformavam em casos de duas noites o tempo todo. De fato, ela olhou para as coisas de Keane e podia admitir que talvez Elle estivesse certa. Não que ela estivesse prestes a admitir isso porque Elle já sabia que estava certa.

Elle estava sempre certa.

Willa vestiu a única roupa que ela tinha no banheiro, a roupa de trabalho de ontem. Ela fez isso porque poderia pensar melhor quando não estava nua. Uma espiada rápida no espelho confirmou que ainda estava sorrindo como uma idiota. Ela respirou fundo e abriu a porta.

Keane permaneceu ali apoiando o batente da porta com um ombro musculoso e uma expressão ligeiramente cautelosa. —Oi.

—Oi.

Ele deu um meio sorriso. —Tenho que ser sincero. Achei que você já teria ido embora quando eu acordasse.

—Esta é a minha casa.

—Você sabe o que quero dizer. —Disse ele. Ele não estava jogando esta manhã.

Então, ela também não. —Estou me esforçando muito para ser uma adulta. —Disse ela. —E isso teria sido grosseiro de qualquer maneira.

O sorriso dele se espalhou e enviou um calor através dela. —Deus não permita que você seja rude. —Ele a puxou para ele e acariciou seu pescoço. —Bom dia.

Como os joelhos dela tremiam, ela agarrou-se a ele. —Bom dia. Humm,

Keane?

—Humm? —A boca dele estava ocupada na garganta dela e ele era grande, quente e estava sem camisa e os olhos dela quase saíram da sua cabeça.

—Eu realmente tenho que ir trabalhar. —Ela conseguiu dizer. —É mais tarde do que costumo começar. Você pode ficar, é claro, usar meu chuveiro, seja o que for. Basta trancar quando sair.

Ele levantou a cabeça e encontrou o olhar dela. Procurando algo. E então, aparentemente, decidiu que ela era realmente confiável agindo como uma adulta porque assentiu.

Aliviada que eles estavam lidando com isso sem se ferirem ou guardando magoas, e melhor ainda, sem uma discussão que ela não estava pronta para ter, ela se inclinou e o beijou, um beijo curto e doce.

Mas ele aumentou o aperto dele, mudou o ângulo do beijo dela e assumiu o estilo Keane. Quando ele a deixou, ela tinha que procurar no cérebro dela qual era a tática que ela havia panejado.

—Trabalho. —Ele disse com um sorriso. —Nós dois temos que começar a trabalhar.

—Certo. —Ela piscou. —Humm...

Com uma risadinha, ele colocou as mãos nos quadris dela e a girou em direção à sala de estar, adicionando um leve golpe na bunda para fazê-la se mexer. —Tenha um bom dia.

Ela teve tantos orgasmos na noite anterior que não pode contar. Ela estava sorridente. O que poderia dar errado?

CAPÍTULO 22

#DestilarVeneno

Quando Willa se foi Keane olhou para Pita sentada calmamente perto de seus pés descalços.

Ela o olhou e deu uma pequena farejada.

—Sim, sim. —Disse ele. —Você está presa comigo de novo.

O celular dele estava quase convulsionando no criado mudo, cheio de mensagens e e-mails de Sass e Mason. Ele esfregou uma mão sobre o rosto e praguejou quando o celular disparou de novo, desta vez uma chamada de Sass. Ele ignorou.

—Miau. —Disse Pita, sendo patética.

—Eu sei. Comida. Rápido. —Ele puxou o jeans e procurou sua camisa, encontrando-a pendurada em um abajur.

Normalmente, isso lhe faria dar um sorriso, porque significava que a noite tinha sido devagar, sacana e quente.

E tinha sido essas coisas.

Também tinha sido muito mais. O que ele imaginou que era a verdadeira razão pela qual Willa tinha ido tão cedo para o trabalho. Ela estava sentindo isso.

Mas ela não queria.

Não é o melhor sentimento do mundo. Puxando a camisa sobre a cabeça, ele virou-se em círculo procurando seus sapatos.

Petúnia estava sentada à sua frente, parecendo muito presunçosa e feliz consigo mesma.

—Mova-se, gata.

Pela primeira vez na vida dela, ela fez o que ele pediu. Ela se moveu, revelando que ela mais uma vez usou os sapatos dele como banheiro.

Willa sentou-se no balcão de sua própria loja com as roupas de ontem, enchendo seu rosto com os muffins de outro mundo de Tina.

Os muffins não consertariam nada que estivesse errado na vida dela, mas a faziam se sentir melhor.

Ainda era cedo, antes do horário de abertura, um fato pelo qual ela estava agradecida. Em algum momento, ela teria que descobrir como conseguir um tempo para subir no apartamento dela e trocar essa roupa de ontem. Ela também precisaria descobrir como perder a expressão ridiculamente saciada e pós-sexo em seu rosto, que até agora estava se recusando a ir embora.

Malditos orgasmos.

Rory e Cara apareceram, olharam para ela e sorriram. —Você está fazendo a caminhada da vergonha na sua própria loja? —Perguntou Cara.

Sim. —Claro que não.

Rory examinou Willa de cima a baixo. —Na verdade. —Disse a garota. —A verdadeira caminhada da vergonha é quando você tira todas as canecas e pratos que você está acumulando no seu criado mudo e leva para sua cozinha.

Ambas riram.

Willa as ignorou e lançou o último muffin em sua boca. Ela aproveitou o momento para fechar os olhos e gemer enquanto o delicioso gosto explodia em sua língua.

—Ela não vai falar. —Cara disse a Rory. —Isso é estranho. Nunca a vi não falar.

—Assim que a cafeína bater, ela voltará à vida. —Rory empurrou o café de Willa para mais perto dela e depois se afastou como se Willa pudesse ter uma

espingarda armada e carregada.

—Mas ela não parece cansada. —Disse Cara, olhando para Willa. —Ela parece com a minha irmã quando o namorado dela está de licença do Exército e eles transam durante toda a noite.

Willa engasgou com o muffin.

Rory a golpeou nas costas, mostrando um raro sorriso enquanto Elle e Haley e Pru batiam na porta dos fundos.

Willa entrou em pânico. —Não deixem elas entrarem!

Então, Rory, claro, as deixou entrar. —Cuidado. —A funcionária quase razão da morte dela disse as suas melhores amigas. —Ela não está totalmente cafeínada e acho que também teve muito sexo.

Willa engasgou novamente. Ela olhou para todas, mas suas melhores amigas estavam em posse de mais muffins e café, então ela estendeu as mãos. —Me dá.

Pru entregou tudo. —Desculpe, eu tive que sair da noite das meninas, mas estou me sentindo muito melhor. —Ela estudou o rosto de Willa, com a cabeça inclinada. —Humm. Keane é bom. Ele até se livrou da ruga de estresse entre os olhos dela.

—Uau. —Disse Haley, olhando mais perto para ver por si mesma. —Você está certa. O sexo funciona melhor do que essa loção antirrugas de noventa dólares que todas nós compramos e que não vale nada.

Willa olhou para Elle, que estava de pé lá calmamente avaliando a situação. —Eu vou precisar que você diga algo aqui, Elle. Você sabe, seja a voz da razão, então eu não precisarei assassinar ninguém.

—Não há Netflix na prisão. —Disse Elle.

—Tudo bem, isso vai servir, obrigada.

Elle inclinou o café para Willa em um brinde de solidariedade.

Willa bebeu seu café e soltou seu maior medo. —Eu estou sendo estúpida? Deixando outro cara entrar? Isso é um erro?

—Ele é tão bom quanto parece? —Perguntou Pru.

Willa pensou nisso. —Ele não gosta de gatos e ainda assim está cuidando de Petúnia. Ele está cuidando financeiramente de sua tia doente, embora ele mal a conheça. Ele tem uma carreira incrivelmente exigente, mas sempre tem tempo para mim. E...

—O quê? —Elle pressionou ansiosamente quando Willa parou.

—Ele me faz sentir bem. —Disse ela. —Especial. —Ela se sentiu um pouco ridícula, por dizer isso e seu rosto aquecer.

Mas Elle sorriu e foi o tipo de sorriso que chegava até seus olhos. Raro e lindo. —Bem, então. —Disse ela, apertando as mãos de Willa. —É a sua resposta.

—Mas acho que estraguei tudo. —Disse Willa. —Ele ficou na noite passada e eu acordei e...

—Em pânico. —Elle disse prestativamente.

Willa soltou um suspiro e ergueu o dedo e o polegar com cerca de uma polegada de distância. —Talvez só um pouco.

Elle ergueu as duas mãos, uma perto da outra. —Ou muito. —Ela olhou para Willa. —Eu ainda não entendo por que você não pode simplesmente curtir um homem gostoso e um sexo quente. Você sempre pode sair quando isso acabar.

—Mas e se não acabar? —Perguntou Willa. —O que então?

—Você aproveita. —Disse Elle gentilmente.

Certo. Por que ela não pensou nisso?

—O que você fez? —Perguntou Haley. —Chutou-o para fora?

—Pior. —Disse Elle, parecendo divertida.

Willa colocou as mãos em suas bochechas quentes. —Eu corri para fora da minha própria casa como se os cães do inferno estivessem atrás de mim.

Haley mordeu o lábio inferior.

Pru não teve o mesmo decoro. Ela não se incomodou em tentar esconder sua risada; ela soltou e de fato quase caiu, pois estava rindo muito forte.

Elle sacudiu a cabeça. —Eu tentei dizer a ela, *nunca deixe* um homem gostoso sozinho em sua cama.

Bem, tecnicamente, ele não estava na cama quando ela partiu, mas por que ela saiu mesmo? Willa, honestamente, não conseguia lembrar suas justificativas para isso, o que deixava a única resposta possível.

Ela estava com medo e isso simplesmente a deixava irritada consigo mesma. Desde quando ela era um gato assustado? Ela saltou do balcão, apontando para Pru. —Você está de folga hoje?

—Sim.

—Você está oficialmente trabalhando. Rory irá dizer-lhe o que fazer. teremos uma grande venda e ela precisará de mãos extras no deck. Eu voltarei!

—Mas por que eu? —Pru falou.

—Porque você riu muito.

—Bem, que merda. —Disse Pru.

Ainda era cedo quando Keane saiu de sua caminhonete, subiu as escadas até a casa da Rua Vallejo e fechou silenciosamente a porta atrás dele. A barra estava limpa. Tudo o que ele tinha a fazer agora era subir as escadas, ir para o chuveiro sem ser visto e...

—Opaa. —Disse Sass por trás dele.

Porra.

—Mas! —Ela gritou. —Venha olhar para isso.

Keane virou-se para encará-la, com os olhos estreitados.

Ela sorriu docemente enquanto olhava para o relógio. —Que legal que você apareceu para trabalhar hoje. Nós ligamos para você.

—Eu estava ocupado.

Ela passou o olhar por ele e parou em seus pés descalços. —Onde estão seus sapatos? Debaixo da cama dela?

Na verdade, eles estavam na lixeira, não que ele estivesse prestes a dizer a Sass isso. Ele empurrou a caixa transportadora de Petúnia. —Pegue isso. —Disse ele. —Vou tomar um banho. Vou encontrá-la no escritório para a reunião da manhã em dez...

Alguém bateu na porta e grato pela interrupção, Keane abriu-a.

Willa estava de pé, mordendo o lábio inferior, parecendo um pouco instável porque ele abriu a porta muito rapidamente.

Ele não sabia por que ele ficou tão surpreso. Ela o surpreendia constantemente desde o momento em que ela o deixara entrar na sua loja na primeira manhã, há três semanas e agora salvava a bunda dele cuidando de Pita.

—Oi. —Ela disse calmamente. —Eu... —Ela parou e olhou para além dele.

Keane virou-se e percebeu que Sass estava olhando avidamente. Mason entrou no vestíbulo também, com olhos no celular enquanto falava. —Já estava na hora, chefe. Você ignorou minhas chamadas toda a manhã, o que é uma grande infração das regras, como você gosta de nos lembrar todos os segundos. —Ele levantou a cabeça do celular e olhou a situação. Ele estremeceu, virou nos calcanhares e saiu.

Sass não. Ela ficou parada, sorrindo amplamente. —Oi. —Ela disse, estendendo a mão para Willa. —Eu sou Sass, a administradora de Keane. E você é Willa, ou como gostamos de dizer por aqui, A Pessoa Incrível Que Faz o Chefe Sorrir. Nós também amamos você, a propósito.

—Obrigada. —Disse Willa. —Eu acho.

—Eu já a vi antes. —Disse Sass. —No pub O'Riley's. Você estava no palco de karaokê com dois de seus amigos, cantando “ Hold On” de Wilson Phillips como se fosse a sua vida.

Willa fez uma careta. —Aii caraca.

Sass sorriu. —Sim, vocês foram bem divertidos. Se você conseguir levar Keane lá para cantar, vou precisar disso gravado.

—Tudo bem. —Disse Keane, puxando Willa para dentro, antes de se virar para Sass. —Tenho certeza de que você tem que voltar a trabalhar agora.

Sass sorriu. —Sim, com você. Não terminamos com a reunião da manhã. Nós estávamos apenas tentando descobrir por que você ignorou os telefonemas, mensagens e e-mails, mas acho que o motivo acabou de aparecer.

Keane apontou para o corredor. —Eu estarei lá em um minuto.

—Ah, não adie uma reunião por minha causa. —disse Willa com pressa. —Você está ocupado. Eu tenho que ir...

Keane agarrou a mão dela. —Espere. Só me levará um minuto para matar Sass...

—Se eu ganhasse um centavo para cada vez que ele diz isso. —Sass zombou.

Keane não tirou os olhos de Willa. —Por favor? —Ele acrescentou calmamente e ficou aliviado quando ela assentiu. Ele então se virou para Sass. Ela ainda estava sorrindo para ele, o tipo de sorriso que dizia que ela estava gostando muito disso. Relutantemente soltando Willa, ele acenou com a cabeça para Sass segui-lo.

—Não comece. —Ele advertiu enquanto se deslocavam pelo corredor, esperançosamente fora da plateia. —Eu sei muito bem que, se tivesse sido uma emergência, você me avisaria. Você estava bisbilhotando agora porque nunca estou atrasado. Eu não pago você para bisbilhotar, Sass, então coloque sua bunda para trabalhar.

Ela continuou sorrindo.

—Não pago você para sorrir para mim também.

—Bem, honestamente. —Disse uma mulher. —Esta não é a forma de falar com as pessoas que se importam com você.

Keane olhou para o que eventualmente era a sala de jantar, mas no momento era uma sala de projetos. O que significa que havia vários cavaletes configurados com grandes tábuas de madeira compensada como mesas improvisadas. Cobrindo essas mesas estava a planta do prédio.

A mulher estava de pé entre os cavaletes, olhando para ele.

Ele soltou um suspiro. —Mãe, isso é chamado de sarcasmo. É assim que demonstramos que nos preocupamos.

—Bem, é doloroso. —Disse ela. —Eu te criei melhor do que isso.

Nâo, na verdade, o que ela ensinou a ele foi não mostrar nenhum sentimento. Ele olhou para Sass, que claramente deixara sua mãe entrar.

Sass sorriu. —Conheça a emergência.

Keane voltou-se para sua mãe. Ela não passava em nenhum dos empregos dele há um longo tempo, e de fato, eles se falaram apenas no mês passado, então... —O que está errado?

Sua mãe endireitou-se e se aproximou dele. Se ela notou os pés dele descalços ou o fato de que ainda estava carregando o transportador de gatos porque Sass não tinha tirado dele, ela não deu nenhuma indicação.

—Eu queria te dizer que já não precisamos do aluguel. —Disse ela. —O que eu suponho você já sabe porque depositou o dinheiro em nossa conta. Nós não queremos o dinheiro, Keane. Isso não fazia parte do acordo.

Os pais dele se aposentaram dois anos atrás. E porque eles assumiram que eram as pessoas mais inteligentes que eles conheciam, eles recusaram o conselho dele por anos a fio em relação a conseguir um analista financeiro. Então, quando

investiram os fundos dele com um “amigo que sabe o que está fazendo” e esse amigo fugiu com todo o dinheiro deles, eles não queriam admitir o erro.

Na verdade, Keane só descobriu tudo isso quando inadvertidamente soube por um amigo em comum que eles receberam um aviso de despejo. Eles finalmente admitiram que estavam quebrados e, por causa disso, poderiam ficar sem-teto, mas ainda se recusavam a pegar dinheiro com ele.

Então ele foi forçado a deixá-los “trabalhar” para ele. Ele os colocou em um prédio de apartamentos que possuía em South Beach. Em troca, eles insistiram em ajudá-lo a renovar o local em vez de pagar o aluguel. Apenas até se reerguerem.

Tinha sido um verdadeiro pé no saco porque ele e sua mãe brigavam por cada renovação que o edifício exigia.

Mas pelo menos eles não estavam nas ruas. —Você poderia simplesmente me ligar. —Disse ele.

Sua mãe assentiu. —Eu liguei. Sua administradora disse que você não estava atendendo as chamadas e sugeriu que eu passasse por aqui.

Sass deu a ele um... bem, um olhar descarado. Ele devolveu o olhar com um “você está demitida,” mas ela apenas sorriu para ele serenamente.

Ela sabia tão bem quanto ele que ela era a cola. A cola dele. Seria reconfortante se ele não quisesse estrangulá-la mais da metade do tempo.

—De qualquer forma... —Sua mãe fez um grande show segurando um molho de chaves.

—Queria devolver estas para você.

Ele não pegou. —Mãe, você pode ficar lá. Você não precisa ir.

—Mas acabamos com o trabalho.

—Fique lá. —Ele repetiu. Ele não queria que eles fossem para as ruas. Ele não queria ter que se preocupar com eles. —Não é grande coisa.

—Não é grande coisa? —Ela perguntou, parecendo ter sugerido que ela matava gatinhos para viver. —Você nos dá uma esmola e não é *grande coisa*? Bem, fico feliz em saber que significamos tão pouco para você então.

—Você sabe que não é o que eu quis dizer.

—Quero que saiba que temos muitas outras opções. —Ela disse rigidamente. —Suas irmãs. Janine nos quer na casa dela. Com seu filho, para que possamos fazer parte de suas vidas. Rachel também teria feito o mesmo.

Ok, então ele se corrigiu. Ela poderia tornar isso mais difícil. E ele sabia em primeira mão que suas irmãs estavam apenas fazendo cena com a oferta de hospedá-los. O marido de Janine provavelmente correria para as colinas se isso acontecesse. James era um cara decente, mas era inteligente o suficiente para ter limites difíceis e viver com o Winters mais velho era definitivamente um limite difícil.

—Sem dúvida. —Disse Keane. —Se isso for o que fará você feliz. Mas a oferta de ficar no meu prédio de apartamentos permanece.

Os lábios dela se apertaram.

E porque ele não era um idiota completo, ele suspirou. —Ouça, eu realmente poderia precisar de alguém para administrar o lugar, manter a construção e as necessidades dos locatários.

Ela olhou para ele por um segundo, claramente dividida entre sufocar seu próprio orgulho ou perceber o blefe dele. Finalmente, ela tirou as chaves da palma da mão aberta dele e as empurrou em seu bolso.

—Vamos manter uma contabilidade cuidadosa do nosso trabalho, creditando-o para o aluguel. —Disse ela.

—Mãe, eu confio em você.

—Espere relatórios mensais. —Disse ela.

O equivalente dela a um abraço e beijo e um “eu te amo, filho.”

Ela virou-se para a porta e depois parou. Ainda de frente para a porta, ela disse: —E eu sei que é a gata de Sally. Você também está ajudando ela.

—Ela é da família. —Ele disse e então mentiu. —E a gata não tem culpa.

—Você está fazendo mais do que apenas cuidar da gata dela. —Disse sua mãe. —Sally me ligou ontem e me contou tudo.

Keane soltou uma respiração. —Então você sabe que ajudá-la é o mínimo que posso fazer.

Ela não disse nada por um longo segundo, não fez nada além de dar uma pequena fungada que tingiu de terror o coração dele.

Ela estava... chorando? Ele nunca a viu perder o controle e com sinceridade, ele preferiria que alguém arrancasse as unhas dele uma a uma do que ver isso agora. —Mamãe...

—Estou bem. —Ela fungou novamente e ainda falando para a porta disse suavemente: —Eu fui professora, por vinte e cinco anos. Mas às vezes você me ensina coisas que eu não esperava.

Ele olhou para ela, atordoado.

—Bem. —Ela disse com um aceno de cabeça. —Estou indo. Vou te ligar e mantê-lo atualizado.

—Você não precisa...

—Eu vou ligar para você. —Ela repetiu e ele percebeu que ela estava tentando, da maneira que ela sabia, ficar na vida dele.

—Isso seria bom. —Disse ele. —Eu vou ligar para você também, ok?

A voz dela era suave e havia uma sensação inconfundível de alívio. —OK.

E então ela se foi.

Ele virou-se e pegou o flash de alguém fugindo atrás de uma porta. Uma pequena pessoa ruiva e insaciavelmente curiosa. Lentamente, ela olhou para trás

e estremeceu quando seus olhos se fixaram nos dele.

Ela estava cautelosa em entrar e forçar demais com ele e, além do fato de que ele tinha sido direto ao dizer que não se envolvia profundamente, ela estava certa em ser cautelosa. Ceder a essa coisa entre eles seria insano e ter mãe lembrando-o da maneira como ele estava conectado, como a família toda estava conectada, com uma falta absoluta do gene de dar-à-alguém-seu-coração, tinha sido um grito de alerta. Willa estava se esquivando de uma bala aqui e ela nem sabia disso.

—Você está bem? —Ela perguntou calmamente.

Ele estava? Ele não tinha ideia, não que ele estivesse prestes a admitir isso. —Sim. —Ele pensou que talvez tivesse visto alguma pena no olhar dela e ele odiava isso, então deu uma olhada vaga no lugar ao redor dele. —Eu realmente tenho que começar a trabalhar.

Ela assentiu, mas não se moveu. Em vez disso, juntou as mãos com força e segurou o olhar dele. —Eu queria explicar minha partida abrupta nesta manhã. É só que quando acordei em volta de você como um daqueles pretzels quentes incrivelmente deliciosos do AT & T Park, eu...

—Entrou em pânico?

—Não. —Disse ela. —Bem, tudo bem, sim, só por alguns minutos. Não me arrependo da noite passada, Keane. Eu só quero que você saiba disso. Eu sinto muito...

—Willa pare. —Disse ele, interrompendo-a. Esta manhã com ela, e ainda por cima a visita da mãe dele, o deixou sentindo um pouco vazio e sem tato para lidar com mais emoções pesadas. —Esqueça, ok? Não foi nada.

Ela ficou um tanto atônita e ele demorou um segundo para perceber que ela pensou que ele estava dizendo que o que tinham compartilhado não era nada. —Não é o que eu quis dizer. —Disse ele, mas como nem ele sabia o que ele queria dizer, ficou em silêncio.

Ela assentiu como se soubesse o que lhe deixou feliz. Alguém deveria

saber o que diabos estava acontecendo aqui. O cinto de ferramentas dele estava em cima de um dos cavaletes e ele colocou-o, esperançosamente sinalizando que estava farto de conversas.

Ela respirou fundo. —Se isso é sobre eu ouvir essa conversa com sua mãe...

—Não é.

—Porque não é culpa sua como ela trata você. —Disse ela.

—Sim. Eu era um péssimo garoto, Willa. Eu era. —Ele disse com firmeza quando ela abriu a boca. —Eu entendo que isso foi porque não recebi muita atenção positiva, mas isso não é desculpa.

Agora ela estava com os braços cruzados, na defensiva por ele, claramente não querendo acreditar no pior dele, tudo isso fez algo doloroso e também algo um pouco bom dentro do peito dele.

—O que você poderia ter feito que foi tão ruim?

—Por um lado, eu era uma merda completa. Mesmo depois da graduação do ensino médio. Eles me deram dinheiro da matrícula para complementar uma bolsa de futebol parcial durante dois anos, até que me feri e perdi a bolsa de estudos. Eu detestei cada segundo da faculdade, por sinal. Então, quando eles me deram dinheiro para a mensalidade do terceiro ano, eu desisti e usei o dinheiro para o pagamento inicial do meu primeiro projeto de renovação.

—Eu acredito que eles não aprovaram.

—Eu omiti deles por vários anos. —Ele admitiu.

Seus olhos se arregalaram.

—Vê? —Ele perguntou. —Uma merda completa. Eu os paguei de volta com juros, mas o ponto é que como resultado de minhas próprias ações, eles não confiam muito em mim.

—Nem todos são feitos para a vida acadêmica.

Ele balançou sua cabeça. —Não invente desculpas para mim, Willa.

—Bem, alguém tem que te dar uma pausa. —Disse ela, jogando as mãos para cima. —Você trabalhou muito para ajudar sua tia e sua família. Você trabalhou arduamente para fazer algo para si mesmo e... —Ela parou e olhou para ele como se nunca o tivesse visto antes.

—O que?

—Oh, meu Deus. —Ela sussurrou. —Eu percebi uma coisa. Eu o acusei de não poder se prender. Mas claramente você pode e profundamente.

Ele começou a balançar a cabeça, mas parou porque, dado seu crescente apego a ela, para não mencionar algumas emoções extraordinariamente profundas sobre o mesmo assunto, ela estava certa.

—E você não só pode, obviamente, amar e amar profundamente. —Ela disse devagar, colocando uma mão no peito como se doesse. —Você pode até mesmo guardá-lo para si. Talvez seja ainda melhor do que eu. Inferno, *definitivamente* é melhor do que eu.

O peito dele ficou apertado ao pensar como ela acreditava nisso. —Willa...

—Eu sei, hein? Não é uma sensação superconfortável. —Ela pausou quando de dentro do bolso, o celular dele disparou.

Foi assim durante a última meia hora. Subcontratados, clientes... provavelmente também Sass. E enquanto ele pensava nisso, um casal bem vestido parou na frente deles.

Clientes com quem tinha uma reunião em... ele olhou para o relógio. Merda. Agora mesmo.

—O mundo real chama. —Disse Willa e deu um passo para trás.

—Este é o meu mundo real. —Disse ele. —Eles podem esperar.

—Keane. —Marco Delgado, um cliente de longa data, saldou com um sorriso. —É bom te ver, cara.

—Está tudo bem. —Disse Willa enquanto se afastava.

Típica história da vida dele.

—Você entendeu esta manhã quando precisei ir trabalhar. —Ela disse. —E eu entendo isso.

E então ela se foi.

Merda. Bem, ele estava feliz em saber que ela entendia. Ele simplesmente desejava que ele soubesse exatamente o que ela entendeu e se explicaria isso para ele.

Capítulo 23

#ObjetivosDoEsquadrão

Willa foi para a loja. A loja sempre foi a fuga dela, sua alegria, seu primeiro e único amor.

Mas quando ela entrou com todas as luzes de Natal brilhando e o cachorro de um cliente latindo para Rudolf a Rena do Nariz Vermelho de pelúcia dela, sentado na caixa de areia para gatos e Rory sorrindo e atendendo clientes em dois cantos diferentes da loja, ela não sentiu a calma usual cair sobre ela.

Ela não sentia a calma desde que acordou naquela manhã, mas especialmente depois de ouvir a conversa entre Keane e a mãe dele. Porque agora ela conhecia uma verdade desconfortável sobre si mesma. Ela estava andando junto com Keane, ciente de que ele não estava interessado no amor, mas havia uma falha fatal nisso.

Era tudo sobre ela. *Ela* era a única com os problemas.

Ela não viu isso vindo.

Felizmente, o dia dela foi longo, não permitindo tempo para pensar ou insistir. E no final disso, ela olhou em volta para fazer mais alguma coisa, mas não havia mais nada. E, no entanto, ela não queria ir para casa. Ir para casa sozinha lembraria a ela de que ela era...

Bem, sozinha.

Então ela foi ao pub, onde Finn imediatamente chamou a atenção e gesticulou para ela.

—Experimente isso. —Disse ele, entregando-lhe uma caneca. —Creme caseiro batido com o melhor e mais incrível chocolate quente já inventado.

—Existem quantas maneiras para fazer chocolate quente?

—Somente de uma maneira. —Disse ele. —Do meu jeito. —Ele gesticulou para a caneca. —É uma receita nova, uma surpresa para Pru. Me diga o que você acha.

Ela tomou um gole e ele estava certo. Era o chocolate quente mais incrível já inventado. —Meu Deus.

Ele sorriu. —Sim?

—Oh sim. É orgásmico.

Ele fez uma careta e tirou a caneca dela. —Não no meu pub.

Ela podia ver Spence e Archer no fundo discutindo sobre os dardos e sabia que ela poderia ir lá trás e se juntar a eles. Sabia também que Finn faria para ela suas famosas asas de frango se ela quisesse. Mas, pela primeira vez, que ela podia se lembrar, ela também não queria estar aqui.

O sorriso de Finn desapareceu. —Ei. O que está errado?

—Nada.

—Willa. —Ele se inclinou. —Não minta para um mentiroso. Eu conheço você melhor que qualquer pessoa. Algo está errado. —Ele a estudou por um minuto. —É Keane? Eu preciso bater nele?

Ela deu uma risada. —Você acha que poderia?

—Não, mas eu poderia pedir a Archer para bater. Archer poderia fazê-lo desaparecer e ninguém jamais o acharia. Apenas diga a palavra.

—Não! —Ela riu novamente, mas isso desapareceu rapidamente. —Não. —Ela repetiu com firmeza e sacudiu a cabeça. —A culpa é minha.

—Bem. Nós a ajudaremos a enterrar o corpo. Apenas marque a hora e o lugar.

—Você nem vai me perguntar por quê?

—Não preciso saber o porquê.

Essa era a coisa sobre Finn e os outros também. Eles a amavam como uma família deveria. Incondicionalmente. Sem dúvida. Sem hesitação.

Sem qualificações.

E mesmo que Finn estivesse apenas provocando ela sabia que, se alguma vez ela precisasse de alguma coisa, qualquer coisa, ele estaria lá para ela.

Sempre.

A garganta dela apertou porque ela amava saber disso, mas no momento não era o que ela precisava.

Ele pegou a mão dela quando ela deslizou no banco do bar. —Sério, o que posso fazer? —Ele perguntou calmamente.

—Você já fez. —Ela deu um beijo na bochecha dele. —Obrigada.

Ela se dirigiu para o telhado. Subiu a escada de incêndio e depois se acalmou quando foi bombardeada com flashes da última vez que esteve aqui. As mãos de Keane segurando-a sobre ele, a boca dele no ouvido dela sussurrando coisas sacanas e suaves, o corpo duro dele conduzindo o dela...

A respiração escapou dos pulmões dela e seus joelhos balançaram.

Ela vinha aqui para ficar sozinha e para se afundar, mas agora tudo o que ela podia fazer era sofrer...

Quando a porta da escada se abriu e uns saltos obviamente femininos pisaram na borracha, ela suspirou. —A menos que você tenha comida, vá embora.

—Quem você acha que eu sou? —Elle, é claro. —Eu tenho comida e vinho. —Disse ela. Sempre preparada, ela parou ao lado de onde Willa sentava no canto do telhado sem nada para proteger suas roupas e sacudiu a cabeça. —A roupa merece respeito, querida. Sério respeito...

—Estou de Levi's. —Apontou Willa.

—Levi's merece respeito junto com Tory Burch. —Ela procurou na bolsa dela e pegou uma revista *Cosmo*. Ela jogou a revista no chão e depois sentou-se cuidadosamente nela. —Isto é o quanto eu amo você. Estou sentada no chão de vestido e saltos. —Ela entregou uma caixa de asas de Finn.

—O que é isso? —Perguntou Willa.

—Um suborno.

E foi assim que Pru apareceu com a cabeça sobre a borda da escada de incêndio. —A barra está limpa?

Elle acenou para ela. Willa sabia que Elle não tinha usado a escada de incêndios porque um: subir de saltos era uma sentença de morte, e dois: ela só fazia coisas em que ela poderia ficar legal e linda, e ninguém parecia legal ou lindo subindo a escada de incêndio.

Pru subiu no parapeito, seguida por Haley.

—Não tenho vontade de falar. —Advertiu Willa.

—Lembro-me de um momento em que eu disse exatamente o mesmo para você. —Disse Pru e sentou-se no outro lado de Willa.

—E eu respeitei seus desejos e deixei você sozinha.

Pru deu uma boa e longa risada. —Inferno, não, você não me deixou. Você sentou-se ao meu lado e segurou minha mão enquanto maratonávamos *O Vestido Ideal*. Elle ficou bêbada.

—Eu não fiquei. —Disse Elle.

—Certo. —Disse Pru. —Fui eu. Meu ponto é que não vamos deixar você sozinha.

Haley estava irradiando. —Você sabe o que é isso aqui? São os objetivos do esquadrão.

Elle apontou para ela. —Você precisa diminuir as idas ao Instagram.

Willa pegou a caixa de asas e escondeu. —Vocês não precisam ficar. Não vou compartilhar as asas e não há nada para assistir.

—Bem, agora, isso é um insulto ao universo. —Disse Haley e apontou para o céu.

Que era um manto glorioso de veludo preto cheio de diamantes, tanto quanto o olho podia ver.

Era maravilhoso, Willa tinha que admitir. —Tenho certeza de que o universo é feminino. Um homem teria esmagado tudo isso.

Haley bufou em acordo.

—Então os homens não prestam. —Disse Elle. —O que há de novo sobre isso?

Pru, a única delas em um relacionamento sólido, estável e amoroso, sacudiu a cabeça em desacordo. —Os homens são apenas imperfeitos, só isso. E isso é bom.

—Como? —Perguntou Willa. —Como no mundo isso é algo bom?

—Olá, você nunca ouviu falar em sexo de reconciliação?

Willa pensou no sexo com Keane e suspirou. Foi bastante surpreendente. Ultrapassando os limites de formal incrível. Ela só podia imaginar como seria o sexo de reconciliação...

—Eles não precisam ser idiotas. —Disse Pru. —Mas às vezes eles simplesmente não podem evitar. É assim que eles são. Mas tenho que dizer, Willa, Keane parece ser um cara muito bom.

—Você certamente está brilhando como eu nunca vi você brilhar. —Disse Haley.

Todas olharam para Willa de perto e ela engoliu uma mordida deliciosa de asa de frango e revirou os olhos. —Se estou brilhando, é de suar na loja o dia todo.

—Você não fez nada por você há muito tempo. —Disse Haley. —Você deveria fazer com Keane.

Todas riram e Haley sacudiu a cabeça. —Ok, não foi o que eu quis dizer. Mas ei, qualquer coisa serve.

—Eu acho que preciso de um momento... de fazer Keane. —Disse Willa.

—Por quê? —Perguntou Pru.

Não era só essa a questão? Ela sabia que estava liberando vibrações indecisas, mas não estava ficando tão indecisa enquanto cobria um santo e desprotegia o outro.

Ela queria Keane na cama dela. Ah, como ela queria isso... mas de alguma forma também queria proteger o coração dela.

O navio já poderia ter partido, ela pensou...

Sim, era muito tarde. E se ela tivesse sido inteligente, ela teria cortado antes disso. Mas ela gostava muito de ficar com Keane, adorava tudo sobre isso e ela tinha tido essa fantasia que poderia de alguma forma manter a bondade separada de suas emoções crescentes por ele.

Esse navio tinha zarpado também.

—É uma nova evolução. —Admitiu ela. —Veja, no começo, foi ele quem não queria nada muito sério, enquanto eu estava pronta para encontrar um parceiro.

—E agora? —Elle perguntou.

—E agora... —Willa fechou os olhos. —Eu quero continuar a dormir com ele, mas não quero chamar de relacionamento. O que isso me faz?

—Um homem. —Disse Elle.

—Querida, não vejo problema. —Disse Pru sobre suas risadas. —Ele não vai se apegar, você acabou de dizer isso. Vá em frente. Mas tenho que avisá-la de que, às vezes, um grande sexo se transforma em uma intimidade realmente

grande, que pode se transformar em um relacionamento realmente excelente antes mesmo de você perceber isso.

Willa balançou a cabeça. Ela nunca esteve em um relacionamento excelente; não havia necessidade de começar a acreditar nisso agora. —Eu não acho que possamos avançar sem uma conversa. Eu acho que ele quer definir as coisas. Nós estávamos no limite nesta manhã, mas, felizmente, seu trabalho entrou no caminho.

—Ei, eu tenho uma ideia. —Disse Haley. —Chame-o aqui, tire a sua roupa e o distraia de falar. O que? —Ela disse quando todas simplesmente a encararam. —Willa tem seios grandes.

Elle observou os seios de Willa de forma crítica. —É verdade. As mulheres pagam muito dinheiro por uns desses.

Willa olhou para si mesma. Ela era baixinha. Uma palavra mais educada era *pequena*. Mas só em altura porque em todos os outros lugares ela não era delicada. Ela tinha curvas. Quadris. Os seios já mencionados. Até o estômago dela era um pouco curvilíneo para se adequar a ela, mas nenhuma quantidade de abdominais ou exercício parecia ajudar nisso.

Ou pelo menos ela estava bastante segura de que os abdominais e o exercício não ajudariam mesmo que ela tentasse. —Ele é muito inteligente para se apaixonar por isso. Ele verá através da técnica de distração. —Ela deixou a cabeça apoiar em seus joelhos. —Droga. Eu estava tão certa de que isso não estava em perigo de ir a lugar nenhum, que *ele* não era feito para um relacionamento...

—E agora? —Elle perguntou.

—E agora... estou percebendo que eu sou a que não é feita para um relacionamento. —Aqui. Ela disse isso. Admitiu o maior fracasso dela em voz alta.

As amigas dela engasgaram em negação instantânea, mas Willa sabia que ela estava certa e seu coração se sentia pesado com isso. —Não tenho certeza do que fazer aqui. —Disse ela suavemente. —Eu acho que estou... quebrada.

—Não. —Disse Elle de forma inflexível e todas as outras falaram *nãos* igualmente enfáticos.

—Por favor. —Disse Willa. —Vamos mudar de assunto, está bem? E quanto aos Niners[9], hein?

—Você não pode simplesmente ignorar isso. —Disse Pru. —Pelo menos volte a ter um ótimo sexo!

Haley assentiu veementemente.

Willa teve que rir. —Apenas digo a ele que tudo o que quero é sexo?

—*Um ótimo sexo*. —Corrigiu Pru.

—Concordo. —Disse Elle. —Os homens fazem isso o tempo todo, por que não?

Willa olhou para elas. —Então, vocês acham honestamente que eu deveria simplesmente mostrar-lhe meus seios.

—Sempre funciona para mim. —Disse Pru. —Quando Finn e eu estamos brigando, eu mostro a ele que esquece que estamos brigando. Os peitos são mágicos.

Willa balançou a cabeça. —Nada é tão fácil. —Pelo menos não para ela.

—Pendure o visco e atraia ele para dentro. —Disse Haley. —Coloque-o em um lugar conveniente, mas não *muito* conveniente porque você não quer beijar nenhum sapo por acidente.

—Ah, e perca seu sutiã. —Disse Pru. —Ele ficará tão preocupado, ele nunca saberá o que o atingiu. Garantido.

Haley balançava a cabeça. —Então, veja, você tem o seu plano. Um: depile todo o caminho até o joelho. Dois: pendure um pouco de visco. Três: perca o sutiã. Quatro: convide-o para vir e deixe a diversão começar. E então, depois da diversão, quando ele ainda não tiver com todo o sangue de volta ao cérebro, diga-

[9] Time de futebol americano de São Francisco.

lhe que está bem com serem apenas amigos com benefícios. É o sonho de cada cara se tornando realidade. Apenas certifique-se de explicar quais são exatamente os benefícios, então ele não vai pensar que você quer dizer um trio ou anal. Diga-lhe apenas benefícios pré-aprovados.

Pru engasgou com seu vinho e Elle teve que bater nas costas dela.

Haley sorriu. —Eu acho que é perfeito. Honestamente, ele nunca saberá o que o atingiu. *Espere!* —Ela usava uma mochilinha como uma bolsa e a puxou para pegar algo dentro dela. —E estes, pegue estes! —Ela segurou um par de algemas.

Desta vez, todos olharam para ela, ansiosas. Bem, exceto Elle, quem as pegou e examinou. —Legal.

—Elas eram um presente de zoação de Natal. —Disse Haley. —Confraternização do escritório na noite passada.

—Daquela bela recepcionista temporária morena? —Ela perguntou.

Haley corou. —Eu gostaria. Não, é por isso que estou disposta a desistir delas para a causa de Willa.

—Obrigada. —Disse Willa secamente. —Seu sacrifício está devidamente anotado, mas não é necessário. *Não* preciso de algemas.

—Ah, eu também não preciso de algemas para escravizar um homem. —Disse Elle, colocando-as na bolsa. —Mas nunca é demais. A chave? —Perguntou a Haley. —Porque é divertido e tal até que alguém perde a chave...

Haley entregou uma pequena chave.

Pru soltou vinho pelo nariz novamente e foi um caos depois disso, mas de alguma forma, depois de algumas taças de vinho, o plano de repente pareceu totalmente e completamente viável.

Amigos com benefícios...

O que poderia dar errado?

CAPÍTULO 24

#IssoÉOQueElaDisse

No dia seguinte, Keane correu de um canteiro de obras para outro apagando incêndios. Quando ele voltou para o escritório e caiu na cadeira dele para cuidar da papelada, ele estava morto.

O que era bom. Estar tão cansado tornava difícil pensar sobre o que aconteceu entre ele e Willa.

Ou com mais precisão, o que não aconteceria entre ele e Willa.

Merda. Abrindo seu laptop, ele congelou quando algo roçou contra as pernas dele.

Pita estava se enrolando em torno das pernas dele, esfregando-se sobre o jeans dele e deixando uma trilha de pelo enquanto fazia isso.

—Você deve estar desesperada se está disposta a ser amigável comigo. —Disse ele.

Com isso, ela saltou para o colo dele, virou-se em círculo e depois se sentou sem elegância se debruçando sobre ele.

—Tudo bem. —Ele disse, dando-lhe um tapinha na cabeça. —Estamos fazendo isso então.

Um ronrom encheu a sala e ela começou a amassar com as patinhas. Quando uma de suas garras afiadas como agulha pegou a virilha dele, ele gritou e pôs-se de pé, derrubando ela no chão.

As patas bateram no chão e ela olhou-o com olhos estreitados.

—Bem, cuidado com as malditas garras, Jesus.

Ela se virou, com a cauda levantada em fúria. E ele sabia que ela faria cocô

nos sapatos dele esta noite. —Maldita seja, espere. —Ele a alcançou e pegou de volta, sentando-se novamente na cadeira, colocando-a ao lado dele. —Fique. —Disse ele.

Ela lançou um olhar que falava muito sobre a opinião dela sobre receber comandos para fazer qualquer coisa, mas ela realmente ficou.

Ele estava rodeado de notas da engenharia do projeto da Mission quando recebeu uma mensagem.

Willa: Você pode vir aqui após o trabalho? Preciso de sua ajuda com algo.

Ele olhou para as palavras e sentiu uma onda de emoções com as quais ele não estava preparado para lidar. Fome. Desejo. Desejo doloroso. Como era possível que, há um mês, ele pensasse que sua vida era boa, mas agora ele tinha essa pessoa que adicionava cor e risada, com quem ele tinha uma conexão incrível, como nunca sentira antes e ele não conseguia se lembrar o que ele faria sem ela?

Ele não podia imaginar o que a mulher que nunca pedia ajuda poderia precisar, mas não importava. Ele faria tudo o que ela precisasse. Ele se levantou e olhou para Pita. —Comporte-se.

Ela deu a ele um olhar sério “talvez, mas provavelmente não”.

Balançando a cabeça, ele se moveu para a porta.

—Eita. —Sass falou da mesa dela na próxima sala. —O que está fazendo?

—Tenho que ir.

—Há uma pilha de coisas aqui para você analisar e...

—Tenho que ir. —Ele repetiu.

Ela procurou o olhar dele por um momento. —Então é assim, não é? —Ela balançou a cabeça. —Seu pobre bastardo.

Ele dirigiu para o Pacific Pier Building, estacionou e atravessou o pátio.

Eddie estava de pé junto à fonte, observando a água. Alguém tinha dado a ele um casaco de pele com capuz e ele parecia quente e feliz.

—Encontrei minha alegria. —Disse ele a Keane.

Keane notou o frasco na mão do cara e sorriu. —Bom.

—Você encontrou a sua? Porque tenho alguns viscos se você precisar.

—Estou bem. —Disse Keane. —Mas obrigado.

—Entendido. —Eddie assentiu. —Pode haver muitos problemas com os viscos... —Ele fez uma pausa. —Ou com as mulheres.

Amém a isso...

Keane subiu as escadas para a porta de Willa, que estava entreaberta.

—Entre. —Ela gritou lá de dentro.

Franzindo o cenho que ela deixou a porta não só destrancada, mas aberta, ele entrou. Willa estava no alto de uma escada ao lado da maior árvore que ele já tinha visto dentro de um apartamento desse tamanho. Ela estava toda arrumada e bonita com uma saia preta curta, botas de cano alto preto e um moletom com capuz vermelho brilhante que abraçava todas as curvas dela.

Ele parecia satisfeito, amando a forma como a saia se agarrava às curvas doces de sua bunda, apreciando as pernas dela. Ele amava mais quando elas estavam ao redor dele, mas essa era uma boa visão também.

—Eu fiz uma bebida especial de natal e precisava de um degustador. —Disse ela, iluminada pelos pisca-piscas pendurados na lareira artificial. Quando ela se virou para encará-lo, ele teve o impacto total com sua visão frontal. Nas cordas do moletom com capuz dela foram pendurados pompons que caíam perto da altura do peito, atraindo o olhar dele para lá. Quatro palavras estavam bordadas na altura de seu peito: *Caro Papai Noel, Defina "Travesso."*

E Keane percebeu algo mais que ele amava sobre o suéter, ela estava sem sutiã.

—O que está acontecendo? —Ele perguntou.

—Eu estava esperando em suborná-lo para me ajudar a pendurar algumas decorações.

Ele riu. —Você está colocando *mais* decorações?

—Você sabe, posso sentir o sarcasmo aí, mas vou ignorá-lo. —Girando, ela encontrou o olhar dele. —Eu tenho alguns viscos.

Isso levou o cérebro dele para o Beco Sujo e ele teve que limpar a garganta para falar. —Sua árvore é diferente da que você tinha antes.

—Aquela está no meu quarto agora.

—Como você conseguiu essa aqui?

—Archer me ajudou a colocá-la no elevador. —Ela sorriu para ele. —Obrigada por vir.

—Quando quiser. —Ele disse e percebeu que ele realmente queria dizer isso. Não importava que era melhor se ela estabelecesse uma certa distância, ele ainda queria estar na vida dela. Ele tomaria tudo o que pudesse.

Eles olharam um para o outro um pouco mais e começaram a falar ao mesmo tempo. Ele não tinha absolutamente ideia do que estava prestes a dizer, mas Willa parecia que não tinha nenhuma ideia também, então, houve um momento de silêncio estranho. Então ambos começaram de novo.

Balançando a cabeça, ele apontou para ela. —Você primeiro. —Ele disse no exato segundo que ela disse o mesmo.

Ela começou a rir e deslocou seu peso e ele não tinha ideia de como isso aconteceu, mas no próximo segundo ela estava em queda livre. Ele conseguiu pegá-la, mas ambos caíram.

Ele caiu de costas com ela em cima dele, com um cotovelo no esterno um joelho desconfortável perto de suas bolas.

—Oh! Oh, meu Deus. —Ela gritou, tudo se agitando enquanto ela se

levantava, pois estava usando a barriga dele para impulsionar. —Você está bem?

Ele não tinha certeza, um sentimento pelo qual ele estava começando a acostumar quando se tratava dela. Envolvendo a mão ao redor da perna dela, ele a moveu cautelosamente da zona de perigo. Com a esperança de evitar qualquer outro dano, ele pegou os pulsos e rolou, prendendo-a debaixo dele.

Lá. O corpo dele estava seguro, ela estava segura e talvez, apenas talvez, ele também conseguisse manter o seu coração seguro.

Mas então ela soltou um pequeno "humm" da garganta e espalhou as pernas para abrir espaço para ele entre elas.

—*Oh*. —Ela suspirou e então se contorceu um pouco, fazendo a luxúria cruzar nos olhos dele. Com uma risadinha, ele deixou cair a testa no ombro dela.

Ela o estava matando.

—Keane?

—Sim?

Ela deu um pequeno impulso.

Pensando que ela tinha chegado a seus sentidos, ele se afastou dela, mas antes que ele pudesse se levantar, ela empurrou novamente para que ele caísse em suas costas.

E então ela ficou em cima dele. —Humm. —Ela disse novamente.

Atordoado, ele colocou as mãos nos quadris dela, seus dedos cavando um pouco em uma tentativa desesperada de controle. —Você fez isso de propósito?

—Não. Bem, não totalmente de qualquer maneira. —E então a boca dela se abaixou e cobriu a dele com um beijo para aniquilar cada célula cerebral em funcionamento.

E aniquilou.

Quando eles se separaram em busca de ar, ela estava esparramada em

cima dele, os seus peitos lindos esmagados no peito dele, os antebraços dela no chão de cada lado de sua cabeça, as pernas dela montada nos quadris de modo que nem mesmo uma folha de papel poderia ter passado entre eles.

Com um gemido, ele bateu a cabeça no chão.

Ela deslizou as mãos sob a parte de trás da cabeça para protegê-lo e ele deslizou seu olhar para o dela. —Willa, o que estamos fazendo?

Ela olhou para ele por um segundo, mordendo o lábio inferior. —Eu estava esperando que fosse óbvio.

—Nada com você é óbvio.

—Que tal isso? Isso ajuda? —Ela se moveu diretamente sobre a ereção dele, que gemeu.

—Você não parece ser contra. —Ela murmurou.

Diabos não, ele não era contra. Mas havia algo nos olhos dela, atrás da fome e do desejo, algo que estava fora do alcance dele, algo que ela não estava dizendo. Mas antes que ele pudesse tentar descobrir, ela o beijou novamente, mais fundo, mais úmido, sua língua doce perseguindo a dele. E ele acabou de dar a si mesmo uma concussão ou ela era tão boa assim porque ele se perdeu nela. Dado as respirações superficiais e como as mãos dela lutavam contra as dele para reivindicar o corpo um do outro, ele não estava sozinho. Ela estava tão perdida quanto ele.

Eles rolaram várias vezes, lutando para saber quem iria dirigir, mas finalmente ele a colocou no chão, suas mãos mais uma vez capturando as dela, uma coxa espalhando as suas pernas, deixando-o confortável com toda a confusão sobre seus sentimentos por ela. Eles sempre faziam isso quando estavam juntos assim.

Ele queria acreditar que ela sentia o mesmo, que talvez fosse isso que ela não tinha podido dizer, e ele disse a si mesmo que chegaria lá.

—Keane. —Ela sussurrou com força, arqueando para ele. —Por favor...

Sim. Ele queria agradar. Ele a agradou até que ela gritou o nome dele da maneira que ela gritava quando gozava. Demorou menos de dois segundos para descobrir que ela realmente não estava usando um sutiã e que o moletom dela era macio e elástico, tanto que um puxão expôs os seus peitos perfeitos.

Outra descoberta, ele era incapaz de raciocinar quando ela ofegava e se contorcia debaixo dele assim. Ele tinha um mamilo doce e duro preso entre o céu de sua boca e a língua e uma mão dentro da calcinha dela, onde ele descobriu com um gemido profundo exatamente o quanto ela o queria, quando um dos celulares começou a tocar com a versão Muppets de “Jingle Bell Rock”.

—Ignore. —Ele murmurou na boca dela, seus dedos lentamente acariciando suas dobras quentes.

Ela gemeu um acordo sem palavras e aumentou seu aperto no cabelo dele, fazendo o melhor para deixá-lo calvo antes do próximo aniversário dele e ele não estava nem aí. A calcinha dela estava atrapalhando a parte de trás da mão dele, então com um puxão rápido que, acidentalmente, rasgou-a imediatamente. Ele a acalmou. —Eu vou comprar mais para você. —Disse ele como desculpas.

—Eu gostei disso. —Ela sussurrou.

Oh, Cristo, ele era um homem morto. Ao se levantar, ele a beijou com força e depois deslizou pelo corpo dela, empurrando a saia enquanto passava, gemendo pelo que ele havia exposto.

Na mesa de café perto na sua cabeça, o celular voltou a tocar. Olhou para ele automaticamente, não querendo invadir a privacidade dela. Mas então ele viu a primeira linha da mensagem recebida.

Haley: A coisa do sem sutiã funciona com Keane?

—O que é? —Murmurou Willa.

Ele afastou-se dela e ficou de joelhos. —Me diga você.

Ela leu a mensagem e fez uma careta. —Bem, porcaria. —Ela suspirou e sentou-se. —Ok, então eu percebi que queria te ver, mas não falar e...

—E em vez de ser a adulta que você prometeu ser sobre isso e me dizer que você apenas estava excitada, você voltou para o ensino médio e contou a suas amigas? —Perguntou ele.

—Pior. —Ela disse com um estremecimento de culpa. —Eu aceitei os conselhos delas sobre o que fazer.

Ele ficou de pé e olhou para ela.

—Eu sei! —Ela disse. —Eu sinto muito! Mas elas são enganosamente doces, realmente atraentes e muito mandonas e convincentes!

Ele tentou entender tudo. —Então, o suéter sexy, o visco, a mensagem... Tudo isso era algum tipo de plano para me seduzir?

—E a coisa do sem sutiã também. —Disse ela. —Não esqueça essa parte.

Ele puxou-a para ficar de pé. —Eu realmente gostei dessa parte. —Ele admitiu. —Mas Jesus, Willa, sou fácil de levar para a cama quando se trata de você. Você poderia ter me contado.

—Me desculpe. —Ela sussurrou novamente e o abraçou, os olhos dela no dele, ternos e preocupados. —Mas apesar de todas as minhas grandes conversas, não sou muito boa... bem, falando.

O celular dela tocou novamente. —Oh, meu Deus. —Disse ela. —Dê-me para que eu possa dizer a elas para pararem com isso. —Ela se esticou para alcançá-lo e Keane tentou não apreciar a visão deliciosa da inclinação dela sobre a mesa. Ele queria estender a mão e empurrar a saia, engolindo um gemido ao pensar na visão do que *aquilo* lhe daria.

E então ele percebeu que ela havia recebido uma ligação, não uma mensagem e a voz dela estava fora. Assustada e urgente.

—Rory, onde você está... —Ela interrompeu, seu corpo imóvel e cheio de tensão. —Você está machucada?

Keane foi ao quarto dela e pegou uma calcinha nova em sua cômoda.

—Estou a caminho. —Ela estava dizendo em seu celular. —Me mande uma mensagem com o endereço exato. Estou indo até você. —Ela desligou e girou em um círculo, procurando claramente as coisas dela.

Keane estendeu a calcinha e depois pegou a bolsa e as chaves para ela.

—Sempre um passo à minha frente. —Ela murmurou, colocando a calcinha. —Desculpe, mas tenho que...

—Eu vou dirigir.

—Não, Keane, não vou te pedir para...

—Você não pediu. —Ele disse e a levou para a porta.

Trinta e oito agonizantes minutos depois, Willa colocou o rosto na janela do passageiro. —É este. —Disse ela, relendo o endereço de Rory. —Droga.

—O que?

—Esta é a casa do ex-namorado dela, Andy. —O poço de ansiedade no interior dela aumentou. Aquele que deixou um hematoma no rosto dela há semanas atrás.

Keane virou a rua. Era estreita, alinhada com prédios de apartamentos que tinham visto seu auge há décadas.

Não havia lugares disponíveis na rua.

—Basta parar aqui. —Disse Willa, tirando o cinto de segurança, saltando antes que Keane pudesse estacionar o carro. Ela o ouviu xingar atrás dela. —Eu resolvo isso. —Ela disse por cima do ombro. —Eu cuido dela. Nós voltaremos.

—Não, Willa. Espere...

Mas ela não podia esperar, nem outro segundo. Ela subiu e entrou no prédio. Ela nunca esteve aqui antes, mas sabia pela a mensagem que Andy morava no apartamento 10.

Com o telefone na mão e o nó de medo em seu interior crescendo, ela

bateu na porta.

Ela abriu, revelando uma sala escura e cavernosa na qual ela não podia ver. —Rory? —Ela sussurrou.

Um único gemido foi a resposta. Ansiedade e preocupação levaram Willa para frente, mãos estendidas para lutar contra o fato de que ela não podia ver. —*Rory?*

Uma luz veio mais adiante no lugar, iluminando uma cozinha. Rory apareceu na entrada, dando a Willa um frenético gesto “venha aqui”.

Willa correu para ela através da sala de estar ainda escura, seu alívio de curta duração quando tropeçou em algo no tapete e foi caindo.

Rory ofegou e correu para a frente, ajudando-a a se levantar. —Depressa! Afaste-se dele!

A ansiedade e a preocupação se tornaram um medo nos ossos. Ignorando o ardor em suas mãos e joelhos, Willa deixou Rory puxá-la para a cozinha. —Por favor, me diga que não passei por um corpo morto.

—Não está morto. —Rory fez uma pausa. —Eu tenho certeza.

Willa agarrou os braços de Rory e olhou-a. Não tinha ferimentos visíveis. —Você está bem?

—Eu acho que sim.

—O que aconteceu?

Rory mordeu no lábio inferior. —Andy conseguiu um emprego e disse que estava se dando bem. Ele disse que seu chefe também me ofereceu um emprego de meio período e que pagaria muito dinheiro. Tudo o que eu tinha que fazer era aparecer e ser como a recepcionista ou algo assim. Só que quando eu apareci, não havia escritório. Descobri que não era um trabalho de escritório. O chefe leva as pessoas para saltar de bungee jump das pontes e Andy ajuda. Eu deveria cumprimentar os “clientes” e receber o dinheiro deles. Mas isso é ilegal, eu sei que é e quando eu disse isso, o chefe demitiu eu e Andy imediatamente. E então,

Andy me trouxe aqui ao invés de me deixar na minha casa e nós tivemos uma grande briga por isso.

—Ainda esperando pela parte que explica o corpo dele no chão da sala de estar. —Disse Willa.

—Descobrimos que não concordávamos com outras coisas também. —Disse Rory, evitando o olhar dela. —Como na definição da palavra *não*, então... eu mostrei em vez de dizer. —Ela fez uma pausa. —Com um joelho em suas bolas.

O coração de Willa parou. —Ele tocou em você?

—Apenas um pouco. —Disse Rory. —E foi quando eu o deixei cair no chão. Mas ele bateu a cabeça na esquina da mesa de café. —O rosto dela caiu. —Que é minha culpa, certo? Vou para a prisão?

—Não. —Disse Willa firmemente, agarrando a mão de Rory. —Foi em defesa própria... —Ela parou quando Rory soltou um grito assustado, mas antes que Willa pudesse reagir, uma mão enrolou em torno do tornozelo dela e a puxou.

Pela segunda vez em poucos minutos, ela caiu e depois piscou para o rosto ameaçador e chateado de Andy.

Merda, aquelas algemas seriam uteis agora...

—Você. —Ele grunhiu, olhando-a com uma careta, como se sua cabeça doesse. E, dada ao corte feio na sobrancelha dele, provavelmente doía.

—Deixe-me ir, Andy. —Willa disse com uma calma forçada que ela absolutamente não sentia. Na verdade, foi preciso um esforço real para falar com o coração batendo na garganta. —A polícia está a caminho.

—Eu não fiz nada de errado.

Willa lutou, mas era inútil, então ela foi para o Plano B e encostou o joelho entre as pernas dele.

Os olhos de Andy se arregalaram quando ele soltou um grito e lentamente

a soltou, curvando-se para uma posição fetal.

—Bem, se eu não parti as bolas dele, com certeza isso partiu. —Rory sussurrou.

Willa ficou de quatro, mas antes que ela pudesse ficar de pé, foi arrastada para cima por uma grande sombra de um homem que se movia silenciosamente como um gato.

Keane.

Ele tinha um ar perigoso e nervoso quando a luz da cozinha atingiu as feições tensas dele, seus olhos estavam cheios de fúria e preocupação.

—Estou bem. —Disse ela.

Ele não falou até que se certificou, olhando por cima dela e Rory antes de transportar Willa para o seu lado e alcançar a mão de Rory.

A menina agarrou-se a ele como se fosse a sua tábua de salvação e Willa conhecia esse sentimento.

Porque ele era a tábua de salvação dela também.

—O que aconteceu? —Ele perguntou.

Willa deu-lhe a versão curta e depois de ouvir tudo, Keane chamou a polícia.

Atrás deles, Andy se agitou e gemeu. Keane soltou Willa e Rory e se aproximou dele.

—Levante-se.

—Vai se foder.

Keane balançou a cabeça, como se não pudesse acreditar no quão idiota esse cara era. Então puxou Andy para se levantar e fixou-o contra a parede para que eles estivessem cara a cara.

Andy fechou os olhos.

Keane o chacoalhou um pouco até que ele abriu os olhos de novo. Keane não ergueu a voz nem deu qualquer indício de estar furioso, mas o ar crepitava ao redor dele. —Vamos esclarecer uma coisa.

—Vai se foder. —Disse Andy novamente.

Keane colocou um antebraço na garganta dele e se inclinou um pouco, o que pareceu chamar a atenção de Andy. —Então, algumas coisas. —Disse Keane calmamente. —Você não vai tocar novamente em Rory. Você não vai falar com ela, vê-la, nem pensar nela.

Andy hesitou e Keane apertou mais forte, o que fez Andy de repente acenar com a cabeça como um boneco cabeçudo.

—O mesmo para Willa. —Disse Keane, ainda tranquilo. Bastante calmo. —Na verdade, você não vai chegar a uma centena de metros de qualquer uma delas. Precisamos falar o que acontecerá se você fizer isso?

Andy balançou a cabeça.

—Certeza? —Perguntou Keane.

Um aceno mais selvagem.

—Keane. —Disse Willa suavemente, colocando uma mão no bíceps dele, que parecia como um granito.

Keane deixou-o ir e Andy deslizou para o chão, com as mãos protegendo seus bens.

Foi quando a polícia apareceu.

Duas horas depois, Keane finalmente conduziu Willa e Rory para a caminhonete. Eles tiveram alguns momentos tensos quando a polícia chegou antes de resolver tudo.

O que significava impedir Rory de dar uma volta na delegacia.

—Eu sou uma idiota. —Disse Rory calmamente do banco de trás. —Não tenho ideia do que estou fazendo com a minha vida.

Antes que Keane pudesse dizer uma palavra, Willa se virou do banco da frente e alcançou a mão de Rory. —Querida, ninguém sabe o que fazer com as suas vidas.

—Eles parecem saber. —Murmurou Rory. —No Instagram, todos têm fotos normais de familiares, namorados e... pratos de comida realmente bonitos.

—Confie em mim. —Disse Willa. —Mesmo o seu amigo mais perfeito do Instagram tem um ex idiota e come cereais de chocolate no jantar de vez em quando, ok? Você não está sozinha e você não está mais ferrada do que o resto de nós.

Rory sufocou uma risada. —Isso deveria ser reconfortante?

Willa deu-lhe um leve sorriso que tocou o coração de Keane. —Sim. —Ela olhou para ele. —Certo?

—Certo. —Disse ele. —Mas, para registro, não gosto de cereais de chocolate. Meu problema é Frosted Flakes.

Com isso, Rory deu uma segunda risada e Willa também, ambas tocando o coração dele. Ele não sabia como e nem quando, mas as paredes que guardavam seu coração haviam caído e ele havia sido conquistado. Com força.

CAPÍTULO 25

#NãoPareDeAcreditar

O cérebro de Willa estava sobrecarregado enquanto Keane os encaminhava para o seu apartamento. Na porta da frente, Rory deu um abraço em Keane e desapareceu lá dentro.

Willa, silenciosamente fechou a porta para dar-lhes privacidade, e olhou para o homem quieto ao seu lado. —Eu vou mantê-la aqui comigo esta noite. Não será a primeira vez que ela dorme no sofá. —Ela fez uma pausa. —Eu queria agradecer. —Ela disse suavemente. —Por hoje à noite.

Ele sorriu. —Você quer dizer, quando você me atraiu aqui sob falsos pretextos, fingindo precisar de ajuda com o visco, quando realmente queria se aproveitar do meu corpo?

Ela ficou vermelha. —Eu quis dizer com Rory. Eu queria não ter precisado ser resgatada pelo meu... —Ela se interrompeu.

Ele franziu a testa, claramente esperando ouvir como ela pretendia terminar essa frase, mas ela se fechou em um maldito canto.

—Pelo seu o que, Willa? —Ele perguntou suavemente. —O cara com quem você está transando? Seu amigo? Alguém com quem você se preocupa talvez demais? O que?

Sobrecarregada, e sem ar porque havia uma grande bola de pânico presa na sua garganta, ela desviou o olhar.

Ela ouviu Keane respirar fundo. —Eu vou te dar um passe sobre isso agora. —Disse ele. —Porque nós dois sabemos que você tem alguma merda para entender. Mas quero que você saiba algo e preciso que você realmente ouça. —Ele inclinou o seu rosto para o dele. Sua expressão era séria e tão intensa como ela nunca tinha visto, inclusive quando ele manteve Andy preso na parede.

—Esta coisa entre nós? —Ele perguntou. —Não há preço. Eu precisava de uma busca e resgate de um gato e você veio correndo. Você precisa de uma carona, e talvez um pouco de apoio muscular para lidar com algum idiota, eu vou correr. Você está me acompanhando?

Ela mordeu o interior de sua bochecha, tentando descobrir se a matemática realmente funcionava. —Tenho certeza de que precisei mais disso do que você.

Ele balançou a cabeça. —Alguém já lhe disse o quanto você é teimosa?

—Não se esqueça de obstinada. —Disse ela. —E sim, eu ouvi uma ou duas vezes. — Ou cem...

—Eu não estou procurando resgatá-la. —Ele disse com um tom de aço. —Isso, entre nós, não tem nada a ver com nada assim.

—Com o que isso tem a ver?

Ele olhou para ela por um longo segundo, pesando claramente suas palavras. —Você deixa as pessoas entrarem. —Ele finalmente disse. —Eu vi você.

Ela não tinha certeza de onde ele estava indo, mas talvez ela não fosse gostar. —OK...

—Seus amigos, você lhes daria a roupa do corpo. O mesmo com as crianças que você contratou e que mantêm seguras. —Ele aproximou-se ainda mais para que eles compartilhassem o mesmo ar. —Você lhes dá um refúgio seguro, você os deixa entrar em sua vida. Você faz o mesmo com todos os animais que se aproximam. —Ele plantou suas palmas grandes na parede de cada lado da cabeça dela e sorriu, como se ele estivesse um pouco surpreso. —Estou dizendo que mudei minha posição sobre relacionamentos e compromisso. Quero entrar na sua vida, Willa.

Enquanto ela ainda digeria isso, ele puxou algo do bolso.

Uma chave.

—O que é isso? —Ela perguntou, seu coração em uma batida desenfreada.

—Uma chave para a casa de Vallejo.

—Por que, por que você me daria uma chave?

Ele deu de ombros. —Para a próxima vez que você e todas as garotas precisarem se reunir, eu tenho camas extras. Ou se houver uma pia com vazamento... ou inferno, digamos que você compre uma pizza e precise de alguém para comer metade. —Ele sorriu. —Eu ficaria feliz em ser esse alguém.

Ela olhou para ele. —Eu não posso simplesmente entrar em sua casa. —Disse ela.

—Por que não?

Sim, disse seu corpo. *Por que não?* —Porque esse é um grande passo. —Disse ela com cuidado.

—Não precisa ser. —Sua expressão demonstrava frustração. —É apenas uma maldita chave, Willa.

Ela olhou para baixo e assentiu. E então sacudiu a cabeça. —Parece muito mais.

—O que é, depende de você.

Ela olhou para ele um pouco mais, chocada com o quanto uma pequena chave poderia significar. E então, um praguejar veio de Keane e, de repente, a chave desapareceu da palma da mão tão rápido quanto apareceu.

—Você sabe o que? —Ele disse, enfiando-a no bolso. —Deixa pra lá.

—Não, você simplesmente me pegou de surpresa.

Ele balançou sua cabeça. —Esqueça. Outra hora, talvez.

Com o peito apertado, insegura com o que diabos acabara de acontecer, e qual deles era o culpado pelo súbito abismo que abriu entre eles, e que ela não poderia atravessá-lo, ela hesitou. Ela não tinha ideia do que dizer. —Noite. —Ela finalmente sussurrou.

—Noite.

Bem, ela já estava encurralada mesmo, não deixando escolha a não ser entrar e fechar a porta. Ela imediatamente virou para ele, com as mãos na porta. Seu coração pesado e assustado.

Ela não queria terminar a noite assim.

Ela abriu a porta novamente, o nome de Keane em seus lábios, e ele ainda estava ali de pé, com as mãos dele apertadas no batente da porta, com a cabeça inclinada.

Ele ergueu a cabeça, sua expressão marcada por uma profunda frustração.

—Humm. —Disse ela. —Acho que talvez eu tenha exagerado sobre a chave.

Ele apenas olhou para ela. Sem falar.

Ela tinha esse efeito sobre os homens.

—Eu realmente sou o tipo que arma uma confusão. —Ela admitiu em um sussurro.

Seus olhos aqueceram um pouco, mas sua boca ficou séria. —Bem, você não está sozinha.

Ela não queria, realmente não, mas ela soltou uma risadinha. E então, ela inclinou a cabeça para baixo e olhou para os pés, e sentiu seus olhos penetrantes.

Durante tanto tempo ela tinha sido apenas isso. Sozinha. Sim, ela tinha amigos, queridos amigos que eram mais parecidos com sua família do que... bem, do que qualquer família de sangue já havia sido.

Mas amigos não dormiam em sua cama e a mantinham aquecida, e faziam com que seu coração e alma se elevassem. Os amigos não lhe davam os melhores orgasmos de sua vida, ainda melhor do que o seu chuveirinho.

Agora ela tinha esse cara, de pé, bem na frente dela, um cara inteligente, leal, gostoso pra caramba, cujo sorriso ocupava todos os lugares, como nunca. Ele

não era de emoções confusas, mesmo assim e sabendo que ela era, ele ainda estava lá. Desconcertado. Irritado. Frustrado.

Mas ainda lá.

Por ela.

—Você está pensando tanto que seu cabelo está fumegando. —Disse ele.

Ela ficou surpresa por não ter entrado em combustão. Tudo o que ela podia fazer era olhar para ele, mais do que um pouco chocada com a intensidade que brilhava em seus olhos.

Ele realmente queria mais.

E se fosse verdade, se ele realmente a quisesse em sua vida como ele disse tão eloquentemente, então... bem, então não havia nada que os impedisse. Nadica de nada.

Exceto, claro, ela mesma.

Seu coração batia em ritmo maçante, ecoando em seus ouvidos. —Você não está pronto para isso. —Ela sussurrou.

Ele sorriu, mas era cheio de compreensão sombria e não de humor. —Você não pode me dizer se estou ou não estou pronto, Willa. E, em todo caso, o que você realmente quer dizer, é que você não está pronta, não é?

Ela sorveu o ar, mas não deveria ter se surpreendido por ele ter dito isso. Ele não era de esconder de nada. —Eu quero estar, isso conta?

—Muito, na verdade. —Disse ele. —Você sabe onde me encontrar. —Ele roçou um beijo quente e doce em sua boca, e se foi.

Keane desceu pelas escadas do prédio de Willa, sem saber como se sentia. Não era assim que ele imaginou a noite. Se as coisas tivessem sido como ele queria, ele estaria tirando as roupas de Willa agora mesmo.

Ele pensou em como eles foram para lugares que ele seguramente nunca teria ido, e ele queria ir lá de novo. Ele pensou, na verdade esperava, que Willa

sentisse o mesmo.

Louco, considerando que até algumas semanas atrás, ele nunca poderia ter imaginado que desejaria um relacionamento. A ironia do fato de que ele e Willa mudaram de posição, não escapou dele.

Droga. Ele sabia que não era bom se apegar, mas ele se perdeu naquele olhos verdes e sorriso doce que sempre, *sempre,* colocou um sorriso nos lábios dele também.

Willa fez com que ele sentisse as coisas, e ele foi varrido por isso. Mas toda a vida dela sempre foi uma grande situação temporária. Lar adotivo quando criança, trabalhar na loja de animais onde os animais entravam e saíam da sua vida, mas não ficavam, homens quando, e se os deixasse entrar, era isso.

E por um momento, pelo menos, ele estava entrando, mas estava começando a perceber que tudo tinha sido uma ilusão, apenas um pensamento esperançoso da parte dele. Porque, embora fosse verdade, ele não fez nada mais do que tinha feito antes, nada mais permanente, ele pelo menos não se opunha totalmente a pelo menos tentar. Aparentemente, só precisava da pessoa certa.

O problema era que aquela pessoa deveria querer isso também.

Com um vazio no peito, ele foi para casa na Rua Vallejo. Sim, droga, em casa. Ele tinha se apegado a esse lugar tanto quanto ele tinha se apegado à Willa.

Ambas as ideias eram ruins.

Ele olhou em volta para a casa grande, antiga e bonita, que refletia um dos melhores trabalhos que já havia feito. Ele poderia vendê-la em um piscar de olhos, e ter lucro suficiente da venda para ajeitar sua vida toda. Ele teria tempo para as coisas que ele nunca teve tempo.

Jogar sinuca.

Sentar nos telhados olhando as estrelas.

Uma mulher em sua cama todas as noites, a *mesma* mulher.

Coisas que ele nunca quis antes, mas queria agora. *Ansioso* agora, da maneira que ansiava o trabalho. Na verdade, durante longos anos em sua vida, o seu trabalho o manteve calmo. Martelar pregos. Carregar centenas de quilos de drywall para cima e para baixo, degraus de escada.

Não era mais o caso.

Ele era um cara que se orgulhava de permanecer fiel a si mesmo. Ele sempre soube que não era o cara que queria uma cerca branca, uma mulher usando seu anel de diamante e 2 crianças. Ele nunca se viu ansiando nada disso.

Mas não havia mais nenhum consolo no pensamento de ficar sozinho pelo resto de sua vida. E se ele fosse sincero consigo mesmo, ele também poderia admitir que havia mudado de ideia sobre amor e compromisso.

Péssima hora para isso...

Inquieto, decidido a voltar aos seus planos originais, atravessou os quartos e dirigiu-se ao seu escritório, onde chamou Sass.

—É melhor que alguém esteja morto. —Ela respondeu sonolenta.

—Eu preciso que você coloque a Vallejo no mercado.

Isso lhe rendeu um enorme silêncio.

—Sass?

—Você está me ligando... —Houve um sussurro, como se estivesse sentando na cama. —Meia-noite para me dizer que quer vender sua casa?

—Eu ia vender esse lugar. —Disse ele. —Você sabe disso.

—Nãoooooo, você não ia. Quero dizer, sim, você *fingiu* que ia. —Ela disse, parecendo muito mais acordada agora. —Mas todos nós sabíamos...

—O que?

—Que você finalmente encontrou uma casa que você queria manter ao invés de viver como um vagabundo. Especialmente agora que você e Willa são

alguma coisa. Ela também ama o lugar...

—Você está errada. —Disse sem rodeios. —Em todos os aspectos. Coloque a casa no mercado.

Desta vez, o silêncio foi menor. —É a sua vida. —Ela disse e desligou.

—É. —Ele disse a gata que estava sentada no pé da cama, os olhos afiados e a cauda balançando. —Minha vida.

Pita parou de mexer a cauda, disse um “miau” simples, curto e sucinto, e pulou na cama em sua direção.

—Nós discutimos isso. Eu não compartilho minha cama com gatos.

Não dando a mínima, ela subiu em suas pernas e, em seguida, saltou para o peito, onde sentou, calma, bem à vontade.

—Não. —Disse ele. —Absolutamente não.

Ela ergueu uma pata e começou a lavar o rosto.

—Gata, estou falando sério.

Ela mudou, lavando atrás de suas orelhas agora.

—Se você for para à sua parte de senhora, tudo acabou. —Advertiu.

Ainda em seu peito, ela baixou a pata, virou-se em círculo, delicadamente enrolada em uma bola e fechou os olhos.

—Sem chance. —Disse ele.

Ela não se moveu.

E ele também não.

CAPÍTULO 26

#MagicalmenteDelicioso

Na manhã seguinte, Willa deitou-se na cama olhando para o teto, sentindo todo o peso de seu coração no seu interior.

Sem arrependimentos, disse a si mesma. Ela tinha feito a coisa certa sendo honesta com Keane.

Tentando acreditar nisso, ela levantou e percebeu com um choque que era o dia antes da véspera de Natal. Normalmente, essa era a época preferida do ano. Ela adorava a renovada sensação de energia e a antecipação que a cidade de São Francisco demonstrava, amava os sorrisos no rosto de todos os que entravam em sua loja, adorava a magia do feriado, adorava tudo sobre isso.

Mas isso estava definitivamente perdido enquanto ela se preparava silenciosamente para o trabalho.

Rory ainda estava dormindo no sofá. Depois que Willa entrou em seu apartamento ontem à noite, encontrou Rory esperando por ela, ela teve que deixar de lado a sensação de devastação por afastar Keane, e colar um sorriso no rosto.

Rory precisava disso. Elas se sentaram juntas e conversaram. Rory teve um pequeno colapso, admitindo que sentia falta de sua família, que desejava que ela não estivesse completamente sem eles.

Willa pediu-lhe que, por favor, considerasse ir para casa no Natal, e fazer as pazes com eles. Quando Rory disse que não poderia ir para Tahoe sem aviso prévio, Willa tinha, mais uma vez, prometido resolver isso por ela. A menina não tinha muito em questão de família, mas havia muito amor e perdão lá se ela só tentasse.

Seu próprio coração apertou com força quanto a isso, quase como se o

pobre órgão estivesse desesperadamente tentando dizer a ela, que havia algo lá para *ela* se pensasse bem.

Agora, à luz do dia, ela sabia que não estava com cafeína o suficiente para ir por aí. Ela desceu, pensando que lidaria com a corrida matinal de hoje.

Um presente de Natal adiantado para Rory.

Seu primeiro cliente para banho era um pequeno pug chamado Monster, que tinha uma asma terrível. Ele assobiava na inspiração e bufava na exalação, fazendo-o soar como um homem de oitenta anos fumando e subindo escadas ao mesmo tempo.

Assim que ela conseguiu por Monster na banheira, Elle e Haley apareceram com café e muffins.

—Opa. —Disse Haley parando e olhando para o pug. —Esse é o cão mais desamparado que já vi.

Monster inclinou a cabeça para cima, seus enormes olhos negros sobre Willa enquanto ele arfava. Ela o beijou no alto de sua cabeça enrugada. —Não a escute. Você é adorável. E não me pergunte como foi a noite passada. —Ela advertiu as meninas.

—Não precisa perguntar. —Disse Elle. —Você não está com o seu sorriso de acabei-de-transar.

—É porque você não pegou as algemas. —Disse Haley. —Não é?

Willa levantou as mãos de Monster, seu sinal para sacudir. A água voou por toda parte. Bem, toda sobre ela e Haley. Nenhuma água ousou atingir Elle.

Haley gritou e Monster pareceu sorrir com orgulho enquanto se sacudia de novo.

—Você está irritando-o. —Advertiu Willa, rindo.

—Os cães não podem ser criados assim.

—Ele é um macho. —Disse Elle, ainda completamente seca. —

Ele *nasceu* para ser incentivado. Agora fale conosco. —Disse a Willa.

Willa suspirou, e deixando de lado a parte em que ela deixou Keane se afastar, contou-lhes sobre Andy e a noite anterior.

Tanto Elle como Haley estavam devidamente horrorizadas, mas quando Rory entrou, fingiram que estavam discutindo o clima.

Parecendo surpreendentemente bem, Rory olhou para elas com desconfiança. —Willa falou sobre a noite passada, não é?

Elle e Haley remexeram-se inquietas. A menina fingiu odiar cada minuto disso, mas não enganou ninguém; ela absorveu cada gota de amor e calor que veio a seguir.

Quando a campainha da porta na frente da loja tocou, Willa deixou suas amigas continuarem estragando Rory e, segurando um monstro envolvido em toalhas escondido no seu braço, dirigiu-se para lá.

Quase tropeçou nos próprios pés ao ver Keane, parecendo terrivelmente sexy em um jeans escuro, uma jaqueta de aviador e óculos de sol.

Ele sorriu para Monster. —Fofo.

Só de olhar para ele fazia Willa doer, então com muito cuidado ela não olhou diretamente para ele. —Você precisa que eu cuide de Pita? —Perguntou ela.

—Não.

Quando ele não disse mais nada, ela finalmente encontrou seu olhar. Um grande erro, como olhar diretamente para o sol era um grande erro. Era doloroso. Ainda mais doloroso era a desculpa que lhe devia. —Keane?

—Sim?

—Desculpe=me, eu meio que surtei sobre a sua chave.

—Chave? —Veio um sussurro por trás deles. Pru. —Puta merda, o que perdemos?

Quando Willa se virou para olhar, Pru não estava realmente lá; ela deveria estar na porta dos fundos. Agora, as três amigas mais Rory, estavam amontoadas na entrada, ouvindo escondidas como criancinhas.

—Opa. —Disse Haley, estremecendo quando pegou o olhar de Willa. —Com licença, estamos apenas... —Parecendo em pânico, ela se virou para as outras, com os olhos arregalados. —O que nós estamos?

—Humm... —Disse Pru.

Elle sacudiu a cabeça com desprezo. —Amadoras. Nós estamos espiando, e sem vergonha nenhuma. E seria útil se um de vocês realmente repetisse o que aconteceu ontem à noite, então saberemos o que está acontecendo.

Willa olhou para elas. —Vocês estão brincando comigo?

—Querida, você sabe que eu não brinco. —Disse Elle.

Rory estava horrorizada. —Oh meu deus. Acho que eles estão brigando por minha culpa. Eu arruinei a noite deles.

Willa de brava ficou culpada. —Não, querida, não é isso. Não tem nada a ver com você.

—Não, mas deveria. —Insistiu Rory. —Porque tudo estava bem entre vocês dois, até eu ser idiota e precisar de você, de vocês dois, porque Andy teria machucado você, Willa, eu sei, e... —Sua voz quebrou. —Isso teria sido minha culpa.

Elle envolveu um braço em torno de Rory e a abraçou, mas seus olhos nunca deixaram Willa e Keane. —Não é sua culpa. —Disse ela com firmeza. —Não pôr ontem à noite, e não pelo que está acontecendo aqui. Na verdade, essas duas crianças tolas vão levar sua pequena discussão para o escritório de Willa, e não voltarão até que tudo esteja bem e todos estejam sorrindo, porque é antevéspera de natal, droga.

—Vocês vão? —Rory perguntou a Willa, parecendo desanimadoramente insegura. —Vocês dois vão resolver?

Ela estava perguntando porque nada em sua vida já havia se resolvido antes. Willa sabia disso, e sentiu o ar deixar seus pulmões em um grande suspiro. De jeito nenhum ela deixaria Rory desistir das emoções. Do amor. De jeito nenhum, ela não seria a pessoa que faria com que ela perdesse a fé. —Claro. —Disse ela, sabendo que ela poderia fingir para o bem deles, e ela faria Keane fazer o mesmo. Então, ela também o faria prometer dar-lhe algum espaço, até que seu coração não ameaçasse explodir ao vê-lo. Com esse plano em mente, ela entregou Monster para Pru, e deu a Keane um empurrão em direção a seu minúsculo escritório.

Mas Keane, é claro, não poderia ser empurrado em qualquer lugar. Ele era grande e forte e tão duro como... bem, como ela. Ele deu um olhar que foi parte divertido por ela pensar que poderia empurrá-lo, e parte desafio.

Ele queria que ela perguntasse.

Deus a salve dos alfas irritantes, grandes e malvados. Ela soltou a respiração e, muito consciente do olhar preocupado de Rory sobre ela, sorriu forçado. —Você vai entrar no meu escritório para que possamos... —Ela olhou para Rory, e lhe enviou outro sorriso. —Resolver tudo?

—Eu adoraria. —Disse Keane com tranquilidade. Ele até pegou sua mão e liderou o caminho.

Ela permitiu, mas quando cruzaram o limiar da porta do escritório, ela fechou e abriu a boca. —Olha, eu sei que não tenho o direito de pedir, mas vou precisar que você finja para Rory que está tudo bem.

Keane não respondeu. Em vez disso, moveu-se com a velocidade e a agilidade de um leopardo enjaulado, e pressionou-a contra a mesa. Então, afundou a mão em seu cabelo, inclinou o rosto para cima, e esmagou seus lábios contra os dela.

E caramba. Todas as emoções turbulentas e ferventes mudaram abruptamente, transformando-se em outra coisa completamente diferente. Com um gemido, ela atirou-se contra ele, quase derrubando-o.

Ele simplesmente reajustou sua posição e puxou-a mais forte contra si. De

alguma forma, isso funcionou para ela e ela continuou a subir de forma insensata como em uma árvore, desesperada para aproximar-se, suas mãos esgueirando por suas costas fortes e largas. Foi assim que ela sentiu o tremor invadir seu corpo. Ela sentiu outras coisas também, como o que estava pressionado entre suas pernas, duro e insistente.

Não havia ar para palavras, e não quando ele colocou e apertou seu traseiro em suas palmas grandes e calosas.

Tão quente. Tão perfeito. Tão...

A porta se abriu.

—Oh, desculpa. —Cara disse enquanto enfiava a cabeça. —Eu só queria te dizer que vou pegar Lyndie hoje e... —Ela interrompeu o olhar que Willa lhe deu. —Ok, elas me enviaram aqui para descobrir se vocês estão brigando. —Ela admitiu. —Rory quer saber.

Merda. —Ninguém está brigando. —Disse Willa, tentando ser casual. —Estamos apenas... discutindo o cuidado com a gata. —Disse ela, tentando não parecer ofegante ou como se tivesse acabado de rir. —Com Petúnia.

Cara assentiu. —Cuidado com a gata. —Ela repetiu. —Entendi. Vou contar a Rory.

Quando ela se foi, Willa virou-se para Keane. —Então, sobre fingir estarmos bem para Rory...

Ele trancou a fechadura da porta com uma das mãos e a puxou de volta para ele com a outra, cobrindo sua boca com a dele. Ele puxou a corda das persianas para a janela do pátio, tudo sem deixar sua boca. Foi realmente bem rápido. Ela poderia ter sugerido que apagassem a luz também, porque lá havia muita luz penetrando através das sombras, mas sabia que esse pedido seria inútil.

Keane gostava de olhar.

Ela quebrou o beijo. —Você precisa estimulá-la. —Ela conseguiu dizer. —Isso é importante no cuidado com a gatinha.

Keane arqueou uma sobrancelha.

Ela piscou em direção a porta, sinalizando que provavelmente estavam sendo espionados.

Ele a olhou por um longo segundo, com os olhos escuros e indecifráveis. —Cuidado com a gatinha. —Ele repetiu, e antes que ela pudesse piscar, ele a levantou, colocou seu traseiro na mesa e depois ficou entre suas pernas. Sua boca agora estava em seu ouvido, sua voz tão macia que era quase inaudível. —Você quer que eu estimule sua xaninha[10].

Ela engoliu uma risada e tentou se libertar, mas ele intensificou seu aperto. —Você sabe que não é o que eu quis dizer! —Ela sussurrou. —Rory está frágil agora, e temos que fazê-la sentir-se segura.

—Ela está segura. —Ele disse em seu ouvido. —E você também. — E então ele sorriu de novo, um sorriso muito impertinente enquanto levantava a voz um pouco, para um tom de conversação. —Ok, então me fale sobre... estimulação.

—Ele apertou a boca em seu ouvido de novo, usando sua voz de bad boy em um sussurro. —Diga-me devagar e com muitos detalhes.

Ela o empurrou de novo, mas ele ainda não se moveu.

—Sinto falta de seu corpo enrolado no meu. —Ele disse suavemente, e sério agora. —Eu preciso de você em volta de mim novamente.

Seu coração se suavizou. Havia um problema com isso, no fundo ela sabia disso, mas Deus a ajude, ela não conseguiu articular nada com essas mãos sobre ela. Apertando os dedos na camisa dele, ela puxou.

Ele caiu sobre ela, e seu corpo grande tremia com as gargalhadas quando colocou uma palma quente em cada lado de seus quadris, e abaixou o rosto para o dela.

—Keane...

[10] Trocadilho com a palavra pussy que é gatinha mas também se refere ao órgão sexual feminino. No português o mais próximo disso é a palavra xana.

—Eu conheço as regras agora. Isso não significa nada, é apenas uma coisa de única vez pela terceira vez, blá blá.

Ela resmungou e sorriu. —Silêncio agora, Willa. —Ele murmurou, colocando um dedo sobre os lábios dela. —Nenhum som. — Suas mãos deslizaram na parte de trás de seu jeans para espremer sua bunda. Ela começou a gemer e Keane mordeu seu lábio inferior.

Certo. Nenhum som.

Mas a força bruta em seu abraço, a deixou sem fôlego enquanto abraçava o pescoço dele, pressionando peito contra peito, porque se eles não estivessem pele contra pele nos próximos segundos, ela entraria em combustão espontânea.

De alguma forma ele conseguiu tirar as botas. E então, abriu o jeans. Quando ele passou uma das mãos entre as pernas e acariciou-a sobre a calcinha, ela teve um momento de pânico.

—O quê? —Ele perguntou quando ela congelou.

—Você deve prometer não olhar. Eu não estou com lingerie bonita. De fato... —Ela fez uma careta. Isso seria embaraçoso. —Estou usando a minha mais feia. É a minha calcinha de ficar à vontade. Eu uso e não mostro para ninguém. Nesse caso, você. Você é o único.

Ele olhou para ela e depois jogou a cabeça para trás e riu. Ele parecia tão sexy que ela baixou a guarda, e foi quando ele conseguiu abaixar seu jeans.

—Eu sei que estou enviando sinais mistos. —Ela disse. —Mas não é como se eu deixasse de te querer...

—Bom.

—Mas...

Ele gemeu. —Tem sempre *um mas*.

—Mas... —Ela continuou precisando sair disso. —Eu estou... um pouco confusa...

Ele deu um olhar irado. —Um pouco?

Ela tentou fechar as pernas, não era fácil com oitenta quilos de músculo em pé entre elas.

—Shh. —Ele disse novamente, de alguma forma, gentil e malvado ao mesmo tempo. —Eu tenho você, Willa. Eu te pego. Por enquanto, isso funciona. Você sempre funciona para mim, desde que eu possa ter você.

E com aquela declaração emocional e deslumbrante, ele caiu de joelhos, puxou a calcinha pelo resto do caminho e olhou. E ele também tomou seu tempo admirando sua bunda. Ele estava sorrindo quando voltou a ficar de pé. —Eu gosto dela.

—Você é um homem doente. —Ela disse.

—Sem dúvida. —Ele concordou e beijou-a mais um pouco, até que ela voltou a se contorcer, da melhor maneira agora.

—Rápido. —Ela murmurou sem fôlego contra a boca e juntos liberaram um ao outro.

E meu Deus, não havia nada como Keane... ela estava muito ocupada enchendo suas mãos com ele, quando sua bochecha barbada tocou seus mamilos nus e ela quase gozou ali mesmo. Sua boca estava em todo lugar, selvagem, rápida, e ela o beijou de volta o melhor que pôde enquanto ainda tentava levá-lo para dentro dela.

Ele riu baixinho, mas antes que ela pudesse matá-lo por isso, ele conseguiu voltar a se colocar entre os joelhos dela novamente, e colocar sua boca na dela.

Um minuto atrás ele estava com muita pressa e *ela* quieta, mas agora, ele se segurava e tentava deixá-la louca com sua língua, e quando ela se perdia, quando ela começou a gozar, ele se levantou e cobriu sua boca com a dele, engolindo o seu lamento enquanto ele colocava a camisinha e empurrava dentro dela.

Seu ritmo era frenético, desesperado. Faminto. Não importava quantas vezes eles estivessem juntos assim, Keane nunca deixava de roubar o ar de seus pulmões. Ela sentiu que gozaria novamente, ou que continuaria... ela não fazia ideia. Com Keane, sempre era uma batida infinita e erótica no tempo.

Quando ela pôde finalmente ver e ouvir novamente, ela percebeu que seu rosto estava aconchegado na curva do pescoço, sua respiração contra sua pele como uma suave carícia. Uma das mãos estava subindo e descendo pelas costas, vagarosamente, gentilmente, ajudando-a a acalmar-se, e a outra mão agarrando a mandíbula, o polegar em seus lábios lembrando-a de ficar quieta.

Oh Deus. Ela tinha ficado quieta? Ela não conseguia lembrar!

Ele sorriu e ela mordeu o dedo. Forte.

Rindo suavemente, ele endireitou-se e depois a ajudou na mesa. Seus malditos joelhos balançaram e ele intensificou seu aperto, puxando-a para ele, abraçando-a.

Ela sentiu os lábios dele roçarem a sua têmpora, e a mão dele acariciou o cabelo afastando-o de seus olhos. Então, essa mão pegou a dela e trouxe para a boca. Ela podia sentir o calor de sua respiração em sua pele e o gesto parecia tão... íntimo, ainda mais do que tê-lo enterrado no fundo dela. —Isso foi... —Ela fez uma pausa, procurando a palavra certa.

—O seu melhor cuidado com o gatinho?

Ela tentou não rir e falhou. —Keane. —Ela disse suavemente. —O que diabos nós estamos fazendo?

Ele balançou lentamente a cabeça. Ele também não sabia. —Eu só precisava te ver. —Ele disse simplesmente.

—E eu precisava te ver. —Disse ela. —Mas o que isso significa?

—Que você precisava muito de mim.

Ela sufocou outra risada.

—Você não pensa assim? —Ele virou e levantou a camisa. Ele não tinha ajeitado sua calça jeans, então ela estava um pouco enrolada, o suficiente para revelar as dez fincadas de unhas, cinco em cada nádega perfeita.

Ela bateu as mãos nos olhos em sintonia com a risadinha.

Ótimo. Ele foi revigorado pelo sexo e ela... bem, ela havia perdido outro pedaço de seu coração. Ela endireitou suas roupas, praguejando quando não conseguiu encontrar a calcinha. Ser uma deusa do sexo estava ficando caro.

Keane aproximou-se e abotoou a camisa para ela, suas mãos subiram para cobrir seu rosto, inclinando-o suavemente até o dele para um beijo suave. —Tudo bem. —Disse ele. —Conte-me. Diga-me o que você quer que eu saiba. Você ainda precisa de espaço? Porque estou pensando que 20, 22 centímetros deveriam servir.

Ela sorriu suavemente e esfregou as têmporas. —Serve, mas apenas quando fazemos isso. —Ela gesticulou vagamente para a mesa dela. —Isso me faz sentir coisas. Cada vez mais.

—Bom.

Ela inclinou a cabeça para trás e olhou para o teto enquanto soltava outra risadinha. Sentiu suas mãos deslizarem para cima e para baixo em seus braços.

—Willa, olhe para mim.

Ela hesitou porque sabia muito bem que ela se perdia em seus olhos toda vez, mas encontrou seu olhar.

—Você entende que não está sozinha nisso, não é? Estou aqui com você, e tão desconcertado quanto você com o que está acontecendo.

Ela balançou a cabeça. —Você está? Porque você parece tão à vontade com isso. Você entra e sai com intimidade sem sequer piscar um olho, como se não estivesse nem aí.

Ele a estudou por um longo segundo. —Você acha que eu não tenho emoções?

—Eu acho que você é melhor em gerenciá-las do que eu.

—Você tem que ter fé. —Disse ele. —Em mim. Em nós.

—Isso é difícil para mim.

—Então você está terminando isso?

—Não! —O estômago dela tremeu só de pensar nisso. —Não. —Ela disse de novo com mais firmeza, e realmente o pegou.

—Tudo bem. —Ele murmurou, puxando-a, segurando-a forte. —Tudo bem, eu não vou a lugar nenhum.

Ela estava muito surpresa para fazer mais do que acenar com a cabeça enquanto buscava conforto em seu abraço por um longo momento, antes de se afastar, certificando-se de que ambos estavam decentes.

—Eu não vou fingir nada. —Ele avisou quando ela se virou para a porta. —Nem mesmo para Rory. Não me peça.

Ela balançou a cabeça. —Eu não vou.

Toda a sua turma estava por perto, claramente tentando escutar. Quando a viram, todos se dispersaram descontroladamente.

Exceto Elle, que estudou Willa por um longo segundo e depois Keane.

Willa a ignorou o melhor que pôde, e gesticulou para que Keane escapasse. Em vez disso, ele aproximou-se dela e a beijou. Não um beijo profundo nem um leve também. Era o beijo de um homem que fazia sua reivindicação. Quando ele ergueu a cabeça, um sorriso cruzou seus lábios. —Continuo sendo seu e ao seu dispor. —Disse ele.

E então, afastou-se dela sem olhar para trás.

Quando Willa finalmente chegou em casa naquela noite, ela estava com uma dor de cabeça horrível com os pensamentos que ela conseguiu bloquear o dia todo. Uma dor de cabeça e uns arranhões na garganta, cortesia de uma gata extremamente irritada, que tinha sido trazida para ser cuidada, depois de uma

corrida por um arbusto de rosas.

A gata tinha ficado tão selvagem, que Willa se recusara a deixar Rory ou qualquer outra pessoa trabalhar com ela, o que significava que ela tratou da situação sozinha.

E pagou o preço.

Rory queria tratar os arranhões profundos, mas Willa lhe disse que estava bem.

Mas na verdade, ela estava longe de estar bem.

Sentindo-se muito mais sozinha do que lembrava de ter se sentido, ela atravessou seu apartamento escuro sem se preocupar com as luzes. Do lado de fora, a chuva batia no prédio e, tudo o que ela queria, era um sanduíche enorme e sua cama. Ela estava fazendo o sanduíche quando ficou louca com o pinga-pinga de sua torneira da cozinha. —Cale a boca. —Disse ela.

Pingo. Pingo. Pingo.

Droga. Ela adorava ficar sozinha. Quando tinha deixado de adorar?

Pingo. Pingo. Pingo...

—Bem. Eu mesma vou te calar. —Ela murmurou e arrastou-se até a pia com uma chave de fenda. Ela apertou o parafuso e, em seguida, gritou em choque e surpresa quando a água gelada estourou em cima dela.

Pulverização em alto e bom som, indignada, ela sentou-se no chão da cozinha e olhou para si mesma.

Ela era uma bagunça.

Perfeito, dado o seu dia. Recusando-se a ceder e a enlouquecer, ela voltou calmamente a espalhar manteiga de amendoim no pão, quando ouviu uma batida na porta. Porque era meia-noite, ela levou a faca quando foi olhar pelo olho mágico. Suas partes boas vibraram, e ela lhes disse para calarem a boca também.

Keane estava em sua porta parecendo sombrio como a noite fria, e tão perigoso.

CAPÍTULO 27

#OQueVocêVêÉOQueVocêTem

Keane não tinha sido capaz de dormir nem que sua vida dependesse disso. Sentindo-se estranhamente para baixo, ele tinha se levantado, tentando escapar dessa exaustão e para tentar resolver tudo.

Enquanto corria pelas calçadas, ele enumerou os pontos positivos em sua vida. Um: sua tia-avó Sally estava de volta em sua casa de repouso e se recuperando bem. Ela até deixou *uma* mensagem, dizendo-lhe que um velho amigo ofereceu-se para cuidar de Pita. Dois: seu agente imobiliário estaria aceitando oficialmente propostas para a casa da rua Vallejo na próxima semana.

Ele estava em um bom lugar. Diabos, ele estava em um ótimo lugar, então ele deveria estar no céu.

Mas ele não estava. Nada disso parecia certo.

Desistir de Pita. Vender a casa da rua Vallejo. Não dar espaço para Willa resolver suas coisas, nada disso funcionava para ele, em nenhum nível.

Ele correu ainda mais, até que seus músculos tremessem de exaustão. E foi aí que percebeu que ele acabou na frente do prédio de Willa.

A verdade era que ele tinha sido atraído para cá como uma mariposa para a luz. Ele amava seu sorriso, adorava sua risada, adorava a maneira como ela acabava fazendo com que ele fizesse ambas as coisas com uma regularidade chocante. Ele amava o jeito que ela trazia tudo de si mesma, e não deixando que ele se levasse muito a sério. Ele amava... tudo. Absolutamente tudo sobre ela.

Ela abriu após sua leve batida e ele bebeu da visão dela; cabelo selvagem, olhos piscando um certo mau humor, sua camisa encharcada e molhada o suficiente para que ela pudesse vencer qualquer competição de camiseta molhada em todo o mundo.

Ela olhou-o bem. —A tubulação de água pulverizou em você também? — Ela perguntou.

—Não, eu estava correndo.

—De propósito?

Ele ficou surpreso ao se ouvir rindo. —Posso entrar?

—Claro. —Ela disse tão agradavelmente que foi meio suspeito.

—Então, o que você sabe sobre encanamento? —Ela perguntou.

—Tudo.

—Então você é meu homem. —Disse ela. —Eu tenho uma torneira pingando você pode consertar.

Ele estava tão cansado que mal conseguia se segurar. —Agora?

—Eu tentei consertar sozinha e quase me afoguei. —Ela acenou para si mesma com uma faca que parecia que tinha sido mergulhada em manteiga de amendoim. —Eu tive uma tarde péssima, e tudo que eu queria era um sanduíche e dormir um pouco, mas o pinga-pinga estava me matando...

Desde que ela soou muito perto de chorar para o seu gosto, ele envolveu sua mão ao redor do pulso dela para impedi-la de acenar com a faca. —Entendo. —Ele disse em voz baixa e, em seguida, pegou a faca, porque ele pode ser bobo por ela, mas não era estúpido.

Ele fechou e trancou a porta, e passou por ela para ir a cozinha. Os ingredientes de um sanduíche de manteiga de amendoim e geleia estavam no balcão. Havia água por todo o chão, e o armário debaixo da pia estava aberto.

—Você poderia ter me chamado. —Disse ele.

—Eu sei como consertar uma maldita pia pingando.

Ele poderia ter argumentado que ela não consertou, ou não estariam tendo essa conversa, mas ele teve um longo dia também, extremamente longo, e

ele não estava tão longe dela no departamento de mau-humor. Olhos cheios com exaustão, ele pegou a chave e foi trabalhar.

Levou dois minutos. Ele colocou a chave de lado e ainda deitado de costas, deu uma olhada para Willa.

Ela estava sentada no balcão lambendo manteiga de amendoim em seu polegar, e fazendo um som de sucção que foi direto para sua parte favorita.

—Pronto. —Disse ele, a voz um pouco grossa quando levantou e se moveu para ficar na frente dela.

—Portanto, não vai pingar a noite toda, obrigando-me a matá-lo? —Perguntou ela.

—Sem morte em sua lista de tarefas esta noite.

Ela suspirou profundamente. —Obrigada. —Ela disse suavemente. —Mesmo.

—Por nada. Mesmo. —Ele deu um passo para mais perto de modo que os joelhos pressionaram contra suas coxas.

Ela agarrou sua camisa com as mãos e tentou puxá-lo para mais perto, mas ele resistiu.

—Eu quero meus 20,22 centímetros. —Ela sussurrou.

De alguma forma, ele conseguiu resistir. —Preciso de um banho, Willa.

Ela puxou mais forte. —Para mim você não precisa.

—Corri até aqui, então sim, eu preciso.

Ela engoliu uma risada. —E eles me chamam de teimosa e obstinada. —Ela olhou para ele e seu sorriso desapareceu quando ela lentamente arrastou seus dentes sobre o lábio inferior. —Eu não consigo dormir. —Ela murmurou.

Seu cabelo estava caindo em seus olhos. Seu rímel borrado. Sua camisa ainda estava molhada e ela estremeceu quando aproximou-se mais, e mais uma

vez ele teve que segurá-la. —Cuidado, estou todo suado.

—Não importa. —Ela se aconchegou em seu peito e quando ela inclinou o rosto para ele, era a coisa mais natural do mundo beijá-la. Ela tinha gosto de manteiga de amendoim e céu.

—Por que você não consegue dormir? —Ele perguntou contra seus lábios.

—Eu estava preparando uma gata velhinha, sendo complacente, mas ela me ensinou. Ela pegou minhas costas e meu ombro tentando forçar seu caminho para fora da cidade, e tudo está queimando como fogo, o que significa que vou ter que dormir no meu lado esquerdo ou de bruços, e eu só durmo do lado direito da cama. —Ela deu um suspiro, então respirou fundo e afastou-se de suas mãos quando ele tentou afastá-la dele para dar uma olhada. —Não, está bem...

Ignorando seus protestos, ele colocou as mãos nos quadris e a forçou a virar, e então começou a levantar sua camisa suavemente.

—Sério, eu...

Ele parou com a visão dos arranhões vermelhos e profundos nas costas e ombro. —Willa, isto têm que ser limpo.

—Eu sei, eu vou. —Ela tentou puxar sua camisa para baixo, mas ele se manteve firme, e finalmente puxou a coisa sobre sua cabeça, jogando-a na sala.

—Keane! —Ela suspirou, cruzando os braços para cobrir-se, tentando virar o rosto para ele, mas ele segurou-a no lugar enquanto examinava as feridas.

—Kit de primeiros socorros?

—Armário do corredor. —Disse ela.

Ele foi caçar os suprimentos que precisava e quando voltou, ela não tinha ficado parada. *Que surpresa.*

Encontrou-a no banheiro, segurando uma toalha sobre seus seios, torcendo, tentando ver os arranhões no espelho.

A curva de suas costas nuas era suave, delicada e tão sexy. Ele queria

correr suas mãos por sua coluna até a bunda dela, dobrá-la sobre seus...

A fantasia foi interrompida quando ela tocou um dos arranhões e fez uma careta de dor.

—Fique quieta. —Ele disse e foi trabalhar.

Ela não falou enquanto ele limpava os arranhões. Ela não parecia sequer respirar, mas no final os músculos tremiam, mostrando a sua dor. Inclinando-se para frente, ele colocou seus lábios na base do pescoço.

Um suspiro saiu quando ela deixou a cabeça cair para a frente, dando-lhe um melhor acesso, e ele era um caso perdido.

—Keane...

—Diga-me para ir e eu vou. —Ele sussurrou contra sua bela pele e, em seguida, prendeu a respiração, esperando sua resposta.

Willa virou-se para Keane, e com a mesma fome e desejo em seu rosto que ela sabia que também estava no dela. Subiu na ponta dos pés, e gentilmente roçou sua boca sobre a dele. — *Não* vá.

Com um gemido áspero em seu peito, ele cuidadosamente envolveu-a em seus braços e assumiu o controle do beijo. E oh Deus, como ele a beijou, como se ela fosse a mulher mais sexy do planeta. Era viciante.

Ele era viciante.

Quando ambos estavam respirando como loucos, ele levantou a cabeça. Olhos escuros fixo nos dela, ele correu os dedos pela têmpora, colocando uma mecha de cabelo atrás da orelha, deixando o polegar roçar seu queixo, o lábio inferior.

Fundindo-se nele, ela fechou os olhos, mas isso só fazia com que tudo parecesse ainda mais íntimo, a forma como seus corpos procuraram um ao outro, pressionando.

Ao redor deles, o apartamento dela ainda estava escuro, além da cozinha,

a chuva batendo contra a lateral do edifício, era o único som.

Com exceção de sua respiração acelerada.

Porque ela não tinha ideia se tinha enganado ele, mesmo que só um pouquinho, mas ela não podia mais enganar a si mesma. Isto não era apenas sexo.

—Willa.

Ela forçou os olhos a abrirem, levantando para encontrar os dele, esperando que ele não pudesse ver a verdade em sua expressão. Algo sombrio e indecifrável mudou profundamente nos olhos dele, mas ela não queria ir por aí. Em vez disso, ela pegou a mão dele para levá-lo ao seu quarto.

Mas ele a deteve. —Chuveiro. —Disse ele com firmeza e ligou a água quente.

—Mas...

—Não se preocupe, eu dou um bom banho.

Ele despiu os dois e em um piscar de olhos, e ela sentiu o respingar da água quente. Ensaboando as mãos e percorrendo por todo o corpo, ele provou sua declaração.

Ele era bom no banho.

Duas vezes.

Quando ela estava saciada e tremendo do rescaldo, ele apoiou-a contra a parede de azulejos e, rapidamente e com eficiência, lavou-se. Só de olhar para ele, ela ficou quente e incomodada.

Quando ele a pegou olhando para ele como um voyeur, ele sorriu. —Vê algo que gosta?

—Você sabe que sim. —Ela estendeu a mão para ele, que desligou a água, a secou primeiro e depois, finalmente, permitiu que ela o arrastasse para a sua cama. Ela tentou empurrá-lo para baixo no colchão, mas ele a levou com ele, que

caíram juntos em um emaranhado de pernas. Sem dizer nada, ele a rolou para debaixo dele, sua boca na dela em um beijo profundo, daqueles de deixar marcas.

Ela não era a única desesperada esta noite.

Ele a tinha tirado de sua toalha, e ela apertou-se em todos aqueles duros músculos, que ela não tinha conseguido o suficiente. Não tinha certeza se *poderia* ter o suficiente.

Descendo por ela, Keane deixou suas mãos vagarem, aquecendo cada centímetro de sua pele, até que ela estava implorando por mais. Quando ele finalmente subiu em cima dela e penetrou em sua profundidade, o mundo parou.

Ele fez ela olhar para ele e isso era novo para ela. Olhos abertos. Coração aberto.

Novo e aterrorizante.

E nesse momento, ela sabia a verdade. Ela tinha se apaixonado de forma irrevogável e irreversível por ele.

Fechando os olhos contra o ataque de emoção, ela tentou absorver tudo. O cheiro dele. O barulho áspero de seu gemido sexy. A forma como os braços envolviam ao redor dela, uma das mãos em seu cabelo, a outra em seu quadril segurando-a, pedindo para que ela pudesse deixar isso tudo ir. Porque ele a tinha.

Ele sempre a teve.

Lembre-se, disse a si mesma desesperadamente, lembre-se de como seu corpo está empurrando no dela, seus músculos apertando, sua pele quente sob suas mãos. —Keane. —Ela sussurrou, o nome dele saindo de seus lábios sem permissão.

Ele gemeu, e sabendo que ele estava perto ela enrolou as pernas em volta dele e encontrou seus impulsos com uma intensidade própria, forçando seus olhos a encontrar os dele, esticando uma das mãos para colocar contra seu peito, precisando sentir a batida do coração dele.

Depois, deitou pressionada contra ele, sentindo seu pulso batendo,

pensando que tinha sido a experiência mais real, mais erótica de sua vida. —Obrigada por esta noite. —Ela sussurrou.

Seu riso roçou sua têmpora. —Não, obrigado a *você.*

—Eu estou falando sobre o encanamento. —Disse ela. —Eu não queria que você precisasse entrar e acenar com a sua varinha mágica e consertar a minha vida.

—Querida, eu não acenei a minha varinha mágica até depois que consertar o encanamento.

Ela levantou a cabeça e olhou para ele, incrédula. —Você disse mesmo isso?

Sua boca se contorceu. —Tentando evitar ter uma conversa profunda e significativa que provavelmente não vai acabar bem para mim. Pensei que um charme poderia ajudar.

—Isso não foi charme, isso foi ridículo.

Ele sorriu. —Mas você riu. Eu amo sua risada, Willa.

Ela sentiu-se amolecer. —Você está mudando de assunto.

—Tentando. —Disse elem e rolou para fora da cama. Inclinando-se para seu jeans, ele começou a vestir suas roupas.

—Você está saindo?

—Sim.

—Você está na ponta dos pés em torno da minha loucura e tentando não me aborrecer, ou você está fugindo tão rápido quanto pode?

Ele deu uma risadinha e pegou seu celular de sua mesa de cabeceira.

Ele realmente estava saindo. Ela se levantou e colocou os braços ao redor dele por trás. —Keane.

Virando-se, ele encontrou seu olhar. —Eu nunca vou fugir de você.

Isto roubou o seu fôlego e ela só olhou para ele.

Ele olhou para trás. Não exatamente muito paciente, mas cem por cento atento e disposto a ouvir o que ela disse em seguida.

—Só está mais profundo do que eu queria. —Ela disse suavemente.

—E novamente, você não está sozinha lá.

Seu coração apertou. —Eu não sei o que isso significa, o que sentir.

—Eu sei. —Ele apertou seu queixo contra a lateral dela. —Eu estou confiando em você para descobrir isso e voltar para mim.

—*Você* sabe?

—Estou chegando lá. —Disse ele, como sempre brutalmente honesto e sem remorso.

Uma parte dela estava profundamente grata por isso. Mas outra parte estava aterrorizada, porque ela tinha certeza que ela sabia também.

Era que seu coração só tinha duas velocidades: dormindo ou pé-no-fundo. Ela esteve em relacionamentos onde foi a todo vapor, sentindo-se um pouco como se sentia quando estava com Keane. Animada. Feliz. *Viva*. Só que em cada um desses relacionamentos, ela tinha ido nessa sozinha. E então ela ficava só, após os sinais de alerta. Após a recomendação de seus amigos. Após a lógica e o senso comum.

E ela saía queimada.

Oh tão queimada.

—Willa. —A voz de Keane era tão dolorosamente gentil como suas mãos, que tinham subido para seus braços. —Não se apresse, não por ninguém e, especialmente, não por mim. —Dito isso, ele a beijou, um beijo devastadoramente perfeito.

E então, se foi.

Capítulo 28

#OJúriDecidiu

Willa acordou na véspera de Natal com os dedos dos pés congelados. Assim como o resto dela. Ela pensou em como teria sido muito mais agradável acordar enrolada em torno do grande corpo quente de Keane agora.

E não apenas para escalá-lo como uma árvore, mas porque ela não gosta das manhãs. Porque ela pensou que com ele na cama, olhando-a da forma que ele a olhava quando dizia que ela era a mais bonita, mais inteligente, mais engraçada, a coisa mais sexy que ele já tinha visto, ela poderia aprender a gostar de acordar então.

Ele tinha um jeito de fazê-la se sentir especial. Como se ela importasse. *Realmente* importasse. Quando ela estava com ele, sentia-se como uma versão melhor de si mesma. Então, por que diabos ela precisa de espaço de novo? A resposta era simples.

Ela não precisava.

Ela piscou para o teto. Uau. Ela realmente estava apaixonada por ele. E, caramba, se ela tivesse aceitado isso ontem à noite, ele poderia ainda estar aqui.

Com um suspiro, ela se sentou na cama e olhou para o celular. Surpreendentemente, não havia nada. chamadas, nem mensagens perdidas.

Nada.

Ela colocou o celular no colo com uma emoção estranha martelando através dela, que ela não sabia identificar.

Mentirosa. Ela sabia sim, e muito bem. Ela estava se sentindo desnecessária porque ninguém precisava dela.

Ela bateu o dedo sobre a tela de seu celular e o polegar sobre o nome de Keane. —Não faça isso. —Ela sussurrou para si mesma. —Não faça isso...

Mas então seu dedo apertou. —Opa. —Disse ela para o quarto.

Keane respondeu sua chamada FaceTime vestindo moletom e nada mais, e sua respiração parou em seu peito. Seu cabelo estava molhado e ela só podia imaginar o quão delicioso ele cheirava.

Ele olhou a camisa que ela vestia e seus olhos escureceram.

—Você deixou sua camisa aqui. —Ela disse, e então mordeu o lábio inferior. —Eu dormi com ela.

Seu sorriso foi quente. —Só com ela?

—Sim. —Admitiu ela. —Você me deve uma viagem a Victoria Secret, a propósito.

—Eu vou comprar o que você quiser, e pensar em você sem calcinha está me deixando com calor.

—Tudo deixa você com calor. —Disse ela.

—É uma história verídica. —Ele inclinou a cabeça e a estudou. —Então, o que você anda fazendo tão cedo? Fazendo uma lista, verificando-a duas vezes[11]? Diga-me que está cheio com as suas mais profundas e obscuras fantasias sexuais.

Ela engasgou com uma risada. —Não! —Então mordeu o lábio inferior, mas a pergunta escapou assim mesmo. —V*ocê* tem uma lista de fantasias?

—Absolutamente. —Disse ele, sem hesitação.

Ela piscou. —Sobre... mim?

Ele apenas olhou para ela, os olhos como lava, e ela sentiu-se umedecer. —Escrita?

[11] Trcho da canção de natal Santa Claus is coming to town.

Ele bateu no lado da cabeça. —Todas aqui, querida. —Ele sorriu. —A menos que você queira que eu escreva. Nós poderíamos misturar nossas listas e se revezar escolhendo uma de cada vez, e...

—Você quer realizar nossas fantasias juntos? —Ela sussurrou.

Ele apenas sorriu e ela quase teve um orgasmo ali. —Eu... eu não sei se posso anotá-las. —Ela admitiu.

—Certamente você pode. Feche os olhos, pense em algo que você sempre quis experimentar, e anote. —Ele esperou com expectativa.

Ela olhou para ele. —*Agora?*

—Eu vou se você for.

Dez minutos mais tarde, quando seu alarme da manhã disparou, ela tinha cinco fantasias escritas. Assim como Keane.

—Hora de levantar. —Disse ela.

—Querida, eu já estou de pé.

Ela revirou os olhos. —Como se chama quando você faz sexo pelo FaceTime?

Ele esboçou um sorriso. —Sex-Time?

Ela riu. —Você acabou de inventar isso.

—Não. —Ele sorriu. —Sim. Levanta a camisa, Willa.

Ela não admitiria que o seu fraco pedido deu a ela o melhor tipo de arrepio. —Keane.

—Vamos lá, mostre-me o seu e eu vou lhe mostrar o meu.

—Há alguém aí com você? —Ela perguntou.

Ele virou o celular para que ela pudesse ver que ele estava em seu quarto na casa da rua Vallejo, sozinho, exceto por Pita dormindo em seu travesseiro.

—Eu pensei que ela não podia dormir em seu travesseiro.

—Ela não pode. —Disse ele. —Mas, aparentemente, ela é quem manda e eu que obedeço. —Então seu rosto estava de volta na tela. —Mostre-me. —Disse ele.

Ela levantou a bainha da camisa, um pouco envergonhada, e depois deixou o tecido cair de volta para baixo.

Os olhos de Keane ficaram tão quentes que ela se surpreendeu por sua tela não derreter. —Isso vai me ajudar a passar um dia muito longo. —Disse ele, a voz baixa e reverente.

Ela riu. —Você poderia começar a ter pornografia no seu celular para quando quiser. Diabos, você provavelmente poderia obter qualquer mulher em sua lista de contatos para enviar-lhe nudes.

—Eu não quero qualquer mulher. Eu quero você.

Seu coração pulou uma batida. —O sentimento é mútuo.

Ele sorriu. —Tenha um bom dia, querida.

—Você também. —E com o coração mais leve do que ela conseguia se lembrar de sentir alguma vez, uma esperança crescente florescendo em seu peito, ela desligou e foi trabalhar.

Willa pensou em Keane, mas não sobre as fantasias sexuais.

OK, ela pensou sobre isso. Muito.

Mas, principalmente, ela pensou sobre o homem que ele tinha se transformado e quanto aquele homem havia se tornado uma parte integrante de sua vida em apenas um mês.

Quando um casal mais velho entrou na loja para comprar guloseimas para o seu schnauzer, um terminando a frase do outro e de mãos dadas como se fossem recém-casados, ela teve que perguntar. —Há quanto tempo vocês estão juntos?

Eles sorriram em uníssono. —Cinquenta anos. —Disse o homem. —Cinquenta dos melhores anos da minha vida.

—Quando você encontrar o certo, querida. —Disse a mulher, seus olhos sobre seu marido. —Nunca o deixe ir.

—Nunca é muito tempo. —Rory disse cuidadosamente quando o casal foi embora.

O que era engraçado porque ridiculamente, Willa subitamente estava pensando quanto conforto estava no pensamento de para sempre...

Ela quase ligou para Keane para lhe dizer que talvez ela tenha descoberto algumas coisas, ou seja, que ela percebeu que queria entrar.

Ela queria ele.

Mas ela não confiava em si mesma para não estragar tudo pelo telefone por isso enviou uma mensagem curta convidando-o para a festa de Natal privada do grupo no pub naquela noite, terminando com um *por favor, venha.*

Até o momento em que ela fechou a loja e foi para a festa, ela não tinha obtido uma resposta dele, e não tinha certeza do que isso significava.

Ela entrou no pub um pouco sem graça, mas ela fez Keane esperar ela descobrir as coisas, ela certamente poderia fazer o mesmo por ele.

O pub estava fechado ao público; esta noite era apenas uma coisa de família. Spence, Finn, Archer, Elle, Haley, Pru e Sean, o irmão mais novo de Finn, que estava fazendo o seu melhor estes dias, agora que ele tinha atingido a idade madura de vinte e dois.

Finn serviu a Willa uma taça de vinho. O resto da turma estava pelo menos uma rodada à frente dela, todos cumprimentando-a com abraços e alegria, e ela sentiu sua garganta ficar apertada com o amor. Ela tinha tanta sorte de ter essas pessoas em sua vida.

—Onde está Keane? —Perguntou Pru. —Você o convidou, não é?

Ela assentiu. —Mandei uma mensagem.

—Isso quer dizer que você decidiu parar de lutar contra si mesma e seu coração e ir para ele? —Perguntou Pru.

Willa nunca pensei que a admissão seria difícil, mas ela ainda estava surpresa quando seus olhos se encheram de lágrimas enquanto ela balançava a cabeça.

—O álcool! —Elle gritou. —Stat! Outra de nós está prestes a cair no buraco do coelho.

Finn e Pru, os primeiros a caírem “no buraco do coelho”, sorriu amplamente.

Em seguida, Finn e Sean serviram uma bebida que nenhuma surpresa, dada a natureza destemida e competitiva dos caras, se transformou em um concurso de comer-asinhas-de-frango.

Spence ganhou, embora Willa não tivesse ideia de como ele fez isso. Ele era tão alto quanto uma árvore com uma constituição musculosa, mas magra de um corredor, e nenhum grama de carne extra sobre ele.

E ainda assim ele comeu vinte e cinco asas.

—Vinte e cinco asas, porra.—Disse Archer com admiração quando contou a pilha de ossos no prato de Spence. —Dez mais do que seu concorrente mais próximo. —Ele olhou para Finn. —Isso é você, cara. Você vai continuar, ou perder de vez, para que possamos coroá-lo?

Finn olhou para o seu pub e inalou como se estivesse fortalecendo-se.

—Desista. —Pru disse para o seu homem. —O que? —Ela perguntou ao ver o olhar de Finn. —Nenhum deles terá que dormir com você esta noite. Como sou a pessoa que vai, eu voto que você está acabado, antes que exploda.

—Sim! —Spence socou um punho no ar triunfante e depois deixou escapar um arroto impressionante. —Desculpe.

Willa esgueirou-se secretamente para a porta, esperando ver Keane, mas ele ainda estava sumido.

Eles mudaram para o campeonato anual de Karaokê de Natal, primeiro fortificados por outra rodada de gemada. E se Willa ficou olhando para a porta a cada poucos minutos, ninguém falou sobre isso, embora ela pegou Elle e Archer trocando mais do que um olhar preocupado, que ela devidamente ignorou.

O prêmio para o vencedor do karaokê era o mesmo que para o vencedor das asinhas: se gabar por todo o próximo ano.

E todos queriam o direito de se gabar. Muito.

As meninas levantaram-se e cantaram “Moulin Rouge”.

Spence e Finn cantaram “Purple Rain”.

Mas, então, Archer, parecendo não afetado pelo álcool que tinha consumido, embora o gorro de Papai Noel meio torto na cabeça era uma clara evidência de que ele estava muito relaxado cantando “Man in the Mirror”, trouxe a casa abaixo.

Depois disso, voltou para seu assento, inclinou a cadeira para trás, e deu a todos um sorriso raro.

Elle estava olhando para ele estranhamente. —Quanto você bebeu?

—Ele está bebendo sem álcool. —disse Finn. —Ele disse que é o nosso motorista da rodada esta noite.

Os olhos de Elle arregalaram-se. —Então você está completamente sóbrio? —Disse ela à Archer. —E você pode cantar assim? Como é que eu não sei que você pode cantar assim?

—Você não sabe muito sobre mim.

Ele disse isso suavemente, mas Elle piscou como se tivesse sido esbofeteada.

Ignorando esta reação, Archer passou por ela para pegar uns biscoitos que

Haley mesma tinha assado. —São estes tão bom quanto parecem?

—Melhores. —Haley disse, enquanto Willa esfregava o torcicolo no pescoço dela, o que ela tinha arranjado por espreita à maldita porta.

—Nós fazemos karaokê o tempo todo. —Elle disse a Archer, aparentemente incapaz de deixá-lo em paz. —Você nunca cantou assim antes.

—Claro que cantei.

—Nunca. —Disse ela com firmeza. —Você poderia ir em qualquer show neste país e vencer.

—Não me diga. —Disse ele tranquilamente. —Mas não quero cantar para viver. Eu quero pegar os idiotas do mundo para viver.

—Por que escolher um trabalho tão perigoso quando você poderia literalmente ficar lá parecendo todo bonito e cantar? —Perguntou Haley.

Archer deu de ombros. —Porque eu sou *bom* em pegar os idiotas do mundo. —Disse ele. —Eu não sou tão bom em parecer bonito.

—Você parece mesmo carregando pelo menos três armas em todos os momentos. —Elle acusou.

—É mesmo. —Ele concordou e foi para mais biscoitos. —Não é hora para os presentes?

Ele estava se referindo ao intercâmbio anual de presentes horríveis/Confusão. A regra era simples: os presentes tinham que ser de até vinte dólares, não que isso os impedisse de competir como se fosse uma caça a um pote de ouro.

Tudo começou muito educadamente, com cada um deles colocando o seu referido presente em uma pilha. Então, como adultos calmos e civilizados, eles se revezavam em escolher um e desembrulhar.

Mas em dez minutos, um verdadeiro recorde para eles, isso se transformou em uma luta quando Haley saltou nas costas de Archer e mordeu sua

orelha para mantê-lo longe da cortina de banheiro do *Star Wars* que ela queria tanto.

—Ok. —disse ela, dez minutos depois, com a cortina segura em suas mãos. —Isso não aconteceu.

—Spence já colocou no Instagram. —Disse Elle.

—Droga!

Houve outra briga sobre algum creme dental de bacon e, em seguida, todos compartilharam outra rodada de gemada.

Willa bebeu sua terceira e deu mais um olhar para as portas do bar.

—Você está bem? —Pru perguntou a ela.

—Sim. —Ela balançou a cabeça. —Na verdade, não, eu estou longe de estar bem. Quer dizer, pensei que estava bem, você sabe? Eu estava sozinha e eu era boa nisso. Eu tinha desistido dos homens e isso estava funcionando para mim, até que, é claro, o mais sexy de todos os homens em todo o mundo chamado Keane me fez esquecer meu decreto chega-de-homem, e agora... —Ela abanou a cabeça. —E agora eu não estou bem em ser sozinha.

—Você poderia mudar as coisas e vir para o meu time. —Haley sugeriu. —Mas você deve saber, as mulheres são ainda mais difíceis de lidar do que os homens, confie em mim.

—Eu não quero um time. —Disse Willa. —Sem mais diversão sexual, o que realmente é um saco, porque eu e Keane éramos bons nisso, *realmente* bons. Ok, então *ele* é o único que é realmente, realmente, realmente, *realmente* bom.

—Humm, querida. —Elle disse e passou o dedo pela garganta, sinalizando a Willa que ela deveria parar de falar agora.

Mas ela não parou. —Você sabe o que? Acho que vou ser o meu *próprio* time. Eu tenho um bom chuveirinho, eu vou cuidar das minhas coisas.

Normalmente isso teria lhe rendido umas risadas, mas em vez disso cada

um de seus amigos mais queridos do mundo estava olhando para ela com variadas caretas. *Oh merda*! —Ele está bem atrás de mim, não está? —Ela sussurrou.

—Um pouco. —Disse Spence.

Ela não olhou. Ela não podia; alguém tinha colado seus pés no chão.

Finn retirou sua bebida e a abraçou com força. —Não é tão ruim quanto você pensa.

Não. Era pior.

Elle se inclinou. —Ei, caras*, mas como* mulheres que tal irmos cuidar de nossas próprias coisas.

Archer parecia engasgado com a própria língua.

Pru beijou ele e Finn na parte de trás das cabeças deles e puxou Finn. —*Cozinha. —D*isse ela com firmeza.

Haley rapidamente ficou de pé. —Eu irei com você. Spence?

—Sim. —O olhar de Spence deslizou por Willa por um segundo e, em seguida, baixou a voz. —Você nos deixa te amar, Willa. Mas talvez seja a hora de expandir seus horizontes para além do grupo, sabe?

—Mas *vocês* não precisam. —Disse ela desesperadamente.

—Tentar e falhar não é o mesmo que não tentar. —Disse ele. E então se afastou, acenando para o homem atrás dela.

Willa podia sentir Keane, mas não estava pronta para olhar.

—Faça o que fizer. —Elle disse calmamente. —Faça com gosto e não se contenha. —Ela observou Spence ficar de pé. —Eu vou atrás dele. —disse ela. —Você sabe que esta é uma época difícil para ele. A menos que você precise de mim para ficar e chutar o traseiro e anotar alguns nomes...?

—Eu vou ficar bem. —Willa disse bravamente.

O único que sobrou, Archer abaixou sua cerveja e olhou para ela. Era difícil levá-lo a sério com o gorro de papai Noel. —Deixe-me adivinhar. —disse ela miseravelmente. —Siga seu coração ou algo bem piegas assim, certo?

Isso fez Archer soltar uma risada rara. —Porra, não.

Ela soltou uma risada baixa demais, apesar do pânico sufocando seus pulmões. De todos os seus melhores amigos, Archer era o mais fechado. Rei de sua própria ilha e ninguém mais mandava, além dele.

—Eu ia dizer para correr como o diabo corre da cruz. —Disse ele. —Mas Keane parece que pode pegá-la sem nenhum problema. —Seu sorriso desapareceu e ele se curvou um pouco. —Mas se você mudar de ideia e não quiser ser pega, você me manda o bat sinal e eu estarei lá, ok?

Ela olhou nos olhos do homem que faria qualquer coisa, e ela queria dizer qualquer coisa mesmo, para manter seus amigos seguros. —OK.

E então ela estava sozinha no bar com o único homem que já tinha realmente roubado um pedaço de seu coração. Lentamente, ela se virou e olhou para ele.

Ele parecia exausto. Deveria estar chovendo novamente, porque seu cabelo estava molhado, seus longos e escuros cílios espetados. Ele não tinha se barbeado naquela manhã. E provavelmente nenhuma manhã antes.

—Sinto muito. —Disse ele.

Ela piscou. —Pelo quê?

—Por um monte de coisas, mas vamos começar com esta noite. Eu queria estar aqui antes, eu pretendia, mas... —Seus olhos escureceram, sua expressão obscura, e seu coração parou imediatamente.

—O que há de errado? —Perguntou ela, pensando*, por favor não deixe ser Sally...*

—Pita foi embora de novo, mas desta vez acho que ela saiu da casa.

Ela engasgou. —O que?

—Havia pessoas entrando e saindo durante todo o dia e eu estava trabalhando no sótão e... merda. —Ele enfiou a mão pelo cabelo molhado, deixando-o em pé. —Porra eu a perdi.

—Por que você não me ligou mais cedo?

—Eu liguei. Você não respondeu. Eu percebi que você estava chateada porque eu não tinha aparecido. Eu vim aqui para te implorar ajuda...

—Eu não ouvi o meu celular. —Ela tocou em seus bolsos. Vazio. Ela virou em um círculo lento procurando sua bolsa, que tinha deixado no balcão. Ela correu até lá e pegou o celular e viu as chamadas perdidas. —Eu sinto muito. —Ela se dirigiu para a porta. —Vamos.

Capítulo 29

#FaçaUmaListaEChequeDuasVezes

Keane dirigiu para a rua Vallejo, sua mente cheia de preocupação com Pita, mas continua a ter espaço suficiente para apreciar como Willa estava hoje à noite, que era bem gostosa. —Sinto muito por levá-la para longe de sua festa de Natal. —Ele deu um olhar demorado. —Eu gosto do vestido.

Ela olhou para seu vestidinho vermelho. Ênfase no *inho.* —Eu usei isso para você.

Ele sentiu um nó afrouxar em seu peito e encontrou seu olhar verde profundo. —O convite. Era apenas para a festa? Ou para a sua vida?

Ela mordeu o lábio inferior, mas segurou o olhar. —Ambos. —Disse ela.

O resto dos nós sumiram quando ele parou em frente de sua casa. A chuva atingia a caminhonete quando ele se virou para ela, com uma das mãos no volante, a outra na nuca dela.

Ela se inclinou sobre o console e a beijou, breve, mas não doce. —Petúnia primeiro. —Disse ela calmamente. —O resto mais tarde. Nós temos tempo.

Ele segurou seu queixo, seu polegar acariciando sua pele macia. —Eu gosto do som disso. —Disse ele. —Vou verificar com os vizinhos. Ver se alguém a viu.

—Posso usar seu escritório para fazer alguns cartazes? —Perguntou ela e, se ele não estava enganado, tremeu enquanto esperava.

—Cartazes? —Ele repetiu, tirando seu agasalho e colocando sobre a cabeça dela.

—Cartazes para a gata desaparecida. —Ela abraçou o agasalho, inalando profundamente como se gostasse de seu perfume.

Ele enfiou a mão no bolso e estendeu a chave que tentou lhe dar outro dia. Ele sorriu. —Você vai precisar disso para entrar.

Seus dedos fecharam-se sobre os dele e seus olhares se encontraram. —Obrigada. —disse ela. —Pela chave e a paciência. —Então ela se foi, correndo e subindo os degraus para dentro da casa.

Ele a observou ir e, em seguida, pegou sua jaqueta de reserva no banco traseiro. Um minuto depois, estava subindo e descendo na rua perguntando sobre Pita, enquanto a mulher que ele tinha certeza de que tinha acabado de concordar em ser sua, desistia de sua festa de véspera de Natal para ajudá-lo, simplesmente porque ele pediu.

Meia hora mais tarde, ele teve que admitir a derrota. Ninguém tinha visto ou ouvido a gata.

As ruas estavam quietas, o tráfego era baixo ou inexistente, mas isso era por causa da tempestade. Mais cedo, na hora do rush, havia tráfego pesado. Por tudo o que sabia, Pita tinha ficado com medo e fugiu, e depois acabou perdida. Ou ela tinha sido levada por alguém.

Ou pior, atingida por um carro.

Ele ficou sob uma árvore cujas raízes tinha rachado a calçada, apenas metade protegido da chuva, molhado pra caramba, tentando descobrir como ele enfrentaria a sua tia novamente, quando seu celular vibrou.

—Bem, finalmente. —Sharon disse, sua agente imobiliária. —Eu liguei para sua linha de escritório em primeiro lugar e sua nova garota respondeu.

—Eu não tenho uma nova garota.

—Então, sua nova namorada. Ela se ofereceu para levar uma mensagem para mim, mas depois que eu disse a ela a fabulosa notícia...

—Quais são as notícias?

—Bem, agora veja, é isso o que estou tentando dizer. —Disse Sharon. —Depois que eu dei a mensagem, percebi que eu mesma queria te dizer, então, eu

tentei o seu celular e acertamos em cheio. Está pronto?

—Apenas fale logo.

—Ok, Sr. Grinch, você não está no espírito de festa, eu entendo. Mas isso vai mudar porque...

—Sharon, eu juro por Deus...

—Não só temos uma oferta, é *"A"* Oferta. Quinze por cento sobre o nosso preço pedido! Feliz Porra de Natal, Keane!

Ele ficou em choque ainda com as emoções conflitantes atingindo-o em ondas. Não, mais como um tsunami. Nos últimos dois dias houve uma abundância de ofertas, mas nada certo. Ele disse a si mesmo que o alívio que sentiu era simples exaustão.

Mas agora esse alívio revirou seu intestino, porque uma oferta com quinze por cento sobre o preço pedido já superestimado era insano e mais do que esperava, muito mais. Não havia nenhuma razão para não saltar sobre esta oferta, Nenhuma. Ele disse a si mesmo que queria sair, queria o suficiente para fazer isso acontecer, e agora ali estava ele.

Desejo realizado.

—Keane?

—Sim. —Onde está a euforia? Ou o sentido de que isto era a coisa certa? —Eu estou aqui. —Disse ele, apertando os olhos enquanto o vento atacava, a chuva batendo-lhe no rosto.

—Diga-me que aceita esta oferta. —Disse Sharon.

Se esta fosse a minha casa, eu nunca deixaria... As palavras de Willa flutuando em seu cérebro.

—Keane. —Sharon disse, subitamente séria. —Eu não vou mentir, você está me assustando assim todo silencioso. Diga-me que vamos vender. Diga isso em voz alta antes de eu terminar de ter esse ataque que você está me

dando. Quero dizer isso, Keane. Se eu morrer por causa disso, e parece que eu poderia, quero que você saiba que vou deixar meus cinco gatos para você. *Cinco.*

—Sim. —Disse ele. —Eu te escuto.

—Então, posso aceitar esta oferta?

Ele inclinou a cabeça para cima, olhando através dos galhos da árvore para o céu selvagem, tempestuoso. Quando ele colocou a casa no mercado, ele tinha feito isso porque sabia que não era talhado para a estabilidade que esta casa poderia fornecer. Ele não conseguia sequer manter uma maldita gata. E sim, as coisas pareciam bem com Willa, mas não havia garantias. Nunca houve quaisquer garantias. —Aceite a oferta. —Disse ele.

Sharon gritou em seu ouvido e, em seguida, desligou, deixando-o ali de pé no meio da tempestade, a chuva gelada batendo no rosto dele.

Ele deveria se sentir bem. Em vez disso, um buraco em seu estômago o avisou que talvez ele não estivesse pensando nisso durante todo o tempo, que talvez ele estivesse deixando sua vida correr sem rédea, sua existência guiada pela sua cabeça e, ignorando que as coisas começaram a mudar dentro dele.

Respirando fundo, ele se voltou para a casa, parando surpreendido quando encontrou Willa em sua varanda. —Oi. —Ele disse. —Por que você está aqui fora na chuva?

—Eu tentei ligar para você. —Disse ela. Ela estava se abraçando. E já não usando seu agasalho. Ele começou a tirar o casaco para dar a ela, mas ela levantou a mão.

—Eu encontrei Pita. —disse ela.

—Sério? Onde?

—Coloque uma tela sobre a ventilação que ela desceu na última vez e, em seguida, uma cadeira o que, provavelmente, vai dissuadi-la de outra aventura. —Ela segurou seu olhar. —Ou talvez fosse pelo valor, de modo que o quarto parecesse bom quando agentes imobiliários desfilassem seus clientes por aqui.

Ah Merda! Ele não tinha dito a ela. Por que ele não tinha dito a ela? *Porque você não tinha realmente acreditado que ela poderia ser sua...* ele abriu a boca, mas ela falou rapidamente. —Petúnia de alguma forma pulou sob a cadeira, puxou a grade com uma garra, e lá se foi. —Ela levantou um ombro. —Ela estava imunda, então a limpei na pia do banheiro. Não se preocupe, eu limpei depois, impecável para o seu novo comprador. —Seus olhos eram impenetráveis. Indecifráveis. —Parabéns, a propósito.

—Eu ia te contar sobre a oferta. —Disse ele calmamente.

Ela assentiu, o que era uma delicadeza dela já que ambos sabiam que ele não tinha sequer dito a ela que iria colocar o lugar no mercado. —Willa, eu...

—Não. —Disse ela. —Você não me deve uma explicação. Não por isso, e não pelo fato de que você está dando Petúnia. —Sua boca era uma linha sombria. —Sinto muito, seu telefone estava tocando, eu pensei que talvez fosse uma emergência, então atendi. O amigo de Sally virá amanhã de manhã pegar Petúnia.

Na verdade, Keane devia a ela uma explicação porque não era o que ela pensava. Não era ele tentando não se manter ligado, na casa ou em Pita. Ou ela. Porque esse navio já tinha zarpado. Ele *estava* atado. Ele não podia ficar *mais* atado.

Ele não tinha contado a ela sobre colocar a casa no mercado, porque ele tinha adiado fazer isso há tanto tempo, que acabou presumindo que ele poderia continuar a adiar, que nunca teria que tomar a decisão consciente de mantê-la.

Quanto a Pita, ele lamentou essa decisão quando ele concordou tão prontamente. Ele pensou que ficar livre do gato e da casa simplificaria a sua vida.

Acontece que ele não queria simplificar. —A amiga de Sally quer adotar Pita para seus netos.

—Então você está realmente desistindo dela?

—Não. —Disse ele. —A amiga de Sally quer ela a longo prazo.

—E você não.

Recriminação e decepção estavam impressas em seu rosto.

—Não foi minha ideia, Willa.

Ela olhou para ele por um longo segundo. —Bem, então. —Ela finalmente disse. —Estou feliz pela chance de dizer adeus.

Ele se moveu para mais perto, estendendo a mão para ela, mas ela deu um passo para trás.

—Willa. —Disse ele calmamente. —Todos sabíamos que esperançosamente essa fosse uma situação temporária. Não há escolha aqui.

Ela encontrou seu olhar. —Há sempre uma escolha. —Keane tinha pensado que admitir que a queria em sua vida era difícil, mas a piada era sobre ele. A parte mais difícil ainda estava na frente dele. Como ele manteria um relacionamento quando não tinha ideia de como sequer começar? Ele nunca tinha sido bem-sucedido na verdadeira intimidade.

Mas para estar com Willa, ele estava mais que definitivamente pronto para o desafio. Ele começou a dizer-lhe isso, mas um carro veio na direção deles, as luzes brilhando através da chuva quando abrandou e depois parou em frente da casa.

Willa começou a descer os degraus, mas Keane a pegou. —Willa.

—Estou saindo, Keane. Chamei um Uber.

Sua outra mão surgiu, segurando-a ainda quando ele olhou para ela, seu coração batendo desconfortavelmente. —Por quê?

—Você sabe por quê. —Ela sussurrou. —Isso não vai funcionar.

O motorista da Uber buzinou e Willa começou a se mover, mas Keane se agarrou a ela, levantando um dedo para o motorista para sinalizar que precisavam de um minuto. —Ok. —Disse ele, tentando encontrar seu equilíbrio aqui, incapaz de querer soltar as mãos dela. —Eu fodi tudo, mas...

—Não, essa é a questão. —Disse ela. —Isto não é sobre você. É tudo sobre mim. Por pensar que poderia fazer isso. O cara que não precisa de ninguém ou qualquer coisa, e a menina que secretamente sonha com o amor, mas não sabe como segurá-lo. —Ela colocou a mão no peito como se doesse. —Meu erro, Keane. Eu me deixei apaixonar pela fantasia. Droga! —Disse ela em uma risada curta. —Deixei-me apaixonar, mesmo quando eu sabia que não devia.

O motorista buzinou novamente e ela virou-se, mas Keane a bloqueou. —Eu nunca quis te machucar. —Disse ele, secando com o polegar uma lágrima solitária em sua bochecha. —Você acredita em segundas chances, lembra? Bem me dê uma.

—Não é sobre segundas chances, Keane. É que, como se vê, somos *ambos* muito, muito bons em sermos especialistas no temporário e em nos dar uma cláusula de escape.

Seu sorriso brilhante partiu seu coração e ele riu sem alegria. —Eu certamente não planejei uma cláusula de escape quando eu me apaixonei por você.

Ela parou e olhou para ele. —Espere o que?

Jesus, ele realmente disse isso, acabando de se abrir aqui quando ela tinha um pé para fora da porta?

—Keane?

Sim, ele disse isso. Mais tarde, ele pensaria que isso era como um congelamento do cérebro momentâneo após engolir um geladinho muito rápido. Não há nada, além da queimadura por um longo segundo enquanto sua mente entra em queda livre. Ele a amava. Puta merda, *ele a amava*.

Mas pelo tempo que ele levou para engolir um pouco de ar em seus pulmões e começar novamente, Willa tinha desistido dele e entrado no Uber, deixando-o sozinho na noite fria e escura.

Capítulo 30

#TomeUmChoqueEContinueFuncionando

Willa caminhou pelo pátio, passos encharcados enquanto cruzava para a fonte. Estava tão vazia quanto seu coração.

A água batendo na base de cobre era um som suave, familiar e ela parou, abraçando-se. Ela desejou ter mantido o agasalho de Keane, mas o calor de seu corpo teria permanecido nela, juntamente com o seu cheiro, e ela era uma viciada.

Hora de desistir.

—Oi. —Rory disse, vindo ao redor da fonte em direção a ela.

—Oi. O que você está fazendo aqui tão tarde, está congelando.

—Eu estou bem. —Disse Rory. —Basta fazer um desejo. A paz mundial e tudo isso.

Willa sorriu. —Quando você se tornou o adulto em nossa dupla?

—Desde que você me arrastou até a idade adulta, chutando e gritando. —Com um sorrisinho, Rory puxou uma caixinha do bolso e estendeu-a para Willa. —Feliz Natal.

Willa sacudiu a cabeça. —Oh, querida, você não tem que...

—Você me tirou das ruas. Você me deu um emprego e me alimentou a força: de moral, honestidade e confiança. —Os olhos de Rory nublaram. —Então, sim, estou te dando um presente, mesmo sendo pequeno.

Willa puxou-a para um abraço apertado. —Eu te amo, sabia.

Rory deu uma pequena risada, constrangida. —Bem, caramba, você ainda nem abriu. Talvez você odeie.

Willa tirou o papel e, em seguida, soltou uma risada meio soluço, com a visão de um bonito porta-chaves com um monte de berloques, cada um com uma foto de alguns dos animais de estimação de seus clientes favoritos. —Eu amo isso.

—Vou para casa. —Rory disse suavemente. —Estou nervosa pra caramba e poderia vomitar se pensar muito sobre isso, mas obrigada pela carona. Archer me chamou e disse que vamos sair em meia hora. Devo estar em Tahoe ao amanhecer.

—Você vai me ligar, me dizer como foi?

—Sim.

Willa lhe deu um longo olhar.

—Ok, não, eu não vou ligar. —Disse Rory. —Odeio falar ao telefone. Mas vou te enviar uma mensagem.

Bom o bastante. Willa a abraçou apertado. —Ainda amo você.

—Bem, se você vai ser piegas... —Rory afastou-se, contendo-se por um momento. —Então acho que eu também te amo. —Ela afastou-se e limpou o nariz. —Pensei que você estaria com Keane esta noite.

—Por quê?

—Certo. Porque você não sabe.

—Ok, tudo bem, eu poderia estar errada sobre isso antes, mas estamos de volta a não ser nada. Para sempre.

Rory revirou os olhos com tanta força que Willa ficou surpresa que eles não saíram de sua cabeça. —Porque, enquanto você me ama, você amaaaa ele.

Willa não tinha coragem de dizer a ela que às vezes o amor não era suficiente. —Eu não tenho certeza de que vai dar certo.

—Por que não?

—É... complicado. —Disse Willa.

—Complicado como você ficou com medo de que ele não é um cão, ou um gato, ou um adolescente rebelde que precisa cuidar até que encontre a sua casa finalmente?

Willa soltou um suspiro. —Bem, por que você não me diz o que você realmente pensa?

—Desculpe. —Rory sorriu gentilmente. —Mas ele é um cara bom, Willa, todos nós pensamos assim. Se você não pode confiar em si mesma, então talvez você possa confiar na certeza coletiva das pessoas que te amam e se preocupam com você. Não encontre para ele um lar permanente além do que deve ter com você, Willa.

Ela sufocou uma risada. —Ele não é um cachorro!

—Exatamente. —E com isso, Rory beijou sua bochecha e se afastou.

Willa se voltou para a fonte. Há meses ela imprudentemente jogou moedas nesta mesma água, desejando amar. E então, aparentemente, ela começou a entrar em pânico quando realmente conseguiu o que ela desejava.

—Droga. —Ela sussurrou. —Todo mundo está certo.

—Bem, é claro que estamos, querida.

Ela quase teve um treco quando se virou e olhou para Eddie, vestindo calção e uma camisa de Natal realmente feia.

Ele sorriu. —Então, sobre o que estamos certos?

—Às vezes eu sou muito teimosa e obstinada para ver a razão.

—Às vezes?

Ela bufou.

Ele fez uma careta ao ver a expressão no seu rosto. —Ok, agora veja, é por isso que eu nunca consegui ficar casado. Há todas essas discussões sobre minas terrestres e eu continuei pisando nelas e me explodindo.

—Não é culpa dele. É minha. —Por causa disso, ela se afastou de Keane, não porque ele não tinha contado a ela sobre a casa ou Petúnia, mas porque ela estava com medo de tudo o que ela pensou que queria. Tudo o que por uma vez realmente tinha tido dentro de suas mãos e bem na frente dela. —Oh meu Deus. —Ela olhou para Eddie. —Eu cometi um erro terrível. Preciso de uma carona.

—Garota. —Disse ele com um aceno de cabeça lento. —Eu faria qualquer coisa por você, e você sabe disso, mas eles tiraram minha licença há mais de vinte anos.

—Eles. —Provavelmente era o estado da Califórnia, e isso teria algo a ver com o cartão de maconha medicinal que ele tinha pendurado no pescoço.

—Está tudo bem. —Ela deu-lhe todo o dinheiro que tinha em seu bolso, cerca de vinte dólares e um abraço. —Feliz Natal. —Ela disse antes de correr para as escadas. Ela correu para o seu apartamento e agarrou sua bolsa. Então ela calculou o tempo de volta para o bar e bateu na porta.

Sean respondeu e ela passou por ele, correndo para o palco onde seus melhores amigos no mundo estavam lutando atualmente sobre quem tinha ganho a rodada de bônus no karaokê no ritmo hip-hop.

Archer foi inflexível que sua interpretação de “Ice Ice Baby” bateu a versão de Spence e Finn de “Baby Got Back”. Finn estava rindo tanto que estava no chão. Elle estava sentada no balcão lixando as unhas ouvindo algo que Pru estava dizendo, e balançando a cabeça em concordância.

Eles pararam e olharam para ela, fazendo-a perceber que estava encharcada da chuva e uma confusão completa e absoluta.

Por dentro *e* por fora.

—Então, acontece que eu realmente sou muito teimosa e obstinada para ver a razão. E eu estraguei tudo também. —Ela acrescentou, sem fôlego. —Eu preciso de uma carona.

Todos ficaram olhando para ela.

—Agora! —Ela disse. E então virou para a porta, sabendo que não teria que esperar. Eles cobriam as costas dela também. Assim como ela deveria ter sabido que Keane faria. Abrindo a porta do pub ela chegou à rua e, em seguida, virou-se para ver quem tinha vindo para levá-la, para que ela soubesse que carro ou caminhonete se dirigir.

Estavam todos ali, cada um deles, puxando casacos enquanto corriam pela porta atrás dela, e seu coração quase explodiu no peito. —Obrigada. —Ela sussurrou.

Spence a puxou para um abraço forte. —Qualquer coisa para você. —Disse ele contra sua têmpora. —Você sabe disso.

—Mesmo se eu fui muito estúpida?

—Especialmente se. —Disse Archer e puxou uma mecha molhada de seu cabelo. —Vamos.

—Todos nós? —Pela primeira vez, ela hesitou. —Eu não tenho certeza se preciso de um público para isso.

—Durona. —Disse Elle. —Você é da família. E a família permanece junta no Natal.

Os olhos de Willa alargaram. —Não é Natal ainda. —Ela conseguiu dizer.

Spence olhou para o seu celular para ver a hora. —Onze e meia. —Disse ele. —Perto o suficiente.

Todos eles se amontoaram na caminhonete de Archer, porque ele era o único realmente sóbrio. —Onde? —Perguntou a ela.

—A casa de Keane.

Ele sorriu. —Não merda. Eu quis dizer que preciso de um endereço.

Certo. Ela começou a tagarelar e, em seguida, sentou-se ereta. —Nós temos que ir pegar uma árvore em primeiro lugar! Ele não tem uma árvore, eu quero lhe dar uma árvore!

Spence gemeu, mas Archer não piscou um olho. E dez minutos depois, eles estavam todos de pé em um terreno cheio de árvores, olhando para as duas árvores que foram deixadas.

—Aquela. —Pru disse, apontando para uma árvore baixa com três ramos.

—Não, esta. —Elle disse sobre uma árvore mais alta, mas igualmente escassa.

Archer olhou para Willa. Então se virou para o cara do terreno. —Você tem alguma outra coisa?

o cara deu de ombros. —Há uma no meu trailer. É pouco usada, mas é a melhor árvore neste lote.

—Você não quer? —Willa perguntou a ele.

O cara deu um sorriso. —Tenho um encontro quente com uma senhora esta noite. Eu prefiro ter cinquenta dólares.

—Quarenta. —Archer disse e pagou o cara.

A árvore entrou na traseira de sua caminhonete e em mais dez minutos eles estavam na casa de Keane.

Willa ainda não tinha exatamente ideia do que ela ia dizer, sabia apenas que ela tinha que dizer alguma coisa, *qualquer coisa* para corrigir isso.

Porque ela estava cansada de correr.

Quando Archer parou na frente da casa, todos olharam para ela.

Ela olhou para a casa, ganhando coragem. Felizmente seus amigos lhe deram o silêncio que ela tanto precisava. Quando ela finalmente pensou que talvez pudesse sair da caminhonete e não ter um colapso nas pernas pela ansiedade, ela abriu a porta. Virando-se, ela encontrou as pessoas que amava mais do que tudo, esmagadas, praticamente um em cima do outro, observando-a com diferentes graus de preocupação. —Eu estou bem. —Ela disse a eles, de novo sentindo a felicidade por ter a sorte de tê-los em sua vida. Por

saber que ela era amada. Por acreditar em si mesma porque eles acreditavam nela.

Keane não tinha nada disso e ainda assim foi um dos homens mais incríveis que ela já conheceu. Ele nunca aprendeu a amar, e ainda assim ele foi capaz de sentir isso o suficiente para dizer a ela.

E ela não tinha dito nada de volta. Na verdade, ela o deixara acreditar que ele não merecia uma segunda chance, quando todo mundo merecia uma segunda chance. E Deus, mesmo que ela não merecesse isso, ela realmente, realmente esperava uma segunda chance para ela também. —Obrigada pela carona. Eu vou falar com vocês amanhã.

—Oh, nós não vamos a lugar nenhum. —Disse Elle. —Vamos sentar aqui calmamente e bem-comportados. —Ela parou para dar aos caras um longo olhar. —E não haverá *nenhuma* guerra de peido enquanto esperamos ou alguém vai morrer.

—Eii, esse último não foi eu. —Disse Spence. —Eu não sou o que é intolerante a leite.

—Bem, me desculpe. —Finn resmungou. —Como eu poderia saber que a batida que Pru me comprou naquela noite era à base de leite?

—Ele não teve nenhum laticínio hoje. —Disse Pru à Elle. —Ele está livre de laticínios.

—Vocês não precisam ficar. —Repetiu Willa.

Archer sacudiu a cabeça. Eles iam ficar. —Até que você nos diga que está bem. —Disse ele, e foi assim que se tornou lei. —Acene quando estiver pronta para a árvore e nós vamos levá-la.

Está bem então. Willa subiu correndo os degraus e bateu. Ela não tinha certeza do que esperava, mas quando Keane abriu a porta, ela perdeu a língua.

Ela poderia dizer que ele ficou surpreso também. Seu olhar seguiu dela para a caminhonete no meio-fio e os cinco rostos lá, pressionados contra uma

janela embaçada, observando.

—Não se preocupe com eles. —Disse ela. —Não havia nada de bom na TV hoje à noite.

Ele quase sorriu para isso, ela podia dizer. Escondida sob um braço como uma bola de futebol estava Petúnia, descansando contra seu forte antebraço como se tivesse nascida para fazer isso.

Keane usava apenas uma camiseta e calça de moletom. Sem sapatos. Cabelo parecido como se talvez ele tivesse empurrado seus dedos através dele. Ele parecia cansado, cauteloso e distintamente nada feliz.

Culpa dela.

—Quanto tempo eles vão ficar lá fora? —Perguntou.

—Até eu conseguir ajeitar a minha vida. —Ela tirou a mão da maçaneta da porta, e fechou-a no rosto de seus amigos.

—Será que eles sabem que pode demorar um pouco? —Keane perguntou ironicamente.

Ela soltou uma risadinha e virou-se para ele, com os olhos fixos no rosto dele. —Você me ama? —Ela perguntou suavemente.

—Então você me ouviu. —Ele pegou a mão dela com a sua livre e levou-a para a cozinha. Ele colocou a gata no chão perto de sua vasilha, e fiel à forma, ela cambaleou até lá, e colocou a cabeça na coisa como se tivesse passado fome durante as últimas cinco semanas.

Keane revirou os olhos, pegou um pano de prato limpo, e se voltou para Willa, passando-o sobre seu cabelo molhado. —Você está congelada. —Disse ele, de pé, muito perto, afetando sua respiração. Ela encontrou o olhar dele e segurou-o enquanto ele se secava. —Você precisa de um banho quente e...

Ela colocou os dedos em torno de seus pulsos e acalmou seus movimentos. —Você me ama.

Ele jogou a toalha de lado e segurou seu rosto. —A partir do momento em que você me deixou entrar no South Bark naquela primeira manhã e me deu toda aquela atitude. —Ele deu um sorrisinho. —E, em seguida, mudou a minha vida com sua afeição grátis, seu coração enorme, e o melhor sorriso do mundo.

—Oh. —Ela suspirou, completamente desfeita. Seus olhos se encheram de lágrimas e ela fechou a boca por um minuto, engolindo em seco. —Eu também te amo, Keane. —Oh Deus. Ela nunca disse essas palavras em voz alta antes. Ela teve de se curvar por um segundo, com as mãos sobre os joelhos, lutando contra a tontura repentina.

Duas mãos fortes a ergueram. Quando ela encontrou seu olhar, ele estava sorrindo um pouco. —Quanto é que isso dói? —Ele perguntou.

Ela soltou um suspiro. —Não quase tanto quanto isso, estou arrependida por ter fugido assim. Foi como quando você tentou me dar a chave, eu... entrei em pânico.

—E?

—E então eu te culpei por se segurar, mas era tudo minha culpa. Eu te deixei entrar e me apaixonei. E, de repente, foi como aquele pesadelo de ir à escola nu. Eu fiquei assustada.

—Eu sei. Vem cá, Willa. —E então, em vez de esperar ela ir, ele a puxou para seus braços. —Você está com medo agora?

—Não. —Ela disse, abraçando-o forte.

—Então, tenha um pouco de fé em mim e que não vou machucá-la.

—Eu sempre tenho fé em você. —Disse ela. —Foi a fé em mim que demorou.

—Isso não é tudo sobre você, Willa. —Disse ele. —É sobre mim também. Eu deveria ter lhe contado sobre colocar a casa à venda. Eu deveria ter lhe contado sobre as ofertas. Mas a verdade é que você estava certa o tempo todo. Eu realmente não quero vender.

Ela parou e levantou a cabeça para ver o rosto dele. —Então, por que você vai?

—Eu não vou. —Ele balançou a cabeça. —Eu cancelei minha aceitação da oferta.

Ela apenas olhou para ele. —Por que...?

—Porque esta casa já não é apenas uma casa para mim. —Disse ele. —É o meu lar. E eu quero que seja o seu também. —Ele segurou seu rosto e pressionou sua testa na dela. —Eu estou esperando que você queira isso também. Você acha que pode lidar com isso?

Ela passou os braços ao redor da cintura dele. —Tem este homem incrível que eu conheço. Ele me deixou vê-lo, aprender que ser emocionalmente fechada não funcionava, que vale a pena o risco de deixar alguém entrar.

Ele sorriu. —Ele parece inteligente pra caramba. Provavelmente ele é sexy pra caramba também, certo?

Ela riu e o apertou ainda mais, incapaz de acreditar que aquilo estava realmente acontecendo. —*Tão,* sexy.

Ele olhou profundamente em seus olhos e deixou seu sorriso desvanecer. —Eu te amo, Willa. Passei anos arriscando tudo pelo meu negócio, mais e mais. Já passou da hora de arriscar meu coração para você.

—Será que arriscar o coração incluí me deixar colocar uma árvore?

—É um pouco tarde para isso, eu acho.

—Na verdade, não é. —Ela correu para a porta da frente. Sim, todo mundo ainda estava na calçada na caminhonete de Archer. Ela acenou.

Archer e Spence saíram do carro, desamarraram a árvore da caminhonete e subiram os degraus da frente.

Keane piscou.

—Serviço de entrega de árvore. —Spence brincou. —Onde você quer isso?

Keane olhou para Willa. —Onde ela queira.

—Boa resposta. —Archer murmurou enquanto carregava a árvore.

Eles depositaram na grande sala da frente. Spence saiu pela porta da frente primeiro, Archer atrás dele. Ele se virou e olhou para Willa. —Você está bem?

Ela sorriu para ele.

—Sim. —Ele disse com um quase sorriso. —Você está bem.

E então eles se foram.

Keane esfregou a mão no queixo, olhando para a árvore, que só estava ligeiramente torta. O topo dela era o gorro de Papai Noel de Archer.

—Os feriados vão ser loucos, não é? —Ele perguntou.

Ela sorriu do fundo do seu coração e pegou sua mão. —Sim. Assustado?

—Pode vir.

Com uma risada melodiosa, ela pulou em seus braços, se agarrando nele. Em seguida, ela se aconchegou e sorriu contra seus lábios. —Humm. Você sentiu minha falta. —Ela se contorceu contra ele. —Ou pelo menos uma parte de você sentiu.

Ele entrelaçou os dedos no cabelo dela e a beijou, profunda e seriamente. —Tudo em mim. —Disse ele. —Tudo em mim sentiu sua falta. Tudo em mim precisa de você na minha vida. Você é minha vida. Vamos fazer isso, Willa. E isso vai ser bom.

Ela arrepiou de antecipação. —Sim, por favor. Nós fizemos isso na minha cozinha, mas não na sua...

Com uma risada rouca, ele a beijou novamente. —Você sabe muito bem o que eu quis dizer. Mas sua ideia serve também. E depois da cozinha, tem o banheiro no andar de cima. Há um chuveirinho lá que você vai gostar. —Ele mostrou seu sorriso perverso. —*Bastante.*

Ela deslizou as mãos pelo queixo dele. —Você tem certeza?

—Sim. Esse chuveirinho vai abalar o seu mundo.

Rindo, ela foi beijá-lo, mas ele a impediu. —Eu quero que você esteja bem com tudo isso. —Disse ele. —Comigo.

—Eu sei. E estou. Muito. Eu sou completamente sua, Keane.

Suas palavras pareceram acendê-lo por dentro. —E você vai me dizer se isso começar a ser demais. Eu não quero que você fuja.

Ela gentilmente cobriu a boca dele com os seus dedos. —Eu aprendi esta noite quando pensei que tinha estragado tudo com você que nada jamais vai ser demais. Agora você. Você vai me deixar saber se eu te deixar louco?

Ele riu. —Eu amo a sua loucura. Eu amo *você,* Willa. Com tudo o que eu sou, eu te amo.

—Oh. —Ela suspirou suavemente. —Você é bom.

—Dê-me cinco minutos nesse chuveiro e você verá como sou muito melhor do que bom.

Ela sorriu contra seus lábios. —Eu não te dei ainda o seu presente de Natal.

—O que é? —Ele perguntou.

—Eu.

O sorriso enorme em seu rosto era mais brilhante do que todas as luzes da cidade. —Melhor presente de sempre! —Ele disse, e Willa sabia que o Natal, para não mencionar o resto de sua vida, nunca seria o mesmo novamente. De fato, será melhor do que seus sonhos mais loucos.



#BomDiaRaioDeSol

Na manhã de natal, Keane acordou como sempre, lentamente. Ele respirou fundo e sorriu enquanto o cheiro de shampoo de Willa enchia suas narinas. Isso aconteceu porque o cabelo dela estava em seu rosto. Na verdade, ela tinha mudado em seu sono, e estava deitada metade em cima dele, usando-o como seu travesseiro de corpo pessoal.

O dia mal tinha começado e já era seu Natal favorito de todos os tempos. E só tinha precisado de quatro pouco palavras: *Eu te amo, Keane.* Para tornar o seu mundo completo. Mas era muito mais do que isso. Era ele perceber que a mulher que ele amava mais do que tudo o amava tanto quanto. Era ela estar bem com se perder nele, porque sabia que ela sempre se encontraria lá também. Era sua confiança nele, acreditar nele, *neles.*

Ela estava usando seu pijama favorito: absolutamente nada, como no dia em que nasceu, ele lentamente passou as mãos sobre toda essa pele quente e cremosa que ele tanto amava.

—Humph. —Ela murmurou, sem se mover um centímetro.

Ele parou, não querendo acordá-la, sabendo que ela precisava dormir, já que ele a manteve a maior parte da noite eliminando os itens em sua “lista.”

Ele tinha tirado a fantasia de duende mau, e em uma reviravolta ele a fez ser a duende má. A visão dela em nada, além de um chapéu de duende e amarrada à sua cabeceira entraria para a história como a sua favorita de todos os tempos, mas ele estava aberto para outras.

Ainda caída sobre ele, Willa se contorceu. —Por que você parou? —Ela perguntou, com os olhos ainda fechados, a voz grogue.

Ele voltou a acariciá-la. Toda vez que ele parava, ela se contorcia e fazia

um ruído de descontentamento, fazendo-o rir. —Feliz Natal. —Ele murmurou no ouvido dela e tomou seu lóbulo entre os dentes.

Ela sentou-se. —É Natal! —Ela exclamou como se tivesse realmente esquecido.

—Sim. —Disse ele, com as mãos na bunda dela, embalando-a para ele, amando o nó na garganta que foi arrancado. Em uma missão agora, ele começou a puxá-la para mais perto, o olhar fixo em seu alvo...

—Espere. —Ela engasgou, rastejando para longe dele, correndo nua para sua mochila no chão. —Eu tenho um outro presente para você.

—Humm. —Disse ele observando enquanto ela se inclinava para remexer na mochila. —Você está me dando um presente agora.

Ela agarrou sua camisa jogada no chão e puxou-a sobre sua cabeça. Então, virou-se e correu de volta, saltando sobre ele como uma criança diante... bem, da manhã de Natal. —Abra! —Ela exigiu.

A sacola era de um vermelho brilhante. Ele espiou dentro e tirou uma cueca... boxers com óculos costurada sobre ela.

—Interessante. —Disse ele.

—Merda! —Ela pegou de volta a cueca boxer e enfiou na sacola de novo. —Essa é para Haley. —Ela correu para a mochila novamente e voltou com uma outra sacola vermelho brilhante, mesmo tamanho que a outra.

Desta vez, ele tirou uma caixa de camisinha que dizia: *Tamanho Importa! Pense grande!* Ele riu e estendeu a mão para ela. —Este aqui é um presente que precisa ser mostrado como usar.

—Não, espere! —Ela disse, rindo enquanto escapava dele. —Isso é o de Pru! —E ela mais uma vez trocou a sacola. Desta vez, espiou pela primeira vez e suspirou. —Ok, é esse.

Ele pegou seu sorriso trêmulo e do jeito que ela estava brincando, e percebeu que ela estava nervosa. Deixando o presente de lado, ele sentou-se,

afofou os travesseiros atrás das costas, e depois puxou-a em seu colo. —Bem melhor. —Disse ele, e pegou o presente novamente.

Quando ele puxou a fita métrica vintage, ele deu um longo suspiro. —É isso...

—Da virada do século XX. —Disse ela. —Ela tem um invólucro de metal leve, com uma tabela de conversão do outro lado. Depois que você me disse sobre aquele tempo que você passou trabalhando com seu tio, e quanto você gostou de suas ferramentas antigas, eu senti isto como algo que você pudesse gostar.

—*Amar.* —Ele disse, maravilhado. Era fantástico. —Onde você conseguiu isso?

—Eu encontrei em uma loja de antiguidades na rua Divisadero. —Ela se mexeu desconfortavelmente, claramente constrangida. —Não é muito, e eu nem tenho certeza se realmente funciona, eu só...

Ele se inclinou e beijou-a para calá-la. Afastando-se apenas uma fração, ele segurou seu olhar. —É perfeito. Você é perfeita.

Ela mordeu o lábio inferior e sorriu. —Bom. Vamos levantar. Eu tenho algo na minha mochila para Petúnia antes que venham pegá-la.

—Ela não vai ser pega

—Ela não vai?

—Não. —Disse ele. —Eu liguei para Sally e disse que a gata tinha que ficar, porque eu tenho um problema com ratos.

Ela sufocou uma risada. —Você não tem.

—Eu não tenho. —Ele concordou. —Eu disse a Sally que a gata tinha que ficar porque ela pertencia aqui, a esta casa, que eu tinha me apaixonado várias vezes, e que eu precisava de minhas duas meninas aqui comigo.

Willa deixou escapar um suspiro. —Eu nunca vou cansar de ouvir isso.

—*Miauu.*

Ambos olharam para Pita sentada na soleira da porta. —Ela está exigindo alimento. —Disse Keane.

Willa riu e deslizou de cima dele. —Eu vou alimentá-la. Eu volto já.

Ele ouviu seu movimento na cozinha. Ouviu ela jogar no lixo a lata de comida de gato e parar.

Ele sabia o porquê. Ele sabia exatamente o que ela tinha encontrado. E dois segundos depois, ela voltou correndo para o quarto, um borrão de cabelo vermelho e pele macia, enquanto ela pulava nele pela segunda vez naquela manhã.

Escarranchada nele, ela sorriu, com os olhos brilhando de forma reluzente.

—O quê? —Ele perguntou inocentemente.

Ela estendeu a caixa azul. —*Tiffany?*

—Você vai me interrogar ou abrir?

Ela deslizou a fita prateada da caixa e lentamente levantou a tampa. Engasgou. —Oh meu Deus! —Ela sussurrou enquanto abria para ver uma corrente de platina com um *W* incrustado de diamantes. —Você se lembrou sobre o colar que minha mãe me deu quando eu era pequena. —Lágrimas reuniram-se em seus olhos enquanto ela deixava ele colocar a correntinha em seu pescoço.

Este certamente não ficaria verde em seu pescoço.

—É lindo. —Disse ela, olhando para ele. —É o presente mais significativo que alguém já me deu.

—Parece bom em você. —Ele a puxou para cima dele e suavemente acariciou-a até que ela se afastou.

—Você já fez amor debaixo de uma árvore de Natal? —Ela murmurou.

—Não, mas estou dentro. —Carregando-a, ele se levantou e, em seguida,

jogou-a por cima do ombro como um bombeiro, dando uma palmada em uma nádega. —Eu adoro iniciar uma nova tradição.

Ela estava rindo quando ele a levou para a árvore ainda não decorada, e juntos se arrastaram por baixo para deitarem de costas. A mão dela escorregou na dele enquanto eles ficavam olhando para o emaranhado de galhos. —Para um novo começo. —Disse ela.

Ele se apoiou em um cotovelo e segurou seu rosto. —Para sempre, Willa?

Ela puxou-o para cima dela. —Para sempre.

FIM

